

OS
QUATRO
ELEMENTOS

FILHO
DA
terra

A close-up photograph of a pair of hands cupped together, holding a mound of dark, rich soil. A small, vibrant yellow rose with green leaves is growing out of the center of the soil. The background is dark and out of focus, emphasizing the hands and the plant. The text is overlaid on the image in white.

JOSY TORTARO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



JOSY TORTARO

FILHO

DA

Terra

Saga OS QUATRO ELEMENTOS

Volume 2

Edição Digital

2013

Capa
Renato Klisman
Diagramação
D.E.S.
Revisão
Gisele Galindo

Copy right ©2012-2013 Josy Tortaro

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento ou a reprodução de qualquer parte desta obra, qualquer que seja a forma utilizada – tangível ou intangível –, sem o consentimento escrito da autora.

*Para minha família que me apoiou incondicionalmente
na elaboração deste segundo volume.*

Para minha amiga Lidia e sua opinião inspiradora.

Eu amo vocês!

*Para entender nós temos dois caminhos:
o da sensibilidade que é o entendimento
do corpo;
e o da inteligência que é o entendimento
do espírito.*

Manoel de Barros

PRÓLOGO

O medo teria cor? Para mim, sim. Era verde e todas as suas nuances. Ao meu redor o verde musgo cobria cada tronco de árvore. Sobre minha cabeça, o verde-bandeira das frondosas copas formava um teto. Na rica fauna, outros tons sobressaíam e me assustavam. Verde lima, esmeralda, grama, menta, turquesa, floresta.

As tentativas de me salvar não foram grande coisa. O que uma criança de dois anos faria? Choraria, é claro. E chorei até minha garganta arder e meus olhos incharem. Mal podia abri-los. E o verde a minha volta mudava de cor conforme o sol se movia no céu, sem que pudesse vê-lo.

Minhas pernas estavam afundadas no lamaçal. O rio, que devia correr ali perto, inundara a planície. Ouvia suas correntezas, o motor dos barcos, pás impulsionando outros, quando - por milagre, e durante um segundo - eu parava de chorar.

Além dos sons distantes, ouvia ruídos próximos. A mata estava viva. Movia-se com rapidez sobre o chão seco, farfalhava as asas, balançava as folhas. De vez em quando, um uivo assustador assoviava em meu ouvido. O vento jogava em meu rosto partes soltas da floresta, que se aderiam e moldavam uma máscara verde e marrom.

De certa forma, quase me sentia fundido àquele lugar, sem nem mesmo saber se pertencia a ele. Eu Chorava como se encarasse o mundo pela primeira vez. Como se renascesse. E, no entanto, somente o verde, que decidi temer, me acolhia. A natureza era minha mãe nessa nova vida. Da outra, nada foi tão marcante como aquele abandono nos braços da terra.

Exausto, sem forças para derramar mais nenhuma lágrima, soltei meus pés da lama, procurei um refúgio sob uma árvore e usei suas grandes folhas como cobertor. A floresta estava ainda mais densa. Apaguei no mesmo instante em que me deitei sobre as folhas e gravetos que estralavam.

Acordei em um sobressalto, ouvindo passos. Era um som novo para mim em meu novo mundo. E estava tão perto, que meu coração bombeou apressadamente enquanto me sentava em minha cama improvisada. O sol havia nascido novamente e o verde mudou para tons mais claros e brilhantes.

Não temia mais. Eu era o verde. Mas esses passos desconhecidos eram uma novidade. Outros sons acompanhavam os passos. Galhos quebrados, folhas pisoteadas, a fuga de algum animalzinho pela mata, um risinho agudo e pueril.

Antes que eu pudesse entender ou prever o que aconteceria, um feixe de luz cobriu uma pequena criatura há apenas dois metros de onde eu estava. Sua pele azeitonada, seus cabelos

escuros compridos e lisos, seus olhos oblíquos e grandes, seu nariz saliente e sua boca carnuda e larga não eram nada do que eu já tivesse visto na vida. Não que eu tivesse vivido muito.

O que mais me chamou a atenção era que a criança não vestia roupas. E sobre sua pele marrom apenas barbantes amarelos e penas coloridas a adornavam. Desenhos escarlates cobriam seu rosto. Ela sorriu para mim, um riso puro e inocente. Apontou seu dedinho minúsculo em minha direção.

– Cari? - perguntou.

PEDIDO

A imagem no espelho era desanimadora. Encarou os olhos verde-oliva grandes e penetrantes no vidro. Eram tristonhos também. Ao redor, a pele muito clara, translúcida, era salpicada aqui e ali por sardas bronzes que lhe davam uma aparência quase juvenil. As sobrancelhas e os cabelos completavam o *look* desastroso que a natureza lhe dera. Nem escuro, nem claro. Era castanho acobreado.

Apesar do rosto e da cor da pele que odiava, tinha de admitir que era bonito. Gostava muito de seu porte físico alto e forte. Pouco mais de um metro e oitenta coberto por músculos grandes e definidos. Também era *sexy* e exótico e talvez esse fosse o motivo das mulheres virarem a cabeça para olhar para ele hoje em dia.

Aberração.

Porém, nem sempre foi assim. Há alguns anos, as pessoas quebravam os pescoços para medi-lo quando andava por Corumbá - a capital do Pantanal no estado do Mato Grosso do Sul - que não era sua cidade natal, mas a única que conhecia. Acontecia principalmente quando estava com sua família adotiva na igreja, em uma lanchonete, ou em uma festa. Misturar-se era quase impossível como óleo e água. Sua timidez não ajudava muito nesse quesito.

Ao comparar sua fisionomia com os moradores da cidade de pouco mais de cem mil habitantes na divisa do Brasil com a Bolívia - separados pelo extenso Rio Paraguai -, estava tão claro como sua pele - pensou e um riso sarcástico repuxou apenas um canto de seus lábios cheios - que não pertencia aquele lugar. Mas há muito aceitara sua nova vida com gratidão e respeito. Porém a resignação não afastava o desprazer ao se olhar no espelho todas as manhãs.

Suas aflições matutinas quase lhe fizeram esquecer a empolgação com que despertara naquela comum sexta-feira. Não era pelo fato do final de semana finalmente chegar. Uma de suas características era amar seu trabalho como arqueólogo e se dedicar a ele não era um fardo, ao contrário, era um prazer. Seu envolvimento com a labuta diária o afastava, de certo modo, da vida afetiva.

Lembrou-se imediatamente da namorada, Vitória Cruz, filha do maior fazendeiro de gado do Pantanal sul-matogrossense. A jovem tinha a aparência misturada às características físicas do povo pantaneiro e a palidez e soberba européias de seu pai, o altivo coronel Cruz. Vitória estava em sua vida há tanto tempo - talvez seis ou sete anos - que não a imaginava mais sem ela. Portanto, a namorada merecia mais que as migalhas de afeto.

Antes que os novos pensamentos pudessem trazer um sorriso a seus lábios rígidos como

uma linha, alguém bateu a porta com impaciência.

– Lucca, você pretende sair do banheiro *hoje*?

A ironia implícita na última palavra e a voz de irritação lhe eram inconfundíveis. Lucca sorriu, seus pensamentos agora voltados para a carranca que encontraria do outro lado. Sem responder, abriu a porta abruptamente, assustando e desconfigurando o rosto redondo, moreno, de narinas infladas, boca e olhos grandes, cabelos escuros e muito lisos do irmão. Teve que olhar para baixo para encará-lo nos olhos levemente oblíquos.

– Já terminei, Edmundo.

Antes de receber resposta do rapaz paralisado, Lucca passou raspando em seu ombro e voltou para o quarto que dividiam. Edmundo nutria ciúmes e inveja contra o irmão adotivo. Na infância, havia sido mais difícil lidar com sua fúria, já que não a entendia. Mas agora, como adulto, era fácil ignorar suas criancices.

No quarto bagunçado e amplo - com duas camas de solteiro, um grande guarda-roupa, uma cômoda e uma televisão - Lucca se deparou com a fotografia de Vitória, que o fez se recordar dos planos que estava formulando antes da interrupção de Edmundo. Vestiu jeans velho e camiseta azul, tênis encardido e, antes de sair porta afora, pegou uma bolsa de tecido e a pendurou no ombro.

A mesa do café da manhã estava praticamente completa. Dona Isabel, a matriarca da família Gonçalves, terminava de colocar os pratos sobre a mesa, enquanto seu marido Edgar, um dos médicos que atendiam toda a região de Corumbá, beliscava um pedaço de bolo. Lucca suspirou. Mais um dia comum reunido com sua família comum. Por que ele mesmo não podia ser como eles?

Invejava sua pele morena, seus olhos e cabelos escuros, que os protegiam do sol escaldante do centro-oeste brasileiro. Invejava tanto que, quando criança, demorou a aceitar que era branco e passou a tomar sol constantemente. Conseguiu apenas sardas e alguns dias em tratamento por insolação. Depois disso, aceitou que era diferente.

Isabel abriu um sorriso imenso ao ver o filho adotivo na porta da cozinha.

– Bom dia, Lucca. Fiz bolo de fubá, seu preferido.

Sentando-se em seu lugar de sempre, respondeu.

– Obrigado, mãe.

À mesa, a família costumava ficar silenciosa somente enquanto comia. As horas das refeições eram sagradas e um meio de unir a família para conversar. Lucca era muito mais grato do que Isabel e Edgar poderiam imaginar. O amor incondicional de seus pais era retribuído com atitudes exemplares, que os irmãos não faziam questão de seguir. Portanto, o filho adotivo era o preferido dos pais.

Dois outros lugares à mesa estavam ocupados. O casal não era muito falante, nem muito entusiasmado. Alice era ainda mais baixa que Edmundo. A irmã caçula tinha traços muito jovens e agradáveis sobre sua pele cor de terra. Ao seu lado, o marido Jader Marques, rechonchudo - cada grama excedente de seu peso conquistada durante os três anos de casamento - estava com o nariz enfiado no prato, comendo com uma rapidez desesperadora. Ninguém parecia notar.

Além da pouca vaidade evidente em Alice e Jader, a falta de ambições fez com que aceitassem morar na imensa casa da família Gonçalves, em uma suíte espaçosa. E não parecia que pretendiam se mudar um dia. Esse pequeno desprendimento aumentou a fúria de Edmundo, já que ele foi obrigado a dividir o quarto com o irmão adotivo. Ninguém queria ficar com o quartinho onde Alice dormiu até a juventude. Era o menor cômodo da casa.

Lucca suspirou novamente. Talvez estivesse mesmo na hora de sair da casa da mãe e ir cuidar de sua própria vida. Junto com Vitória, é claro. Enquanto terminava seu café da manhã, essa ideia se firmou em sua mente. E ao se levantar e partir para o trabalho, já tinha traçado todo o plano que iria executar mais tarde.

Como de costume, passou na casa de seu melhor amigo e colega de trabalho, Carlos Aguiar, para lhe oferecer carona. As compridas e finas pernas do companheiro ficavam espremidas na lataria do pequeno carro popular. Seu espírito era tão alto quanto seus membros.

– E aí, cara? - cumprimentou Carlos ao mesmo tempo em que dava um soco no ombro do amigo.

– Estou bem e você?

A resposta de Carlos foi uma gargalhada exagerada.

– Sempre todo certinho, hein, Lucca?

O motorista fez uma careta. Não gostava de ser taxado como certinho - sinônimo de chato -, apesar de ser metódico, prudente e organizado. Isso lhe garantiu o apelido de nerd na adolescência - realmente só lhe faltavam os óculos de grau e o aparelho nos dentes. Porém, como adulto, conquistou um bom emprego pelo profissionalismo, pela perseverança e pela exigência de si mesmo. Aos trinta e dois anos, era o chefe da expedição de arqueologia em Corumbá. Geria uma equipe com mais de vinte pessoas.

Lucca olhou pelo para-brisa. A imagem era exuberantemente verde - algo que superara em seu primeiro e assustador dia naquela cidade. À direita da estrada, o rio Paraguai corria silencioso. Pescadores estavam espalhados em vários pontos da água. À esquerda, as casas, as lojas, a vida urbana diminuía conforme conquistavam mais quilômetros adiante. A cidade vivia principalmente da pesca e do turismo.

Tamborilando os dedos sobre o volante, Lucca estava desligado, como se estivesse sozinho no carro, absorto em seus próprios pensamentos. Carlos o encarou por um curto tempo. O

que Lucca tinha de introvertido, o amigo tinha de expansivo.

– Que é, Lucca? Qual o motivo dessa impaciência?

Sobressaltou-se ao ser trazido para o mundo real.

– O quê? Não estou impaciente.

– Então por que está batendo os dedos de modo tão irritante? - O arqueólogo não respondeu ao olhar perscrutador do melhor amigo. - No que está pensando?

Carlos era a única pessoa deste mundo que conseguia fazê-lo falar. Não porque fosse insistente, mas porque era leal, franco e desprovido de qualquer vaidade e interesse. Resumindo, ele realmente era seu amigo e se importava.

– Tem uma ideia revirando aqui na minha cabeça.

Carlos esperou paciente. Pelo que conhecia do amigo, sabia que já estava decidido apesar de suas palavras e respeitaria o tempo que precisasse para se abrir. Depois de engolir ruidosamente, Lucca declarou.

– Vou pedir Vitória em casamento. - Pareceu o anúncio do juízo final.

Primeiro foi o choque que o impediu de responder, depois a indignação. Lucca espiou o amigo para ler sua expressão e retorceu os lábios desgostoso. Tinha certeza que essa seria sua reação. Carlos era totalmente desprezado, inclusive de mulheres. Para ele, casamento era o pior castigo que um homem poderia ter. Era pior que prisão. Era pior que o inferno.

– *Como?* - o melhor amigo gaguejou, ainda tentando se livrar dos sentimentos tumultuados, sem sucesso. - O que você *disse?*

– Eu preciso dar um rumo a minha vida, Carlos - disparou Lucca a falar talvez para não ser interrompido. - Ter minha própria casa, formar minha própria família. Faz muitos anos que estamos namorando. Eu já passei dos trinta. Vitória me quer, eu a quero. O que nos impede? É o caminho natural. Você sabe que é o certo a fazer.

Carlos estreitou os olhos grandes e fundos de forma desconfiada.

– Se quer mudar sua vida, mude de casa, de emprego, de cidade, do *país*, mas você não pode se casar! - A resposta saiu tão apaixonada quanto previra. - Tudo bem, Vitória é gata, gostosa - Não viu o olhar furioso que Lucca lhe lançou por causa do termo nada gentil que empregou à sua namorada. - e rica. Está na cara que ela é doida por você. Mas isso não te dá garantia nenhuma de felicidade e toda essa baboseira de “até que a morte os separe”. Vocês não estão bem do jeito que estão? Duvido que Vitória esteja te pressionando para casar. Para quê mudar o que está indo tão bem?

Lucca não respondeu. Carlos realmente era um solteirão irremediável, mas o amigo o conhecia muito bem e sabia que, por mais distraído que o arqueólogo fosse com seu trabalho, ele ainda faria a coisa certa. Por Vitória. Por ele mesmo.

Carlos traduziu o silêncio do amigo, respondendo a si mesmo.

– Você já decidiu, não é? - O amigo afirmou com um aceno de cabeça breve. - E quando será o jantar de noivado?

Sua careta denunciava que gostava mais de outro termo para descrever o evento.

– Hoje à noite - sussurrou.

– *Hoje à noite?* - repetiu Carlos incrédulo.

Neste instante, Lucca diminuiu a velocidade do automóvel e virou à direita, atravessou a entrada de calcário, encimada por toras de madeira, do Parque Marina Gatass.

O local era a maior área aberta de lazer em Corumbá com muita sombra, gramado extenso e árvores intocáveis. Além da maravilhosa vista para a Baía do Tamengo, também abrigava um importante sítio arqueológico que registrava a presença de povos indígenas na região.

Em silêncio, os amigos seguiram até seu local de trabalho e prosseguiram as escavações interrompidas no dia anterior e não tocaram novamente nesse assunto.

Ergueu o boné para o céu a fim de ver o sol a pino. Enxugou o suor na testa e foi se lavar para o almoço. Normalmente, não saíam do parque para as refeições, mas os planos naquele dia exigiam que fosse até a cidade. Enquanto deslizava com seu carro de volta para a estrada, ligou para Vitória com seu fone bluetooth.

– Oi, amor, sou eu. - Do outro lado da linha, escutou a surpresa na voz melodiosa da namorada. - Que tal fazermos um programinha a dois hoje? - Vitória não pode esconder sua empolgação. Ambos sabiam que Lucca era fechado e prático. Romantismo não era seu forte. Para ele, finais de semana significavam reunião de família, nenhuma privacidade para o casal. A menos que estivesse planejando alguma surpresa. - Eu te pego às oito. Um beijo. Tchau - e desligou.

Ficou muito satisfeito consigo mesmo, porque não percebera que a intenção de surpreender Vitória fora por água abaixo. Nesse momento, ela estaria especulando todas as possibilidades que se encaixassem em um programa a dois. E, possivelmente, chegasse ao plano original do rapaz antes mesmo de vê-lo naquele dia.

Dirigir era uma distração agradável. Permitia que pudesse pensar. Apesar de que, naquela estrada, sua atenção fosse desviada para animais selvagens que a cruzavam de vez em quando. Não dava para dirigir apressado ali, mas quem disse que ele estava com pressa?

Corumbá se estendia à margem direita do Rio Paraguai, no coração do Pantanal. A rodovia o levou direto para o centro da cidade. Estacionou seu carro e entrou em uma lojinha de porta estreita, com um letreiro chamativo. Por dentro, não era muito acolhedora, com paredes

desbotadas e vitrines pequenas. O espaço apertado não ajudava muito a organizar os produtos que estavam bem misturados.

Achou melhor pedir ajuda ao atendente do que tentar encontrar sozinho.

– Boa tarde. Gostaria de ver anéis, por favor. É para dar de presente à minha namorada.

Até o sorriso do homem de meia idade do outro lado do balcão era sem graça. Lucca engoliu em seco. Vitória que o perdoasse, mas seu salário não lhe permitia comprar algo de maior valor. Estava acostumada a ganhar joias que custavam cem vezes mais do que ele ganhava por mês.

– Claro, senhor. Tenho vários modelos para sua apreciação.

O palavreado e os modos do atendente surpreenderam-no. Provavelmente, algum dia, aquela pacata joalheria havia vivido seus tempos áureos. O homem se dirigiu aos fundos e voltou com uma caixa rasa e grande de veludo escuro. A luz que refletiu nas pedras ofuscou seus olhos. Lucca olhou espantado para o senhor que sorria e uma incógnita surgiu em sua mente. *Será que tudo isso é uma fachada com medo de ser roubado?*

Cada anel era mais lindo que o outro. Pedras de todos os tamanhos estavam alinhadas na bandeja. Ficou sem palavras enquanto os admirava e sua cabeça tentava adivinhar a fortuna que valeriam.

– O senhor gostou de alguma em especial? - questionou o atendente.

– São todas lindas - Encarou o homem. -, mas não acredito que possa pagar por alguma delas.

O homem de meia idade não mudou a expressão. Desviou os olhos para um anel, no canto direito da caixa e Lucca o acompanhou. A joia tinha uma única e brilhante pedra negra arredondada, porém seu tamanho era pouco maior que a fina argola prata. A peça mais delicada que já vira. De imediato, encantou-se por ela e desejou ardentemente poder comprá-la.

– É uma pedra lavrada de ônix - disse o atendente segurando o anel entre os olhos. - Os gregos acreditavam que ela exerce poderes sobre o parceiro amoroso. É o presente que o senhor está procurando para sua namorada.

Lucca não conseguiu negar. A pedra o enfeitiçara. Precisava dela, com ou sem significado.

– Quanto custa e qual a forma de pagamento?

Com a caixinha de veludo preta na mão, saiu da joalheria ciente de que havia feito a compra mais cara e menos responsável de sua vida. Teria dez suaves prestações para pagar pelo anel, mas só conseguia se sentir feliz. Convenceu-se de que Vitória merecia essa dívida como prova de seu afeto.

Aproveitando que estava perto, resolveu passar na casa dos pais. Encontrou a mãe na

cozinha, terminando de preparar a refeição.

– Olá, querido - recebeu Isabel. - Não sabia que viria almoçar em casa hoje. -

Passando pelo filho, ficou nas pontas dos pés para dar um beijo estalado em sua bochecha.

– Oi, mãe. Resolvi em cima da hora. Tive que vir ao centro comprar uma coisa.

Lucca se sentou à mesa e pôs a caixinha ao lado de seu prato. Isabel percebeu o gesto imediatamente. O filho não tinha segredos para a mãe. Costumava dividir tudo com ela. Eram mais ligados do que qualquer outro membro da família. E com sua perspicácia adquirida pela experiência de vida - já que Isabel nunca abandonou o posto de mulher, dona de casa e mãe para estudar ou trabalhar - entendeu imediatamente a mensagem que o filho adotivo lhe enviava.

Sentou-se ao seu lado na mesa e pegou sua mão pálida.

– Você tem certeza disso, Lucca? - Sua voz estava mais grave do que o normal.

O sorriso no rosto claro do jovem esmoreceu.

– Você também, mãe!

– Filho, eu sei que você sempre faz a coisa certa e é por isso mesmo estou te fazendo esta pergunta. Casamento é algo para a vida toda, querido. Não pode ter dúvidas antes de dar este passo. Você nunca falou sobre isto antes, então eu compreendi que não estava pronto, mas achei que não fosse acontecer tão de repente assim. O que o fez se decidir?

Lucca fez uma careta. Isabel conhecia o filho melhor que ele mesmo. Claro que ela perceberia que essa decisão não estava baseada somente em amor e era isso que estava tentando lhe dizer. Mas como explicar a ela que estava ficando velho para continuar morando com os pais, que sentia necessidade de mudar sua vida, sem que isso a magoasse? Teria que representar bem agora.

– Eu amo Vitória. Ela me ama. Por que não agora?

Ainda desconfiada, a mãe continuou olhando no fundo dos olhos do filho e antes que pudesse enxergar a verdade, o rapaz acrescentou.

– E outra, não vamos casar amanhã. Ficaremos apenas noivos e podemos marcar a data para daqui um ou dois anos. O período de noivado é exatamente para nos acostumarmos com a ideia, não é?

– Tudo bem, filho - respondeu Isabel cautelosa. - Se é assim que pensa, te apoiarei. Sabe que confio em você.

O sorriso de resposta traduzia as palavras de agradecimento que Lucca sentia agora. Interrompendo a conversa rudemente, Edmundo entrou na cozinha falando muito alto.

– E aí, mãe, o rango já está pronto? - Desviando os olhos para o irmão adotivo com certo desprezo, notou a caixinha de veludo. - Que é isso aí, Lucca? Comprou um presente para a *mamãe*?

Os outros familiares também chegavam à cozinha e perceberam o tom irônico que Edmundo empregou na última palavra. O irmão não escondia sua antipatia quanto a maneira como Lucca se entendia com a matriarca da família.

Como uma boa mãe, Isabel deu um peteleco na cabeça de seu filho legítimo.

– Comporte-se, Edmundo. Este é o anel de noivado que Lucca vai dar à Vitória.

Edmundo nem se sentou. Paralisou em estado de choque encarando a mãe que voltava para seus afazeres, trazendo a comida do fogão até a mesa. Quando se recuperou, se virou e saiu da cozinha sem discutir ou ridicularizar, como todos esperavam que faria.

Lucca acompanhou o irmão com os olhos sem entender seu estado. Alice deu um risinho zombeteiro. Jader lhe lançou um olhar desaprovador e ela se calou. Edgar olhou do filho para a esposa.

– Qual é o problema dele? - questionou.

Não houve nenhuma resposta.

A noite chegou mais cedo naquele dia. A tarde quente chamou nuvens densas e pesadas de chuva, que caiu no para-brisa do automóvel enquanto Carlos e eu voltávamos para casa. A conversa não passou de bobagens alimentadas pelo humor leve do meu amigo.

Balançava a cabeça sem ouvir. Em minha mente, imaginava o momento em que, no restaurante preferido de Vitória, pediria sua mão em casamento. Tentei me familiarizar com a cena, porém fiquei nervoso na mesma hora. Estava antecipando a tensão.

Obrigando-me a seguir essa linha de pensamentos, imaginei que palavras usaria e acabei caindo na pergunta clichê: “Vitória, você quer se casar comigo?” Não haveria outra forma de fazer isso. Ou pelo menos, não conseguia enxergá-la. Pensei em como faria. Pegaria sua mão sobre a mesa, logo após pedir uma garrafa de vinho - ou seria melhor champanhe? - a apertaria com delicadeza e sorriria enquanto, com a mão livre, estenderia a caixinha aberta diante de seus olhos negros.

Imediatamente, meu corpo reagiu. As palmas de minhas mãos transpiraram, minha garganta ficou seca e gotas finas de suor pipocaram em minha testa. De onde vinha todo esse nervosismo? Era medo de que Vitória não aceitasse? De estar fazendo a escolha errada? De ser o momento errado? Ou era medo do desconhecido?

Eu me contentei com a última questão e meu batimento cardíaco se aquietou. Fiquei sob controle bem a tempo de me despedir de Carlos. Combinamos de nos encontrar - como todos os dias - na manhã seguinte, quando trabalharíamos meio período. Não era costume trabalharmos aos sábados, mas estávamos no meio de uma escavação importante. Havia muitos indícios de que a área estava repleta de objetos que podiam falar mais sobre os povos antigos daquela região.

Em casa, me concentrei nas pequenas ações, uma de cada vez, para não me perder

novamente no temor. Tomei um banho relaxante. Fiz a barba. Vesti a melhor roupa - não um terno, mas uma camisa de manga curta e calça sociais - e me perfumei. Calcei a meia escura e o sapato preto. Mirei-me no espelho e fiquei satisfeito com o resultado. Peguei a caixinha preta e a coloquei no bolso da calça antes de sair do quarto.

Estranho não ter cruzado com Edmundo até agora. Ele amava me atormentar, principalmente quando sabia que eu ia fazer algo importante. A família estava reunida na sala, assistindo televisão. Isabel lançou um sorriso de 'boa sorte' para mim quando nossos olhos se encontraram. Os outros acenaram levemente - Edgar com a mão, Alice com a cabeça e Jader com um olhar sorrateiro. Eu agradei, desejei boa noite para todos e me senti aliviado do lado de fora da casa.

O clima ainda estava abafado por causa da passagem da chuva de verão. Entrei no carro determinado a seguir o caminho de sempre. A fazenda de gado do coronel Cruz - uma das maiores do Pantanal sul-matrogrossense - ficava cinco quilômetros depois do Parque Marina Gatass.

A nova expectativa que me acompanhava agora era o rosto de surpresa e felicidade de Vitória quando lhe fizesse o pedido. Ela diria sim, sem pensar duas vezes, e nós dois nos levantaríamos da mesa, ainda com as mãos juntas, nos abraçaríamos e nos beijaríamos com paixão. A cena estava mais parecida com algum filme que eu havia assistido, admiti a mim mesmo, mas ainda assim, parecia perfeita para minha fantasia.

Fiquei feliz por ter tomado essa decisão. Sentia que estava fazendo o que era certo. Não, melhor, que estava fazendo na hora certa, no momento certo e que estava preparado como se tivesse nascido para isso. Para mim nunca foi difícil tomar decisões, apesar de alguma batalha interna que tenha que travar. Estava acostumado a racionalizar. Não estava acostumado a seguir meu instinto.

Isso me lembrou da sensação estranha que me despertou hoje. Como se algo novo e inesperado estivesse prestes a acontecer. Esperava que a escolha que estava tomando afastasse esse sentimento. Era difícil para eu entender já que precisava de uma razão lógica e fundamentada para tudo. Cansaram de me dizer que sentimento não se explica, mas eu nunca aceitei essa resposta. Para mim, era muito fraca. Tudo tem seu por quê. Eu parecia o único disposto a descobrir.

A sensação ficou subitamente mais forte. Olhei ao meu redor tentando desviar a atenção dela e vi a placa indicativa do conhecido parque. Sem entender o que estava fazendo - como se uma força externa guiasse meus braços e pernas na direção do carro - eu saí da estrada e entrei no local tão conhecido. Era um parque aberto, portanto, não havia guarita nem portão para me impedir de entrar àquela hora.

Desci do carro perto da entrada e comecei a caminhar perdido em novos pensamentos.

Conhecia aquele parque desde criança. Aos dois anos, havia me perdido - assim eu pensava, porque eu não sabia o motivo de estar sozinho ali - em suas matas, próximo à margem do Paraguai. Eu me lembrava exatamente de todos os sons que eu ouvi naquele dia. De todos os pavores que minha cabeça infantil desenhou desnecessariamente.

Eu me lembrava de ter medo da fauna e da flora. Sorri. Depois daquele dia, eu frequentei o parque assiduamente. Primeiro para lazer junto com minha família adotiva e segundo para trabalho depois que me formei em arqueologia e conquistei meu primeiro emprego na equipe que escavava no sítio descoberto bem ali. Aquele parque passou a ser minha vida, em todos os sentidos.

Não podia ser diferente o sentimento que tinha por ele agora. Era como uma mãe para mim. A mata me pariu naquele dia, me deu à luz e vida. Mas eu era muito mais grato àquela pequena indiazinha que me encontrou encolhido sob uma folha de bananeira. E, juntamente com seu irmão adolescente, me levaram rio acima até a reserva onde moravam - entre Corumbá e Porto Murtinho, uma cidadezinha próxima. Somente mais tarde soube que a reserva Amambaí era a maior do Brasil e que abrigava o povo Guarani Kadiwéu.

Lá, o cacique e o pajé me levaram para o médico que estava atendendo a tribo naquele dia - o doutor Edgar Gonçalves - que me trouxe para Corumbá e depois de desistir da busca por meus pais, acabou me adotando legalmente como seu filho.

A noite estava muito escura e, enquanto andava, prendia o pé em pedras ou buracos. Pisava em falso. Arranhava o rosto em um galho baixo. Raspava a mão em uma planta espinhosa. Não conseguia enxergar nada além de meio metro de distância. Olhei para cima e a lua estava encoberta pelas nuvens. Tateei pelos bolsos a procura do meu celular, porém ele estava desligado. Não notara que a bateria estava fraca.

Totalmente no escuro, me preocupei, estava atrasado para o encontro com Vitória. Que diabos estava fazendo ali? Era para eu ter ido direto para a fazenda. Já não era o bastante passar o dia inteiro naquela mata? Eu não estava com roupas nem sapatos apropriados para me aventurar em uma excursão. Para confirmar esse pensamento, meu pé direito ficou atolado até o tornozelo na lama. Eu havia andado mais do que previra. Apesar de ser época de cheia, não estava muito longe da margem do rio.

Tentei voltar, forçando o pé a se soltar da lama. No fim deu certo, mas meu sapato ficou. Perdi o equilíbrio tentando me debruçar para pegar de volta o calçado perdido e caí de joelhos. Senti os respingos no meu rosto. Estava imprestável para encontrar minha namorada agora.

Na luta para salvar o sapato, meus braços ficaram cobertos de lama. Minha camisa devia estar salpicada também. Nem quando eu era criança havia feito tanta lambança. Bem, pelo menos que eu me lembrasse. Infeliz, deixei-me sentar, procurando com as mãos uma área menos úmida. Porém, toda a terra estava fofa devido à chuva recente. Deixei-me ficar assim mesmo, sem

encontrar o pé do calçado.

O que eu faria agora?

Antes que encontrasse uma resposta, um relâmpago rasgou o céu por um segundo. Tempo suficiente para que eu pudesse ver um vulto esbelto, como o corpo violão de uma mulher, caminhando há uns poucos metros em minha direção. O relâmpago chicoteou em uma árvore logo atrás de mim, causando um som estrondoso. Enquanto eu ouvia o barulho do tronco se envergando, sem saber onde cairia, uma luz branca e forte acendeu à minha frente. Pude ver o rosto, agora muito perto de mim, de uma bela índia. E, no segundo seguinte, uma dor intensa em minha cabeça apagou sua imagem de meus olhos.

ACHADO E PERDIDO

Um grito seguido da batida forte de uma porta fez com que Tamires do Valle abrisse os olhos verdes muito claros sobressaltada. Fazia quase quinze dias que estava morando com sua irmã caçula e seu cunhado, mas já parecia uma vida inteira. As constantes brigas entre os dois estavam atrapalhando seu sono.

Insone, Tamires levantou de sua cama e acendeu a luz do quarto. Seu cabelo de fogo estava emaranhado. Sob os olhos manchas escuras reforçavam sua expressão cansada, salientando a palidez de sua pele. A boca, sempre cheia e vermelha, agora estava desbotada e com uma expressão de abandono.

O cômodo passara a ser sua nova casa. O único lugar onde tinha alguma privacidade. E o único ambiente em que objetos particulares permitiam que se lembrasse do local que foi seu lar durante trinta anos. Olhou para o porta-retrato com uma foto de sua pequena família: Gustavo, seu marido, Sofia, sua filha, e Carolina, sua melhor amiga.

Quanta saudade sentia deles. Era enlouquecedor ficar longe de sua filhinha. Era a maior dor que sentia. E, nas noites que acordava e perdia o sono por causa da outra parte de sua família com a qual convivia agora, Tamires sentia ainda mais falta de Foz do Iguaçu, no Paraná, de sua vida tranquila em uma cobertura no centro, da paisagem exuberante das cataratas e do parque da cidade turística.

Enquanto caminhava para a sala, pensava no quanto sua vida havia mudado em tão pouco tempo. Não fazia um mês que o seu quase afogamento acontecera e, em seguida, eventos místicos quase lhe tiraram a sanidade. Da noite para o dia, perdera a confiança no homem que amava a ponto de ter que deixá-lo. E um estranho foi o portador de toda a verdade que ela ansiava saber.

Com um sorriso torto, Tamires avistou o rosto que acabara de recordar. O grande menino, como o havia apelidado, estava esparramado no sofá com uma careta birrenta, como um moleque contrariado. O rapaz loiro e alto, de corpo largo, de olhos claros e bochechas rosadas lembrava mesmo uma criança, porém super-desenvolvida.

– O que foi agora, Marcel? - perguntou sentando-se ao seu lado.

Sua voz era como de uma mãe que tenta descobrir do filho seus desejos mais infantis, enquanto o tranquiliza e garante que terá o que quiser. Muitas vezes se sentia a única adulta naquela casa, apesar de ser três anos mais nova do que o rapaz.

– Suzane me expulsou do quarto de novo e me mandou dormir no sofá.

Até agora Tamires não ouviu nenhuma novidade. Quase todas as noites acontecia o mesmo. Algo que Marcel dizia ou fazia irritava Suzane e esse era o único castigo que ela lhe dava.

– Marcel, você não devia irritá-la desse jeito. Você sabe o quanto ela está frágil.

– É, você tem razão, como sempre - respondeu com um sorriso triste e a cabeça baixa. - Mas eu só estava tentando enxergar mais. Você sabe que quando estamos juntos, é mais fácil ver os outros.

A ruiva corou um pouco. Já fora informada dos métodos adotados pelo casal para encontrá-la, mas não conseguia se acostumar com aquilo.

– Uma vez você me disse que não era totalmente necessário - retrucou.

– É, não é mesmo. Talvez eu tenha exagerado dessa vez - concordou infeliz. - De novo.

Ficaram em silêncio enquanto ouviam a respiração um do outro. Marcel o quebrou primeiro.

– Eu acho que me empolguei - suspirou. - Estávamos tão perto de descobrir onde ele está.

Com essas palavras, a ruiva teve um estalo.

– Suzane o viu? - O cunhado balançou a cabeça confirmando e ela levantou do sofá em um pulo. - O que estamos esperando?

– Não conseguimos tudo sobre ele ainda - respondeu com uma voz tranquilizadora. - Seu nome é Lucca. Nós o vimos em uma mata, próximo a um rio. Não, na verdade, era mais como um parque. E o rio havia alagado uma parte da área. Estava escuro. A pedra estava lá e acesa. Houve um relâmpago e ele sumiu de ‘sintonia’.

Moveu os dedos no ar como um mágico fazendo um encantamento.

– Você não consegue rastreá-lo? - perguntou Tamires ofegante de ansiedade.

– Não, o ‘sinal’ estava muito fraco e breve - fez uma careta com a analogia que estava usando. - Não consigo descobrir ainda onde ele está. Por isso pedi a Suzane que uníssemos nossos poderes para que pudéssemos encontrá-lo mais depressa.

Tamires se rendeu ao mesmo desânimo do cunhado.

– O que vamos fazer agora? - perguntou depois de um tempo em silêncio.

O outro deu de ombros.

– O que mais podemos fazer? Esperar que seu próximo passo o revele.

Estava úmido e frio embaixo, seco e quente em cima. Uma luz forte, como o sol, iluminava suas pálpebras fechadas. Em seguida, percebeu uma dor constante na cabeça. Enquanto erguia a mão, Lucca abriu os olhos.

O verde exuberante do parque e o sol anunciando uma manhã abafada estavam bem diante dele. Demorou somente um segundo para se lembrar do que acontecera na noite passada.

Ontem havia sido o dia mais estranho de toda sua vida. Tantas coisas que nunca se imaginara fazendo e, no entanto, lá estava ele comprando um anel caro, marcando um jantar romântico para pedir a namorada em casamento, desviando-se do caminho até a fazenda, perdendo a hora - este último totalmente inconcebível -, perdendo-se no parque e afundando o pé na lama igual uma criança.

A última lembrança antes de perder a consciência era de um relâmpago derrubando uma árvore sobre sua cabeça. Lucca se sentou na grama e procurou pelo tronco que o atingiu. Suspirou de alívio ao ver que não era tão grosso.

Mas ainda havia algo que precisava se lembrar. Algo que sua razão não conseguia aceitar que tivesse realmente acontecido. Só podia ser fruto de sua imaginação, de um sonho provavelmente. A luz do raio também revelou o vulto de uma mulher e um brilho ofuscante que vinha de seu peito. Como se ela fosse uma força da mata, uma deusa ou um ser místico.

Lucca balançou furiosamente a cabeça tentando afastar esses pensamentos impossíveis. Não fora boa ideia. Voltou a latejar com força. Esperando que a dor acalmasse novamente, permitiu que outras memórias o cercassem.

Eram mais como flashes. Cenas cortadas. Em algum momento depois que desmaiou, voltou a recobrar a consciência por alguns instantes. Tempo suficiente para ver de perto o rosto da mulher iluminado pela luz em seu peito. Era uma índia - isso Lucca podia aceitar - e ela cantava, com uma voz suave, cantigas indígenas enquanto cobria seu peito e rosto com lama.

Havia uma fogueira também. O fogo estralava e a iluminava de outro ângulo, salientando a cor avermelhada de sua pele. Quase todo seu corpo estava à mostra. Somente as partes mais íntimas cobertas por objetos pequenos. Seu rosto estava decorado com pinturas negras, assim como seus braços e pernas. E seu colo era ornamentado por uma fibra escura e espessa de onde pendia um pingente.

De perto, pode ver melhor a pedra. Era negra como a noite. Seu formato não era perfeito como a joia que havia comprado naquela tarde. Finas linhas brancas eram perceptíveis em seu desenho. Era uma pedra bruta e, no entanto, tão bela que o atraía muito mais que qualquer outra. Era brilhante. Brilhante demais, notou. E, então, ele percebeu que a luz que vira no tórax da bela índia vinha da pedra. Nesse momento, sua mente racional buscara refúgio novamente na inconsciência.

Como não tinha explicação para aquilo, mesmo agora acordado e lúcido, preferiu esquecer o assunto antes que enlouquecesse. Analisou suas roupas e estavam piores do que havia imaginado. Para confirmar que tudo realmente acontecera, viu as brasas apagadas do que fora

uma fogueira. Mas se a índia realmente existiu, onde estaria agora?

– Olá! - chamou procurando ao redor.

A mata não estava silenciosa. Havia barulho de água e barcos há alguns metros depois das árvores, bichos correndo, pássaros cantando, o vento sacudindo as copas, vozes de pessoas se aproximando, passos sobre as folhas e gravetos caídos. Prendeu os olhos na direção em que vinha o som de passos e esperou que a índia - morena, com os cabelos negros cobrindo quase todas suas costas - aparecesse entre o verde. O coração já estava disparado na expectativa.

Um galho alto demais se moveu e mostrou outro rosto, acabando com suas esperanças. *Será que realmente a imaginei?*

– Lucca, graças a Deus que eu te encontrei! - A voz de alívio de Carlos era aguda. - O que você faz aqui? Está todo mundo louco atrás de você - se agachou ao seu lado. - Você se esqueceu do *noivado*?

Mesmo preocupado, Carlos não deixava o tom de nojo quando falava sobre a decisão do melhor amigo. Lucca automaticamente bateu os bolsos a procura do celular e do presente. Encontrou somente o aparelho eletrônico desligado, como se lembrava. O horror pousou em seus olhos.

– Carlos, eu perdi o anel!

Os vários zeros que compunham o valor da joia saltaram em sua mente dando a impressão de serem muito mais do que realmente eram. Ainda assim, era um preço alto para um assalariado. Desesperado, passou a procurá-la e vendo que o amigo não se mexia, voltou-se para ele com um pouco de raiva.

– Você não vai me ajudar?

– Eu não - respondeu fazendo uma careta. - Acho bom que tenha perdido. Assim acaba logo com essa história ridícula de casamento. Vitória nunca vai saber que você ia fazer o pedido ontem. Problema resolvido.

Lucca se levantou tão rápido que quase o surpreendeu se não fosse a fúria que pulsava em suas veias contra o amigo.

- Você tem ideia de quanto custa uma joia legítima?

Carlos recuou deixando uma distância que não permitisse um ataque.

- E eu nem comecei a pagar ainda! - lamentou-se substituindo a raiva pela frustração.

O amigo sentiu pena pelo arrombo no bolso de Lucca, porém não acrescentou em voz alta que achava isso bem feito já que insistira em continuar com esse plano maluco. *Talvez agora desista de vez dessa loucura de casório.*

– Tudo bem, já entendi. Vamos procurar pelas áreas em que você esteve.

Lucca explicou todos os seus passos na noite anterior, sem ter certeza de que estavam no

rastro certo.

– Espera aí. O que você veio fazer aqui?

– Não sei - não se sentia à vontade para dizer que uma força desconhecida o havia atraído ao parque.

O amigo entendeu errado sua relutância em dizer a verdade.

– Você se arrependeu, não foi? Você viu que ia fazer a maior burrada de sua vida e então se desviou do caminho para ter uma desculpa.

– Não é nada disso. Assim que eu encontrar o anel, eu vou prosseguir com o plano inicial.

Carlos o olhou incrédulo.

– Por um segundo achei que você tivesse recobrado a razão, mas estou vendo que me enganei.

Lucca desviou os olhos para o chão, continuando o caminho até a área alagada onde havia perdido seu sapato. Carlos o seguia de perto.

– Você vai parar de falar e começar a procurar ou não? - resmungou o ruivo.

Os amigos seguiram calados o resto do trajeto. Lucca encontrou o sapato, totalmente inutilizável, mas nada da caixinha de veludo preta.

– Está ficando tarde - comentou o amigo. - A equipe já deve estar esperando pela gente no sítio.

– Havia me esquecido completamente do trabalho - sussurrou o arqueólogo. - Melhor ir pra casa tomar um banho rapidinho e voltar pra cá.

Carlos o encarou nos olhos surpreso.

– O que foi?

– Eu acho melhor você ir pra casa resolver seu problema. Deixe que eu dispenso a equipe.

– Que problema, Carlos? Do que está falando?

O outro suspirou entediado.

– Você se esqueceu como Vitória é? E de quem ela é filha?

Pensou nisso e entendeu o significado de cada palavra escolhida por Carlos. Vitória não tinha um gênio muito paciente e tolerante. Deve ter movido - sem exagero - a cidade inteira atrás do namorado. E como ela só tinha seu pai, em quem confiava cegamente - a mulher do coronel morreu no parto de Vitória -, e pela influência do velho por essas terras, podia imaginar também o desgosto que o fazendeiro estaria sentindo agora. Ele não suportava que nada nem ninguém fizesse sua filha sofrer.

Foi capaz apenas de balançar a cabeça concordando, os olhos esbugalhados com a compreensão do tamanho de seu problema. Praticamente correu encurtando com rapidez a

distância até seu carro. Precisava - e com a velocidade da luz - pensar na melhor desculpa que poderia acalmar os ânimos.

No caminho até a casa, não conseguiu encontrar uma saída adequada que convencesse. E ainda havia um agravante. Toda sua família o veria enlameado dos pés a cabeça. Desejou que ninguém estivesse em casa agora.

Seus rogos não foram atendidos. Mal cruzou a porta da frente e cinco pares de olhos o estavam analisando de alto a baixo. O primeiro que notou foi de sua mãe. Isabel estava amedrontada e por isso foi a primeira a falar.

– O que aconteceu, meu filho?

Em três passos estava ao redor de Lucca apalpando seu corpo musculoso a procura de algum machucado.

– Eu estou bem, mãe. Ai - encontrou o galo em sua cabeça. - Não foi nada, não precisa se preocupar.

Porém, era tarde demais. Seu pai, que o olhava espantado, já estava ao seu lado avaliando o machucado como o profissional.

– É sério, pai - reclamou Lucca. - Nem está doendo tanto.

Ignorando o filho mais velho, Edgar passou instruções.

– Isabel, pegue gelo na cozinha, por favor.

A mãe sumiu das vistas de todos rapidamente. O médico arrastou o filho adotivo até o sofá.

– Não, pai, estou muito sujo.

Edgar o ignorou novamente, forçando-o a se sentar. Isabel estava de volta com um saco plástico cheio de gelo. A sua frente, Edmundo era a face da satisfação. Aquele era o irmão que Lucca conhecia. Estava recuperado do choque que sofrera ontem. Só podia ter que ver com os problemas em que o irmão adotivo se metera. Alice e Jader estavam curiosos, observando distantes.

– Onde esteve? - perguntou com autoridade o médico.

– Eu me perdi no parque.

Alice soltou um risinho espontâneo. Jader não a repreendeu dessa vez. E Lucca viu no canto de sua boca um arremedo de sorriso se formar.

– Essa eu quero ver - disse Alice se sentando na namoradeira ao lado do marido.

Lucca olhou intrigado para a irmã caçula. O que estava acontecendo ali? Seus pais estavam apreensivos, ele podia entender. Mas por que os irmãos estavam achando aquilo engraçado?

– Acho melhor arranjar uma desculpa melhor do que essa - ponderou sinicamente

Edmundo. - Vitória já ligou atrás de você pelo menos umas quinze vezes hoje.

Antes que pudesse reagir à informação, o telefone tocou.

- Aposto que é ela de novo - anunciou o irmão do meio enquanto andava até o aparelho.

- Alô. - pausa - Sim, ele acabou de chegar. Vou passar para ele.

Edmundo estendeu o fone para que Lucca pegasse. Afastando a mão da mãe com o gelo e as analíticas do pai, se levantou sem nenhuma ideia do que dizer. O pior de tudo era a plateia disposta a ouvir sua péssima atuação. E se simplesmente falasse a verdade? Não podia ser tão ruim assim.

- Oi, Vitória, desculpe por ontem... - A voz histérica da namorada estava misturada com raiva e pranto quando o interrompeu. - Eu passei no parque e me perdi porque estava muito escuro. - Todos na sala podiam imaginar qual seria a próxima pergunta dela. - Eu não sei, não podemos falar mais tarde? Uma árvore caiu na minha cabeça e estou precisando de um banho e de um curativo. - A voz de Vitória abrandou apenas o suficiente para lhe dar um ultimato. - Sim, eu prometo que te conto toda a verdade. - E o outro lado da linha ficou mudo.

Virou o olhar tristonho para a família que o aguardava. Edmundo estava tão contente que saiu da sala rindo alto. Jader arrastou Alice para fora da casa. Edgar foi buscar sua maleta para preparar o curativo do filho e Isabel ficou olhando para ele com os olhos cheios de interrogações.

- O que eu faço agora, mãe? - perguntou voltando ao sofá e pondo a cabeça entre as mãos.

- Faça o que pretendia fazer, meu filho. Peça Vitória em casamento.

Lucca se virou para encará-la, totalmente infeliz.

- Eu perdi o anel no parque.

- Ah! - suspirou Isabel e pensou por alguns minutos antes de responder. - Filho, pense em algo que a lisonjeie. Talvez algo que tenha a ver com o parque. Um passeio especial ou um presente sentimental. - Sorriu antes de finalizar. - Não há mulher que resista a isso.

Enquanto vislumbraava os olhos mansos de sua mãe, formulou o que poderia ser a salvação de seu namoro. Não pensaria em casamento por enquanto. Pelo menos até encontrar o anel. Abriu um lindo sorriso vermelho e branco de esperança.

PIQUENIQUE

– Um piquenique?

Vitória estava surpresa, porém não como eu esperava. Havia uma ponta de decepção em seus olhos escuros que ela tentava, em vão, esconder. Estava fazendo tudo errado de novo? Eu a observei, segurando a respiração, enquanto se sentava sobre a toalha florida que eu havia estendido sob uma árvore. Seus olhos correndo ao nosso redor.

– No parque? - completou enquanto vasculhava os outros rostos presentes.

Segui seu olhar. Estávamos em um ponto mais isolado, mas ainda assim não havia muita privacidade. Famílias se espalhavam por toda a área, crianças brincavam, animais de estimação corriam de um lado para o outro. A cidade estava presente em peso naquela manhã. Porém, a fim de ficarmos sozinhos, foi o primeiro lugar em que pensei.

Olhei de novo para o rosto claro de Vitória que contrastava com seus olhos negros. O cabelo loiro - que não era natural, apesar de bem tratado e ter sido adotado há tanto tempo que ninguém mais se lembrava de sua cor original - estava solto até o meio das costas em camadas. Desconfiava que também fosse liso artificialmente, porém não saberia dizer com certeza.

Apesar do desprezo com que olhava para os outros moradores de Corumbá por causa da cor de sua pele, Vitória não conseguia esconder os traços largos do nariz e da boca, e os olhos levemente oblíquos herdados de sua mãe. Talvez ela não aprendeu a respeitá-los por nunca tê-la conhecido. Sua única referência era o pai, branco como os portugueses, que viera para essas terras fazer fortuna com gado.

Vitória não estava preparada para um piquenique no parque. Calçava uma sandália de salto fino e alto, um vestido branco esvoaçante até os joelhos, joias e maquiagem. Seu rosto já brilhava devido ao calor. Apesar de sua cara amarrada, ela era bonita. E me peguei sorrindo enquanto a via espantar com horror um pequeno inseto que se movia em sua direção.

– Do que está rindo? - perguntou enquanto me olhava de volta.

– Nada - respondi. - Você está muito bonita.

A resposta de Vitória foi uma tentativa de esconder o sorriso de satisfação e uma leve corada nas bochechas. Sabia que não conseguiria ficar brava comigo por muito tempo. Só precisava dizer as palavras certas para que me perdoasse.

– Então, vai me contar a verdade agora? - pressionou, olhando para mim meio do alto, tentando parecer indiferente.

Balancei a cabeça mostrando-me meio sem graça com o que fizera.

– Primeiro, quero sinceramente lhe pedir desculpas. Não tive mesmo a intenção de te magoar, ofender ou me atrasar. Você sabe que não sou disso. - Vitória me olhava fundo nos olhos e apenas assentiu com um aceno de cabeça. - Pois bem, eu queria fazer uma surpresa ontem e estou me sentindo infeliz por ter estragado tudo. Eu passei aqui no parque antes de ir para a fazenda te buscar porque eu queria te dar um mimo. - Espie os olhos profundos da minha namorada que estavam na maior expectativa. - Conheço bem este parque, você sabe. Sei que essa época do ano, devido ao alagamento, brota uma orquídea muito bonita e rara. E pensei em lhe dar uma.

Acabei fazendo uma careta no fim. Péssimo, mil vezes. Eu odiava mentir. Odiava ter que ser pedante para amaciar o coração de uma mulher. Mas Vitória sabia ser difícil. E essa talvez fosse minha única cartada. Não sei se a melhor, mas estava contando que desse certo apesar do quão ridículo me sentia.

Logo percebi que, finalmente, Vitória fora surpreendida. Ela não esperava por aquilo. Normalmente, eu não era dado a essas coisas. Achei que por isso ela fosse me pegar na mentira. Mas vi que ela estava caindo na cantada tosca. Será que servia para ser canalha? Não, acho que não.

– Uma orquídea rara para mim? - balbuciou em resposta.

Bingo. Estava feito. Suspirei aliviado, discretamente.

– Sim, mas o céu ontem estava sem lua e eu esqueci a lanterna. Então, acabei me perdendo e me enchendo de lama.

Dei de ombros e esperei. Agora estava na maior expectativa. Seu rosto não me dizia nada. Seus olhos estavam parados como quem avalia. Os segundos pareciam intermináveis quando avistei em sua boca carnuda o repuxado de um sorriso. Vitória tentou, inutilmente, segurar os lábios em sua posição dura. E, no segundo seguinte, simplesmente gargalhou.

Não houve uma pessoa, em um raio de cinquenta metros, que não olhasse para nós. Dessa vez, fiquei envergonhado com toda a atenção que minha namorada chamou para nós. Vitória se debruçava, enquanto a risada chacoalhava seu corpo magro.

Esperei o que pareceu uma eternidade para que explicasse aquela cena.

– Quería ter visto isso. - gargalhou mais um pouco antes de continuar - Você, todo vestido de social, atolado na lama.

Pisquei os olhos aturdidos antes de entender que Vitória estava rindo de mim. E demorei um segundo pensando se devia ficar bravo com isso ou não. Por fim, fiquei aliviado com a reviravolta a meu favor. Acabei sorrindo também enquanto se sacudia ao ritmo do riso agradável.

– Que bom que a divirto.

Vitória me olhou com um sorriso tão franco e aberto que retribuí espontaneamente. Por alguns instantes, ficamos apenas nos olhando, os sorrisos nos lábios, como encantados.

Era por isso que eu ficava com Vitória. Podia ser explosiva às vezes, mas sabia ser

divertida e amorosa. E aquele olhar me dizia com todas as letras o quanto me amava. Essa certeza enchia meu coração e o fazia palpitar diferente.

Lisonjeiro. Calmante. Desejava que nossa relação fosse sempre assim. Porém, não podia me iludir. Sabia que depois da tempestade vinha a calma e vice-versa. E as oscilações de humor de Vitória faziam parte do que ela era.

Inclinou-se em minha direção me convidando a me aproximar. Eu me movi como um imã, atraído para seus braços finos e delicados. Suas mãos envolveram meu rosto e seus lábios quentes e úmidos salpicaram minha pele de beijos.

– Desculpe-me, amor - falou entre um beijo e outro. - Eu te conheço tão bem. Não devia ter ficado brava.

Ri pela infantilidade da atitude contrária dela. Muitas vezes, Vitória agia como uma criança mimada. Não era agradável, mas eu tinha bastante paciência. Ela riu também levada por meu riso.

Tomei a bela face de minha namorada em minhas grandes e pálidas mãos. Por apenas um instante, nossos olhos se encontraram novamente e, no momento seguinte, coleei meus lábios aos dela.

Não tinha nada de infantil na resposta de Vitória. E isso era bom, muito bom. Sentir sua pele sempre me causava comichão. Meu corpo inteiro queimava, mais do que devia à luz do sol em um parque público.

Como uma criatura tão pequena e delicada podia ser tão mulher, tão desejável? Era nesses momentos, quando me deixava levar por sua suavidade, que eu percebia o quanto ficava sedento dela. E me culpava por negligenciar tanto nossa intimidade.

Vitória merecia, sem dúvida, muito mais de mim e do meu amor. Eu daria um jeito de colocá-la de vez em minha vida, para que esses instantes não tivessem fim. Antes que perdêssemos a noção de onde estávamos, interrompi, com delicadeza, nosso beijo.

– Obrigado - sussurrei enquanto ainda estávamos com os rostos próximos.

Não era a resposta certa a lhe dar, mas o pedido de perdão dela também não era para existir. O importante era que estávamos bem e juntos.

Tirei os alimentos da cesta para que pudêssemos almoçar. Graças a minha mãe - será que haveria uma Santa Isabel já canonizada? -, havia uma grande variedade de frutas, biscoitos, bolos e tortas para nossa refeição ao ar livre.

– Como foi seu trabalho durante a semana? - perguntou interrompendo o silêncio entre nós.

Paralisei no meio de um movimento por um curto segundo. Vitória não gostava que falasse sobre o meu trabalho. Não que ela tenha expressado isso em voz alta. Mas eu percebia que,

quando narrava minhas descobertas arqueológicas, ela simplesmente não prestava a menor atenção.

Aquele realmente era um dia atípico.

– Muito bem - respondi voltando a me movimentar normalmente. - Estamos no meio de uma escavação grande. Tínhamos chances de terminar hoje pela manhã, porém dei um bolo neles para ficar com você.

O choque pintou o rosto de Vitória de vermelho. Logo percebi que para ela também era um dia incomum, desde ontem. Aquilo realmente era algo raro e não devíamos perder tempo falando de coisas que não valiam a pena.

Vitória também devia estar pensando a mesma coisa. Não se atirou às futilidades de sempre, apesar de estar de olho na grama e nas árvores ao seu redor para que nada estragasse seu vestido e seu cabelo.

E já que estava ali interpretando um papel que nunca me fora dado antes, resolvi fazer direito.

– Eu senti sua falta - lacei os dedos dela nos meus.

Seus olhos e lábios brilharam antes de me responder.

– Eu também - sua voz estava cheia de esperança.

Senti-me culpado novamente por ter perdido aquele bendito anel. O clima estava perfeito agora. E hoje seria muito melhor do que na noite anterior: Engraçado como ontem me achava preparado para isso. E, no entanto, agora o momento se fez muito mais propício e caminhava naturalmente para um pedido de casamento. Lamentei. A tentação de dizer as palavras coçava a minha língua, quase saltando boca afora.

Mas me contive. Esperava que meus olhos reforçassem a esperança de que um dia, muito em breve, acabaria com nossa separação e nos tornaríamos marido e mulher. Queria que Vitória soubesse que era isso que desejava, de verdade. E realmente gostaria de fazer da melhor maneira, da forma correta. No fim, era sempre isso que eu fazia.

– Você confia em mim? - perguntei com a voz envolta na emoção provocada por meus últimos pensamentos.

Vi o nó embolar a garganta dela antes de me responder.

– Totalmente.

Fiquei feliz. Em seguida, horrorizado. Vitória estava depositando sua vida em minhas mãos. Não podia decepcioná-la. Tive dúvidas se merecia aquela mulher. Incapaz de dizer qualquer coisa, me curvei em sua direção novamente, puxei com força sua cabeça e nossos lábios se encontraram novamente com paixão. Ficou mole em meus braços, completamente entregue.

O barulho de uma criança próxima fez com que me lembrasse que não estávamos entre quatro paredes. Afastei-a com relutância, enchendo-a de beijos na face, na testa e nas mãos.

Vitória sorria satisfeita e acariciava meu rosto e cabelo em retribuição. Não estava mais me sentindo bobo. Não era algo terrível ser carinhoso com quem se gostava. Então, podia exagerar. Hoje seria um dia especial e único em nossa relação.

Servi frutas e suco para Vitória e ela encheu minha boca com grandes uvas roxas. Conversamos sobre pormenores durante o lanche, entre uma mordida e outra. Na maior parte do tempo, o assunto girou entre nós dois.

Depois que terminamos de beliscar, repousei minha cabeça nas pernas dela enquanto continuamos nossa conversa distraída. Ela emaranhou seus dedos em minhas mechas acobreadas.

– Eu amo a cor do seu cabelo.

Tive um calafrio com uma lembrança sombria. Há muitos anos, um boato escandaloso envolvendo o pai de Vitória, corraera de boca em boca na cidade. Diziam as más línguas que o coronel Cruz tinha muitas amantes e, conseqüentemente, muitos filhos ilegítimos.

Torturei-me por muito tempo com a ideia de, talvez, ser um deles. Mas como não havia encontrado prova genética disso - na árvore genealógica do coronel não havia ruivos, nem olhos verdes - e nem uma única mulher na cidade com algum traço de minhas características tão raras, parei de sofrer.

Já era adulto e passara da hora de aceitar o fato de ser diferente. Pensando nisso, encontrei dois olhos muito conhecidos me encarando a certa distância. Fiquei surpreso por estarem ali, no parque, e depois me lembrei que ela havia se divertido mais cedo com meus problemas.

Alice estava sentada há dez metros de distância sob uma árvore ao lado do marido. Fixei o olhar. Como seus olhos eram duas bolas castanhas e estranhas para mim! Quando minha irmã caçula e eu deixamos de ser tão próximos? Na infância, éramos como carne e unha.

Bem, era verdade que eu era a criança mais responsável do mundo, por isso minha mãe deixava Alice aos meus cuidados. Quando cresci, nossa diferença de idade começou a pesar em nossa estreita relação, afastando-nos automaticamente. Passei a negligenciar a relação com minha irmãzinha, como fazia agora com minha namorada. Estudo e trabalho passaram a ser prioridades em minha vida.

A culpa me tomou novamente. O que eu havia feito? O que me era mais valioso passou a ficar em segundo plano na minha vida. Funguei. Até uma porcaria de anel, que custava horrores, era mais importante do que fazer a coisa certa.

Sentei-me em um pulo, disposto a terminar aquele encontro como deveria. Em um segundo, vasculhei a mata atrás de Vitória, simplesmente por hábito ou talvez me preparando psicologicamente para o que faria agora. Não havia famílias ali. Somente árvores enormes e o rio mais adiante - como podia ouvir.

E, então, percebi algo se movendo entre a folhagem. Parei os olhos na altura em que havia visto o vulto e forcei as vistas para enxergar melhor, estreitando as pálpebras. Minhas pupilas se adaptaram imediatamente. E o que antes era um borrão tomou forma. Uma mulher, de pele morena e cabelos pretos compridos.

Quando percebi que a distância, por mais que fosse dia, era demais para que pudesse ter visto tantos detalhes, meus olhos perderam o foco e o vulto desapareceu como mágica. Fiquei pensando se havia imaginado a mulher ou se realmente a havia enxergado. Isso foi suficiente para que esquecesse porque havia me levantado apressadamente.

Dessa vez, foi uma das gargalhadas irreverentes de Marcel que chamou a atenção de Tamires muito cedo naquele dia. Aquilo, com certeza, era uma novidade. E ela tomou como boa. Levantou-se apressadamente para encontrar o cunhado na sala.

– Fizeram as pazes? - perguntou assim que o avistou.

Fez um gesto de indiferença antes de responder.

– Suzane luta contra, mas me ama demais.

E gargalhou novamente. Revirou os olhos para ele antes de se sentar ao seu lado.

– Hei, tenho uma novidade sobre Lucca.

O coração de Tamires saltitou em seu peito. Finalmente havia chegado a hora de reencontrá-lo.

– Você já sabe onde ele está?

Sacudiu a cabeça afirmativamente.

– No Pantanal.

A ruiva analisou aquele destino por alguns minutos antes de responder. Pelo que conhecia, o Pantanal brasileiro era muito vasto. Era muito vago. Será que não saberia mais detalhes ou estava apenas a torturando?

– Em que ponto do Pantanal, Marcel, você conseguiu rastreá-lo?

Estava muito animado naquela manhã. Gargalhou novamente, aquela risada estrondosa que só ele podia dar.

– Sim, sei exatamente onde ele está.

Tamires olhou para o cunhado desconfiada.

– Então por que ainda não começamos a fazer as malas?

Encarou-a sério dessa vez.

– Você quer mesmo ir comigo? Pode ser perigoso. Ainda não encontramos a ametista e não sabemos se o responsável já está atrás de Lucca também.

Tamires pensou em sua pedra e em seu misterioso desaparecimento de um condomínio

de luxo, protegido por guarita e câmeras de segurança. Afastou a ideia de que um ladrão comum a tivesse levado. Claro que não. Hoje em dia aquela pedra não tinha tanto valor comercial. Quem a levou sabia o significado que tinha para o futuro deles. Com pesar, lembrou de Gustavo, seu marido. Ainda não estava completamente convencida da inocência dele no sumiço. Seu histórico não o ajudava muito. Contava que o arrependimento dele fizesse a diferença no momento oportuno.

– Sim, eu quero ajudar - respondeu fugindo de seus pensamentos. - Você já sabe como vai contar a ele?

Deu de ombros.

– Não faço a menor ideia. Precisamos escolher o momento certo e ele nos mostrará como explicar tudo - desviando os olhos da cunhada, prosseguiu. - Acho melhor esperar até a marca.

Quase gritou incrédula.

– O quê? Você ficou maluco? Não podemos deixá-lo passar por isso sozinho!

Ainda se recordava do sofrimento pelo qual passara durante horas sem entender o que estava acontecendo. Acreditara que a qualquer momento morreria. Somente quando Marcel apareceu, depois que toda a dor havia dissipado, entendeu porque precisava passar por aquilo, a última etapa da transformação. E ela sabia que Suzane também seria a favor de que fossem antes, mesmo que ainda não tivesse acontecido. Ela podia ver antes que acontecesse. E havia visto a irmã mais velha queimando.

– Tudo bem - rendeu-se. - Não vou brigar com você. Irei antes que a passagem comece então.

Mas ainda não estava satisfeita.

– Nós vamos – corrigiu, salientando o pronome.

– Meu Deus, como é que o Gustavo te aguentava? Como você é chata.

Ignorando a resposta do cunhado, prosseguiu.

– Sou a melhor pessoa para conversar com ele e você sabe disso. Passei por tudo que ele vai passar. Você precisa me falar mais sobre ele para eu me preparar, para que possa abordar da melhor forma o assunto.

Bufando, respondeu um pouco rispido.

– Errado, Tamires. Já começou. E vamos observar mais um tempo antes de ir.

Estreitando os olhos, furiosamente, perguntou mais uma coisa que o cunhado ainda não havia explicado.

– E por que você estava rindo tanto, afinal? Não tinha a ver com Lucca?

Gargalhou novamente se lembrando do que havia visto com Suzane.

– Ah, sim. Você nem imagina o que está prestes a acontecer com ele.
E ao invés de responder, riu alto de novo.

PRESSÃO

Com uma extensão de três mil hectares de terra própria para a criação de quase duas mil cabeças de gado, a Fazenda Cruz do Pantanal se estendia desde os limites do Parque Marina Gatass - à margem do Rio Paraguai - até a divisa oficial do país com a Bolívia. Naquela área não havia outras fazendas ou sítios. Os que outrora existiram, foram somados à propriedade do temido coronel.

A grande casa - o coração da estância - surgia ao fim de uma estrada de terra batida a cerca de dois quilômetros da Rodovia Ramon Gomes. Sua exuberância era avistada à distância, graças ao reflexo das paredes brancas à luz do sol da tarde. Todas as seis janelas da frente, enormes, estavam abertas e se via as cortinas sacolejando ao sabor do vento que soprava nos andares superiores.

Lucca sempre se sentia intimidado quando estava na propriedade. Só de pensar que, depois do casamento com Vitória, teria que viver ali, um aperto sufocava seu peito. Sabia que nunca poderiam se afastar da fazenda e deixar nas mãos de empregados a fortuna que o velho deixaria para a filha e para os netos. O genro teria que assumir a responsabilidade de cuidar dos interesses dos herdeiros.

Intimamente, não queria assumir esse papel. Sua profissão era distinta de um pacato administrador. Desejava conseguir conciliar as duas funções, já que tinha consciência de que, querendo ou não, teria que se preocupar com o patrimônio de sua esposa e de seus filhos. Vitória não havia estudado e nem mesmo tinha qualquer interesse em negócios. Só se preocupava em compras fúteis.

Era nesses momentos que sentia vontade de escapar de um futuro que não desejava. Era contra seus extintos sentir-se oprimido. Mas também era contra suas convicções fugir como um covarde. Ergueu a cabeça para a casa que crescia em sua direção enquanto dirigia seu carro. Vitória estava sentada ao seu lado completamente absorta em seus próprios pensamentos, assim como ele.

Porém, tinha certeza de que os pensamentos dela seriam muito mais leves e sorridentes do que os dele. Sua mãe sempre dizia que se preocupava demais. Talvez tivesse razão. Precisava apenas relaxar e aprender a se preocupar somente quando fosse estritamente necessário. Afinal, ainda tinha um tempo para se acostumar com a ideia até formalizar o compromisso.

Estacionou em frente à sede e suspirou preparando-se para adentrar a casa. Trocou um sorriso com a namorada que o animou imediatamente. Encontraram-se do lado de fora e

subiram de mãos dadas a grande escadaria da mansão.

Havia um hall de entrada com passagens para três direções. A decoração do ambiente era austera, com flores e vasos rústicos. À esquerda havia um grande corredor que levava para as suítes no andar superior. À direita um acesso rápido para cozinha e copa. E à frente, a sala de estar e de jantar.

Cada objeto era bem escolhido. Combinava perfeitamente com a fazenda, dando-lhe um toque de requinte, sem tirar-lhe a sobriedade. Havia um quadro imenso, no centro da sala de estar de dona Ana Munhoz Cruz, a mãe falecida de Vitória. Seus trajes eram muito finos, mas seus olhos revelavam a simplicidade com que estava acostumada antes de se tornar mulher do fazendeiro.

Ana era diferente das mulheres da cidade. Tinha uma aparência frágil, debilitada. Os grandes olhos negros, que Vitória herdara, eram profundos e escavados na face magra. Os braços, à mostra desde os ombros, eram longos e finos. Apesar de sua pele morena, as olheiras fundas tingiam seu rosto. Somente a boca, característica marcante da mulher, parecia ainda ter alguma vida, eternizada no sorriso mais doce que Lucca já vira.

Não era algo que pudesse controlar. Sentia uma mistura de pena e afeição pela mulher do quadro toda vez que encontrava seus olhos misteriosos. Seu silêncio era acolhedor. Seu sorriso, um convite para adentrar em sua casa. Há muito que Ana não pisava mais naqueles tapetes e não tocava mais nas cortinas. Mas tudo parecia ter a áurea pura da mulher que um dia estivera entre eles.

A única presença que era mais marcante - e assustadora - estava exatamente no centro da sala - entre o sofá e a mesinha de centro - em pé. Não era muito alto, nem muito gordo. Mas tinha uma carranca permanente que vincava sua testa. Um grande e comprido bigode cobria o lábio superior. Uma acentuada calvície limitava seus cabelos grisalhos da metade da cabeça para trás. Botas de couro cobriam os pés e um cinto com uma enorme fivela segurava a calça jeans. A camisa listrada era de manga curta, de botões na frente. As grandes mãos seguravam um chapéu de palha.

– Olá, crianças - cumprimentou José Cruz.

Parecia que estivera esperando pelo casal a tarde toda. Apesar da falta de sorriso em seu rosto, não parecia nervoso. Reforçado pelo tom de voz amigável, Lucca teve certeza que estava tudo bem.

– Boa tarde, coronel - respondeu o genro.

O título, na verdade, não era oficial. Mas ninguém sabia ao certo como surgira. Boatos diziam que o próprio fazendeiro se dera a patente, exigindo que seus empregados a usassem sempre. Já outros acreditavam que seu dinheiro intimidara os empregados, que passaram a chamá-lo pelo título como forma de respeito.

– Olá, papai - respondeu a filha, cruzando o pequeno espaço entre eles e dando um beijo estalado na bochecha do homem de meia idade.

Uma menção de sorriso moveu sua boca por um tempo muito curto. Se não tivesse prestando atenção, com certeza Lucca teria perdido. Era raro presenciar a intimidade do coronel e ter o privilégio de vê-lo mais humano que carrasco. Afinal, os empregados e moradores da cidade estavam acostumados a serem tratados por ele como insignificantes e totalmente descartáveis. José Cruz era a lei, a ordem e a sabedoria. Seus súditos tinham que obedecer de uma forma ou de outra.

Vitória voltou para o lado do namorado, pegando-lhe a mão enquanto se sentavam em outro sofá. O fazendeiro os analisava. Não dava para ler sua expressão.

– Ora, ora, vejo que fizeram as pazes - avaliou.

– Sim - respondeu a filha sorridente. - Foi apenas um mal-entendido.

O coronel Cruz ergueu uma sobrancelha enquanto resmungava algo ininteligível.

– Fico satisfeito - disse por fim.

Houve um silêncio estranho enquanto genro e sogro trocavam um olhar longo. Vitória se distraiu com a unha que havia quebrado durante o piquenique. Não pode perceber o quanto seu pai estava desconfiado de seu namorado. Lucca sabia que essa era sua deixa.

– Vitória, preciso ir para casa. Mais tarde te ligo para combinarmos alguma coisa para a noite.

– Tudo bem - respondeu a namorada sem titubear.

Os três se levantaram ao mesmo tempo. Vitória fez menção de acompanhá-lo até o carro, porém o pai interveio.

– Querida, por que não vai descansar e deixa que eu acompanho Lucca até a porta? Gostaria de trocar duas palavrinhas com ele.

Foi a vez dela olhar desconfiada para o pai.

– Só quero conversar com ele, Vitória. Pode ficar tranquila.

Aquelas palavras fizeram Lucca tremer levemente e um nó se formou em sua garganta. A namorada acabou concordando - talvez se lembrando da unha quebrada -, deu um beijo rápido na boca de Lucca e correu para seu quarto. Sozinhos, sogro e genro caminharam lado a lado até a porta do carro. O silêncio ainda se fez por um tempo antes que o coronel finalmente começasse a falar.

– Sabe, filho, levei um grande susto quando você não apareceu ontem. Vitória ficou tão aflita - seus olhos vagaram erroneamente pelas árvores. - Não tem nada que me deixe mais nervoso do que ver minha filha infeliz.

– Sinto muito, coronel - interrompeu Lucca.

José Cruz fez um gesto para que o genro o esperasse finalizar seus pensamentos.

– Em todos esses anos que vocês estão juntos, nunca a vi tão infeliz quanto ontem. Na verdade, o que me deixava tranquilo era a certeza de que você nunca a faria chorar. Nunca imaginei que esse dia pudesse chegar. E me pergunto o que poderia ter motivado essa negligência.

Antes que Lucca o interrompesse novamente - como tentou, abrindo a boca para se desculpar -, o coronel repetiu o gesto calando-o.

– Não sei se conhece minha história. - Antes que Lucca pudesse responder, José prosseguiu o relato. - Vim para Corumbá muito jovem há mais de trinta anos. A cidade era conhecida, na época, por sua fartura de terras, de água, de vida. Venho de um lugar seco e árido, onde a fome e a pobreza andam lado a lado.

O coronel encarou o genro brevemente antes de continuar.

- Não tinha apenas fome e sede. Queria prosperar. Estava farto de viver em meio a pobreza e a miséria humana. Ver irmãos e vizinhos morrerem de inanição, idosos morrendo de fraqueza, pais trabalhando em terras inférteis a fim de alimentar seus inúmeros filhos.

Lucca paralisou no mesmo lugar. Já ouvira muitos boatos sobre a vida anterior do sogro. Porém nunca imaginou ouvi-la de sua própria boca. Escorando-se na lataria do automóvel, o coronel Cruz continuou.

– Fugi da Bahia com apenas quatorze anos. Havia ouvido alguns velhos conversando em uma mercearia sobre as terras alagadas e fartas do Pantanal. Falaram que muitos migrantes prosperaram por aqui. Pedi carona nas estradas, de cidade em cidade, de estado em estado, até chegar a Corumbá quase um mês depois. Fui alimentado por estranhos e dormi na boleia de caminhões.

Era inevitável que Lucca imaginasse um adolescente maltrapilho, sujo e magricela, caminhando descalço nos acostamentos das estradas, pedindo carona para os automóveis que passavam por ele. Estava cada vez mais chocado.

– Nunca me neguei ao trabalho. Comecei como ajudante de pescador. Aos dezesseis anos fui trabalhar na mineradora. Porém, me rebelei contra o trabalho pesado e me tornei guia turístico. Todo o dinheiro que eu ganhava, guardava dentro de uma caixa de sapato, escondida embaixo da cama em que dormia.

O coronel narra para o nada. Talvez de volta no tempo, à sua adolescência.

– Dormia em pensões vagabundas e comia suas refeições insossas. Porém, ainda eram muito melhores do que qualquer outra que já havia provado. Não precisava mais me preocupar, mas ainda assim comia com desespero, como se, na minha ausência, a comida fosse desaparecer.

Lucca já estava se sentindo mal com a história. A dor do menino que o sogro fora estava fluindo de seus olhos direto para o genro. Nunca imaginara que tipo de sofrimento o senhor Cruz vivera. Mesmo sendo adotado, ele mesmo nunca havia vivido nada perto daquilo. Deu graças a Deus, em seus pensamentos, pelos pais que o haviam escolhido.

– Tracei uma meta e a segui com determinação. Tomei conhecimento de negócios e passei a estudar tudo sobre eles. Finalmente decidi que queria trabalhar com pecuária e, um dia, me tornar dono de gado. - O coronel fez uma pausa dramática como se a próxima lembrança lhe trouxesse algum sentimento ainda maior do que narrara até então. - Aos vinte anos conheci e me apaixonei por Ana. Foi o primeiro momento feliz de minha vida até então. Nós começamos a namorar no dia em que comprei meu primeiro hectare de terra. Foi meio como um jantar de comemoração e acabou em um pedido de namoro.

Era a segunda vez naquele dia que Lucca via o velho carrancudo sorrir. Ainda não se acostumara e por isso quase teve um sobressalto.

– Comecei comprando terras que ninguém dava valor algum - continuou o coronel, voltando a sua seriedade habitual. - Cercando uma área que eu desejava obter. Eram terras distantes que seus donos queriam, desesperadamente, se desfazer. E eu conseguia comprá-las por ninharia.

Lucca tentou associar a história que ouvia àquelas espalhadas pelos quatro ventos desde sua infância. Não era bem essa versão que se conhecia. Falavam por aí que o coronel amedrontava os pequenos proprietários de terra praticamente os obrigando a venderem-nas por preços baixíssimos. Diziam mais, que chegou ao ponto de destruir plantações e matar seus animais até que o obedecessem.

– Em dois anos - continuou o coronel -, eu era dono de sítios e chácaras nas extremidades de toda a área que hoje compõe essa fazenda. Comecei com plantio, a fim de angariar lucros para comprar as primeiras cabeças de gado. Nesse período, pedi a mão de Ana em casamento.

Outra olhadela para o genro, que começava a temer que tudo aquilo fosse apenas uma lição para ele.

– Infelizmente, Ana nunca viu o império que construí para nossa filha. Um ano depois de casados, enquanto eu ainda negociava grãos e terras, Ana dava à luz Vitória. Porém, devido a sua saúde debilitada, não sobreviveu ao parto. Está enterrada nessas terras, quilômetros mais adiante, onde vivíamos à época.

Seus olhos se perderam no horizonte e Lucca tentou acompanhar. Interessante como conseguiu avistar - ou teria imaginado? - a cruz da lápide à distância.

– Eu nunca mais amei outra mulher em minha vida. Dediquei-me inteiramente ao

trabalho e em alcançar meus objetivos. Não estava mais sozinho. Tinha uma filha para criar e oferecer do bom e do melhor. Prometi a mim mesmo que ela jamais passaria pelo que passei. Saberia, desde o berço, o que era prosperidade e fartura.

Nisso Lucca tinha que concordar que o coronel fora vitorioso. Não existia na cidade de Corumbá filho mais rico e mimado como Vitória, que simplesmente desconhecia as dificuldades da vida. Tudo sempre fora muito fácil. Bastava desejar para que possuísse.

– Hoje minhas terras se perdem de vista. Alcancei meus objetivos. - Olhando para o genro, José continuou. - Gosto de você, filho, sinceramente. Você se mostrou responsável, companheiro e dedicado. Eu me lembro de mim mesmo quando o olho. - O coração de Lucca disparou. Será que seus piores pesadelos se confirmariam naquele momento? Será que, afinal, o coronel seria seu verdadeiro pai? Afastou logo esse absurdo de pensamento, porque se isso fosse verdade, jamais permitiria que estivesse namorando sua filha. - Compreende que construí um império para minha filha e meus netos. Porém não poderia haver pessoa melhor para administrá-lo quando eu partir. Você é o marido ideal para Vitória.

A conversa chegou a um ponto que Lucca jamais imaginara. Tentou conciliar as ideias a fim de compreender o objetivo daquela longa narrativa.

– Temi, por algum tempo, que Vitória não encontrasse a pessoa certa. Porém, em todos esses anos - lá estava ele de novo lembrando sobre o longo tempo de namoro dos dois - observei e percebi que você sempre está disposto a fazer a coisa certa. - O coronel fez uma careta antes de continuar. - Ontem acreditei que, finalmente, fosse fazer o pedido. A própria Vitória esteve especulando sobre isso toda esperançosa. Quando não apareceu, temi que tivesse se arrependido.

Lucca se apressou em interrompê-lo para se explicar.

– Desculpe, senhor, eu preciso admitir uma coisa. - O sogro esperou na maior expectativa. - O senhor tinha razão em ter esperanças, porque realmente era o que estava disposto a fazer. Porém, não quero que pense que me arrependi. Jamais teria dado um bolo em Vitória, ainda que tivesse repensado o assunto. E peço perdão novamente, porque hoje menti para sua filha. Mas vou dizer a verdade para o senhor agora - falou apressadamente para não ser interrompido antes de finalizar. - Comprei um anel ontem, porém perdi no parque. Uma árvore caiu em minha cabeça e acabei apagado até hoje de manhã. Como eu ainda não havia encontrado o anel, não fiz o pedido. Mas quero que saiba que pretendo fazer assim que encontrá-lo.

O rosto enrugado do velho se alterou tão rapidamente quanto as palavras saltaram da boca de Lucca. E ele ficou satisfeito que, no fim, a face do coronel ficou iluminada de uma maneira meio estranha.

– Se é somente isso, meu jovem, posso ajudar. Já pretendia presenteá-la quando Vitória se casasse. - Enfiou a mão no bolso da calça e tirou um saquinho de tecido muito pequeno. -

Tome.

Lucca pegou o objeto entre as mãos e logo percebeu o peso que tinha. Ficou imediatamente atemorizado. Abriu e pode conferir; o reflexo do sol na pedra quase ofuscou seus olhos. Era um diamante enorme incrustado em um anel.

– Não posso aceitar - gaguejou.

A mão enrugada pousou sobre o anel apertando-o em sua palma.

– Você não deve recusar, por favor. - Seu tom era de autoridade. - Este anel foi de Ana.

O primeiro presente que lhe dei quando pude comprar uma joia. Quero que fique com ela e que a use para o pedido.

Encararam-se por um longo tempo. Lucca estava desnorreado. Aquela joia devia valer uma fortuna. E se a perdesse também? Mas, como podia dizer não a seu futuro sogro? E por que deveria fazer isso? Era somente de um anel que precisava para, finalmente, passar por mais essa fase de sua vida. E por mais orgulho que tivesse - e longas prestações a pagar pelo anel perdido -, sabia que Vitória merecia um anel à sua altura. Também sabia que, pelo menos na sua frente, ela nunca menosprezaria o outro. Porém, estava acostumada com o melhor, em tudo. E casamento era um passo importante e marcante na vida de qualquer pessoa.

– Tudo bem, eu aceito - respondeu como se tivesse sido pedido em casamento.

Outro sorriso, dessa vez muito maior, brincou sob os bigodes do coronel Cruz, que abraçou com força demais o genro pelos ombros enquanto falava.

– Ótimo, meu rapaz. Sabia que podia contar com você. Mandarei preparar um jantar especial hoje à noite, escondido de Vitória, para que possa fazer o pedido oficialmente.

Lucca partiu anestesiado. Tudo estava acontecendo tão rápido como se o relógio de areia estivesse cronometrando seu tempo. Cada grão tão precioso quanto sua própria existência. Uma contagem regressiva para o fim do mundo. Urgente, desesperador e repleto de grandes emoções.

Mas, afinal, não seria o fim do mundo. Somente um noivado. Então, teria tempo para se acostumar com o compromisso antes de marcar a data. E no fim, faria Vitória feliz e, conseqüentemente, seu futuro sogro.

Não conseguia sentir ou pensar em nada sobre si mesmo. Onde estavam sua determinação e autoconfiança? Talvez tenham se perdido junto com o outro anel, na lama do parque. Ou tenham sido roubadas durante seu desmaio.

Pela primeira vez, tinha dúvidas de sua decisão. Porém, sabia que se resignaria a fazer a coisa certa, pelo bem de todos.

NOIVADO

Os primeiros quinze dias de 2012 correram normalmente na vida de Lucca. E em apenas vinte e quatro horas sua vida virou de cabeça para baixo. O que era para ser algo espontâneo e alegre, agora era quase um fardo pesado e desengonçado. Uma noite depois do que devia ter sido a mais feliz de sua vida, lá estava ele se arrastando nos afazeres menores como para atrasar o momento.

O mais difícil fora contar a sua mãe sem que demonstrasse seu conflito interno. Não fora tarefa fácil e também não estava totalmente convencido de que tivera êxito. Afastara-se dela o mais rápido que pode para se lamentar sozinho. Passou o entardecer no quarto. Ainda não vira Edmundo, mas sabia que Isabel contaria para a família toda o que aconteceria mais tarde.

A família não era um consolo para ele agora. Edgar, seu pai, nunca fora seu amigo, apesar de amá-lo igualmente como aos seus irmãos. Era mais um amor provedor do que afetuosos. Edmundo, seu irmão mais novo, alimentava uma rixa tão antiga quanto suas existências. E Alice, a doce e mimada caçulinha e filha única demonstrava mais curiosidade por seus problemas do que algum apoio.

Nem com seu melhor amigo, Carlos, podia contar nessa hora. Seria o primeiro a desanimá-lo, insistindo - talvez com sucesso - que desistisse da ideia enquanto ainda havia tempo. Apesar de ser sua única fortaleza no momento - sua mãe sempre o apoiaria em qualquer decisão que tomasse -, não se sentia a vontade ao seu lado.

Deitado em sua cama, desviou os olhos para o suntuoso anel - escondido pelo saquinho que o coronel Cruz lhe entregara mais cedo. Um nó se formou em sua garganta. O objeto parecia muito mais pesado devido a importância que tinha em sua vida agora. Um brilhante resolveria seu futuro dali a algumas horas.

Sentia-se nervoso como se já fosse o dia do casamento. Precisava relaxar. Lembrou-se de que estava fazendo o que precisava. Porém tinha consciência das implicações nada românticas de sua decisão. Além de ser prático por natureza, também era homem e casamento era sinônimo de responsabilidade. O que não o tornava atrativo ou fácil para ele.

Pesou sua vida. Sua carreira estava estável no momento, mas nada que não pudesse melhorar com um pouco de esforço e força de vontade. Com isso, estava tranquilo. Conhecia sua capacidade e determinação quando traçava um objetivo. Tinha mais de trinta anos, não era tão jovem e inexperiente. Estava intelectual e financeiramente preparado para aquele passo.

Emocionalmente era outra coisa. Mesmo sendo adulto e responsável, o tempo passara rápido e não conseguia, exatamente, se ver casado e com filhos. Vitória estava chegando aos

trinta e Lucca sabia que, biologicamente, estava mais do que pronta para se tornar mãe. Em poucos anos, passaria até do ponto. O coronel não duraria para sempre. Já beirava a terceira idade e, tinha certeza, que gostaria de conhecer seus netos antes de se despedir deste mundo.

Esse último pensamento o consolou. Estava cansado de devanear sobre seus temores e resolveu que enfrentá-los, com a cabeça erguida, faria sua decisão mais forte do que eles. No momento em que se erguia da cama, Edmundo entrou no quarto e fechou a porta atrás de si. Os irmãos se encararam por um segundo interminável de forma dura.

– Pensei que tivesse mudado de ideia - o irmão quebrou o silêncio primeiro.

Por uma fração de segundo, Lucca viu em seus olhos não o ódio habitual, mas algum sentimento oculto e intenso, tentando saltar a fortaleza que Edmundo criara em volta de seus verdadeiros sentimentos.

– Eu nunca faria isso - respondeu o irmão adotivo com serenidade.

Edmundo deu dois passos vacilantes em direção a Lucca antes de perguntar, com a voz trêmula.

– Por quê?

– Por que o quê? - revidou intrigado.

– Por que está fazendo isso? - completou a pergunta.

Lucca pensou por um milésimo de segundo enquanto encarava o irmão nos olhos. Deduziu que ele sabia do noivado e era a isso que se referia. Queria entender o que se passava em sua mente agora. O por que dessa angústia disfarçada.

– O que você quer saber exatamente, Edmundo? - perguntou pausadamente.

As expressões mudaram tão rapidamente que não puderam ser traduzidas. Apenas revelaram a Lucca o quanto Edmundo estava confuso. Havia um conflito em seus sentimentos, ou interesses, talvez ainda maior do que o que estava vivendo agora. A tentativa de segurar uma expressão impassível foi um verdadeiro fracasso. Ainda assim, o irmão adotivo não a compreendeu.

– Você a ama? - perguntou, por fim, Edmundo.

Aquele jogo de respostas com outras perguntas começava a ficar irritante. No entanto, era a vez de Lucca ficar mexido. Os irmãos nunca foram íntimos para falarem de sentimento um com o outro. Aquilo era uma novidade que o desconcertava e, portanto, demorou tempo demais para responder.

– Sim.

Edmundo não pareceu satisfeito. Seu pesar aumentando conforme lutava com algo dentro de si. Precisou de mais alguns instantes para conseguir falar novamente.

– Você acha que ela vai aceitar?

Para essa pergunta, Lucca não precisava pensar muito. Conhecia Vitória muito bem

para ter certeza de que não titubearia diante de seu pedido de casamento.

- Sim.

Apesar de não parecer feliz, Edmundo não demonstrou surpresa. Talvez ele mesmo não duvidasse dela.

- Por que você está me fazendo essas perguntas? Você também acha que eu estou sendo precipitado?

Edmundo pareceu surpreso com a conclusão de Lucca. A raiva, de repente, tingiu seu rosto, tornando-o avermelhado antes que sua voz, rouca e feroz como sempre, explodisse.

- Eu estou pouco me lixando para você e esse noivado idiota.

Antes que Lucca pudesse entender o que estava acontecendo, rompeu porta a fora, seus passos e gestos carregados de fúria. O som estridente da porta batendo com violência sacudiu seu corpo de susto.

Uma conversa de apenas três minutos, com mudanças tão distintas de humor, não era bem o que precisava agora. Ter mais conflitos em que pensar só o deixaria mais ansioso em entender. Sua mente ágil e racional trabalharia ferozmente nas próximas horas. E precisava estar concentrado no evento que o levaria ao altar ao lado de Vitória Cruz. Seria uma noite terrível.

Esquecer era a palavra de ordem no momento. Antes que mais alguém perturbasse sua paz - ou aticasse o fogo do inferno astral que vivia - Lucca se trancou no banheiro. Lá conseguiria, de verdade, ter alguma privacidade. Ligou o chuveiro quente - não se importando com o calor do verão pantaneiro - e entrou debaixo da água. Ficou por vários minutos sentindo o jato pipocar fervente em suas costas.

A água não tinha o poder de limpar seus pensamentos. E todos os acontecimentos estranhos rodaram, sem cessar, como moscas irritantes. Não adiantava tentar espantá-las. Elas sempre voltavam a atormentá-lo. O pior, na verdade, não eram os momentos em si, mas o fato de não entender o que significavam. Perdera totalmente as rédeas de sua própria vida.

Analizou cada situação isolada. Estava decidido a pedir Vitória em casamento. Mas por obra do acaso - do destino, de um anjo brincalhão ou sabe-se lá mais do que -, se desviara do caminho. Algo o atraía direto para o parque na noite passada. Algo que desconhecia. Que não estava em sua mente. Aquela foi sua primeira atitude não planejada. O que não era natural.

Na manhã seguinte, foi obrigado a mentir, algo que odiava fazer. A mentira foi consequência da ação anterior - entrar naquele bendito parque involuntariamente. A escolha o levou a agir de uma forma que não estava acostumado. Não era romântico. Porém, tinha que admitir que a ideia do piquenique dera muito certo.

A estranha e inesperada conversa com o sogro naquela tarde deixara uma mensagem clara para ele. "Eu sou um vencedor" e Lucca não temia essa parte. "Você é o único capaz de

gerir meus negócios” e essa lhe causava um arrepio na espinha porque, em nenhum momento, o coronel havia demonstrado preocupação com a felicidade de sua filha, somente com o futuro de sua fortuna.

Mas o pior momento havia sido o anel de brilhante que o fazendeiro lhe entregara. O problema não era tanto por ele ser caro. Havia reparado em algo muito sutil: o senhor Cruz já estava com o anel no bolso antes de começarem a conversa. Tinha certeza absoluta que, mesmo que não estivesse preparando o terreno para fazer o pedido, o todo poderoso ia lhe sugerir.

Sugestão não era bem o termo certo para a forma como, mesmo com sutileza, o coronel lhe indicara o que queria. De uma maneira ou de outra, afinal, o teria obrigado a formalizar a longa relação que mantinha com sua filha. E, ciente disso, Lucca estremeceu sob a água. Era a decisão mais importante de sua vida e, novamente, ele mesmo não a fizera por vontade própria.

Um tsunami o estava arrastando, depressa demais, para um noivado antecipado. E, enquanto tentava submergir, um obstáculo deteve seu caminho por tempo suficiente para desnordeá-lo. Edmundo e sua aparição desastrosa que nada lhe dizia e em tudo lhe intrigava. A única coisa que conseguia pensar sobre o irmão mais novo era uma pergunta sem resposta. *O que está acontecendo com Edmundo?*

Não sabia por quanto tempo estava debaixo do chuveiro, mas imaginou que seria demais. Não queria se atrasar e provocar um problema ainda maior. Ensaboou-se e passou xampu no cabelo bronze. Fechou a torneira e se enrolou na toalha, em frente ao espelho. Hoje, excepcionalmente, não importava a aparência que estava refletida ali. Talvez, a partir de agora, nunca mais fosse se preocupar de novo.

Com um suspiro, ligou o automático e voltou para seu quarto a fim de se vestir.

Encontrou todos na sala. Havia uma grande expectativa na gravidade com que estavam reunidos. Lucca tentou continuar impassível, concentrando-se em sua melhor pose confortável e seguro. Não estava nem um pouco a fim de captar energias alheias e acabar piorando seu próprio estado de espírito. O que tinha que ser feito, simplesmente faria. E ponto final.

A resignação era o melhor caminho que podia seguir agora. Plácido e direto. Tentou não se deter em nenhum rosto por mais do que um segundo enquanto atravessava a sala. Esperou a chuva de comentários, porém somente uma voz se fez ouvir. Alta, clara e quase juvenil.

– Parabéns, Lucca. Vi que o piquenique foi um sucesso. - risinhos - Você precisavam ver como os dois pombinhos se reconciliaram no parque.

Encolhendo-se, estacou o passo a fim de se virar para a irmã sarcástica.

– Qual é o seu problema, Alice? - sua voz saiu mais severa do que pretendia.

O sorriso na face larga da moça encolheu, mas não desapareceu.

– Ora, ora, Lucca, por que a hostilidade? Estou do seu lado, maninho. Estava torcendo para que desse certo. - Piscando os olhos inocentes, concluiu. - Adoro finais felizes!

Estampou o sorriso mais largo e sincero que Lucca já havia visto. Pronto, foi-se por água abaixo todo seu autocontrole. Antes que ouvisse mais algum comentário, fosse ele bom ou ruim, apressou-se em sair da casa, sem se despedir. Seus dentes trincados ferozmente. Não foi rápido o bastante para que não pudesse ouvir o que Alice acrescentou em seguida.

– Por que estão me olhando desse jeito? Vocês não têm senso de humor? - e gargalhou.

Desejou ficar surdo por alguns instantes. Entrou no carro e arrancou cantando pneu. Inspirou e expirou várias vezes a fim de se acalmar. Não costumava se render ao mau gênio, porém havia algumas coisas que conseguiam tirá-lo do sério. Ainda assim, não era uma pessoa explosiva. Jamais descontaria seu mau humor em outra pessoa, por mais que merecesse. Antes, preferia se afastar. Como agora.

Chegou à fazenda sem sequer perceber o caminho e em tempo recorde. Estava adiantado. Sorriu ao conferir a hora. Pelo menos esperava ganhar uns pontinhos com isso. Antes que pudesse bater à porta, ela se abriu e o próprio coronel estava do outro lado do batente.

– Boa noite, filho - apertou sua mão puxando-o para dentro e lançando seus ombros o guiou até a sala. - Fico feliz que esteja tão ansioso para o grande acontecimento. - O velho havia interpretado errado, mas positivamente, sua chegada antes da hora. Conseguiu sorrir mais naturalmente depois disso. - Minha filha descerá em alguns minutos.

Sentaram-se no sofá e o coronel ofereceu um aperitivo que Lucca recusou. Não estava acostumado a bebidas alcoólicas e não queria correr o risco de perder as estribeiras em razão de uma dose, por menor que fosse.

– Disse a Vitória que o convite para o jantar era um pedido de desculpas por termos desconfiado de sua honestidade ontem - sussurrou o coronel Cruz. - Não quero que ela saiba que tenho alguma coisa a ver com o pedido - o velho piscou para o jovem. - Quero que seja o mais natural possível.

Lucca sorriu meio desconcertado, balançando a cabeça. Lá estava outro aviso introduzido na mensagem. Sentia o peso da joia em seu bolso como se tivesse toneladas e não quilates. Ainda assim, era tão perceptível quanto uma imensa pedra. Nada sutil. Queria desviar-se do assunto e deixar que o momento o guiasse. O que não era o caso agora.

Enquanto procurava um assunto para expor com o sogro antes que o jantar fosse servido, passos atrás dele, sobre o piso de madeira, interromperam seus pensamentos. Antes de se virar, o sorriso tímido embaixo do bigode de José Cruz lhe indicou quem entrava na sala.

Paralisado e sem palavras, Lucca deixou seus olhos seguirem as formas da mulher diante de si. Vitória usava maquiagem leve que realçava seus traços, um vestido justo preto que modelava suas formas sensuais, uma sandália que a deixava alguns centímetros mais alta e o cabelo meio preso com fios soltos no rosto, tornando-o enigmático.

– Você está linda - suspirou ao final da análise.

Com passos elegantes e comedidos, Vitória caminhou até Lucca e o beijou rapidamente nos lábios.

– Obrigada - respondeu, por fim, com um lindo sorriso.

Com a vaidade que lhe era peculiar, Vitória jamais seria uma mulher feia. Havia recursos disponíveis para vesti-la bem, para seus tratamentos de pele, de cabelo e para manter seu corpo sempre modelado. Não era uma beleza única e extraordinária, mas a seu modo, e para Corumbá, sempre seria bela.

– Pedirei para servirem o jantar - comunicou o fazendeiro. - Vamos nos sentar à mesa, crianças?

O jantar foi leve e descontraído. O coronel ficou sentado à cabeceira da enorme mesa enquanto o casal se sentou imediatamente a seu lado, Vitória à esquerda e Lucca à direita. Sugestão do dono da casa, evidente. A impressão do genro era que anfitrião queria assistir ao espetáculo do melhor ponto de vista da plateia. Apesar do clima ameno à mesa, de vez enquanto sogro e genro trocavam olhares repletos de significado.

Após a sobremesa, conversas alegres ainda enchiam o ambiente e o coronel Cruz interrompeu as frivolidades bruscamente.

– Então, jovens, o que acham de abirmos um bom champanhe?

Era a deixa para Lucca. O sogro se retirou da sala, não antes de apertar, levemente, o ombro do genro. A tentativa de apoiá-lo era nítida e forçada. Porém, esse era o momento para o qual se preparara há vinte e quatro horas. Pigarreando, ergueu-se da mesa e pegou a mão da namorada.

– Gostaria de lhe fazer uma pergunta, Vitória - falou enquanto a guiava até o sofá na sala ao lado.

Não havia parede para separar os dois ambientes, então, chegaram ao móvel bem depressa. Lucca não fazia ideia de como improvisar. Então, foi direto ao ponto, já que Vitória o olhava com curiosidade.

– Amor - apertou sua mão com um pouco mais de força -, você aceita se casar comigo?

Todos os discursos que já ouvira para um momento como aquele não se encaixavam. Sempre fora muito direto para se deixar levar por frases prontas que apenas serviam para adiar um pouco mais o pedido. Com o coração disparado, as mãos transpirando, Lucca observou atentamente a expressão de surpresa, e depois de alegria, moldar o rosto de Vitória.

– Claro que sim - exclamou jogando-se nos braços do agora noivo.

Beijaram-se efusivamente e por um longo tempo, esquecendo-se de que o pai da noiva estaria de volta a qualquer momento. E ele estava mesmo lá quando se separaram e Lucca tirou

do bolso a joia que colocaria em seu dedo.

– Oh! - Foi a expressão de espanto e admiração que Vitória deixou escapar enquanto Lucca ornamentava sua mão direita.

Vitória contemplou maravilhada a pedra, sob a luz da lâmpada, refletir mil cores como um prisma. Neste momento, o fazendeiro quase se interpôs entre os dois, com três taças em uma mão e uma garrafa de champanhe na outra já aberta. Lucca o ajudou a servir os cristais. Quando todos seguravam a sua, o coronel ofereceu o brinde.

– Ao futuro!

E o tintim dos cristais se chocando ecoou na sala.

– Ao amor! - exclamou Vitória feliz.

Lucca sentiu que devia dizer alguma coisa também. Algo diferente e tão importante quanto o que haviam proposto. E, depois de pensar por alguns milésimos de segundo, alcançou uma saída.

– À família!

Por fim, os três sorveram um gole do espumante com satisfação. O coronel abraçou os dois jovens de uma só vez e bem apertado.

– Estou muito feliz por vocês, meus filhos - iniciou um discurso meloso; - Quero que saiba, Lucca, que já te considero da família há muito tempo. E você, minha filha, fez uma ótima escolha. Esse casamento não poderia ser mais perfeito. Entregarei sua mão com imensa alegria. - Apertando um pouco mais, finalizou. - E que venham os netos!

Gargalhou e os soltou. Enquanto bebericavam, espalharam-se no sofá. Lucca e Vitória não se largavam por um só segundo, acariciando-se mutuamente. O velho suspirou e começou um discurso um pouco diferente.

– E então, para quando vamos marcar a data?

A inclusão de si mesmo na escolha da data acendeu um alerta na cabeça de Lucca. Porém, antes que qualquer um dos dois pudesse responder, ele prosseguiu.

– Quero que seja antes da festa da padroeira da cidade.

Lucca calculou quanto tempo faltava até o dia dois de fevereiro e paralisou enquanto o sogro voltava a falar.

– Não se preocupe com os gastos, Lucca, faço questão de bancar tudo, já que o tempo é curto. Quero que seja um grande evento, como minha filha merece. - Deu de ombros enquanto acrescentava. - Vocês estão juntos há tanto tempo, não é? Por que esperar mais? Vamos ao casório!

PRISIONEIRO

Acordei com a audição hipersensível naquele domingo. Não era algo que irritava, ao contrário, me permitia perceber todos os sons ao meu redor. Era mais como sentidos aguçados. A cidade despertando, pessoas caminhando, cochichos, uma televisão ligada, um rádio em um carro passando na rua. Água esquentando no fogão a gás. Isabel devia estar preparando o café.

Antes de me levantar para mais um dia, avaliei o ultimato do coronel na noite passada. Eu me lembrava de ter ficado atônito, incapaz de dizer não. E como poderia fazer isso ao homem mais poderoso da cidade? José Cruz estava acostumado a realizar todos os seus desejos, afinal, o que significavam quando se tinha muito dinheiro?

Contei mentalmente os dias que faltavam para o casamento. Apenas treze, sem contar hoje. Não era supersticioso, mas não gostei do número. Fora que estava perto demais. Significava que, no final do mês, seria oficialmente um homem casado. Estava acostumado a ser independente, apesar de ainda viver na casa de meus pais, mas sabia que a partir de fevereiro, viveria sob as rédeas - ou regras - do fazendeiro.

Como um funcionário, um empregado de sua fazenda, serviria para seus propósitos. Senti-me mal. Somente eu mesmo poderia impedir isso. Mas como? Como poderia acabar com os sonhos de Vitória por culpa das loucuras de seu pai? Não poderia. Estava feito e agora tinha apenas alguns minutos antes de encarar minha família para montar a melhor máscara de felicidade.

Lá no fundo - bem no fundo, em algum lugar quase inacessível dentro de mim - estava feliz. Precisava deixá-la vir à tona e apagar as preocupações de minha mente. Sentei-me e conferi a cama de solteiro ao meu lado. Edmundo ainda dormia. Olhei cada objeto do cômodo já sentindo saudades. Viveria apenas alguns dias ali e depois minha vida mudaria para sempre.

Arrastei-me para fora do quarto até o banheiro como se puxasse uma corrente de ferro pesada. Era assim mesmo que e me sentia, carregando um fardo enquanto caminhava para a forca. Como um prisioneiro de filmes, que tem que arrastar correntes enquanto realiza o serviço pesado para diminuir sua pena. Ou enquanto é levado para a execução de sua sentença.

Tomei um banho breve e passei direto pelo espelho. Não estava a fim de me encarar. Se fizesse isso, teria que questionar o que - em sã consciência - estava permitindo acontecer. Não era mais hora de questionamentos e sim de atitude. Seguiria o tal destino traçado por mim sem olhar para trás. Lembrei-me de novo - quantas vezes mais teria que fazer isso? - de que era o que queria fazer.

Cruzei com Edmundo no corredor enquanto voltava para o quarto a fim de me vestir. Ele

nem sequer levantou os olhos do chão para me encarar. Hoje seria um dia difícil - talvez o pior de todos os que já vivi. Fiquei imaginando a reação de meus familiares enquanto me vestia. Porém, não tive certeza de estar pensando corretamente.

Respirei fundo antes de sair do quarto. Fiquei surpreso ao vê-los à mesa. Minha preparação matinal havia me atrasado - e conseqüentemente atrasado o café da manhã da família inteira. Apressei-me em me sentar no meu lugar de sempre. Antes de fazer qualquer movimento para começar a refeição, minha mãe fez a pergunta que, provavelmente, todos queriam fazer.

– E, então, Lucca, como foi ontem?

Tentei agir naturalmente. Enquanto me servia de pão, café e arroz com carne seca, narrei todos os pormenores do jantar de noivado. Não era um hábito contar com detalhes. A intenção era adiar o desfecho daquela narrativa o máximo que eu pudesse. Todos me ouviam também aproveitando para escolherem a comida.

Ainda assim, não estava preparado para a reação geral na mesa. Todos ficaram imediatamente paralisados, como estátuas, assim que falei qual era a data. Lutei para não reagir da mesma maneira. Meu coração saltitava com desespero. Mantive os movimentos normais e tentei manter a aparência de total despreocupação enquanto mordiscava meu café. Isso me impediria de falar ou tremer.

O silêncio prosseguiu, total e opressor, por vários minutos. Começava a ficar impaciente, decidindo o que dizer para tranquilizá-los, mas Edmundo o quebrou. Sua voz estava apática e sem vida.

– Por que a pressa?

Pelo visto, era a pergunta que todos estavam pensando, porque olharam imediatamente para mim, esperando uma resposta. Eu simplesmente dei de ombros, incapaz de encontrar minha voz.

– Vitória está grávida?

Essa pergunta só podia vir de meu pai. Apressei-me em explicar-me.

– Claro que não.

Percebi o alívio que moldou seu rosto e consegui sorrir.

– Talvez o coronel tenha medo de que Lucca enrole Vitória por mais uns anos, mesmo depois do noivado - deduziu minha irmã caçula.

– Alice! - repreendeu minha mãe.

– Que foi? Não estou dizendo que é intenção de Lucca, mãe. Só estou tentando entender o que o pai de Vitória estava pensando quando decidiu apressar o casamento.

Não havia pensado naquilo antes, mas fazia sentido. No entanto, já passara da hora de me manifestar.

– Está tudo bem, mãe - suspirei demonstrando indiferença. - Não me importo com a data. -

Sorri, tentando transparecer segurança em minhas palavras. - Porém, acho melhor irem atrás das roupas para o casamento amanhã mesmo.

Meu tom de voz teve o efeito que eu esperava. A nuvem escura desvaneceu dos rostos de meus familiares - bem, de quase todos. Edmundo não se recuperou e não parecia ouvir enquanto, animadas, as duas mulheres falavam sobre a cerimônia. Eu me esforcei para parecer interessado.

- Onde vai ser o casamento, filho? - perguntou minha mãe.

- Na fazenda - respondi.

E praticamente não precisei mais falar enquanto elas comiam e tagarelavam. Discutiram sobre a decoração ao ar livre, que seria muito bonita, porém tinham que confirmar como estaria o tempo. Seria um casamento suntuoso, com muitos convidados. O coronel pretendia chamar autoridades e empresários. E minha mãe estava pensando em meus tios e primos.

Antes que todos saíssem da mesa, ainda tinha um recado a dar.

- Tem mais uma coisa. - Todos se voltaram para mim apreensivos. - O coronel convidou nossa família para um almoço formal hoje na fazenda. Uma forma de confraternizarmos antes do casamento. Está marcado para o meio-dia.

Apesar de vivermos bem, todos trabalhávamos e ajudávamos, de alguma forma, no sustento da família. Não estávamos habituados ao luxo e a ostentação vividos na fazenda. Agora a preocupação era que roupas usar e o que fazer com o cabelo.

A manhã foi a maior correria, resultado dos preparativos para o tal almoço entre as duas famílias. Tentei me distrair com livros, músicas e televisão, mas nada foi eficiente. Por fim, o tempo passou mais rápido do que desejava e todos já estávamos prontos para partir.

No meu carro foram Alice e Jader, e Edmundo foi com nossos pais. Meu irmão estivera excepcionalmente calado e distante. Duvidei, inclusive, que fosse ao almoço. Porém, mais uma vez, me surpreendeu. Não dei oportunidade para que Isabel conversasse comigo a sós. Querida que ela curtisse o momento como mãe do noivo.

O coronel e Vitória vieram nos recepcionar na escadaria. Era engraçado como a família para a qual eu estava entrando era bem menor que a minha. Todos se cumprimentaram alegremente, porém com certa restrição. Ninguém teve coragem de ser efusivo. Bem, ninguém não se aplicava a Vitória. Ela praticamente atirou os braços finos envolta do meu pescoço, confiando que a ampararia. Também me beijou com ardor. Tive que interrompê-la para que não ficasse estranho.

A sala estava diferente da noite anterior. Havia muitas flores espalhadas pelo cômodo, acomodadas em vasos, aparadores e mesinhas. Dava-lhe um ar muito mais alegre. Não pude deixar de comparar com o espírito de Vitória. Combinavam perfeitamente.

O próprio coronel serviu o tereré aos homens. A bebida gelada à base de erva-mate

servida em uma cuia era refrescante e calhava bem com o momento em família que vivíamos. O anfitrião havia pensado em tudo.

Enquanto conversávamos, observava os rostos com tranquilidade. Hoje meu sogro estava radiante. Quando digo isso, me refiro a cara alegre e não fechada de sempre. Ainda que o sorriso não passasse de arremedo sutil. Eu acreditava que ele não estivesse acostumado a sorrir.

Consegui prender o sorriso nos lábios e o estampeei o tempo todo. Vitória também não parava de mostrar os dentes muito brancos e perfeitos. Estava bonita, porém menos sexy que na noite anterior. Estava mais com cara de mulher séria e reservada. Fiquei observando as diferenças de minha noiva e sua capacidade de se portar exatamente como o momento exigia.

Já estávamos famintos quando o almoço, finalmente, foi servido. Era um banquete - não que eu já tivesse ido a algum antes para distinguir a diferença. Porém havia comida de todo o tipo e suficiente para um batalhão. O coronel explicou que, como ainda não conhecia os gostos de sua nova família, pedira à cozinheira que preparasse todos os pratos típicos de Corumbá. Sua maioria feita à base de peixe e urucum, a semente vermelha usada como tempero.

A conversa ao redor da mesa estava descontraída. Podia ouvir os assuntos com clareza.

– Nunca fiz questão de casar na igreja - falava Vitória para minha mãe e irmã.

– Ah, não, aqui na fazenda vai ser muito mais bonito - disse Alice.

– Acho importante pelo menos ter a presença do padre - retrucou Isabel.

Sorri com o tom desaprovador de minha mãe. Sabia que por ser muito religiosa, sonhava em me ver casando na igreja, recebendo a benção de Deus, como Alice e Jader fizeram. Pensando na minha irmã, não sabia o que ela estava fazendo concordando com Vitória. Talvez apenas bajulando a cunhada. Minha irmã caçula não era vaidosa, mas tinha ambição e sagacidade para conquistar o que queria.

– E você, Edmundo, trabalha em que? - perguntou José.

Sabia que meu irmão vacilaria na resposta. Não tinha orgulho de seu emprego, porém não estudara e não lutara por algo melhor. Era um típico acomodado, que vive anos no mesmo emprego, sem nunca receber aumento de salário ou promoção.

– Na mineradora - interveio meu pai - Também atendo na enfermaria de lá uma vez por semana. Vida de médico é uma loucura. Consultório, hospital, empresa e aldeias.

Meu pai amava seu filho legítimo e por isso mesmo não passava a mão em sua cabeça. Ao contrário, dava-lhe duros conselhos sobre levantar o traseiro da cadeira e correr atrás de seu futuro. Porém, eu achava que não era desta forma que Edmundo seria motivado. Faltava um estímulo maior para ele e ninguém conhecia seu coração completamente para saber qual seria. Nem Isabel, mesmo perceptiva, não conseguia fazer o filho se abrir.

O coronel começou a discursar sobre a época de sua vida em que trabalhara na mineradora, como já havia me contado antes, me desliguei desse assunto enquanto ouvia Edmundo

resmungar.

– Se acha tão superior.

Troquei um olhar duro com ele. O que quer que Edmundo estivesse pensando, não era nada agradável - deduzi por suas palavras. Não gostava do modo desrespeitoso que ele falava dos mais velhos. Às vezes nem se incomodava em falar em voz alta. Ele me encarou de volta, com a mesma expressão franzida, como quem diz “o que está olhando?”. Suspirei por fim. Por que meus irmãos não podiam ser pessoas normais?

Agora que não estava prestando atenção em nenhuma conversa em particular, achei estranho que ainda não pudesse deixar de ouvir. As vozes eram um zunzum alto demais. Podia ouvir cada palavra nitidamente sem esforço algum. Corri os olhos por cada rosto na mesa a fim de avaliar melhor. Notei - não sem algum sobressalto - que ninguém estava falando alto. Talvez até estivessem sussurrando. Então por que eu podia ouvi-los com tanta clareza?

Atordado, desejei poder apertar o botão mudo e acabar com o som das vozes. Mas já que não era possível, comecei a prestar atenção em outros sons. Os empregados mexendo na louça na cozinha. Os passarinhos nas árvores lá fora. O uivo do vento soprando as folhas. Os cavalos e o gado correndo no pasto. O rio, cheio de vida, convidando pescadores a se aventurarem em seus barcos a remo ou a motor. Havia mais vozes ao longe, algumas cansadas, outras esbanjando energia. Carros passando na estrada. Animais cruzando a mata.

Enfim, alcançara meu objetivo. As conversas ao meu redor eram apenas um burburinho incompreensível. Porém, caindo em mim, percebi que podia ouvir muito mais do que imaginava. Como isso aconteceu? Quando começou? Por quê? O que havia mudado em mim? O que motivou essa mudança? Será que alguma aranha radioativa havia me picado no parque?

Sorri com esse pensamento. Apesar da loucura que me permitiu pensar como explicação improvável, estava grato pela distração. Tentar encontrar as respostas para tantas perguntas me manteria a salvo da realidade que vivia. Abriguei-me, como um prisioneiro, em minha própria mente.

– Por que você está rindo?

Tamires estava revoltada com o humor de Marcel.

– Porque é engraçado.

Mesmo que a cunhada não concordasse com ele, não se sentiu intimidado e continuou gargalhando como um louco. Era muito irritante.

– Não tem graça nenhuma ser forçado a se casar!

A revolta dela se dava aos últimos acontecimentos com Lucca. Agora que Marcel o alcançara com sua capacidade de rastrear há grandes distâncias, estavam ligados

permanentemente. Não era difícil localizá-lo, onde quer que estivesse.

– Não é bem assim, Tamires - conseguiu dizer entre uma gargalhada e outra. - Lucca já pretendia pedir Vitória em casamento. Só teve um empurrãozinho do sogrão.

Conseguia deixá-la mais exasperada.

– Eu nunca vi um casamento tão rápido. Por que ele tem tanta pressa?

O cunhado deu de ombros.

– Não sei dizer. Mas o cara tem dinheiro, não vai ser difícil organizar o casamento em duas semanas.

Tamires analisou a frase de Marcel, intimamente concordando com ele. Porém, havia outras preocupações que havia pensado e duvidava que Marcel - em seu explícito ataque de humor - tivesse parado para considerar.

– Você já pensou no que esse casamento implica para nós?

Parou de rir imediatamente, captando com rapidez a seriedade do que a cunhada dizia.

– Não, para ser honesto - respondeu.

Tamires começou a andar de um lado para o outro, como se falasse para si mesma.

– Pois eu sim. Se as etapas passarem por ele no mesmo ritmo acelerado que aconteceu comigo - pausou, deixando o pensamento se encaixar na cabeça de Marcel antes de prosseguir -, bem, esse casamento não vai dar certo.

Ponderou as palavras de Tamires e acrescentou mais aos seus pensamentos.

– Você tem razão. Como ficou quatro dias em coma, você sentiu os primeiros efeitos da pedra de uma só vez depois que acordou. - Pausou a fim de digerir as novas ideias. - Porém, com Lucca já está sendo diferente. Os dons estão se manifestando aos poucos e se fortalecerão em pouquíssimo tempo.

– Então ele pode chegar à transformação total em menos tempo do que eu.

Os dois se encararam por um longo tempo antes de Marcel quebrar o silêncio.

– Talvez. Mas o que me deixa em dúvida é o fato de que a pedra não está com ele. - Desviou os olhos para o chão. - Não conseguimos localizá-la. É como se houvesse um tipo de proteção envolta dela. Ela só se manifestou duas vezes. Na sexta à noite e ontem à tarde no parque. Nos dois dias eu a senti perto dele, porém, depois que ele se afastou, eu a perdi novamente.

Tamires estava parada agora e olhava para o cunhado tentando entender aonde ele queria chegar com aquele relato.

– Você acha que o fato da pedra não estar com ele pode afetar o tempo de sua modificação?

Marcel deu de ombros.

– Não sei, Tamires. Não posso afirmar com certeza. Teremos que vigiar dobrado para

que não haja falhas novamente.

Fechou a cara porque essa vigilância não a incluía.

– Odeio não poder fazer nada - lamentou.

– E nem precisa. Preocupe-se com você mesma e em localizar a sua pedra. Precisamos das quatro quando o alinhamento chegar.

Balançou a cabeça afirmativamente apesar de contrariada. Em todo esse tempo a única coisa que fizera fora procurar por ela e ainda não tivera sucesso. O alinhamento perfeito dos planetas aconteceria em um mês e meio e eles não estavam preparados. Seria o evento mais importante para seu povo e seu mundo.

– Ainda acho que devemos ir para Corumbá o quanto antes, Marcel, para observá-lo de perto, ainda mais que não sabemos como se desenrolará os acontecimentos com ele.

Franziu o cenho desaprovando.

– Você não tem paciência, Tamires. Fique tranquila que o cara vai ficar bem.

– Olha o jeito que você fala! - exclamou a cunhada.

– Ah, não, era só o que me faltava. Você nem conhece o Lucca ainda e já toda protetora desse jeito.

– Marcel!

Erguendo as mãos, como rendidas, a acalmou.

– Tudo bem, me desculpe. Sei que ele é mais importante para você do que para mim.

– Você também devia se importar, já que quer entrar pra família.

– Rá! - exclamou em resposta - Já pertença à família, baby. Com ou sem Lucca.

Cheguei primeiro.

O cunhado realmente não tinha jeito. Tamires suspirou e se sentou na poltrona. Deixou os pensamentos vagarem entre cada ponto da conversa que tiveram. Se ela não poderia ajudar observando, tentaria ajudar pensando. Colocou a massa cinzenta para funcionar enquanto Marcel voltava para junto de Suzane no quarto.

PLANEJAMENTO

Segunda-feira. Mas não era como outra qualquer. Estava noivo. Represei as emoções dentro de mim - não era algo difícil de fazer - e fui enfrentar um dia comum com minha família à mesa da cozinha.

Ninguém me decepcionou. Todos estavam muito animados com a proximidade do casamento. A única exceção - e ainda não entendia por quê, apesar de pensar nisso durante os últimos dias - era Edmundo. Ele estava sentado de forma desolada à minha frente. Olhava para o prato de sopa intocado, porém eu sabia que ele não estava vendo nada. Sua mente estava muito longe dali. Mas onde?

Ainda tinha outro problema. Não era para ser; porém meu melhor amigo Carlos estaria esperando por mim para saber o que aconteceu. Fugi o máximo que pude de seus telefonemas durante o final de semana, mas hoje teria que encará-lo.

Quando o conheci, Carlos estivera na minha turma de arqueologia da PUC-Goiás, onde estudamos durante longos quatro anos. Ele se apaixonou por Corumbá quando passou um mês inteiro de férias comigo e decidira, ao se formar, me acompanhar de volta pra casa.

Portanto, para ele eu era mais do que um amigo. Era um irmão. E eu assim o considerava também, já que Edmundo nunca fora amigável comigo. Não por falta de tentativas minhas.

O jovem que conheci na faculdade não mudara muito. Porém, apesar da relutância em se reconhecer como tal, tinha feições adultas e sérias que se refletiam em seu trabalho. Na vida pessoal, era um adolescente irresponsável.

Pensando em Carlos enquanto dirigia até sua casa, concluí que éramos muito diferentes. Completamente opostos. Era um milagre que nos dêssemos bem. Mas sabia que essa diferença pesava muito em nossa amizade. Como agora.

Prendi a respiração enquanto estacionava em frente à pequena casa. Ao som do automóvel, Carlos saiu da varanda com seu sorriso espontâneo no rosto.

– Oi, cara - cumprimentou ele.

Engoli antes de responder para que minha voz não denunciasse meu nervosismo.

– Oi. Como foi seu final de semana?

Sabia o que estava fazendo. Adiando a pergunta que ele faria. Ao final de sua curta narrativa, porém, ele a fez.

– Então, como foi com Vitória?

Decidi que seria menos doloroso se contasse de uma vez. Não me prendi aos detalhes,

porém não me esqueci dos que importavam. Enquanto eu falava, pelo canto do olho, via sua expressão mudar de sereno para espanto e depois à revolta.

Meu tom de voz era tranquilo e até consegui sorrir amigavelmente a fim de acalmá-lo. O automático estava dando certo. Não gostava disso. Honestidade era meu nome do meio, mas era bom em controlar minhas emoções e não me deixar controlar por elas. E, ao final, deu certo.

Suspirou resignado antes de falar.

– Casado em alguns dias?

As palavras dele causaram um novo reboição dentro de mim que segurei fortemente para que não saltasse aos seus ágeis olhos.

- Sim - respondi firmemente e sorrindo, acrescentei. - Não é demais?

Claro que meu melhor amigo aceitou ser meu padrinho. E ainda anunciou que faria uma surpresa - como sua mente era rápida para encontrar atalhos. Ficamos em silêncio o restante do trajeto. Faria qualquer coisa pra saber o que Carlos estava pensando, mas achei melhor não perguntar. Havia sido mais fácil do que previra e não queria estragar o clima de paz.

Quando estávamos quase chegando ao parque, falou como se refletisse.

– Eu entendo.

Sem compreender o significado da pequena frase, perguntei.

– Entende?

– Se você não fizesse isso, não seria você. E estaria infeliz consigo mesmo agora.

Sorri. Fiquei grato por ter chegado a essa conclusão. Ao mesmo tempo, foi o melhor consolo que alguém havia me dado desde que tudo isso começou. Absorvi aquelas palavras e seu significado para dentro do meu peito sinceramente satisfeito.

– Talvez um dia eu faça a mesma coisa - disse de repente.

Ri alto dessa vez antes de responder.

– Espero que sim. Também gostaria de ser seu padrinho.

A manhã foi muito mais tolerável sem a carranca de Carlos me encarando. Eu me sentia leve enquanto me dedicava, junto com minha equipe, ao trabalho de escavação. Ainda mais porque estávamos atrasados, já que não trabalhamos no sábado de manhã, como previsto.

Na hora do almoço fui até a fazenda buscar Vitória. Ela queria contratar uma organizadora de casamentos. Claro que já sabia em qual iríamos e apenas concordei em acompanhá-la - ai de mim se tivesse me recusado. Era justo que eu estivesse junto, afinal eu era o noivo.

Como um bom cavalheiro, eu permiti que Vitória escolhesse tudo. Apenas concordava nos momentos que perguntava minha opinião para não parecer ausente. Enquanto íamos até a organizadora, tagarelava empolgada sobre pormenores do casamento. Coisas que nem sabia que seriam necessárias.

Tinha que admitir, Vitória era muito rápida e havia pensado em tudo. Muito do que tentou fazer com que eu entendesse era simplesmente impossível de entrar em minha cabeça. E me peguei divagando.

O som de sua voz suave e quase infantil me envolvia e pensei em como havíamos chegado até o casamento. Fiz uma retrospectiva em minha memória a partir do dia em que a havia conhecido, há cerca de sete anos.

Eu me formara há alguns anos e já trabalhava no sítio arqueológico da cidade. Era feriado, dia da Padroeira de Corumbá - como seria no início do próximo mês. Havia, como de costume, uma grande festa, com desfile e música.

Enquanto Carlos e eu nos apertávamos na multidão atrás das barreiras nas calçadas, os VIPs assistiam ao show nos camarotes cobertos. Neles também estavam autoridades do município.

Estava assistindo, animado, ao desfile e às bandas. Passei os olhos pela multidão tentando encontrar um rosto conhecido. Também pelo palanque e pelos camarotes quando encontrei dois olhos escuros presos em mim.

A jovem bonita sorriu timidamente. Nunca a havia visto antes, mas não precisava ser médium para saber quem era. Ao seu lado estava o coronel José Cruz, portanto, aquela só poderia ser sua filha.

Desviei o olhar imediatamente tenso e torcendo para que o fazendeiro não tivesse percebido nada. Não queria passar uma má impressão e me concentrei em continuar assistindo ao evento.

Depois de um tempo já havia me esquecido do ocorrido e comentava o show com Carlos. Senti algum objeto raspando em minha cabeça e ergui a mão para segurá-lo. Era um chapéu e o havia visto em uma cabeça loira.

Eu me virei apenas para confirmar que a filha do coronel tentava chegar até mim para pegar seu acessório de volta. Esperei completamente em choque. Ela se aproximou com o sorriso mais lindo que eu já havia visto.

– Olá - cumprimentara antes de me alcançar. - Meu chapéu voou com a rajada de vento.

Estendi a mão automaticamente para devolvê-lo.

– Obrigada - dissera agarrando o objeto. - Meu nome é Vitória e o seu?

Gaguejei meu próprio nome, tentando inutilmente disfarçar meu desconforto. Para piorar a situação, ela estendera a mão branca de unhas bem feitas para me cumprimentar. Ela queria me tocar! Fiquei paralisado.

Carlos me dera uma cotovelada na costela para trazer de volta meus bons modos. Isso quase me jogara sobre ela. Seu corpo frágil e delicado ficara a apenas alguns centímetros do meu quando finalmente estiquei meu braço e fechei sua mão na minha. Não ousaria um cumprimento

mais íntimo. Sua pele era tão suave que fora difícil me lembrar de soltá-la.

Conversamos sobre a festa por mais alguns minutos antes que Vitória se afastasse, porém, ao se despedir, deixou comigo seu número de telefone. Seus olhos brilharam ao pedir para que eu ligasse.

– Caraca! - exclamara Carlos depois que ela se fora. - O que foi aquilo? A filha do coronel deu em cima de você? Não acredito!

– Pare com isso - respondi sem graça. - Ela apenas está agradecida.

– Sei. E você pretende ligar?

– Claro que não!

Mas liguei. Alguma coisa nela me encantara. E não queria ser grosseiro. Afinal, ela queria que ligasse senão não teria me dado seu número de celular. Não tinha muito jeito com paquera, mas a convidei para sair. Vitória aceitou e fomos jantar em um restaurante conhecido da cidade.

Aquele foi apenas o primeiro de muitos encontros, porque Vitória tomou iniciativa também, assim como na concretização de nosso namoro. Depois de uns meses saindo juntos, me convidou para almoçar na casa dela.

Quase congelei e fui incapaz de responder por alguns segundos, mas acabei indo. Em nossas conversas, Vitória havia dito que seu pai não era tão durão, somente nos negócios, e que estava feliz por ela ter encontrado alguém especial e que também estava ansioso em me conhecer.

O almoço na fazenda terminara em um compromisso oficializado. Saí de lá como namorado de Vitória - nomeado pela boca do próprio coronel. Naquela noite, ela me preparou uma surpresa. Fui encontrá-la em um hotel.

Hoje, toda vez que a toco, me lembro daquela noite. Nossa primeira noite. Vitória fora ousada. Embaixo das roupas usava uma lingerie sexy preta. Ficara linda em contraste com sua pele branca. Parei de respirar enquanto se despi na minha frente. Meu coração batia descompassado, injetando adrenalina em meus músculos.

Não sabia se devíamos e que limites o coronel implicara ao tal namoro. Porém, era inútil tentar resistir. Além do que dizer não ofenderia Vitória. Percebia como ela ficava feliz quando estava comigo.

Nós nos amamos de forma delicada e carinhosa. Foi uma experiência diferente para mim. Até agora eu havia tido algumas experiências momentâneas e sem significado. Já havia namorado antes, mas sentia que com Vitória era diferente. Talvez porque o respeito que tinha por ela era indiretamente provocado por ser filha de quem era.

Não queria misturar as duas coisas, mas era inevitável. E tinha certeza de que a relação foi para frente por isso. Não queria decepcioná-la - implícito: não queria decepcionar o pai dela.

Porém era gratificante ver como ela havia crescido nesses anos. E como nossa relação se solidificou com o passo de tartaruga. Aprendemos a nos entender e conhecer e a nos adaptar um

ao outro em prol da boa convivência.

E agora, enquanto a via falar com doçura e suavidade à organizadora de eventos, sabia que não estava ali por medo do coronel. Estava ali por ela, porque a minha companhia a fazia feliz.

Fiquei feliz também quando constatei essa verdade. Essa era a resposta que tanto precisava para a pergunta: por que estava me casando com tanta pressa? Continuava sem entender o sentimento, porém, a expressão no rosto de minha noiva o traduzia para mim.

Havia prestado atenção suficiente para saber que Vitória havia sido exigente, apesar de educada, e que havia feito boas escolhas. A festa seria um evento grandioso - como tudo que cercava a vida dela. Sinceramente não me importava. Contanto que fosse do jeito que ela sempre sonhou, ficaria satisfeito também.

Vi uma pontada de desespero no olhar da organizadora de casamentos. Ela tinha muito pouco tempo para preparar um grande evento. Vitória a tranquilizou com um cheque em branco - o coronel havia sido generoso o suficiente para dar liberdade à filha com relação aos gastos.

Fomos almoçar juntos enquanto Vitória programava nossa semana. Teríamos muito a discutir e escolher nos próximos dias. Apesar de já estar atrasado para voltar ao trabalho, permiti que ela continuasse falando. O som de sua voz era agradável. Sua alegria me preenchia.

Quando a deixei na fazenda, fiz questão de acompanhá-la até a entrada. Algo revolvía dentro de mim como se quisesse sair, implodir. Assim que cruzamos a porta, a beijei. O clima do casamento estava me influenciando. O beijo não foi apenas uma despedida, me peguei apertando com força o corpo dela contra o meu.

Vitória retribuiu com paixão quase me fazendo perder a noção de onde estávamos e que precisava voltar para o trabalho. Diminuí o ritmo do nosso beijo até que nos afastamos sem fôlego. Mantive-a em meus braços enquanto lhe sussurrava ao ouvido.

– Eu te amo.

Então soube que, o tempo todo, era isso que meu coração queria externar.

– Como ela está?

A expressão de Tamires era de preocupação enquanto estava sentada no sofá agarrada ao seu pijama. Suas mãos se retorciam no tecido de ansiedade.

Marcel era dado ao drama apesar de, no caso, haver motivo para isso. Sentou apático ao lado da cunhada no sofá e demorou vários segundos para responder.

– Um pouco melhor. - Colocando a cabeça entre as mãos, confessou - Não sei o que fazer!

Abraçou o cunhado para lhe dar apoio. Entendia muito bem o que era estar de mãos atadas.

– Já falei para ela não abusar, mas não me ouve! - desabafou Marcel.

– Eu sei - respondeu Tamires. - Ela não ouve ninguém.

Além de Marcel, Suzane também gostava de ser melodramática. Sempre pensava mais nos outros do que em si mesma. Sempre se cobrava a se esforçar mais.

– Achei que quando você estivesse conosco, ela dividiria a vigilância - continuou Marcel.
- Mas ela se acha a única responsável.

– Ela não vê que é a mais fraca de nós - completou Tamires.

Marcel levantou a cabeça sobressaltado.

– Não diga isso a ela. Vai ficar furiosa! - um esboço de sorriso moveu seus lábios muito leve e por meio segundo - Eu achava que se esforçava tanto por minha causa, mas vejo agora que ela simplesmente é assim.

Tamires acariciou os ombros do cunhado grandalhão.

– Sei que estou aqui há pouco tempo, mas já havia percebido isso - disse a cunhada. - Suzane não vai descansar enquanto não encontrar todos eles.

Marcel jogou as mãos para o alto com desespero.

- Isso quando ela consegue - lançou um olhar triste e rápido. - Su nem aguenta mais ficar acordada por muito tempo. Está muito fraca pelo grande esforço. - Fez uma pausa. - Isso começou enquanto procurávamos por você. Aos poucos, suas horas de sono foram aumentando de oito para nove, dez, onze - sua voz denunciava sua angústia. - Agora dorme mais de quinze horas por dia e não vê que precisa reabastecer as baterias antes de continuar tentando.

– As visões funcionam enquanto ela dorme - refletiu Tamires. - Talvez por isso não se preocupe com o esforço redobrado.

– Sim, pode ser - balançou a cabeça. - Não sabemos bem como essas coisas funcionam. E para mim é diferente do que com vocês. Vi você evoluir com rapidez. Acho que Suzane foi despertada precocemente, talvez por isso seus dons sejam tão limitados.

– Não contarei a ela que você disse isso - tentou brincar Tamires. - Acho que você tem toda razão - continuou, agora séria. - Ela não está usando toda a capacidade que tem porque ainda não passou por todos os estágios da transformação. Talvez por isso ainda não tenha descoberto quem está por trás do sumiço da ametista.

Marcel recostou-se no sofá antes de responder.

– Tento explicar isso para Suzane, mas ela acha que é responsável até pelo sumiço da pedra já que não viu o que iria acontecer. Isso está fazendo com que procure por dois alvos ao mesmo tempo, extinguindo assim todas as forças que tem. E a culpa é minha porque cheguei a acusá-la.

– Três, você quer dizer - interrompeu Tamires. - Também não sabemos onde está a

pedra de Lucca.

- Ah, é, verdade - respondeu desanimado. - Já tentei de tudo, Tamires. Quero que ela saía daquele quarto, linda e saudável. O que será de nossa missão se não conseguir ficar em pé no dia do alinhamento?

Tamires franziu o cenho.

- Você só está pensando nessa missão? E a vida dela?

- Não, claro que não - apressou-se em corrigir. - Estou apenas afirmando sobre a incoerência de sua atitude. Ela está se sacrificando pela missão, mas talvez não suporte ver o resultado de seu esforço.

Paralisada com a resposta do cunhado, Tamires nada disse. Pesou suas palavras e elas lhe causaram dor. Marcel tinha razão, de novo. Às vezes parecia jovem e imaturo, porém nas horas mais importantes sempre podia contar com ele.

Sentiu-se culpada também. Marcel amava sua irmã mais do que ela. Não fora capaz de ver o real perigo que Suzane corria. Estava mais preocupada com o marido e a filha que deixara para trás. A melhor amiga que lhe escrevia, frequentemente, com notícias de casa; o pai que perderam tragicamente há pouco tempo, antes mesmo antes de saberem quem ele era; a escolha que havia feito ao seguir Marcel em busca de sua família e de sua origem; o fatídico dia do alinhamento dos planetas, que lhes daria poder e a única chance - em trinta anos - de voltar para casa.

- Marcel - chamou decidida. - Vou falar com ela.

- Ah, boa sorte!

O sarcasmo implícito ofendeu a cunhada.

- Oh, desculpe - corrigiu Marcel. - Sei que sua intenção é boa, porém ela não vai ouvir.

Tamires se ergueu do sofá em um movimento rápido e enquanto caminhava para dentro da casa, respondeu:

- Não custa nada tentar.

PERSEGUIÇÃO

O Museu de História do Pantanal - o Muhpan - abriga mais de oito mil anos de ocupação humana na região. Nasceu com o objetivo de preservar e valorizar a cultura do lugar. Localizado no Edifício Wanderley & Bais em um ponto estratégico de Corumbá, está em frente à praça revitalizada no porto, área tombada pelo Patrimônio Histórico. A arquitetura dos casarões se mistura entre as várias nações latinas do final do século XIX.

No setor de arqueologia do museu encontra-se todo o acervo de artefatos escavados pelos escavadores. Pinturas rupestres, petroglifos - gravuras em baixo relevo -, objetos líticos - rochas e minerais usados como matéria-prima na fabricação de instrumentos e artigos religiosos -, cerâmicas e fósseis da mega fauna, estão entre eles.

A peça mais rara encontrada é a escultura de uma representação feminina apelidada pelos arqueólogos de Vênus Pantaneira. Já a corumbela é o fóssil de vida animal mais antigo do planeta, com quinhentos e sessenta milhões de anos de idade, e foi desenterrada em terras do Pantanal.

Era em cima das raridades que Lucca e sua equipe trabalhavam com afinco nos últimos anos. Porém, até agora, haviam apenas encontrado fragmentos de cerâmicas e pontas de flechas da época da pedra lascada e polida.

No entanto, tinha fé no objeto que estavam escavando no momento. Toda a equipe estava eufórica. O artefato era grande e ainda não dava para identificar como sendo fóssil ou lítico. A régua estratigráfica, que media a profundidade da escavação, dizia que a peça seria de pelo menos dois mil anos atrás. A fogueira a carvão estava sempre acesa para que pudessem fazer o teste de carbono e conferir a datação do objeto imediatamente à extração.

Depois do almoço com Vitória, voltou ao trabalho mais focado. Ele e Carlos estavam concentrados nesse objeto que consideravam prioritário. A esperança de que essa seria a grande descoberta de suas carreiras - ou pelo menos a primeira delas - estava no tamanho do buraco que abriram nas últimas semanas e que, no entanto, ainda não revelava o artefato inteiro. O retângulo tinha mais ou menos cinquenta por vinte e cinco centímetros e os dois trabalhavam nesse formato com o objetivo de identificá-lo.

O restante da equipe estava dividido em dois: a maior parte limpava os resíduos dos objetos desenterrados e os outros trabalhavam em uma escavação paralela, em uma área repleta de objetos de cerâmica. Em outra parte do sítio - abandonada por enquanto, devido a falta de novas descobertas - encontraram lanças da civilização indígena que vivera naquelas terras.

Historiadores da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS - ajudavam a identificar as tribos, através dos períodos.

Estava feliz com a quantidade de profissionais que o sítio arrebatara. Sabia que, além de as descobertas serem importantes entre eles, eram ainda mais para a identidade do povo pantaneiro. Sua origem estava ali, naquele solo úmido, repleto de objetos e inscrições pré-históricas. Além da carga genética que corria em suas veias - e marcava seus rostos e a cor de suas peles -, havia uma história antiga, interligada a própria essência de ser brasileiro, que explicava de onde vieram e para onde estavam indo.

Aquela também era sua própria história - adotada como ele mesmo havia sido.

Apesar de trabalhar com artefatos indígenas praticamente todos os dias, nunca havia interagido com esses povos - à exceção de quando fora encontrado e da outra noite em que se perdera no parque, dois momentos que não entravam em sua lista por motivos óbvios. Nisso, tinha inveja de Viviane Dias, a mulher mais velha no grupo. A historiadora era especialista em comunidades indígenas e realizou inúmeros trabalhos em campo.

Desviou os olhos para ela do outro lado do sítio arqueológico. Aproveitou para descansar e tomar água. Viviane era baixa e robusta, com pernas e braços fortes. Seu rosto arredondado era mais vincado e expressivo que os demais. Apesar da seriedade e calma, sua face também tinha uma doçura característica da paciência e da experiência. Era um rosto que os índios não temiam.

Enquanto a historiadora analisava as peças já limpas, não percebia o olhar analítico do jovem arqueólogo. Lucca pensou na vida de Viviane, seu marido administrador e seus filhos pré-adolescentes, jovens apaixonados por história. Queria saber se ela era feliz. Nunca soube ler suas expressões corretamente. Mas duvidava, sinceramente, que não aprovasse todas as escolhas que fizera: profissão, marido, trabalho e maternidade.

Na sua visão, era o tipo de pessoa realizada. Espelho do que desejava conquistar. E quando olhava para ela, percebia que seu próprio caminho, o rumo que estava seguindo de sua vida levava para o mesmo lugar. E queria isso. Sabia que seria feliz por completo como profissional e homem. E que Vitória estava inclusa nessa rota inevitável.

O rosto moreno da historiadora, que estava curvado sobre a peça de cerâmica repousada entre as mãos, se virou e seus olhos se encontraram. Estremecendo de susto e timidez, o rapaz sorriu e acenou levemente com a cabeça, pronto para voltar ao seu trabalho de escavação. Porém, a mulher deixou o artefato sobre a mesa improvisada - de madeira ressecada e rachada - e caminhou em sua direção. Agachou ao seu lado e verificou o objeto que escavavam misturado a terra antes de falar.

– Hum, este parece um lítico, mas ainda não está identificável.

– Não - respondeu Lucca com a voz baixa -, mas até o final do dia estará.

Viviane continuou com os olhos no material estranho quando voltou a falar.

– O que você acha que pode ser?

Lucca pensou antes de responder. Precisava separar em sua mente o que desejava que fosse e o que poderia realmente ser, mas acabou pendendo para a imaginação.

– Gostaria muito que fosse um artefato religioso. Talvez uma estátua grande, representando algum tipo de divindade.

Viviane concordou com um aceno.

– Também espero - respondeu ela. - Qual o tamanho final que está prevendo?

– Provavelmente perto de um metro de comprimento - não hesitou em responder.

Carlos se intrometeu grosseiramente na conversa.

– Acho que pode ter até mais do que isso e aposto minha vida como deve ser uma representação masculina do divino, talvez Tupã.

Lucca fez uma cara feia para o amigo, porém a reação de Viviane foi diferente. Ela gargalhou. Seu corpo pequeno, porém firme, sacudindo cadenciadamente ao ritmo de sua risada.

– Otimismo - falou por fim. - Gosto disto.

Lucca gostava dessa faceta da historiadora que conhecia desde que entrara para o grupo há dez anos. Nenhuma pessoa da equipe fora tão durável e marcante quanto Viviane. Ela tinha uma presença única, que qualificava a todos. Sem querer, era a líder emocional da equipe, o termômetro espiritual, por sua experiência e história. Todos a admiravam.

Antes de se levantar e se afastar, Viviane deu um tapinha amistoso nas costas do arqueólogo e lançou um sorriso para Carlos. O clima no trabalho não poderia ser melhor. Estavam muito animados e motivados devido a possível descoberta. A sensação pairava no ar como uma neblina densa, praticamente palpável e contagiante. Voltando a concentração ao trabalho, o grupo não viu a tarde passar pelo céu azul, com poucas nuvens brancas.

O fim do dia pintou o céu e a flora com outros tons de azul e verde. Era um espetáculo que não me cava de assistir; apesar de não ser comum trabalharmos até o sol se pôr. A iluminação era precária e poderíamos danificar o objeto devido a pouca visibilidade.

Lanternas foram improvisadas como lâmpadas - humanos como postes - e outras mãos se juntaram às nossas - às de Carlos e às minhas - para finalizarmos aquele pequeno trecho do já visível lítico que se revelou aos poucos durante a tarde.

A terra ainda era abundante, porém o cinza da rocha destoava aqui e ali onde o pincel conseguiu realizar uma primeira limpeza superficial. A peça realmente tinha a largura da cavidade que abrimos ao seu redor.

A euforia dominou o grupo enquanto alguns ajudavam na escavação, outros iluminavam e

observavam, e ainda outros limpavam como era possível. Queríamos identificar o artefato a qualquer custo ainda naquele dia.

O formato mudava pouco, ao revelarmos mais do objeto. Parecia uma peça só, parte côncava, parte reta. Não era possível dizer o que aquele artefato representava.

Mesmo assim, continuamos cavando na esperança de sabermos mais. O pôr do sol mudou completamente a cor do céu no horizonte, tornando-o laranja vivo e quente, e a fauna refletiu seu dourado sobre o verde escuro.

Em poucos minutos, rápido demais para que pudéssemos terminar, o entardecer deu lugar à noite e inúmeros pontos de luz brilharam no céu ao redor da lua cheia. Aquele espetáculo era novo, mas eu estava frustrado demais para continuar contemplando sua beleza.

– Chega, Lucca, não temos iluminação suficiente para continuar sem riscos - determinou Carlos, já se afastando do vão na terra.

Eu me debrucei abatido sobre a abertura, infeliz por não ter alcançado meu objetivo. As ferramentas de trabalho abandonadas ao redor de meu corpo eram tão inúteis quanto eu mesmo. Uma mão pousou sobre meu ombro e não ergui os olhos para verificar quem era.

– Não desanime, Lucca - era a voz firme e gentil de Viviane. - Em breve o objeto se mostrará para nós.

Eu me ergui, o gesto brusco retirou a mão delicada do meu corpo.

– A partir de amanhã, quero a maior parte da equipe trabalhando aqui.

Observei cada rosto sob a luz fraca e amarela, parte das faces escondidas pela sombra. Apesar da pouca visibilidade, podia sentir o clima de excitação se esvaindo do grupo e continuei.

– Focaremos neste artefato e deixaremos os objetos menores para depois desta descoberta. Ainda não sabemos o tamanho dele, portanto, escavaremos em cima do previsto. Em alguns dias, poderemos dizer do que se trata e então esta poderá ser nossa maior descoberta até agora.

A equipe pareceu mais animada ao se despedir e se separar pouco a pouco pelo parque. Fiquei agachado perto da cavidade na terra, talvez esperando um milagre. Minha mente estava vazia.

Carlos se aproximou antes que todos fossem embora.

– Vamos, Lucca?

Sem olhar para meu amigo, respondi.

– Vou ficar mais um pouco. Se não quiser me esperar, pode pegar carona com outra pessoa.

– Ah! - suspirou. - Tudo bem, até amanhã.

Respondi com o aceno e pensei na atitude de meu amigo. Sabia quando eu desejava ficar sozinho e por isso colaborou com a minha privacidade. Continuei olhando para a terra escavada

enquanto o burburinho de vozes diminuía ao meu redor, sem nunca cessar. Outros sons acompanhavam as vozes. Os pneus esmagando as pedras e a grama do parque enquanto se dirigiam a saída. A borracha na estrada. O ronco do motor.

A fauna ganhou vida ao meu redor e apenas continuei ouvindo, os olhos grudados no material lítico não identificado. Insetos, algumas aves, roedores, o som do rio Paraguai, os jacarés se movendo na água, os peixes saltando. Vida e morte lado a lado no Pantanal.

Trabalhava com a morte no centro da vida no Mato Grosso do Sul. E me orgulhava disso. Porque, com ele, podia dizer de forma científica e histórica qual a origem do povo pantaneiro.

Um som diferente chamou minha atenção. Passos. Porém antes que me virasse para procurar, o som desapareceu. Ainda sabia de onde vinha e busquei, através das sombras, vestígios de formas que eu reconhecesse.

Percebi - espantado e ao mesmo tempo maravilhado - que não tive dificuldades de ver no escuro. Somente a lua banhava, com seu brilho prateado, algumas áreas do parque entre as folhas das copas.

A algum tempo percebi que algumas limitações humanas me abandonaram. Primeiro com a audição. Agora com a visão. Era admirável e fascinante e a imagem de um super-herói de quadrinhos veio a minha mente de novo.

Ri com a comparação ilusória e inevitável. Não era nada lógico - tampouco saudável - me comparar com heróis de gibis. Afastei a imagem da minha cabeça no mesmo instante que voltava meus olhos para o vulto cinzento quase escondido na abertura da terra aos meus pés.

Aquela era minha realidade. Eu era Lucca Gonçalves, arqueólogo e chefe da equipe do sítio em Corumbá, filho do médico Edgar e da dona-de-casa Isabel, noivo de Vitória e me casaria em apenas doze dias.

Engoli em seco. Os pensamentos me guiando irremediavelmente para minha futura - e nada longínqua - vida de casado.

Suspirei resignado. Já havia aceitado meu destino. Amanhã seria um novo dia de preparativos apressados. Pensar em meu casamento me fez lembrar de Vitória. E, conseqüentemente, de minha casa. Já havia passado da hora de partir.

Apressando meu pensamento, meu estômago roncou e pensei na comida caseira de minha mãe. Doe mais forte dessa vez e me motivou a me mover mais depressa.

Enquanto caminhava até meu carro, o som de passos mais uma vez ecoou e agora muito perto, à direita. Parecia que estavam me seguindo. Virei-me, instintivamente, para a direção do som, percebendo, no mesmo instante, um vulto entre as árvores.

Meus olhos se adaptavam a pouca luz naquela região, meus pés se viraram na direção da sombra ao mesmo tempo em que eu identificava outro olhar na escuridão.

No segundo seguinte duas coisas aconteceram ao mesmo tempo. Uma luz forte e ofuscante surgiu abaixo dos olhos que me encaravam no escuro, iluminando o rosto da índia que eu achava que na sexta-feira. E de repente sumiu e os sons de passadas largas e rápidas ecoaram nos meus ouvidos.

Demorei mais um segundo para entender que não era um fantasma. Podia ouvir os ecos abafados dos passos na terra fofa enquanto a pessoa fugia em disparada.

No outro segundo, fiz minhas próprias pernas se moverem e seguir o som que denunciava o caminho que devia percorrer. Não sabia bem o que faria. Não sabia se era perigoso seguir aquela índia, mas simplesmente o fiz.

Corria evitando os troncos das árvores e os galhos baixos, pensei que não era perigoso, porque se essa índia quisesse me matar, já teria feito há três dias.

Depois questionei porque a estava perseguindo. Bem, era a segunda vez que a via no parque e queria saber o que ela fazia ali e porque realizara um tipo de ritual comigo. Até onde sabia sobre povos indígenas, aquela região não era mais habitada por nenhuma tribo.

E outra: estava curioso. O que era aquela luz? De que povo ela seria? Qual seria seu nome - e seu significado? Qual seria sua história? Seria de uma tribo desconhecida - com índios, nunca se sabia - ou de alguma reserva? Totalmente selvagem ou instruída?

Não estava atento ao caminho. Minha mente focada nas milhares de perguntas que era capaz de formular. Meu corpo se movia no automático, a força de meus pés e músculos impulsionando meu tronco - com a ajuda de meus braços - sempre em frente.

Os verdes difusos eram sombras negras que pairavam sobre mim. Pareceriam assustadores na minha infância. Porém, agora, era apenas um teto que me separava das estrelas. De vez em quando um filete de luz da lua se infiltrava entre as copas teimando contra a escuridão.

Mas não estava tão escuro assim que não houvesse forma que não pudesse identificar. A alguns passos estava o vulto esbelto da índia. Seus cabelos escuros como a própria noite chicoteavam o ar atrás dela. Não olhou para trás, mas devia saber que a estava seguindo.

Abruptamente, fez uma curva à esquerda. Ao alcançar o local, com apenas três passadas largas, não a vi. Parei quase caindo ao chão e balancei a cabeça apressadamente ao redor ansioso em encontrar seu rastro.

O silêncio dominou meus sentidos. A fauna imóvel era minha única visão.

Hesitei, parado ali, meu corpo girando em seu próprio eixo trezentos e sessenta graus a fim de encontrá-la. A própria floresta emitindo na noite seus sons peculiares.

Voltei para a direção em que a tinha visto pela última vez. Talvez fosse uma armadilha afinal, e estava sendo ingênuo o bastante para segui-la. Mas não havia índios canibais ou guerreiros no Brasil. Não tinha o que temer.

Dei um passo, cauteloso, na direção em que a índia desaparecera. Um grande galho

tampava a passagem. Não me lembrava de ter ouvido o som de folhas se movendo.

Ergui lentamente, esperando talvez encontrar uma tribo indígena inteira, armada com flechas apontando-as ameaçadoras para mim. Afastei a ideia de imediato da cabeça e dei um passo sob as folhas que segurava.

Uma forma gigantesca se desenhava disforme contra o céu em seu tom cinza escuro quase oculto pelo azul marinho da noite. Esquecera-me que existia ali no parque e que já havíamos feito grandes descobertas nela.

Era uma rocha cinco vezes maior do que eu na altura e, na largura, provavelmente dez. Fiquei parado, atônito, incapaz de me mover ou de pensar. A forma enorme e imóvel como eu, demonstrava muito mais sobriedade.

À minha altura havia um tom mais escuro no cinza. Mais negro. Dei um passo tentando, com minha visão aguçada, identificar o por que da diferença. E não precisei de mais nada para entender.

Era uma gruta. Seduzido pela lembrança - talvez mais excitante do que minha escavação de hoje - caminhei rumo ao interior da caverna - escuro, úmido e sombrio - sem ao menos pensar em levar comigo uma lanterna.

ÔNIX

Apesar da escuridão, enxergava a minha volta o suficiente para não tropeçar. Porém ainda podia ser surpreendido por alguém - ou muitos - escondido atrás das estalagmites. A adrenalina pulsava em minhas veias e me impulsionava a continuar andando.

Não estava com medo, apenas um pouco apreensivo com o que encontraria na caverna. Havia muito silêncio, a não ser pelos pingos constantes de carbonato de cálcio dissolvido pela água que escorria do teto através das estalactites.

Não entendia, mas a reconhecia. Aquela mesma força que me puxara ao parque no dia do meu fracassado noivado estava me guiando agora pela caverna. A sensação era de estabilidade emocional e alegria. Uma névoa de alto-astral e bom humor me envolvia sutilmente. Todo estresse e tensão nervosa evaporaram.

Os pensamentos negativos se foram. Pensei na índia e em quanto poderia tê-la assustado com minha atitude. Sorri para mim mesmo. Ela devia estar com medo de mim, por isso fugira. Persegui-la dessa forma fora insensato. Tinha que fazer alguma coisa para remediar o mal-entendido.

– Olá - chamei, minha voz se multiplicando em ecos na extensão do buraco. - Não vou machucá-la.

Esperei até que a última palavra se dissolvesse na escuridão. Meus passos ainda mais cautelosos na expectativa de uma resposta, um som, qualquer coisa. Plim, plim, plim. Somente o som das gotas quebrava o silêncio. A energia mística me convidava a prosseguir.

Irresistivelmente continuei andando respaldado pelo escuro que me cercava. Apesar de não acreditar que necessitasse de alguma segurança, me senti feliz com a escuridão que me escondia da índia. Existia algum conforto em ser invisível quando você estava disposto a enfrentar o desconhecido.

Tentei uma recepção amistosa mais uma vez.

– Está tudo bem - falei alto e com a voz mais calma possível. - Só gostaria de conversar com você.

Pelo pouco que conhecia sobre os indígenas, sabia que a maioria das tribos conhecidas e cadastradas pela FUNAI - Fundação Nacional do Índio - eram alfabetizadas em português. Havia uma pequena chance daquela índia não ser instruída. O que daria para que Viviane estivesse comigo agora. Só de vê-la saberia identificar sua tribo e poderia tentar vários tipos de comunicação em dialetos tupi-guarani.

Além disso, a historiadora era semelhante de muitas maneiras com a jovem índia. A cor da pele, os olhos oblíquos, os lábios carnudos. Também era mulher e, provavelmente, a índia se sentiria à vontade ao lado dela. Eu era uma aberração, um alienígena nessas terras alagadas e amadeiradas.

Estaquei no mesmo momento em que pensei em mim e na minha cor de pele, olhos e cabelos. Talvez fosse mesmo, aos olhos da ingênua índia, um branco que representasse perigo. Era melhor não insistir com isso e voltar para casa.

Meu estômago roncou alto e o som se propagou na escuridão da caverna. Eu me encolhi, apertando com força a barriga, tentando, inutilmente, abafá-lo.

Foi nesse momento que outro barulho, oco, me chamou a atenção. Inalei rápido o ar, porém com o menor ruído possível tentando identificá-lo. Era uma risada, provavelmente sufocada com a mão. A índia estava rindo de mim. Fiquei paralisado tentando desviar minha atenção dos ecos para o som real.

Abruptamente, a risada foi interrompida. Percebi passos leves se movendo um pouco a frente. Ela estava muito perto. Talvez escondida atrás de uma pedra grande. Esperei que seu vulto entrasse em meu campo de visão antes de me mover novamente.

Porém, não foi sua sombra que indicou onde estava. Uma luz incandescente se acendeu naquele instante fazendo meus olhos piscarem aturdidos. Era como um sol, escondido por uma nuvem - representada na caverna pela rocha onde a índia estava encoberta. A fascinação me impulsionou a encontrá-la.

A índia ficou em pé, provavelmente percebendo que era inútil continuar com aquela brincadeira de esconde-esconde, seu rosto muito nítido - pela primeira vez - sobre a luz forte que vinha de seu seio e pela proximidade. O silêncio quebrado por meus passos lentos em sua direção enquanto ela me encarava aflita, a luz sobre seu peito subindo e descendo ao ritmo frenético de seu coração.

Sorri amistoso. Meus olhos presos naquela luz que me chamava com insistência. Ansiei tomá-la em minhas mãos, mas seria palpável? O que era a origem daquela força? Quando estava a apenas um passo dela, a luz nos deixou no escuro. Estaquei novamente, quase tonto com o feitiço que me encantava.

Antes cego pela luz, agora podia olhar os contornos da índia. Suas formas fortes e robustas. Suas vestimentas típicas. Seus cabelos compridos e a franja curta na testa larga. Os olhos profundos arregalados, poços de ansiedade. Sob seu queixo, um cordão escuro e grosso de onde pendia uma pedra negra e brilhante. Ela estava bem no ponto de luz que se dissolvera com minha aproximação.

Ainda não sabia se estava sonhando, delirando ou de fato acontecera. Procurei minha voz nas profundezas de minha garganta seca e tentei mais um meio de me comunicar com a estranha.

– *O que foi aquilo? - o espanto nítido no tom de minha voz.*

A índia agarrou com o punho fechado a pedra na mão.

– *Itaúna.*

Fiquei surpreso que tivesse me entendido - apesar de ser possível. Porém, por que não me respondeu em português? Meus olhos vagando direto para a dívida.

– *Pedra preta - esclareceu a indígena.*

Estranho como seu sotaque era diferente, com sutileza, nas duas línguas. De qualquer maneira, sua voz era suave e melodiosa. Não havia real medo, apenas um pouco de receio. Estivemos temerosos de assustar um ao outro. Sorri de volta com vontade de dar mais um passo e estender minha mão. Mas não sabia como os índios se cumprimentavam.

Ainda assim, dei mais um passo em sua direção e meus olhos puderem ver melhor a pedra entre seus dedos. Vi seu formato bruto e negro com nitidez e linhas suaves brancas espaçadas. Reconheci o quartzo.

– *Ônix - murmurei entre um suspiro.*

Uma onda de prazer me dominou enquanto absorvia sua identidade. Era a mesma pedra do anel que comprara - e perdera - para Vitória. De alguma maneira, ela me escolheu. E agora me atraía novamente, me fazia pairar ao seu redor.

A índia apertou a gema entre os dedos.

– *Ônix - repetiu a palavra.*

Concluí que era nova para ela. Tentei seguir essa linha de comunicação. Apontei para meu próprio peito e me apresentei.

– *Lucca. - Em seguida apontei para seu rosto e perguntei. - E você?*

Sua cabeça pendeu levemente para o lado antes que ela falasse.

– *Mainá. - E apontando para mim, a índia acrescentou. - Raira Ibi. - Fez uma pausa esperando minha resposta, mas meu rosto estava ansioso. O que significava o nome indígena que ela me dera? Explicou em seguida. - Filho da Terra.*

Antes que eu pudesse absorver suas palavras e seu significado, Mainá se curvou no chão de pedra, ajoelhando-se e escondendo seu rosto de meus olhos. Estava me movendo para erguê-la quando seu olhar encontrou o meu novamente e ela completou seu pensamento, seu rosto envolto em uma assombrada adoração.

– *Mainá, sua serva.*

Demorei vários minutos para reagir a sua submissão, compreendê-la e formular uma resposta coerente. Avancei um passo a fim de alcançá-la e tentei erguê-la de sua prostração sem ofendê-la.

– *Por que está se curvando? O que quer dizer com 'Filho da Terra' e 'serva'? - perguntei*

enquanto nossos olhos estavam nivelados, nossos corpos ainda curvados. - Nem te conheço.

Vi seus olhos oblíquos Mainá piscarem aturdidos e percebi alguma ponta de tristeza - ou seria decepção? - no segundo antes de os desviar novamente. Quase me senti órfão. Meu coração palpitou em busca de seu olhar tão significativo e carregado de emoções.

Mainá se soltou de minhas mãos quase dolorosamente, sem pressa. Permiti e procurei traduzir sua expressão corporal. Ficou parada diante de mim, a um braço de distância, seus olhos profundos voltando-se para os meus com uma segurança e determinação que não estavam ali antes. O queixo erguido em desafio diante de meu rosto.

- Respondendo suas perguntas - disse a índia com uma eloquência digna de uma pessoa letrada; conseqüentemente me senti envergonhado -, você é a promessa de redenção que ouço em minha tribo desde que nasci. - Procurou a pedra mais próxima para se sentar, seu rosto envolto em sombras escondia seus olhos de mim. - Meu povo se denomina como Pai-Tavyterã (saudados no paraíso como os futuros habitantes do centro da terra seria mais ou menos a tradução), mas os brasileiros nos chamam de Kadiwéus. Vivemos na reserva de Amambaí, entre Corumbá e Porto Murtinho.

Conhecia, quer dizer; já ouvira falar daquela tribo e daquela reserva. Ficava há uns cinquenta quilômetros daqui, se pegasse a estrada. Mas para chegar lá não havia caminhos asfaltados e fáceis. Eram estradas de terra, muitas vezes parte dela tomada pela mata, mas eu sabia que parte do caminho valia a pena seguir pelo rio Paraguai. Principalmente a descida até Corumbá.

Observei um vulto comprido e estreito atrás da pedra onde Mainá se recostara e logo reconheci uma canoa indígena, seus traços pouco curvilíneos e retos nas pontas denunciavam que estava certo. Sorri enquanto ouvia sua voz profunda e melodiosa prosseguir a narrativa.

- Os espíritos falaram com o pajé Unai sobre um menino-deus que nasceria da terra. - Mesmo a distância, pude sentir a profundidade do olhar que Mainá me lançou. - Ele seria filho de Tupã e teria poderes sobre os elementos para proteger sua mãe, nossa Mãe Terra, contra um mal maior do que o homem branco.

Fez uma pausa como se decidisse se deveria continuar falando ou não. Não demorou muito para decidir continuar.

- E esse deus profético é você, Lucca.

Ela sorriu. Seu sorriso confortável e, até adorável, em sua insana devoção. Não me temia, ao contrário, confiava em mim.

- E como você sabe que essa pessoa sou eu? - respondi depois de um momento. - Suponho que esse deus não teria que nascer em sua tribo?

A índia deu um passo firme em minha direção novamente, deixando um espaço muito pequeno entre nossos corpos. Uma de suas mãos agarrava com força a pedra pendurada entre

seus pequenos seios.

– Unai disse que não teríamos este privilégio. Que o Filho da Terra seria branco e andaria entre eles e que ele não nasceria neste mundo. Os espíritos disseram que o deus seria cuspidado pela terra.

Dei um passo para trás instintivo. O que estava me dizendo?

– Você não sabe de onde veio, não é, Lucca? - retrucou a índia, um sorriso de satisfação em seus grandes lábios. - Você simplesmente apareceu na mata, não foi?

A lembrança do verde e do medo me tomou com violência por apenas um segundo. Meus breves dois anos de existência apagados de minha memória. Porém, me lembrava de tudo a partir daquele dia perdido na mata alagada.

Também me recordei da pequena índia que havia me encontrado e quase expressei em voz alta minha desconfiança de que Mainá fosse ela. Porém, os índios eram muito parecidos para que eu pudesse fazer tal distinção. E havia mais uma diferença. Aquela indiazinha estava acompanhada por um índio mais velho, adolescente. Talvez seu irmão.

– Mas... - abri minha boca para protestar e ao mesmo tempo afastar aquelas lembranças inadequadas, mas Mainá me interrompeu.

– O pajé também disse que eu saberia identificá-lo porque a pedra preta, ônix, o reconheceria.

Mainá não precisava acrescentar que aquela pedra havia acendido. Vira com meus próprios olhos. Mas não compreendia o que queria me dizer. Ela realmente esperava que acreditasse em lendas indígenas? Não, não podia ser verdade. Tinha que trazer de volta minha razão.

– Tudo bem, Mainá. - falei dando mais um passo atrás. - Respeito suas crenças e jamais zombarei delas, mas não pode me pedir que creia.

Não seria grosseiro - apesar da vontade de lhe perguntar sobre o truque da pedra que se iluminava - e desmoralizar abertamente suas lendas. Devia me virar e ir embora. Esquecer para sempre do que havia visto e ouvido ali, mas não podia. Alguma força me enraizara ao chão, melhor, os olhos profundos de Mainá me prenderam.

Vi inúmeras emoções passarem em seu rosto antes que reagisse. Em todas elas me segurei para não dar um passo a frente e confortá-la. O que estava havendo comigo?

Porém, Mainá não disse nada quando voltou à serenidade de antes. Deu um passo a frente e libertou a pedra do aperto firme de sua mão. Meus olhos dançaram entre a prisão de seus olhos chocolate e o ônix repousado em seu corpo. Sua mão quente e suave tocou meu rosto. O que ela pretendia? Segurei a respiração em um suspiro curto.

Mainá ficou acariciando, com lentidão e adoração, os traços fortes e definidos de minha

face. Analisou a textura do meu cabelo. Afagou meus cílios tão levemente que fez cócegas. Seus dedos fizeram o contorno de minha boca muito fina em comparação com seus lábios carnudos. Não conseguia me mexer.

– Você é lindo como um deus, Lucca.

O rastro quente que ficou em minha pele, por onde seus dedos passaram, se dissolveu assim que Mainá abaixou a mão resignada. Cedo demais, pensei enquanto ela caminhava de volta para seu lugar na rocha. Fiquei arrasado por decepcioná-la, mas como poderia assumir um papel que era loucura? Por mais que ela acreditasse que aquela lenda realmente se concretizava em mim, como poderia me transformar no que ela desejava?

Eu era um arqueólogo, um pesquisador. Lidava com fatos concretos. Objetos, histórias, ou qualquer coisa material que provasse, cientificamente, que algo existiu. E seguira essa carreira porque era racional por natureza. Não sabia lidar com emoções, muito menos com histórias imaginárias. Nunca fui fã de contos de fadas, mesmo na mais tenra idade. Sempre gostei de realismo.

Porém, aquela índia era real. Podia vê-la e senti-la. Era de uma tribo que existia, descendente de outra que conhecia devido ao trabalho de escavações naquele mesmo sítio. Isso podia aceitar e compreender.

– Entendo que ainda não esteja pronto para o seu chamado.

A voz de Mainá cortou meus pensamentos como uma faca. Esperei que continuasse. Somente nesse momento percebi que minhas mãos tremiam de expectativa e ansiedade.

– Mas em breve, muito em breve, estará.

Finalizou a frase e a deixou morrer no eco que a propagou. Ficamos assim, nossos olhares presos um no outro. Eu era incapaz de responder, mas também não conseguia ir embora. A gravidade da terra girava em torno daquela índia agora e me puxava. Enquanto caminhava em sua direção, ao invés de correr para a saída, ela falou novamente, em tom de confissão.

– Lucca, tenho que acrescentar uma coisa antes que me tenha como louca e nunca mais queira falar comigo - sua voz suave cicou em meus ouvidos. - Sou aquela pequena índia que te encontrou há trinta anos.

– Hoje é um grande dia!

Marcel estava eufórico quando encontrou Tamires na sala da grande casa.

Estava enfadada. Sabia que era por causa da ansiedade em fazer alguma coisa. Desde que encontraram Lucca não conseguia segurar a vontade de sair por aquela porta e ir para Corumbá, mas seu cunhado pentelho e sua frágil irmã caçula estavam irredutíveis.

Quando Suzane se juntou para o lado de Marcel, Tamires se sentiu traída. Até então, estivera escutando os dois lados, remediando aqui e ali para que a harmonia retornasse à casa. E

agora se sentia muito sozinha.

Conversar com Suzane para que ela deixasse de se sacrificar pelos outros fora totalmente inútil - e talvez até tenha piorado as condições da moça - bem que Marcel avisara. Ela simplesmente conseguia ser mais teimosa do que a irmã mais velha - e olha que a ruiva sabia muito bem como bater o pé.

Suzane era pior. Não havia como, fisicamente, fazer qualquer coisa para impedi-la do sacrifício. Só podiam tentar mesmo a persuasão e essa falhara. O outro ponto que aborrecia demais Tamires era o fato de que Marcel e sua irmã viviam brigando e quando achava que devia - ou o cunhado solicitava - intervir, sempre se frustrava. Ou pela estupidez de Marcel ou pela reconciliação imediata e repentina de Suzane.

Simplificando, não entendia aqueles dois. O humor deles oscilava da alegria imensa a gritaria histérica de um momento para o outro e nesses instantes sentia incrível saudade dos seus, há quilômetros de distância de onde estava.

Por isso, quando Marcel entrou na sala, dessa vez com uma alegria saltitante, nem se abalou. Apenas esperou que falasse, já que não esperaria deixa para fazê-lo mesmo.

– Achamos a pedra.

Deu um salto do sofá. Uma novidade boa - apesar do sacrifício de Suzane. E não viu remorso ou pesar no olhar do cunhado. Antes que pudesse expressar sua raiva, Marcel continuou distraído pela descoberta.

– Está com uma índia. Ela esteve vigiando Lucca nos últimos dias e hoje ele a encontrou no parque onde trabalha. - Fez uma pausa com uma interrogação na face. - Ela contou uma lenda da tribo dela estranha, mas eu te conto depois. - Vendo sua curiosidade, continuou. - Está começando, Tamires. Não demora muito mais agora.

A ruiva voltou a se sentar no sofá esperando a boa vontade do cunhado em dividir os detalhes das informações que trazia.

– Amanhã será a próxima etapa.

E vendo o sorriso de satisfação no rosto do loiro, se curvou com ansiosa atenção para ouvi-lo.

PENSAMENTOS

Deixar Mainá na noite anterior foi a coisa mais difícil que fiz. Seus olhos profundos e sorridentes voltados para mim quando me fizeram a última revelação. Eu contava os minutos para reencontrá-la e pedir seu perdão. Meu estado de espírito estava mais agitado e calado do que nunca.

– O que está acontecendo? - perguntou Carlos poucos segundos depois de entrar em meu carro.

Eu o olhei espantado. O que meu rosto estaria denunciando?

– Nada, por quê?

Ele me olhou por algum tempo antes de responder. Um nó se formou em minha garganta, impedindo-me de respirar.

– Tem alguma coisa diferente em você.

Ri tentando parecer à vontade, lutando para esconder minhas emoções.

– É mesmo? - A jogada era desacreditá-lo. - E o que seria?

Meu melhor amigo não ficou feliz com meu tom, porém continuou sua análise assim mesmo.

– Não sei bem, mas é como se você tivesse se excedendo. - Fiz uma careta enquanto abria a boca para discordar, mas Carlos não deixou. - Não é essa a palavra, droga! - Permiti que ele pensasse em seu tempo, meu coração disparado; concentrei-me em contar suas batidas: um, dois, três ... dez, onze ... dezessete batimentos depois. - Bem, isso vai ser esquisito de dizer, mas você tem algo fluindo de você. Como uma energia, poderosa e invisível.

Estiquei meu braço e toquei seu ombro. Fiz um som com a boca simulando uma descarga elétrica.

– Doe? - perguntei já rindo antes de esperar sua resposta.

Carlos, sempre o bem-humorado de nós dois - e quem sabe da cidade toda - não gostou da minha brincadeira. Continuei rindo até que a risada se dissolveu sozinha. Vi o canto da boca do meu amigo se curvar para cima.

– Está vendo, é disso que estou falando. Quem é você afinal e o que fez com meu 'todo certinho' melhor amigo?

Não respondi. Apenas encarei seus olhos. Uma vozinha baixa, mas nítida, sussurrou em meu ouvido: Você está mudando, Lucca, e para melhor. Podia jurar que a voz era igualzinha a de Carlos.

Deixei as palavras se encaixarem em minha cabeça racional enquanto mantinha os olhos

no caminho. Engraçado, que apesar de não fazerem sentido lógico, meu corpo entendeu cada uma delas.

As sensações que revolviam dentro dele me pareciam mesmo como uma energia, uma força viva e pulsante. Quase percebia que seus tentáculos corriam em meu sangue, sutil e delicadamente, como se estivessem em casa, como se fizessem parte desse corpo desde sempre.

Quase sentia a diferença nos meus músculos, interligados sobre os ossos, sua força se multiplicando a cada segundo. Eu me lembrava da minha imagem no espelho essa manhã - sempre tão repugnante para mim - agora bela. Via força - não fraqueza - na cor branca e firme da minha pele, no formato anguloso de meu rosto, na altivez de meu nariz, nas linhas finas de meus lábios.

Meus olhos verde olíva podiam ver tão longe quanto uma águia. Meus ouvidos podiam escutar tão distante quanto um tubarão. Minhas pernas podiam correr tanto quanto um guepardo. Meus braços tinham a força da mandíbula de um leão. E podia enxergar tão bem no escuro como um morcego ou uma coruja.

Fato comprovado. Havia corrido ontem à noite da caverna de Mainá. Cheguei ao meu carro em dois segundos contados. Sabia do que era capaz fisicamente e apesar de ser verdade, minha mente não compreendia. A índia havia me chamado de deus. Seria mesmo possível que eu fosse?

Deixei as perguntas - sem respostas - de lado e me foquei no trabalho. As escovações, com grande parte da equipe, avançaram durante a manhã.

Na hora do almoço, levei Vitória ao restaurante de encontro com a organizadora de casamentos, que nos aguardava sentada a uma mesa mais afastada das demais. Mal se cumprimentaram e as duas passaram o restante da hora falando sobre os pormenores.

Minha mente teve caminho livre para divagar. Sob a mesa flexionava os dedos da mão apoiada sobre minha coxa. Permiti que todas as novas sensações físicas fluissem enquanto as sentia. Meus dedos pareciam garras, seus tendões firmes e rijos. Podia sentir a textura de cada parte orgânica que os compunham. Sua força seria indestrutível e infalível? Acreditava que sim.

Era bom. Era muito bom me sentir forte. Ter consciência disso me deixou - pela primeira vez em trinta anos - feliz comigo mesmo. Era másculo. Não com aqueles frágeis e superficiais músculos que conquistara com anos de exercícios físicos. Era homem, moldado com perfeição, definido pela natureza que me dera uma essência especial e única.

O que desencadeara essa nova percepção? Minha vida era normal até sexta-feira. Meu Deus! Sexta, o parque, Mainá, a pedra! Será?

Na minha confusão desviei os olhos de um ponto longínquo qualquer e foquei no rosto alegre de minha noiva. Não estava falando, nem havia percebido quando a conversa entre ela e a profissional terminara. Sorri sem jeito, como me desculpando.

Foi então que pensei ter ouvido sua voz, muito suave e muito próxima. Lucca está muito

estranho esses dias. Será que não está feliz com nosso casamento? *Mas seus lábios não se abriam. Em choque, foquei direto em seus olhos, tentando entender o que estava acontecendo. O que está havendo com ele? Está tão distante.*

Não dava mais. Não queria continuar ouvindo sua voz questionando minhas atitudes, mas não sabia o que fazer. Desviei os olhos e foquei minha energia no prato de comida que mal havia tocado. Fiquei encolhido esperando que sua voz - muda, isso mesmo, ela não estava falando comigo, mas consigo mesma - voltasse a se fazer ouvir novamente.

O silêncio foi total, a não ser pelo tilintar dos talheres na porcelana, das conversas animadas ao nosso redor, da música ambiente, do sino da cozinha anunciando que um prato estava pronto para ser servido. Os sons normais de um restaurante. Suspirei aliviado.

– Gostaria de copos de leite.

Eu me sobressaltei ao ouvir novamente a voz de Vitória, mas ela não estava sussurrada como antes. Era nítida, alta e vinha da direção em que estava sentada. O suspiro escapou de meus lábios entreabertos com um silvo baixo.

– Algum problema, Lucca?

Seus olhos escuros repuxados em um sorriso tranquilo - até demais para o meu gosto - me pareciam falsos. Estranho. Agora estou começando a ficar preocupada. Sua voz cochichou em meu ouvido de novo. Paralisado, continuei ouvindo, meus olhos nos dela. Ele realmente deve estar indeciso. Papai apressou muito as coisas.

Engoli em seco e resolvi responder, tomando cuidado para não me dirigir àquela voz imaginária.

– Está tudo bem - acabei respondendo para ambas.

Desviei meus olhos para a organizadora de eventos, que assistia minhas reações em silêncio. Ele não parece bem, esteve distante o tempo todo. Acho que o coronel o está forçando a se casar com Vitória. Será que ela está grávida? A voz mudou, era igualzinha a da organizadora, e quase derrubei a cadeira quando me levantei de uma vez só.

O que estava acontecendo comigo? Agora ouvia vozes? Há um minuto estava orgulhoso das mudanças em meu corpo, porém minha mente adoecia. Estava ficando louco. Com a cabeça abaixada, procurei a saída do restaurante sem ver o caminho e acabei esbarrando em um garçom.

– Desculpe - disse enquanto olhava rapidamente nos olhos da pessoa.

Não olha por onde anda? Outra voz sussurrada 'berrou' comigo antes que ouvisse a resposta do garçom.

– Tudo bem, senhor.

Era a mesma voz! Parei no mesmo instante, esperando, mas não ouvi mais nada. Virei meu corpo de volta para a mesa onde estivera sentado e encarei uma mulher que passava por

mim. Nossa, que homem lindo! E essa voz suspirou. Eu me resignei em ouvi-la enquanto a moça sorria para mim.

– Olá, gato - sua voz igual a que me falara a pouco.

Eu a acompanhei com o olhar, incapaz de me mover nem responder. Era bonita, mas não uma beldade. Tinha um corpo que chamava mais atenção do que seu rosto, já que estava envolto em uma roupa muito apertada e curta. Parte - mais correto dizer muitas partes - de sua pele morena exposta com sensualidade. Ela sumiu pela entrada do banheiro feminino.

Ouvi um baque surdo seguido de um gritinho. Pela minha visão periférica vi a organizadora de eventos se levantar de sua cadeira em direção a de Vitória, que estava vazia. Onde ela fora?

– Vitória! - exclamou a organizadora.

Virei meu rosto para ver a cena mais aterrorizante da minha vida. Ela estava estendida no chão, desacordada. Seu rosto pálido contra o piso frio do restaurante. Uma pequena mancha vermelha na raiz de seu cabelo loiro e claro. Gemi e corri, humanamente, até alcançá-la.

– Vitória, o que foi?

Tomei a frágil e pequena cabeça loura em minhas mãos quando me joguei ao seu lado. Seus fios compridos e lisos se esparramaram em minhas pernas dobradas. Toquei o ferimento em sua têmpora muito suavemente, meus dedos manchando-se de vermelho. No mesmo instante, Vitória gemeu baixinho e abriu os olhos negros. Você não pode desistir agora! Sua voz me sussurrou e antes que ela pudesse abrir os lábios, respondi desesperado.

– Estou aqui, meu amor, e não vou a lugar nenhum.

No fim, não era nada. Uma queda de pressão apenas. Eu me perguntei como foi que a pressão de Vitória caiu enquanto ela almoçava, mas o médico disse que era comum, então não abri minha boca.

Voltei para o trabalho assim que a deixei em casa. O coronel estava aflito já que a filha fizera questão de avisá-lo sobre o incidente. Preocupação desperdiçada, mas do jeito que era mimada, precisava do papurico do pai, já que não poderia ficar.

– Mas você volta à noite, não é? - pedira ela enquanto nos despedíamos.

Seus olhos escuros tão ingênuos naquela expressão de desalento, concordei com a cabeça, ignorando a vozinha ciciada em meu ouvido. Deu certo! Eu preciso fazer alguma coisa para não perdê-lo. Ele é minha única chance de desencilhar nessa cidade detestável! Fomos feitos um para o outro. Somos brancos!

Eu me encolhi diante das palavras daquela voz horrível em minha cabeça. Como ela podia imaginar que Vitória, tão meiga e gentil, poderia pensar algo desse tipo! Só podia mesmo ser

algum distúrbio psicológico meu.

No entanto, a pulga da dívida ficou coçando atrás da minha orelha a tarde toda. Apesar de ser absurda, não poderia ter alguma verdade nas vozes da minha mente? O universo, de alguma forma inimaginável, não estaria tentando me dizer o que se passava nos pensamentos das pessoas ao meu redor?

No entanto, não havia como ter certeza. Nem com quem me abrir. Encarei os olhos preocupados de Carlos quando pausei um pouco trabalho. Estava suado demais. O que está se passando aí dentro, hein, Lucca? Sorvi um grande gole de água enquanto a vozinha do meu melhor amigo se calava - a voz na minha cabeça, claro.

Pensei sobre o que me dissera. Sempre fora cuidadoso com minhas emoções, para que não fossem visíveis. Bem, pelo menos sempre pensei que fora bem-sucedido com essa atitude. No entanto, essa frase demonstrava o contrário. Estaria ficando transparente? Carlos me conhecia tão bem assim que seria capaz de perceber o tumulto que estava dentro de mim?

Ele nunca expressara nada mais do que 'O que foi?' antes. Essa frase, tão mais profunda, ia mais certa aos meus verdadeiros problemas. Não, definitivamente, não poderia ter pensado isso. E me lembrei que pela manhã ele expressou em voz alta, que eu estava diferente. Então, talvez fosse mesmo visível.

Vitória e a organizadora de eventos também perceberam - se eu pudesse considerar as vozes como verdade. Porém, somente eu sabia o que se passava em minha cabeça agora. Portanto, meu grau de insanidade estava em um nível muito perigoso. Talvez não conseguisse mais separar a realidade da fantasia.

Ao final do expediente, ainda não estava pronto para ir embora e se o fizesse, teria que ir à fazenda ver Vitória - era minha obrigação e havia prometido voltar -, era o certo a fazer. Ainda não estava preparado para distinguir as vozinhas em minha cabeça e a verdade ao meu redor.

Falaram comigo o dia todo. Fora irritante. Toda vez que uma pessoa da equipe olhava para mim, eu ouvia sua voz em minha mente. Era difícil distinguir o que desencadeava o acesso de loucura, já que aconteceu com todo mundo. Sabia que o problema não eram eles, era comigo. Não adiantava tentar encontrar culpados para minha maluquice. Eu era o único responsável.

Dispensei Carlos antes que pudesse me pedir carona. E seus olhos, além da expressão de incógnita, pareciam falar comigo. Foi então que ouvi a sua voz de novo, executada em minha cabeça como uma canção repetitiva. Entendo, você está confuso. Fique bem, amigo. E só consegui sorrir de volta. Aquele com certeza era o abnegado Carlos. Podia imaginá-lo pensando aquilo, mesmo que nunca falasse em voz alta.

Fiquei sentado no chão, aquela certeza rodando em minha mente sem parar. Apenas podia acreditar que era verdade, que Carlos pensara mesmo aquilo e pudera ouvir, de alguma

forma nebulosa. Não era fruto de minha imaginação.

O sol se estendeu no céu até tocar o horizonte com seu arco laranja tingindo toda a tarde. Saudei o crepúsculo, pronto para assistir ao espetáculo que - pela segunda vez naquela semana - tinha o privilégio de presenciar. Porém, pela primeira vez, me permiti ver de verdade.

Minha mente ficou vazia enquanto o azul do céu escurecia de forma gradativa. Não desviei os olhos. Sabia que nessa hora cada segundo era importante. O sol se poria com rapidez e perderia os tons que mudariam conforme os minutos passassem.

Ele se transformou a uma velocidade incrível. Como mesmo estava me modificando. O que deveria esperar? Uma noite escura sem lua - minha loucura confirmada? Ou um dia claro e ensolarado - uma vida nova, cheia de possibilidades inimagináveis?

A sensação chegou sem aviso. Sem qualquer som. Eu inspirei profundamente enquanto uma força maior e mais forte estabilizava minhas emoções internas. De repente, eu me sentia em perfeita harmonia. A sanidade e a loucura me preenchendo de maneira equilibrada e saudável, como se fosse possível conviver com as duas antíteses ao mesmo tempo.

Sim, eu confiava nisso. Eu podia ficar alegre de novo. Tudo era passível de existir dentro de meu novo corpo. Um novo corpo exigia uma nova mente. E eu estava me adaptando a essa nova realidade.

A sensação tomou conta de mim apagando minha razão. A energia me envolvia com delicadeza. Eu me virei para recebê-la de frente quando entendi qual era a sua fonte. O ônix. Fui incapaz de pronunciar a palavra em voz alta. Meus olhos presos na gema luminosa entre os seios de Mainá.

Ela permaneceu em silêncio. Talvez não soubesse o que me dizer. Talvez não quisesse mais ficar escondida entre as rochas. Talvez tenha saído para olhar as estrelas e esbarrado em mim. Relutante, busquei seus olhos a fim de traduzir suas expressões. Ainda está com medo de mim? Mas hoje não fugiu. Será que devo falar com ele? A vozinha em minha cabeça imitou a da índia.

– Oi, Mainá - cumprimentei com um sorriso tímido.

Ouvi um suspiro de espanto sair de sua boca, seus olhos já grandes se arregalaram. Por Tupã! Ele falou comigo! Eu a deixei amedrontada. Havia sido muito grosseiro.

– Desculpe-me por ter fugido de você ontem.

Será que ele pode ler meus pensamentos? Ignorei a vozinha insistente em minha cabeça enquanto olhava nos olhos de Mainá, meu sorriso mais largo passando a confiança que ela precisava para se aproximar de vez. Sorrii de volta e se sentou ao meu lado sem pestanejar.

– Desculpe-me você, Lucca - falou em seguida. - Não devia ter te falado sobre minhas crenças. - sorrii ela, um sorriso tão ingênuo e doce que me fez sorrir mais - Não enquanto você

mal me conhecia.

– Ainda não te conheço - respondi ansioso.

Ela percebeu o tom emotivo da minha resposta. Olhou direto nos meus olhos e jogou toda a profundidade de seus poços escuros sobre mim. Ele realmente tem interesse em me conhecer, disse a voz na minha cabeça.

– O que você quer saber? - perguntou a índia.

Desviei os olhos para a floresta verde musgo ao nosso redor; o céu no horizonte - quase totalmente encoberto pelas copas - estrelado. Falei antes de olhar para ela de novo.

– Como é ser uma índia nos tempos modernos?

Quando me virei para ela, seu rosto era de pura descrença. Ele não pode estar fazendo essa pergunta a sério, a vizinha traduzindo em palavras sua expressão.

– É sério - apressei-me em dizer. - Nunca conversei com uma indígena antes.

Vi o rosto de Mainá se contorcer e ela o virou para o outro lado, provavelmente para que não o pudesse ler.

– Desculpe - disse triste. - Não tinha intenção de ofendê-la. Convivo com os brancos o tempo todo e nada neles é interessante. Sabe como é. Guerras, invasão, inveja, assassinatos, rejeição. O de sempre. - Fiz uma pausa enquanto percebia que ela se voltava para mim, parecia curiosa. - Conheço sua história há uma década, porém nunca tive o privilégio de ouvi-la da boca de uma pessoa de seu povo. Sou fascinado por ela.

Também sou fascinada por você, a vizinha suspirou em minha mente.

– Esse é exatamente o problema, você sabe - começou Mainá. O tom de sua voz mudou, como se agora ela assumisse outro papel, o de palestrante. - Nós somos o povo primitivo, os nativos dessa terra. Possuímos o verdadeiro direito sobre ela. Vocês vieram do outro lado do oceano; e só porque usam roupas e acreditam em um só Deus acham que são merecedores dessas terras e de suas riquezas. - Não interrompi quando a índia fez uma breve pausa. - Fomos marginalizados. Os que teimaram em permanecer entre vocês tiveram que trabalhar para sobreviver em terras que antes eram livres e férteis. Vocês trouxeram suas doenças. Vocês trouxeram a guerra. Vocês trouxeram os vícios e muitos morreram.

Conhecia essa parte muito bem, mas para mim sempre fora algo distante. Provavelmente porque nunca havia conversado com um indígena antes. Agora, ouvindo a emoção embargando a voz de uma descendente desse povo tão sofrido, tive pena e enxerguei o lado óbvio e triste dessa história.

– Sinto muito - foi a única coisa que fui capaz de dizer.

Suspirou ruidosamente, como se estivesse enfada, antes de prosseguir.

– Hoje vivemos isolados em lugares que os brancos determinaram que ficássemos.

Pedaços minúsculos de mata na qual é muito difícil tirar subsistência para todo o povo. O tanto que antes nos fartávamos nestas terras, hoje somos miseráveis nela.

Não sabia o que dizer, então deixei suas palavras morrerem no silêncio.

– Mas não se desculpe - voltou a falar. - O que está feito não pode ser mudado. Já aceitei isso. Aceitei meu destino.

– Você parece bem instruída - resolvi disser a fim de apaziguar sua tristeza. - Estudou em nossas escolas?

– Sim. A melhor maneira de combater o inimigo é conhecendo-o intimamente - olhou para mim sorrindo. - Brincadeira. Estudei seu ensino fundamental e médio. Depois fiz Letras na UFMS. Falo tupi-guarani, português, espanhol e inglês fluentes.

– Poxa! - exclamei. Era a primeira vez que ouvia falar de uma índia que havia estudado tanto - Como nunca te vi antes em Corumbá?

Deu de ombros antes de responder.

– Acho que não tínhamos as mesmas amizades - riu.

– Você tinha muitos amigos? - perguntei.

– Na verdade não - respondeu rapidamente. - Meu irmão mais velho me acompanhou até o ensino médio, mais para me vigiar do que para estudar. Ele não tinha idade e nem interesse, nunca se formou.

– E por que você quis continuar estudando?

Percebi que Mainá se sentiu desconfortável com a pergunta. Parecia tão inofensiva. Haveria alguma explicação mística em suas escolhas? Deveria haver, os indígenas eram fortemente ligados à espiritualidade.

Mainá ficou muito tempo fitando o solo a sua frente, evitando meu olhar, no maior impasse para encontrar a resposta certa. Resolvi fazê-la desistir.

– Tudo bem, não precisa responder se não quiser.

Nossos olhares se encontraram o que pareceu uma eternidade e aquela vozinha, calada até agora, resolveu se manifestar no silêncio entre nós. Eu não quero assustá-lo de novo, mas também não quero mentir. O que devo dizer? Esperei que a voz se calasse e que Mainá respondesse alguma de minhas perguntas.

– Tudo bem, quero responder. - Limpou a garganta e continuou. - Bem, como disse antes, aceitei meu destino. E queria estar preparada para ele, de todas as formas: espiritual, física e mentalmente.

Podia entender isso. E não faria mais perguntas inapropriadas. Era tão bom ficar ao lado daquela estranha, não queria afugentá-la. Sua presença era tranquilizadora. Seu jeitinho me encantava. A força que emanava de seu corpo e de sua personalidade eram marcantes e

admiráveis.

Ficamos sentados lado a lado em silêncio, olhando algum ponto desconhecido ao nosso redor. O tempo passava sem que nos mexêssemos ou nos olhássemos. Não pensava em nada. Minha mente era um grande branco e as vozes estavam silenciosas. Ficamos ouvindo os sons da noite, eu o quanto mais longínquo conseguisse alcançar.

Fiz uma retrospectiva do meu dia estranho, sem sofrer com os tormentos que haviam me perseguido. Então, me lembrei de Vitória e seu falso desmaio. Não me senti motivado a cumprir minha promessa, mas nunca conseguiria agir por instintos sombrios. Agiria corretamente, sempre.

Suspirei e olhei para ela.

– Já está tarde. Preciso ir embora.

A índia valente se virou para mim, o rosto impassível. Seus olhos profundos - via direta para sua alma - banharam os meus. Agora você sabe a verdade. A vozinha, antes calada, voltou a sussurrar em meu ouvido, mas dessa vez sorri.

Quando nos levantamos, a pedra em seu seio acendeu repentinamente, me envolvendo com sua névoa de confiança e bem-estar. Precisava de uma carga extra de bons fluídos para enfrentar o meu destino - usando as palavras de Mainá. Por um segundo, desejei que esse destino fosse diferente para mim. Mas apaguei esse pensamento imediatamente de minha mente.

– Posso voltar amanhã? - perguntei à índia.

Seu sorriso se iluminou como a pedra em seu peito. Sem saber como reagir, como me despedir, me debrucei sobre seu rosto e lhe beijei a testa em sinal de respeito e afeição. Senti seu corpo tremer sob meus lábios e mãos - em seus ombros - e me afastei depressa, sentindo as vibrações de seus tremores fluírem através de meu próprio corpo.

PROVAS

Vitória fez com que Lucca dormisse na fazenda - no quarto de hóspedes, claro - evidenciando carência depois daquele dia horrível. Ele não conseguiu recusar. Ela ainda demonstrara desconfiança. Ele desviou o olhar para não ouvir o restante de seus pensamentos. Um calafrio percorreu sua espinha.

No Café da manhã, a noiva o lembrou das obrigações do dia.

– Querido, depois da refeição você precisa se trocar rapidamente. Nosso compromisso com a organizadora de eventos é às nove horas.

Lucca não se lembrava de ter ouvido aquilo antes. Bem, não se lembrava de nada do que elas conversaram no dia anterior e seu rosto denunciou sua ignorância.

– Hoje é dia das provas! - exclamou.

O fazendeiro ergueu uma sobrancelha de espanto durante a conversa do jovem casal à mesa, saboreando seu café da manhã reforçado. Para alívio de Lucca, não se manifestou. Precisava ficar mais atento a partir de agora se não quisesse deixá-lo zangado com seu descaso.

Teria que faltar no trabalho o dia todo e não avisara ninguém. Enquanto saía da fazenda rumo a sua casa - estava doido para tomar um banho e trocar de roupa -, ligou para Carlos a fim de informá-lo sobre sua ausência. Lucca imaginou a careta de seu melhor amigo do outro lado da linha. Desligou depressa.

Ao chegar, Lucca se sentiu mal por excluir sua mãe daquele dia. Porém, sabia que Vitória não gostaria de ninguém palpitando em suas escolhas. Para isso pagava uma profissional - que devia fazer tudo exatamente como ela queria. Parou na sala tempo suficiente para explicar melhor o desmaio de sua noiva no dia anterior - como um rapaz responsável que era, Lucca havia telefonado para seus pais avisando que dormiria fora.

Apesar de desejar prolongar o momento, não tinha tempo para se demorar no chuveiro. Vestiu a primeira roupa que encontrou no armário e voltou para a fazenda a fim de pegar Vitória.

Ela desceu as escadarias tirando o ar dos pulmões de Lucca a cada passo. Estava deslumbrante. Vestida de forma modesta na cor - era uma dessas cores pastéis da moda -, porém o tubinho de corte perfeito acentuava as curvas salientes e nos pontos certos de seu corpo pequeno e esguio, cobrindo até a altura dos joelhos. Seu cabelo loiro, solto até a cintura, tinha as pontas onduladas em cachos - como ela havia feito aquilo? Ele estivera fora por menos de uma hora. Seu rosto claro, sedoso e aveludado estava rosado de forma tão doce em suas maçãs. Seus

olhos negros em contraste perfeito, sombreados com cílios longos, delineador e sombra esfumada escuros. Sua boca carnuda pintada de um rosa suave e delicado. Parecia uma modelo.

Sem perceber o que estava fazendo, saiu do carro e caminhou em direção a sua noiva, encontrando-a no último degrau. Seus olhos se tocaram por uma fração de segundo, não dando tempo de ver nada antes que ele a beijasse. Durante todo o trajeto até o centro, percebeu que Vitória não tirava os olhos dele, analisando cada pormenor. Porém, não estava disposto a ouvir vozes hoje. Evitou encará-la.

Lucca não queria se sentir enojado com a vozinha que simulava a de Vitória e seus pensamentos torpes. Eram tão repugnantes e inaceitáveis. Não poderia mesmo sair da cabeça linda daquela mulher delicada ao seu lado. Ainda com remorso pelo seu esquecimento, prometeu a si mesmo que prestaria atenção nas tarefas daquele dia. Vitória merecia isso. Não podia decepcioná-la.

No escritório da organizadora de eventos, havia uma lista de coisas a serem escolhidas. Lucca ficou perdido. Não sabia que um casamento exigia tantos detalhes. Como conseguiriam fazer tudo aquilo em um único dia? Não seria suficiente.

Em cima das preferências apresentadas por Vitória nos dois primeiros dias de pré-produção - como a jovem apelidara -, a organizadora de eventos tinha três modelos de cada item da lista. Lucca focou, chocado.

Primeiro item, a lista de convidados. Estava pronta, no entanto, precisava de algumas confirmações. Lucca decidiu-se por incluir algumas pessoas de seu trabalho e Vitória de excluir algumas pessoas da cidade. No fim, a lista possuía mais de trezentos convidados, entre famílias, amigos e autoridades de Corumbá. Onde a organizadora pretendia colocar toda aquela gente?

A partir da lista, dissera a organizadora, seria possível contratar todos os outros serviços. Em seguida, os padrinhos. Cinco casais de cada lado ficaram acertados afinal. Os pajens, crianças de pessoas conhecidas já presentes na lista de convidados. Um casal para as alianças e uma florista que também entregaria as lembrancinhas aos padrinhos.

Passaram ao item seguinte. As lembrancinhas dos convidados seriam chinelos personalizados e amêndoas. Para os padrinhos, um kit para caipirinha e para as madrinhas, um porta-joia personalizado. Os noivinhos do bolo teriam as características físicas dos noivos e retratariam suas personalidades.

Depois, a lista de presentes. Apesar de não ter necessidade, Vitória pendeu para cotas de viagem. Como morariam na fazenda, não tinham necessidade de utensílios domésticos, móveis ou eletrônicos. A organizadora tinha três agências que poderiam oferecer os melhores serviços. Vitória escolheu a melhor e mais cara. Na verdade, estava acostumada com aquela agência e conhecia as atendentes e o atendimento vip.

A decoração, em seguida. As flores eram os copos de leite - que a noiva tinha citado no dia anterior - e rosas vermelhas. Ela amou o contraste em algumas fotos que viu. Também escolheram, entre as opções, a melhor empresa que oferecia, além das flores, mesas, cadeiras, toalhas, tendas e tablado para a pista de dança.

O buffet fora escolhido ontem - durante o devaneio de Lucca. Ofereceriam, além do almoço, o bolo, os doces, as bebidas e os garçons. A organizadora conseguira agendar uma degustação para hoje na hora do almoço - tão apropriado! - para que escolhessem o cardápio.

Para a segurança - já que seria um evento em uma área aberta, porém privada, e Vitória tinha horror a penetras - também foram apresentadas três das melhores opções da cidade. A noiva escolheu o que tinha a melhor recomendação - Lucca acreditava que seu pai devia ter palpitado nesse item.

Os três modelos de convites estavam sobre a mesa quando chegaram a eles na lista. Vitória os entrelaçou nos dedos, analisando com cuidado os finos papéis decorados. Um branco, um creme e um preto. Lucca havia gostado do preto, mas não disse nada até ouvir a escolha de sua noiva. E ela gostou do creme. O que os ricos tinham com cores pastéis? Tão desbotado.

Os músicos escolhidos faziam parte de uma banda muito conhecida na região. Tocavam instrumental. Vitória amava violino e saxofone. Não foi a escolha mais difícil da manhã. A organizadora tinha uma lista das músicas mais pedidas em casamentos, porém a noiva riscou quase todas, tinha a própria lista de suas músicas preferidas e as enumerou de cabeça. Lucca se espantou ao reconhecer a maioria delas de momentos em que viveram algo especial. Eram músicas que contavam a história deles. Ficou comovido.

O serviço de foto e filmagem também não foi complicado de escolher. Vitória havia trabalhado com uma empresa muito boa de Corumbá em seu aniversário de quinze anos. E ela estava na pequena lista da organizadora. A noiva simplesmente apontou para a empresa sem nem olhar para as outras opções.

A manhã já havia terminado há algum tempo quando, finalmente, Vitória se decidiu pelo cartório no qual assinariam o contrato nupcial - com comunhão parcial de bens, para espanto de Lucca - e pelo celebrante, que seria o padre da igreja matriz que a havia batizado. O noivo nunca vira seu lado católico antes.

Enfim, partiram no pequeno popular de Lucca para o buffet - seu estômago roncava alto enquanto dirigia. A comida era boa e farta. Os melhores pratos do requintado cardápio da empresa foram servidos aos três. Era difícil se contentar apenas com uma garfada - como faziam as mulheres -, porém não queria parecer um morto de fome.

No fim da escolha, depois de comer pratos tão variados, Lucca estava muito cheio - não satisfeito, porque nada melhor para ele do que um belo arroz e feijão com carne seca - e não

conseguia pensar que ainda tinha que provar bolos e docinhos. Como as mulheres conseguiam pensar em continuar comendo?

Para piorar um pouco a situação, Lucca não gostava muito de doces. Vitória sabia disso, portanto, não chiou quando ele parou na primeira garfada. Ela estava satisfeita e radiante, não havia feito nada - como sempre - para desagradá-lo ou humilhá-lo. Estava paciente e cheia de sorrisos. O noivo amava vê-la assim.

Lucca não podia pensar em se mover depois que Vitória escolheu a comida e os doces da festa, mas ainda tinham que escolher o terno e o vestido. Ele pensou que estaria uns dois quilos mais gordo por causa de toda a comida do almoço. Com certeza não seria o melhor momento para provar roupas. A noiva lhe garantiu que seria apenas a primeira prova, que outra seria feita às vésperas do casamento.

Foram a uma requintada loja - já escolhida no dia anterior também - especializada em atender noivos. Além das roupas - que incluía no pacote: pajens, damas, padrinhos e pais dos noivos -, a empresa - muito grande, na visão de Lucca, para uma loja de roupas - também oferecia dia do noivo e da noiva. Vitória teve que lhe explicar que na manhã do casamento teriam à sua disposição massagista, manicure, pedicura e cabeleireiro, e que sairiam prontos dali para a cerimônia, que aconteceria ao meio-dia.

Para mostrar sua estrutura completa aos noivos, a proprietária realizou um tour pelos dois grandes andares. Ao fundo da enorme e sofisticada recepção, havia várias salas e profissionais prontos para atender o público feminino. Lucca viu banheiras de hidromassagem e equipamentos que nem imaginava o que seriam. O andar superior era totalmente voltado para o público masculino. Lucca ficou impressionado. Havia frigobar, garçom e bebidas caras e importadas espalhadas pelo balcão logo na entrada. Parecia um bar, à primeira vista, cheio de poltronas aconchegantes e decoração futurista. As salas eram semelhantes às de baixo, porém menos misteriosas para ele.

Havia muita privacidade também. Não teria como Vitória e Lucca se cruzarem durante aquela manhã, nem mesmo ver outros clientes enquanto estivessem sendo atendidos. Tinham até uma saída pelos fundos para que os noivos não se vissem antes da cerimônia. Tudo muito bem arquitetado.

Depois das devidas apresentações, Lucca e Vitória foram separados. Porém, a organizadora ficou com ele para apresentar as opções de ternos mais próximas aos pensamentos da noiva.

Passaram horas daquela tarde na loja. Lucca perdeu as contas de quantos ternos vestiu. Por que para esse tipo de tortura a organizadora não tinha somente três opções? Mas ele tinha que admitir que parte fora por sua culpa, que rejeitara as primeiras três opções que ela lhe dera, então fora obrigada a encontrar outras três. A coisa foi tão maçante que ele acabou voltando para

as três primeiras e escolheu a que menos lhe desagradou. Afinal, sabia que Vitória ficaria satisfeita com uma delas.

Devido ao verão, o sol ainda não estava se escondendo atrás da linha do horizonte quando saímos do salão no fim do expediente. Já estava faminto de novo e muito exausto, só queria um banho e cama. Porém, Vitória ainda desejava me levar a um lugar, garantiu que seria o último. Eu me resignei e segui as instruções do caminho que ela me indicava.

Eu me espantei quando o endereço me fez parar em frente a um hotel cinco estrelas.

– O que é isso? - perguntei em voz alta.

A organizadora soltou um risinho baixo enquanto Vitória me respondia.

– Pensei que podíamos passar a noite de núpcias aqui. Seria muito mais interessante do que na fazenda. - Fez uma pausa enquanto eu digeriria suas palavras. - Então descansariamos e viajaríamos somente no dia seguinte ao casamento. No domingo de manhã.

Apenas fui capaz de balançar a cabeça concordando. Vitória simplesmente havia pensado em tudo. Estava impressionado. Desci do carro seguido pelas duas. A organizadora tomou as rédeas quando chegamos ao balcão de informações.

– Boa tarde. Por gentileza, as três reservas em nome de Vitória Cruz. Viemos escolher as suítes.

O atendente demonstrou compreender a situação imediatamente e, pegando as chaves, nos guiou até o elevador. Paramos no oitavo andar.

– Esta é nossa suíte máster - anunciou o rapaz enquanto abria a porta.

Não era nada mau, claro. Muito melhor do que qualquer coisa que eu já havia visto, ao vivo, em toda minha vida. Porém, Vitória não demonstrou nenhum interesse.

– A outra, por favor - pediu com gentileza.

Subimos mais um andar. A suíte era maior que a anterior. Presidencial, explicara o jovem. Acreditava que não tinha como ficar ainda mais admirado. E minha noiva teve a mesma reação.

Subi no elevador chocado. A que tipo de vida Vitória estava acostumada? Teria escolhido a primeira sem pensar duas vezes. Porém ela não estava feliz com aquela. O que faria para agradecer essa mulher depois que fôssemos casados? Tive medo, muito medo.

Quase não percebi quando o elevador parou no décimo andar, a cobertura. Caminhei automaticamente e demorei alguns segundos para entender que já estávamos na suíte. Era três vezes maior que a outra, o requinte lembrava a cena de algum filme fantástico, talvez um hotel em Dubai. As peças da decoração pareciam de ouro maciço, os móveis dispostos de madeira bruta e personalizada. Logo percebi que aquela era apenas a sala. Devia haver uma cozinha, com certeza. Porém, Vitória caminhou para uma porta lateral e a seguiu.

Entramos em um quarto enorme, quase do tamanho de minha casa inteira. Uma cama - que devia caber umas cinco pessoas - estava bem no centro da suíte. Alguns móveis talhados em madeira eram dispostos ao seu redor, mas o que me chamou a atenção foi o perfume. Havia pétalas de rosa espalhadas por toda a parte, velas aromatizadas iluminavam o ambiente - já que as cortinas grossas estavam bem fechadas impedindo a luz do dia de entrar no quarto.

Senti uma tensão. Não a de medo que sentira anteriormente, porém a que aquele ambiente incitava. Como que para traduzir o que eu pensava, Vitória caminhou direto para a cama e se estendeu nela. Seus olhos sorriram maliciosamente para mim. Sua perna dobrada balançando despreocupadamente de um lado para o outro.

– Por que você não vem aqui também? - sussurrou sua voz aveludada e voluptuosa.

Um apetite diferente remexeu em meu corpo. Encurtei a distância entre nós, totalmente seduzido pelo cenário e pela clara intenção de Vitória. No entanto, me sentei ao seu lado e esperei.

Não precisei esperar nada, para meu espanto, a menininha frágil e delicada que sempre via em minha noiva desapareceu daqueles olhos melados de desejo que se debruçaram sobre mim. Sua boca sempre tão doce agora tinha um sabor sensual. Era o sabor do pecado. E não tinha forças para fugir daquela tentação.

E por que deveria? Não era nossa primeira vez, apesar de eu ter sido o primeiro homem de Vitória. Há muito tempo havia renegado esse desejo - essa necessidade física que teimava em vir à tona em momentos inapropriados de minha vida - para não basear nossa relação nisso. E ela nunca reclamara. No entanto, todas as vezes que a gente se permitia essa intimidade, a iniciativa era minha, não dela.

Essa era algum tipo de primeira vez. Nem me preocupei se tínhamos plateia. Com certeza, tudo aquilo havia sido arquitetado com nossos acompanhantes e caí na armadilha como um patinho. Não estava infeliz com isso. Saberia apreciar muito bem meu calvário.

Como em todo o dia, Vitória regeu aquele momento. Ela me pressionou contra a cama com seu corpo magro, usando toda a força de seu desejo, enquanto sua boca devorava a minha com uma paixão que nunca havia expressado antes. Mantive minhas mãos em suas costas.

Sua língua, muito quente e úmida, dançou dentro de minha boca buscando a minha. Deixei o que ela buscava ao mesmo tempo em que ela apertava seus dedos envolta dos meus braços. Sua boca despreendeu da minha em seguida e sua língua desenhou o formato de meu rosto, do queixo até o lóbulo da orelha.

Senti um arrepio quente e sensual percorrer cada fibra do meu organismo. Meu corpo reagindo por conta própria aos impulsos ferozes de Vitória. Sua língua quente dançou pelo meu pescoço até a gola de minha camisa, onde suas unhas longas desafiaram rasgar o tecido com sua força. Gemi alto. Onde ela havia aprendido isso?

Em um simples puxão rápido, suas mãos libertaram meu abdômen do tecido e sua língua

não deixava minha pele. Meus pelos se eriçaram, meus músculos se contrairam, meu corpo se preparou para receber mais e mais estímulo.

Cada sensação corpórea era tão nova quanto a atitude de Vitória em comandar as preliminares. Eu estava em êxtase. Permitiria que me fizesse seu escravo sexual, se assim quisesse.

Seu rosto não voltou para mim. Sua língua continuou traçando um caminho errante em meu peito e abdômen. Suas mãos, pequenas e ágeis, estavam no cinto de minha calça. Pulsei de excitação antecipando o que aconteceria em seguida.

Livre de todo tecido, a boca de Vitória - um calor incandescente em sua língua queimando minha pele por onde passava - vasculhou áreas nunca antes conhecidas por ela. Eu me regozijei de prazer.

No entanto, ela não se demorou muito, descendo freneticamente pelo interior de minhas coxas. Gemi alto de novo pelas sensações que meu corpo imprimia ao seu toque. Era melhor que qualquer coisa que eu já havia experimentado antes.

Quando se voltou para mim, Vitória tinha um brilho diferente no olhar. Estava corada e ofegante. Excitada. No entanto, seu olhar era dominador. Diga que nunca vai desistir de mim, diga! A vizinha se manifestando fora de hora, como sempre. Porém, fui capaz de responder ao procurar no fundo de minha garganta uma voz rouca e cheia de emoção que parecia a minha.

– Eu quero você!

Um sorriso malicioso pintou seus lábios enquanto ela se debruçava rapidamente sobre mim, suas mãos tentando abaixar o zíper nas costas do vestido. Eu as encontrei ali e a ajudei a tirar a roupa, nossas mãos juntas enquanto baixávamos o zíper. Auxiliei-a a tirar o vestido pela cabeça, na pressa de estar dentro dela.

Enquanto beijava seus seios, ela se sentou no meu colo e a senti quente e úmida, um prazer inexplicável subindo pelo meu corpo enquanto me familiarizava com o dela. Vitória se movia sobre mim devagar, mordendo o lábio inferior em uma aparência adorável. Suas mãos sobre as minhas, acompanhando minhas carícias. Incontroláveis, procuravam tocar sua pele tão macia e sedosa enquanto ela aumentava o ritmo devagar e suas unhas se enfiavam na pele de meu abdômen sem que me causasse verdadeira dor, somente prazer.

Eu me senti alucinado, as emoções crescendo como se fossem explodir dentro de mim e jorrar descontroladas. Não poderia contê-las por muito tempo e, no entanto, queria prolongá-las o máximo que pudesse.

Tentei me concentrar em seu rosto rosado enquanto tentava, com todas as forças, controlar minha excitação. Mas não era o rosto de Vitória. Era moreno, os olhos derretidos em um chocolate quente, os cabelos, escuros como a noite, caindo sobre os seios pequenos. Era o rosto de

Mainá.

Pisquei, enfurecidamente. Devia estar sonhando. E minha visão conturbada visualizou o rosto de Vitória por apenas um segundo, tempo suficiente para que suspirasse de alívio e perdesse o pouco controle que tinha sobre as emoções dentro de meu corpo forte, mas não forte o bastante para represá-las.

O rosto feroz de Mainá, porém tão excitado quanto o de Vitória, sorriu para mim com volúpia. Um sorriso que eu nunca vira antes desenhado nele. Enquanto se movia, cada vez com mais rapidez, as unhas cravadas nos meus músculos, as minhas próprias mãos apertando seus braços e seios, o rosto de minha noiva voltou, um gritinho escapando de seus lábios entreabertos.

No movimento seguinte, Mainá estava de volta sobre mim, toda sua força despejando deleite no meu corpo. Algo diferente do que estava provando até agora. Era um deleite de espírito. Minha mente, meu coração - palpitante e descompassado - e todo meu corpo ansiando por tomar a índia para si, mas ela não poderia me pertencer, nem naquele pensamento insano.

Suas mãos fortes me agarraram com mais força enquanto se agitava diante de seu próprio orgasmo, os espasmos de sua excitação me sufocando dentro dela. Eu me permiti acompanhá-la nesse prazer imenso, juntos durante um momento único e impensado. Seu corpo ainda se movendo sobre o meu com ferocidade.

E no segundo em que alcancei o clímax, relaxando no êxtase das emoções eclodidas de dentro para fora, o rosto da índia foi substituído pelo de minha noiva, totalmente vermelho e sem fôlego.

Eu me senti um traidor. Não por Vitória, mas por Mainá.

CAPRICÓRNIO

A lembrança da imitação da voz de Vitória em minha cabeça era perturbadora. Por que nunca fizemos amor assim antes? Uau, tenho mais um bom motivo para me casar com ele. Eu a ouvi enquanto ainda sentia remorso e seu corpo exausto pelo esforço se debruçava sobre mim. Fugi daquelas palavras com desespero. O que havia me tornado, um objeto sexual? Eu me lembrei que havia pensado que não me importaria com isso. O que o calor da emoção não faz.

Mas agora era diferente. O rosto de Mainá presente naquele momento destruiu todas as minhas convicções. Não sabia mais o que era e o que queria ser. Não sabia por que havia pensado - imaginado seria o melhor a dizer - nela exatamente durante aquele momento. Nunca havia olhado para a índia dessa forma antes.

Até visualizá-la sobre mim se agitando selvagemmente.

Não podia me sentir assim. Não agora. Conhecia Mainá há apenas três dias e Vitória há sete anos. Tive tempo de sobra para desistir, talvez até para me apaixonar por outra pessoa. Agora era tarde demais para mim. Meu casamento estava marcado para dali dez dias.

Queria apagar aquela imagem sensual da índia de minha memória e só encontrei uma maneira, ver seu rosto sereno e decidido de novo. Eu me levantei da cama em um pulo, afastando Vitória de meu corpo.

– Onde é o incêndio? - perguntou rindo.

– Em lugar nenhum - respondi vestindo minha roupa e a encarei. - Acho melhor irmos embora.

Como sempre, Vitória não discutiu comigo, mas aquela maldita vizinha falou de novo. O que eu fiz de errado? Por que ele está me rejeitando? Engoli em seco diante das palavras totalmente possíveis de serem pensadas pela mulher nua estendida sobre a cama, uma incógnita torcendo seu rosto. O que eu estava fazendo? Estragando tudo, evidente. Parei de abotoar a calça e me sentei ao seu lado na cama.

– Hoje foi incrível, meu amor - afaguei seu rosto enquanto falava, a mentira totalmente escondida pelo tom carinhoso de minha voz. - Mas já anoiteceu. Não posso passar mais uma noite fora de casa. - E a vizinha: Aff, ele tem que estar pensando quando não devia? Tentando esconder a minha raiva, continuei. - Teremos uma vida inteira para momentos como este.

Saimos para a noite escura, além dos postes, o céu estrelado nos recepcionou. Agradei ao acaso pelo parque estar no meu caminho de volta para casa, depois de deixar Vitória na

fazenda. Pelo menos não corria o risco de ser visto por alguém em uma rota diferente.

Teria congelado se não estivesse dirigindo. O que estava pensando? Em agir como um homem sem moral, nem princípios, que procurava desculpas para pular a cerca? E quando pulava, se preocupava em não ser pego? Não tinha que ter esse tipo de preocupação. Não estava traindo Vitória. Apenas procurando uma nova amiga.

Sim, amigos. Era exatamente isso que éramos um para o outro. Nada além disso era possível, permitido, aceitável. E depois da conversa que tivemos ontem, que esperança poderia ter de que Mainá olhasse para mim de outro jeito? Muita, afinal dissera que eu era bonito como um deus.

Apaguei esses pensamentos. Andava por um terreno perigoso e íngreme, poderia cair. Obriguei-me a pensar em outra coisa enquanto caminhava sobre as pedras até a caverna onde havia encontrado a índia há dois dias.

Pensei nas vozes que andava ouvindo ultimamente. As dúvidas de que estaria enlouquecendo ainda eram plausíveis - principalmente agora que estava vendo coisas também -, porém ao mesmo tempo pareciam dizer a verdade, por piores que fossem.

E se realmente traduzissem os pensamentos das vozes que imitavam? Nem sempre o que os outros pensavam era previsível. A simulação fazia com que pensassem uma coisa e dissessem outra. Sabia disso, não era ingênuo, nunca fora.

Então, considerando que essas vozes fossem de fato os pensamentos das pessoas, como conseguia ouvi-las? O que desencadeava sua falação, já que não ouvia o tempo todo. Tentei analisar racionalmente os momentos em que ouvira para tentar identificar seu gatilho.

A única coisa que consegui ver, em minha mente, foram os olhos de cada pessoa com quem acontecera, já que percebi há algum tempo que não havia um padrão. Pude ouvir qualquer um que estivesse perto o bastante. Seria isso? Não, teria que ouvi-lo o tempo todo se fosse a proximidade. Tinha que ser outra coisa.

Afundi em meu cérebro e a dissonância de inúmeros olhos - verdes, azuis, castanhos, negros - pintaram um quadro colorido em minha mente. Então eu soube. Era através dos olhos que podia ler os pensamentos.

Estava na minha cara o tempo todo. Toda vez que meus olhos se cruzaram com os de outra pessoa, por mais breve que fosse, ouvia aquelas vozes. Eu os evitara desde então, instintivamente, como se evita uma pessoa. Não havia pensado que eles fossem os culpados.

Talvez agora houvesse um jeito de amenizar o constrangimento. Só precisava evitar os olhares e minha mente estaria a salvo. Mas seria simples? Passaria a parecer um dissimulado, mentiroso, arisco? Nunca fui nem seria algum desses adjetivos.

Mainá me tirou do transe. Seus olhos da cor de chocolate se derreteram quando encontraram os meus. Ah, ele veio! Eu me encolhi, me sentindo impuro, não merecedor de estar

em sua presença imaculada.

– Prometi que viria - respondi a seu pensamento.

– Sim - sorria ao se aproximar de mim. Não havia medo em seu rosto. - Você prometeu.

Nós nos sentamos na relva sempre úmida e ficamos calados por um tempo. Contemplei com mais atenção o firmamento pontilhado sobre nossas cabeças enquanto uma onda de bem-estar me envolvia. Olhei para ela e o ônix estava iluminando seu tórax.

– Você não veio trabalhar hoje - era sua voz, não seus pensamentos.

Fiquei feliz em poder distinguir a diferença. Aceitar talvez fosse o melhor caminho agora. Sempre me achara uma aberração, apesar de nunca acreditar que chegasse a tanto. Mas tinha uma afirmação - ela não havia dito como uma pergunta - para responder.

– Não, tive um compromisso.

O silêncio pairou entre nós novamente e fiquei pensando em suas palavras.

Não queria contar a ela a verdade de onde eu estivera o dia todo. Mas de alguma forma ela sabia que não estivera no sítio. Estaria me vigiando? Talvez estivesse me seguindo há muito tempo sem que eu percebesse. O que saberia de mim?

– Desde quando você sabe sobre mim? - a pergunta escapou de meus lábios.

Tive medo de ofendê-la, porém a pergunta tinha saído da forma correta, não do jeito que havia realmente pensado.

– Desde que me tornei adulta, para a minha tribo - respondeu.

– Isso quer dizer...

– Tinha treze anos.

Deixei sua resposta pairar sobre nós como as estrelas no céu. Eu me concentrei nos formatos das constelações, tentando identificá-las. Porém, astronomia não era minha especialidade. No entanto, pude perceber uma estrela mais brilhante, saliente, no canto de uma constelação que parecia com um bode. Ou seria um peixe? Um bode com rabo de peixe? Que estranho.

– Olhe aquele ponto amarelo brilhante ali no céu - apontou. - O maior.

Sim, estava vendo. Havia um arco envolta dele.

– Saturno? - perguntei ao tentar reconhecer o astro.

– Sim - a índia pausou. - Em breve poderemos ver sete pontos como este no céu.

Olhei para ela imediatamente.

– Lucca, em que mundo você vive? - riu. - Não assiste televisão?

Não havia visto nada sobre isso nos últimos tempos. Na verdade, fazia um bom tempo que não assistia TV.

– Quer dizer que a indígena é mais culta do que eu? Pode humilhar. Eu mereço.

– *Desculpe - apressou-se em dizer: - Estou falando do alinhamento perfeito que acontecerá no início de março - me olhou novamente. - Você tem certeza de que não ouviu falar sobre isso?*

Balancei negativamente a cabeça e ela prosseguiu.

– *O astrônomo Pedro Tosquini fez a descoberta há um mês. Deu entrevistas para todos os canais de televisão e para todos os veículos impressos. - fez uma pausa, balançando a cabeça com timidez - Astronomia é meio que um hobby para mim. Leio tudo a respeito. Essa descoberta talvez me desse a chance de conhecer o maior cientista na área do país. Ele pretendia fazer palestras pelo Brasil para falar sobre o alinhamento e as pedras.*

Sua mão se fechou em volta do ônix.

– *Pretendia? Mudou de ideia?*

– *Não - respondeu com tristeza. - Ele morreu.*

Quase cai de costas com o choque se não estivesse deitado.

– *Sinto muito.*

Podia entender sua frustração de um sonho perdido para sempre.

– *Na verdade, foi assassinado por seu assistente. Ele já foi preso, mas ainda não contou o motivo do crime. Tudo leva a crer que queria o lugar do astrônomo.*

– *E o que você acha? - perguntei, estimulando-a a se abrir comigo.*

– *Não sei - deu de ombros. - Ele diz para a polícia que uma sombra assustadora o procurou à noite e o convenceu a matá-lo.*

Caí imediatamente na risada e logo percebi o olhar reprovador de Mainá na minha direção. Ops! Eu me desculpei com meu silêncio.

– *Sei que para você parece loucura o que estou dizendo, mas pode ser verdade.*

O silêncio reinou entre nós novamente. Pobre garota. O que a fazia acreditar nisso? Ah, bem, isso acho que podia perguntar.

– *Por que pensa assim?*

Suspirou antes de responder.

– *Pedro Tosquini era muito especial - me olhou antes de continuar. - Como você.*

Houve uma pausa dramática enquanto olhava seus pensamentos através de seus olhos e eles me confirmavam que ela realmente acreditava naquilo. Desviei o olhar antes que pudesse chateá-la novamente com minha descrença.

– *Sua missão ia além de descobrir o alinhamento, queria nos preparar para ele. Já ouviu falar sobre a Era de Aquário?*

Balancei a cabeça afirmativamente incapaz de achar minha voz.

– *Ela começa no dia do alinhamento – continuou. - E vai trazer paz e equilíbrio entre a humanidade e o meio ambiente.*

Como aquele discurso esotérico foi parar em um tema ambientalista? Não compreendia, apenas continuei ouvindo.

– Provavelmente você sabe que todos somos ligados, astros - apertou a pedra entre os dedos novamente - natureza e humanos. No momento, nosso planeta está em desequilíbrio. A Era de Aquário vai trazer união, fraternidade e valores. Seremos beneficiados com o equilíbrio emocional.

Não acreditava que Mainá estava voltando ao tema esotérico, mas seus olhos tinham um brilho tão sincero que me prendi em seu rosto enquanto ela continuava falando, apaixonada.

– Pedro Tósquini era um gênio. Um cientista ousado. Ninguém havia arriscado suas carreiras em uma busca tão extensa e provavelmente sem fundamento. - Seus olhos profundos me tocaram quando prosseguiu. - Mas ele acreditou e não foi decepcionado. - Baixou a cabeça antes de concluir. - Fico triste que não esteja aqui para presenciar sua descoberta.

Remexi meus dedos na terra sem saber o que dizer. Procurei por uma pergunta. Percebi que em algumas fazia questão de ser evasiva.

– Que outro motivo você acredita que o ajudante teria para matar o cientista além de querer toda a glória para si? - essa resposta me parecia tão mais óbvia.

– Pessoas especiais possuem destinos especiais e, normalmente, insubstituíveis. E assim como existem aqueles - como Pedro - que aguardavam e desejavam os bons frutos do alinhamento, também existem aqueles que não o desejam.

O silêncio insistente pairou. Eu me senti perdido. O que ela estava tentando me dizer? Que estar envolvido com esoterismo ou astronomia podia ser perigoso? Engoli em seco, tentando espantar o arrepio que subia pela minha espinha.

– E por que você acha que tenho alguma coisa a ver com isso?

Tinha que entender a mensagem nas entrelinhas, mas não conseguia. Não fazia nenhum sentido para minha mente sempre tão racional.

– Porque você é um dos escolhidos.

Eu me encolhi automaticamente. Escolhido. Escolhido para quê? Para morrer?

Busquei os olhos lânguidos de Mainá para que me consolassem. Em vez disso, eles conversaram comigo. Não se preocupe. Sempre estarei ao seu lado. Estou aqui para protegê-lo. Para salientar seus pensamentos - tão gentis que me fizeram sorrir aliviado e esperançoso - sua mão encontrou a minha e a apertou entre seus dedos fortes e compridos. Era tão agradável. A sensação se prolongava por meu corpo todo, me dizendo que podia confiar nela. E, enquanto nossas mãos estivessem unidas, seria como se nada de ruim pudesse nos acontecer.

Tamires estava de saco cheio da casa de sua irmã e da falação de seu cunhado. Queria

muito começar a se mexer. Seu corpo precisava disso. Nem se lembrava mais o que era esticar as pernas e os braços, usar seus dons. Sentia-se uma inútil, incapacitada, uma criança de castigo.

Resolveu caminhar na praia, sozinha. O céu estava muito estrelado e o vento que vinha do Oceano Atlântico agitava suas roupas e seus cabelos de fogo. Sabia que o céu estava sendo regido pela constelação de Capricórnio e que sua estrela mais brilhante, a Deneb Algebi, cintilava enfurecidamente como um presságio.

Lucca, pensou Tamires. Ele estava se transformando conforme os astros o incitavam e lhe mostravam o caminho a seguir. Ela queria estar lá, ao seu lado, e lhe explicar cada mudança que seu corpo e mente estavam sofrendo. Queria lhe contar sua própria história e fazê-lo entender o quanto tudo aquilo era importante e necessário.

Também se entristeceu quando pensou no preço que outros haviam pago por aquela verdade. Um preço alto demais. Pensou em sua mãe, em seu pai, em seus avós. E acabou em si mesma. A distância ainda era mais fácil de suportar porque sabia que estavam bem. Agora, para sua família, não haveria segunda chance.

Tamires queria prender os olhos em *Lucca* - como tinha sobre *Suzane* - para ter certeza que ele ficaria bem. Enquanto o responsável desconhecido pelo sumiço da pedra estivesse por aí, impune, não ficaria sossegada. Sorriu pensando da índia, que mesmo com uma crença diferente - e ao mesmo tempo tão parecida com a deles - protegia-o.

Estava perdida na dor há muito tempo. Primeiro pela ignorância, depois pela verdade. Ela nem sempre era prazerosa. No entanto, totalmente necessária. Não queria perder mais nenhum ente querido. E *Lucca* também fazia parte de sua vida agora.

O céu era um belo prenúncio. Estava aliviada - e ao mesmo tempo apreensiva - porque a hora chegava. Estariam em *Corumbá* em alguns dias, assim que os últimos sinais fossem pressagiados.

Desviou seus pensamentos para *Gustavo do Valle*, seu marido. Ele era um grande empresário do ramo de bebidas em *Foz do Iguaçu*. Ela o considerava seu grande e único amor. Lembrou-se de seus olhos tão negros e profundos, cheios de sentimentos controversos como amor e culpa.

Sua mente vagou pelos traços másculos e firmes de seu rosto, seu sorriso magnífico desenhado com dentes brancos perfeitos. O sorriso com capacidade de fazê-la se esquecer de qualquer problema. Lembrou-se de sua pele morena, bronzeada, e seus músculos firmes e desenhados em cada parte do seu corpo.

Parada sob o luar, fechou os olhos e imaginou as mãos fortes de seu marido a envolvendo e protegendo da maresia. Pode até sentir seu cheiro, tão característico. Imaginou-o se debruçando sobre ela, sua boca deliciosa encontrando a sua com a paixão que sempre os

envolvia quando estavam juntos.

Abriu os olhos para dissipar os pensamentos. O que adiantava sonhar? Ele estava há milhares de quilômetros, talvez nunca mais o visse. Ou se visse, nos próximos meses, seria pela última vez. Seu coração sofreu como da primeira vez em que se separaram. Aquela dor jamais diminuiria?

Parou de respirar por um segundo. Seus instintos avisaram que não estava sozinha. A alguns metros, alguém se aproximava pela areia fofa. Podia ouvir nitidamente os pés amassando os grãos.

Virou-se pronta para brigar com o cunhado quando se deparou com uma miragem. Não, não podia ser verdade. Estava sonhando? Há pouco estivera. Será que seu sonho pudesse se tornar realidade? De uma forma distorcida, mas ainda assim, muito perto.

Deu um passo para trás instintivamente, fazendo com que a pessoa paralisasse a cem metros, cautelosa. Uma miragem não poderia fazer aquilo, pensou. Ele era real. E como para demonstrar isso, seu encantador sorriso se abriu e sua voz sussurrou para ela.

– Oi, Tamires. Disse que viria te encontrar.

APARIÇÃO

Sim, ela se recordava com perfeição. A despedida inesperada no aeroporto. O táxi parando no meio fio em uma freada brusca e cantante. O belo e alto homem saltando dele e correndo em sua direção. Os olhos escuros tão pertos que a deixaram tonta. O beijo roubado e tão rápido que não pode registrar o sabor.

Uma lembrança tão distante quanto os quilômetros que os separaram até agora. Sua voz grave e apaixonada pronunciando uma promessa que jamais imaginara que cumpriria. E, no entanto, lá estava ele, a apenas alguns metros de distância. O sorriso acolhedor convidando-a a se aproximar.

Durante aqueles segundos de incerteza e susto, Tamires navegou pelas recordações e permitiu que seu corpo reagisse naturalmente ao acontecimento. Seus lábios se moveram esboçando um sorriso. Seus olhos piscaram certificando-se da realidade a sua frente e suas pernas, como se possuíssem vida própria, correram.

Não demorou quase nada para que pudesse alcançá-lo - já que ele correu ao seu encontro facilitando a tarefa. Sem pensar no que fazia, Tamires se atirou nos braços fortes, compridos e musculosos daquele homem. Seu rosto quente a tocou com carinho. Suas mãos a abraçaram com força.

Feliz, Tamires apertou seus próprios braços ao redor do pescoço duro. Seus dedos instintivamente se infiltraram no emaranhado de fios escuros e curtos de sua cabeça. Seu perfume a envolveu e a jogou em novas lembranças de outra terra, outra vida. Apertou os olhos com força a fim de se concentrar nelas.

Foz do Iguaçu. O parque nacional e as cataratas. O vento açoitando seus cabelos de fogo e trazendo o aroma que vinha dele. Parado ao seu lado, ele admirara a ferocidade das águas caindo das pedras sobre o rio. Seus olhos se cruzaram. Um sorriso no rosto e sua voz expressara toda a mesma admiração por aquele lugar.

Naquele momento, soubera que havia encontrado o amor de sua vida. Ainda não sabia seu nome, nem sua idade, nem o que fazia da vida. Mas aquele sorriso, aquele corpo, aqueles olhos já lhe pertenciam, como se fosse feito sob medida. Olhando-o, pensara: *Esprei por você este tempo todo.*

E aquele homem fora seu por um período curto demais. Apenas seis anos. Assim como o destino os unira, também os separara. Não se permitiu a dolorosa lembrança da separação. Ao contrário disso, vagou para o homem que apertava entre os braços brancos e frágeis agora.

Não era um substituto, mas a semelhança era de tirar o fôlego. Nunca fora mais do que da família antes. E no último mês passou a exercer um papel importante em sua vida. Protetor. Tamires se lembrava de seu próprio desespero e dúvida. Sua quase morte e sua salvação.

O calor que emanava de seu corpo fê-la se lembrar daquele dia no parque. A sensação de inexistência física. A consciência vazia na escuridão. Aquele mesmo corpo a havia despertado de volta à vida, a havia protegido daquele que deveria ser sua outra metade. Aquele em que perdera a confiança e a crença.

Suspirou. Lá estava ela ao redor do assunto doloroso e proibido de novo. Mas era impossível não pensar nele, sentindo aquele homem fisicamente em seus braços. Mas aquele não era o homem que amava como a própria vida. Podia ser muito parecido, ainda assim não era ele.

– Também senti sua falta.

A voz, grave e sedutora quebrou todo o encanto. Que ilusão dolorosa estava se impondo. Afastou-se do corpo másculo e alto e olhou nos olhos negros e profundos. Eles ardiam mais do que deveriam. Infelizmente, os sentimentos dos outros jamais estariam escondidos dela. Esse era um dos momentos em que desejava não conseguir ver.

A tão conhecida raiva brotou em seu peito. Havia sido enganada por sua mente saudosa e caprichosa. *Acorde, Tamires, não é ele!* Brigou consigo mesma antes de explodir sua raiva no homem desprevenido a sua frente.

– Alexandre, o que você está fazendo aqui?

O sorriso sumiu do rosto anguloso e moreno do homem. Sua cabeça se afastou da de Tamires instintivamente, mas seus braços não deixaram seu corpo. Ele a sentia lutar para se safar de seu aperto.

– Bem, meu trabalho me trouxe para cá.

A pergunta retórica de como ele a havia encontrado não escapou de seus lábios porque ela já sabia a resposta. O misterioso trabalho do cunhado - irmão de seu marido Gustavo - continuava uma incógnita. Quer dizer, tudo nele ainda era um ponto de interrogação.

Alexandre do Valle sentiu a relutância da cunhada e livrou de seu apertado abraço. Porém ela não se afastou, manteve os olhos presos nos dele, que não desviava de seu olhar verde. E o deslumbramento a fez manter-se parada. Ela se lembrava de que Gustavo sempre a fazia se sentir assim, como se flutuasse. O marido exercia uma atração sobre ela física, psíquica e espiritual. Eram almas ligadas para sempre.

Também se lembrou do primeiro dia em que sentiu essa atração irresistível - uma atração totalmente física como a gravidade - pelo cunhado. Fora no ano novo. Piscou os olhos tentando se livrar da sensação que fatalmente a prendia a Alexandre, mas foi inútil. Sabia que

antes daquele dia, nem mesmo ele a havia notado. Tudo começou lá. A mudança que estava acontecendo dentro dela saltara para fora e ficara transparente em seu rosto.

Agora entendia porque podia enxergar melhor o cunhado e ser enfeitada por seus atributos irresistíveis. Toda sua percepção mudara a partir daquela noite estranha e misteriosa em que o misticismo entrou em sua vida pela porta da frente e não saiu mais.

Abaixou a cabeça e olhou para os próprios pés. Era difícil quebrar o encanto com Alexandre tão perto assim. Resolveu sentar-se ali mesmo, voltava para as ondas do mar que se agitavam ferozmente movidas pela maré e pelo vento.

Alexandre se sentou ao seu lado, também em silêncio. Ficaram olhando o horizonte azul escuro, o pontilhado brilhante cobrindo-o. O som das ondas que chicoteavam os rochedos quebrava o ritmo constante das duas respirações. Os dois corações batiam em ritmos diferentes.

Era estranho para Tamires como cada parte sua respondia à proximidade de Alexandre. O calor emanando de seu corpo, sua respiração cadenciada, seus batimentos cardíacos. Tudo a fazia se sentir atraída para ele, mesmo não estando ligada pelos olhos - as janelas da alma.

Justificou essa reação com a sua própria carência mesmo sabendo que não era de todo verdade. Pensou em Gustavo, Sofia e Carolina. Sua pequena família. Até agora não havia incluído - em suas recordações - Alexandre. Sentiu-se injusta com isso. Afinal, era irmão de seu marido, também fazia parte da família.

- Então, quando chegou? - resolveu quebrar o silêncio tentando afastar o encanto do cunhado sobre ela.

- Hoje à tarde - respondeu suavemente. - Eu me instalei em uma pousada aqui perto.

Tamires tentou não pensar que Alexandre havia procurado por ela quase que imediatamente ao desembarque, talvez nem tivesse descansado da longa viagem de Foz do Iguaçu.

Remexeu na areia distraidamente procurando alguma coisa que pudessem falar. Alexandre não estava ajudando muito com seu silêncio. Afinal, ele a havia procurado, podia muito bem começar a conversa.

Mas o cunhado deveria estar curtindo a atração entre eles. Fora por ela que viera. Não se importava em estar envolvido com Tamires. Sabia que Gustavo a havia perdido e que talvez ele tivesse alguma chance.

Ela esmagou os grãos entre os dedos. Precisava desesperadamente de uma distração. Evitaria contato visual e físico até se sentir dona de si mesma novamente.

- E quando começa a trabalhar? - perguntou sem curiosidade no tom de voz.

Ainda assim, Alexandre parecia alheio o suficiente para não perceber.

- Você sabe - continuava sussurrando como se tivesse medo de que alguém os ouvisse. - Sou meio que autônomo. Faço meu próprio horário.

Não sabia, mas fingiu que sim concordando com a cabeça. Em Foz não conviviam tanto durante a semana para que pudesse criar um padrão em seus horários. Lembrou que realmente não parecia muito preocupado seu trabalho e ficava ao lado dela muitas horas, inclusive durante a madrugada. Sua mente foi direto para aquele dia arrepiante em que achou que estava morrendo marcada a fogo.

Afastou os pensamentos desse caminho. Sentia um calafrio toda vez que pensava naquele sofrimento. Inevitável e necessário. Na hora não entendera o que estava acontecendo com ela, apesar de que Gustavo parecia entender muito bem. Era tão irritante.

– Quanto tempo vai ficar? - ciciou desviando seus pensamentos para o presente.

– Ainda não sei.

A voz de Alexandre morreu ao final da frase. Ela tinha tantas perguntas. Nunca foram íntimos. Pensando bem, não sabia absolutamente nada sobre o cunhado. E, no entanto, ainda não se sentia à vontade para perguntar. Apesar da força que os atraía, não possuíam nenhum tipo de relacionamento estreito. Eram completos estranhos.

Então, por que aquela atração teimava tanto em ligá-los? Aspirando profundamente, Tamires foi tomada pelo delicioso aroma de seu perfume. Não um perfume engarrafado. Seu aroma natural. Seu cheiro característico. Apesar da semelhança física com Gustavo, Alexandre possuía beleza, juventude, força, perfume, pele, corpo únicos. Em essência, eram completamente diferentes.

Mais parecia uma miragem. Um sonho impossível. Um astro inacessível. Porém, estava tão perto que podia sentir a eletricidade trocada entre seus corpos. O calor, o aroma, o desejo. O sentimento emanava de seus poros e se infiltrava em seu corpo formando uma corrente intensa.

Sem perceber, se inclinava na direção dele, atraída instintivamente pela sensação gritante e desesperadora. Queria tocá-lo, queria senti-lo, queria acariciá-lo, queria beijá-lo. Nunca essa força fora tão poderosa quanto agora. Antes era passiva, agora se tornara ativa.

Virou a cabeça para olhar o rosto bronzeado ao seu lado e não se surpreendeu quando viu também se inclinando em sua direção. Os olhos profundos e negros tão ardentes como o fogo queimando em suas entranhas. A boca sedutora convidando a sua a se aproximar, clamante. Seus cabelos escuros agitando-se ao sabor do vento deixaram-no ainda mais belo e selvagem. Ela sabia que não poderia ter se virado para ele, mas agora era tarde demais para recuar.

Seu coração disparou bombeando sangue para seus músculos. Seu corpo todo queria se mover ainda mais em direção a ele. Queria que o abraçasse, o beijasse, o amasse. Ele estava tão perto. Há apenas alguns centímetros de distância. Podia sentir seu hálito fresco em seu rosto. O sangue inundou todos os vasos sanguíneos sob sua pele. Sua face queimava.

Alexandre deixou-se levar pela pele da cunhada. Toda a beleza de sua cor branca tingida

de rubro como seu cabelo fluuando no ar na direção do vento. Seus olhos verdes claros incendiando sua própria alma de um desejo que nunca sentira antes. Sua boca vermelha e bem delineada convidando-o para um beijo.

– Tamires... - sussurrou enquanto se inclinava lentamente sobre a ela.

Inspirou o perfume que exalava dela. Tão convidativo. Adocicado. Envolvente. Lembrou-se daquele beijo rápido no aeroporto e sua imaginação amplificou o sabor de sua boca, saboreando a sensação que deveria ser o novo beijo. O verdadeiro beijo que estava disposto a experimentar agora.

Aquele fora mais como um aviso. Não havia um clima como esse naquele momento. Estava afoito, desesperado em chegar a tempo de vê-la partir. Encontrar com ela agora fora algo que ansiara nas últimas semanas. E a atração que exercia sobre ele estava, com certeza, amplificada devido a ausência prolongada.

O calor que emanava de seu corpo o envolveu como uma brisa suave. Tamires era quente, sensual, extremamente desejável. Como havia demorado tanto para perceber isso? Como conseguira ficar tanto tempo longe dela? Soube, naquele exato instante, que nunca mais suportaria ficar distante outra vez. Envolveu-a com seus braços fortes e firmes. Nunca mais a deixaria escapar deles.

Tamires se sentiu tonta, frágil, entregue. Aqueles braços eram seu conforto, seu apoio, sua segurança. Seus olhos estavam presos naquela boca que estava ainda mais perto, tornando muito difícil acompanhá-la com os olhos.

Seus lábios se entreabriram. Não tinha nada para dizer, queria apenas encaixar aquela boca na sua. Procurou os olhos escuros que estavam tão presos nela que a atraíram. *Seus olhos são tão parecidos, meu deus!* Então, piscou. *Mas não são dele.* A imagem de Gustavo toldou-os por um segundo. Tempo suficiente para fazê-la despertar de seu transe.

– Alexandre - sussurrou rapidamente - não, Por favor.

Não tinha forças para vencer o encantamento sozinha. A seu pedido, ele estacou. Não se afastou, tanto quanto ela. Os lábios a pouquíssimos milímetros. Enquanto ela balbuciara, Alexandre quase pudera senti-los se mover.

– Por quê? - suspirou inconformado. Tão perto e tão longe.

Inspirou o aroma de seu hálito fresco. Esquecendo-se como falar, respirando com dificuldade, Tamires tentava entender suas palavras. *Por que não, Tamires?* Ela mesma se perguntou. E a resposta lhe veio à mente na imagem adorada de seu marido.

– Gustavo - respondeu com dificuldade. Não era o que seus lábios queriam.

Alexandre percebeu que não havia firmeza nas palavras da cunhada. Lutou consigo mesmo. Poderia continuar. Poderia transpor aqueles mínimos milímetros a fim de satisfazer seu

desejo, seu anseio por ela, por seus lábios saborosos, por seu corpo quente e sensual. Sabia que também o desejava da mesma forma.

Porém, o que mais poderia fazer? Por mais que tivesse certeza de que também o queria, sabia que Tamires ainda amava Gustavo. Não desejava provocar seu arrependimento. Queria ficar sempre por perto e sabia que se fizesse algo agora que ela não aprovasse depois, poderia afastá-la para sempre. Seu lado egoísta a queria inteira, não fragmentada.

Relutante, a soltou. Tardou para afastar seus lábios tão próximos a fim de quebrar o encantamento. E não o fez antes de deixar escapar um suspiro insatisfeito. Por apenas um segundo, desejou tê-la notado antes para que pudesse ter vivido esse amor. Talvez - provavelmente era a palavra correta - fosse tarde demais para ele.

Ela se afastou de forma estranha. Respirava rapidamente, sem fôlego. O coração disparado. Reagiu a quebra do encanto como se tivesse sido beijada. Alexandre se sentiu ainda mais infeliz por não ter tido coragem de aproveitar aquela chance. Talvez fosse sua única oportunidade.

O silêncio voltou a envolvê-los. Esperou que Tamires se acalmasse para que pudesse entendê-la ou saber o que fazer. Não tinha experiência com romance. Estava meio perdido. Sabia apenas do deslumbramento que causava no sexo oposto, mas nunca se importara. Somente quando olhou Tamires de forma diferente e percebeu que também foi capaz de mexer com ela que passou a desejar.

– Gustavo... - balbuciou Tamires ainda sem ar - tem visto ele?

Ele se remexeu impaciente ao som do nome de seu irmão mais velho. Não podia esperar outra coisa dela.

– Sim. - foi sua única e seca resposta.

Teve medo de olhar para o cunhado. Suas emoções não estavam totalmente sob controle.

– Então, como ele está? - especulou paciente.

Alexandre não demonstrou sua insatisfação dessa vez. Resolveu responder com toda a verdade, sem poupá-la.

– Mal. Não vai mais à empresa. A secretária vai até a cobertura quando precisa da assinatura dele. - Viu-a abaixar a cabeça com tristeza, porém continuou falando. Ela não queria saber? - Ele só sai para ir às cataratas onde fica parado por horas pensando. Passa a maior parte do tempo com Sofia. Faz tudo o que ela quer. - Fez uma pausa antes de prosseguir. - Às vezes parece que ele está apenas escondendo sua dor. Outras parece que está aproveitando seu tempo com ela. - As lágrimas da cunhada pingaram na areia. - Como se estivesse se despedindo.

Cada palavra da última conversa que teve com Gustavo voltou à sua memória, deixando-a ainda mais abalada. Sua escolha não havia despedaçado apenas seu coração. Gustavo

estava sofrendo também. Ainda assim, tentava amenizar a dor da pequena Sofia de apenas dois anos de idade. A ausência de sua filha em sua nova vida era a dor mais difícil de suportar.

Gustavo sabia que Tamires não podia viver sem a filha tanto tempo, por isso estava se despedindo, teria que afastar-se dela. Como desejava que ele ficasse com elas. Porém, ele se recusava a partir para casa.

As escolhas de ambos os levaram para caminhos completamente opostos. Tamires estava disposta a seguir seu destino. Gustavo estava fugindo dele e mesmo que o próprio destino os tenha unido, agora os havia cruelmente separado.

Alexandre se abalou por vê-la sofrer. Seus braços formigavam com o desejo de confortá-la, mas se conteve, não suportaria ser rejeitado duas vezes em uma mesma noite. Remexeu na areia para manter as mãos ocupadas.

– E Sofia? - conseguiu perguntar.

– Gustavo consegue distraí-la a maior parte do tempo, mas ela te chama sempre antes de dormir. Chora muito e acaba adormecendo pelo cansaço.

– Penso nela o tempo todo - soluçou.

Tamires abraçou as próprias pernas tentando conter a dor pulsante em seu peito.

– Estava indo todos os dias vê-los - confessou o cunhado.

Com os olhos ainda marejados, olhou para Alexandre com um sorriso muito discreto nos lábios vermelhos.

– Obrigada.

Naquele momento, Tamires soube que algum tipo de vínculo - maior que a sedução que os envolvia - havia sido criado entre eles.

– Preciso ir embora agora.

Alexandre abriu a boca de espanto, mas acabou concordando.

– Claro.

Os dois caminharam lado a lado pela areia branca da praia. Não prestavam atenção ao caminho, apenas nos passos abafados pelos grãos. Ficava muito perto da praia, a apenas duzentos metros da areia. Pararam em frente a uma casa castigada pela maresia e ficaram em silêncio por alguns minutos. A vista era fantástica. Alexandre quebrou o primeiro.

– Posso te procurar amanhã?

Tamires o observou por alguns instantes antes de responder.

– Tudo bem.

Despediram-se com um breve aceno. Tamires entrou e encontrou Marcel na sala.

– O que foi? - perguntou o cunhado ao ver seus olhos vermelhos.

– Você não sabe quem está aqui.

E então contou sobre o encontro e a conversa que tiveram - pulando a parte da atração. Ele, por sua vez, foi indiferente a todo o relato. Talvez não pudesse entendê-la. Foi para seu quarto e resolveu falar com a única pessoa que a compreenderia.

Enquanto escrevia a carta para Carolina Silva, sua melhor amiga, Tamires se pegou às voltas com inúmeras perguntas que Alexandre nunca havia respondido anteriormente. Estava decidida a conseguir as respostas, já que, pelo visto, teria que conviver com ele pelos próximos dias. Também precisaria confiar nele e, para isso, teria que conhecê-lo melhor.

AMIZADE

Depois do café da manhã, uma batida na porta anunciou a visita. Vestida com roupa de praia, chinelo, óculos escuros e um chapéu exuberante sobre a cabeleira ruiva, Tamires atendeu o chamado. Não pode evitar um sorriso quando viu o rosto dourado de Alexandre sob a luz do sol, os cabelos escuros e brilhantes, o corpo coberto por bermuda e camiseta cavada que expunham seus músculos.

O sol já estava alto e quente, porém a brisa que vinha do mar umedecia e refrescava. No horizonte inúmeros barcos pesqueiros se fundiam à paisagem. Andaram em silêncio pela praia por um tempo. Tamires pensava em como começar sua chuva de perguntas.

O óculos era uma barreira entre eles. Bem, essa era sua intenção. Ainda não sabia se funcionaria e tinha medo de arriscar. O chapéu também ajudava, além de proteger sua pele clara do sol forte. Enquanto caminhavam pensou que Alexandre nunca fora muito falante. Porém estava excessivamente quieto, como se quisesse aproveitar o tempo com ela apenas sentindo e observando.

Ele, na verdade, estava lutando internamente. O desejo latente por ela era doloroso. Tocá-la? Beijá-la? Pegar sua mão? Falar alguma coisa pra distraí-lo dessa sensação? Desejava muito mais ouvir sua voz perfeita. Queria ficar ao seu lado para sempre e andar calmamente. Acariciou essa ilusão como um animal de estimação querido.

Ela ainda estava insegura quanto ao cunhado. Quem era ele? O que ele queria da vida? O que sabia sobre as forças místicas que a envolviam? Precisava decifrar esse enigma senão ficaria louca e já que tinha que falar, resolveu começar logo e da forma menos sutil.

– Alexandre, desde quando você me salvou no parque, em Foz, eu tenho várias perguntas rodando na minha cabeça. - Estremecendo, pigarreou enquanto ela continuava. - Por favor, não se sinta invadido nem obrigado a responder. Só quero conhecê-lo melhor.

O rapaz refletiu por um segundo sobre sua introdução. Ela tivesse mesmo direito de saber a verdade. Então, antes que fizesse qualquer pergunta, resolveu falar logo.

– Tudo bem, então eu vou começar me confessando. - Ela manteve a boca escancarada, travada no meio da primeira pergunta que faria - Não estou aqui por coincidência.

O coração da cunhada disparou e ela fechou a boca. O sangue subindo para seu rosto, mas era a raiva que o tingia dessa vez. Alexandre percebeu a mudança e quase desistiu de falar, porém, com a verdade poderia conseguir o perdão de que precisava. Havia aprendido isso naqueles dias ao seu lado.

– Consegui o endereço com a Carol.

Tamires arreganhou a boca de novo, dessa vez de indignação.

– Você o quê? - quase gritou. - O que você fez, Alexandre?

A revolta com uma pitada de nojo na voz de Tamires o balançou. Tinha pressa em contar tudo para ela, sem relutar.

– Não se preocupe, não a magoei. Apenas dei um jeito de copiar o endereço das cartas que você mandou. Ela nem sabe que estou aqui.

Dessa vez, Tamires engoliu em seco e deu graças a Deus por ainda não ter enviado a carta para sua melhor amiga. Escolhera esse método por achar mais seguro, porém já houve uma falha. Carolina tinha uma queda por Alexandre há muito tempo e pensou que ele havia feito uso disso para tirar-lhe a informação. Ainda assim, parou a caminhada e encarou o cunhado antes de fazer a pergunta fatal.

– Por que, Alexandre? Por que fez isso? O que você quer de mim?

– Tamires - estendeu as mãos para tocá-la nos ombros -, sei que você não tem motivo nenhum para confiar em mim. Sei que sou esquivo e fechado. - A intensidade com que a encarou não deixou que se movesse para escapar. - Sinto muito por isso, inclusive por Gustavo. Antes de... - pausa constrangida -, antes de eu te conhecer melhor, ele era a única pessoa que importava de verdade para mim. Estou procurando uma nova identidade, Tamires. Eu me calei para não falar do meu passado. Procurei ser uma nova pessoa, mas ainda não a encontrei.

Os braços fortes e rijos de Alexandre caíram de seus ombros frouxamente. Tamires sentiu todo o desânimo que invadiu seu corpo depois das últimas palavras. Teve vontade de consolá-lo, porém permaneceu paralisada. Seus olhos profundos lhe diziam a força desse sentimento.

– Mas agora quero te contar toda a verdade - continuou em uma voz muito baixa; deu um passo incitando a caminhada; ela o seguiu de perto. - Gustavo e eu sempre fomos muito próximos. Ele era meu irmão mais velho, meu herói. Quando foi embora de casa, fiquei perdido e sozinho. Senti muito a falta dele. Assim como ele, eu reneguei tudo o que nós éramos ou seríamos, já que não passávamos de crianças. Também queria fugir. Também queria uma vida normal.

Tamires refletiu sobre as palavras de Alexandre. Pensou que Gustavo e ela estavam fazendo o caminho inverso. Ela não queria mais sua vida normal. Queria fazer parte desse evento maior e importante que estava por vir. Queria fazer toda a diferença. Mas também sabia que não queria perder o que havia conquistado até agora. Escolha difícil. Ela podia entendê-lo.

– Lamentei a minha perda por muito tempo até cair a minha ficha de que poderia segui-lo. Mas como encontrá-lo? Você já sabe o suficiente para entender que não foi tarefa fácil.

Vaguei anos até chegar a Foz do Iguaçu. Meu trabalho foi uma distração nesse período e também um auxílio, já que ele exige muitas viagens, mas foi somente quando o encontrei que finalmente fiquei muito mais tempo em um só lugar. Não precisava mais procurá-lo. Já havia encontrado meu porto. Mesmo que soubesse que não poderia ficar para sempre.

Fez uma pausa maior. Tamires ainda tinha muitas perguntas, mas parte delas sabia que não deveria externar. Ficou tentando decidir qual fazer quando ele voltou a falar.

- Sei que você estranhou que nunca me interessei por mulher nenhuma, nem mesmo dei uma chance à Carolina. Mas eu não estava aberto, Tamires. Eu nunca me apaixonei antes. Nunca pensei em outra coisa a não ser o amor por meu irmão e esta perda me fez sofrer muito. Não gostei do sofrimento. Não queria experimentar outro. Porém o destino quis que me apaixonasse aos trinta e cinco anos pela mulher de meu irmão.

Tamires sentiu seu rosto queimar. Não teve coragem de procurar os olhos do cunhado. Manteve o olhar nos grãos de areia da praia.

- Quer saber, não importa - deu de ombros. - Estou feliz por ter acontecido. Este tipo de sentimento é completamente diferente. Não podia morrer sem experimentá-lo. Estou mais feliz por ter sido por você. Por mais que isso possa ter atrapalhado um pouco minha relação estreita com meu irmão, você é uma mulher incrível. Digna de ser amada de diversas formas. - E com a voz ainda mais suave, concluiu. - Estou disposto a te seguir para onde quer que você vá sem nunca te pedir nada em troca.

Ela estacou novamente. O que ele queria dizer com isso?

- Sim, Tamires. - Olhou-a bem nos olhos para responder a interrogação em seu rosto - Estou aqui para te ajudar. Odeio aquele lugar, mas se você quer ir, estarei ao seu lado.

Ela ficou emocionada e comovida. Por que Gustavo não havia feito o mesmo? Alexandre sorriu timidamente. Não estava acostumado a receber um olhar tão aprovador e cheio de emoção. Sentiu aquele novo e forte desejo de tomá-la nos braços. Quando fez menção de erguê-los em direção a seu corpo, a viu se encolher. Parou no mesmo instante.

- Desculpe, não quero forçar meu amor. Prometo que não farei nada que você não queira. - Seus olhos se encheram de ternura ao perguntar. - Podemos ser amigos?

Tamires olhava aquele homem sedutor já consciente de sua resposta. Porém, o que não fazia ideia em consequência dela. Poderiam realmente ser amigos? Ela sabia que se essa atração fosse de mão única sua resposta seria 'sim'. Mas, sabendo que ele também a atraía, temia que terminasse em seus braços.

- Sim, podemos ser amigos - respondeu ela, mas tinha uma condição. - Não quero forçá-lo a se abrir comigo, mas você entende que, já que ficará ao meu lado nessa batalha, tenho que saber quais são suas armas.

Alexandre sorriu compreensivo.

– Claro, entendo. Posso iludir de forma muito sutil e breve. Não tenho muita prática, portanto, só posso fazer isso com uma pessoa por vez, estando muito próxima ou a tocando.

Tamires involuntariamente se encolheu. Será que ele havia usado esse dom com ela antes? Seria uma boa explicação para a atração ilógica que sentia por ele.

– Não. - Será que podia ler seus pensamentos também?, pensou aturdida. - Não fique receosa, por favor. Nunca usei este talento com você nem com ninguém. Não o uso desde que fugi de casa.

Ufa! Um alívio relaxou seu coração. Tinha ainda tantas perguntas estratégicas. Sabia que Marcel ficaria satisfeito com as informações que conseguisse arrancar dele.

– Alexandre, preciso que me conte tudo o que sabe. Pode ser muito útil para nós.

Tamires decidiu que apresentaria oficialmente Alexandre a Marcel e Suzane na hora do almoço. Estava eufórica com a conversa que tiveram pela manhã e feliz por ter mais um aliado na guerra que aconteceria durante o alinhamento dos planetas.

Ao mesmo tempo, cada atitude de Alexandre fê-la pensar em Gustavo. Por que ele fora fraco e não quisera ficar ao seu lado? Será que não a amava tanto assim? Mas ela havia visto em seus olhos. Sabia que morreria por ela. Sua aversão pelo mundo de onde vieram seria mais forte que esse amor?

Sabia que nunca obteria essas respostas. Tinha que se contentar com o que possuía. Não quis tanto sua família - de sangue - de volta? Agora que estava perto de reuni-los, não podia largar tudo pelo seu verdadeiro amor. Alexandre seria a representação de sua família escolhida. E somente isso.

Não tinha certeza se devia enviar a carta para Carolina contando tudo o que tinha acontecido nas últimas horas, nem no dia anterior. Sua melhor amiga entenderia? Seu marido compreenderia? Será que eles não perderiam a razão? Afinal, estavam emocionalmente envolvidos. Tamires já havia visto o ciúme de Gustavo e não estava disposta a provocar aquela fúria novamente e também não queria magoar sua amiga revelando sua amizade com Alexandre.

Bem, não escreveria agora. Esperaria mais um tempo. Pensaria melhor no que essa relação representaria para a convivência com os outros. Ela ainda não havia contado para Alexandre detalhes sobre seus familiares, nem sobre a descoberta de Lucca, mas sabia que mais cedo ou mais tarde teria que fazê-lo. Afinal, partiriam em pouco tempo para Corumbá.

Entrando na casa, Tamires chamou Marcel. Não o viu na sala, como de costume. Pacientemente, esperou que viesse encontrá-la. Estava um pouco abatido quando cruzou a entrada.

– O que foi, Marcel? - perguntou aflita. - Suzane?

Balançou a cabeça positivamente enquanto encarava Alexandre ao lado da cunhada.

– Ah! - exclamou Tamires por um momento esquecida de seu acompanhante. - Marcel, este é Alexandre, irmão caçula de meu marido Gustavo.

Os dois se cumprimentaram enquanto ela continuava as apresentações.

– Marcel é biólogo e namorado de minha irmã caçula, Suzane. Ela é veterinária - riu. - Acho que só eu não tenho formação. - Voltando para a expressão sombria de Marcel, Tamires perguntou de novo. - Suzane está mal outra vez?

– Sim - respondeu espreitando o rosto impassível de Alexandre. - Ela esteve ‘vigiando’ de novo. Agora está dormindo.

Tamires entendeu o receio do loiro. Não queria forçá-lo a aceitar o moreno. Precisaria conversar com ele a sós depois, para explicar melhor. Apenas contou por alto que ele estava disposto a auxiliá-los.

A conversa morreu enquanto Marcel caminhou curvado até o sofá. Tamires reconhecia aquela preocupação. Queria especular mais, porém respeitou o silêncio do jovem.

Alexandre percebeu que estava sobrando. Sabia que teria que conquistar a confiança de todos ali. Mas não importaria sua presença. Teria que ser paciente, afinal, não queria forçar nada. Queria ajudar, não parecer um espião.

– Tamires, é melhor eu ir para minha pousada. Mais tarde venho te procurar de novo.

Balançando a cabeça, ela o acompanhou até a porta. Ele se inclinou sobre ela e aquela onda de tensão e desejo quase a sufocou outra vez. *Isso vai ser muito difícil*, pensou, mas o beijo que ele lhe deu na testa foi o mais inocente possível. Ainda trêmula, acompanhou-o com os olhos enquanto se afastava da casa.

Voltando, sentou-se ao lado de Marcel.

– Foi tão ruim assim? - perguntou aos sussurros.

– Ela - sua voz estava rouca - não conseguia falar. Ficou sem ar. Acho que estava sem forças até para respirar.

Isso era ridículo. Suzane estava se sacrificando além do que podia, além de seu limite, além de suas forças humanas frágeis. Ela tinha que parar. Alguém tinha que convencê-la. Desse jeito, morreria antes que o grande dia chegasse. A raiva toldou seu rosto de novo. Como podia ser tão teimosa.

– Vou fazer comida. Algo bem forte para ela.

Era a única coisa que podia fazer, constatou.

– Precisamos de algo que a fortaleça espiritualmente - retrucou Marcel. - Vou falar com minha mãe, talvez conheça alguma receita.

– Tudo bem, cuidado do corpo e você da alma.

Mas antes que Marcel saísse, Tamires se recordou.

– O que ela viu? - perguntou.

– Mais uma etapa de Lucca - tentou sorrir. - Até agora foi psíquico. Chegou a parte física.

Um arrepio passou pelo corpo de Tamires. Ela se lembrava daquilo também. Na época fora assustador por ser muito novo e muito estranho. Porém hoje era até divertido. Com certeza seria algo que Lucca apreciaria. Não se incomodou com seu possível nervosismo. Afinal, pelo que tinha percebido dele até agora, os dons da mente o incomodavam muito mais. Homens são fortes fisicamente, estão acostumados a isso. Também tentou sorrir ao pensamento, mas foi um sorriso triste.

PROTEÇÃO

Os dias passaram despercebidos para Lucca. Era como se sua antiga rotina tivesse voltado. Vitória dera uma trégua nos preparativos do casamento. Carlos e sua equipe continuavam escavando o objeto misterioso. Somente uma novidade havia sido inserida em seu dia a dia. Mainá. A índia Kadiwéu que encontrava todas as noites, após o expediente, próximo a gruta do parque.

Carlos não se queixava da carona perdida. Achava que o amigo passava as noites na fazenda, com Vitória. Lucca não contara para ninguém - nem para seu melhor amigo, nem para sua mãe, nem para a historiadora do grupo - que tinha amizade com uma índia culta, porém crente em lendas indígenas.

Apesar de sua espiritualidade, Lucca não fora capaz de conversar com a ela sobre suas novas habilidades. Porém, se pegava respondendo aos seus pensamentos inúmeras vezes. Coisa que Mainá não estranhara. Era como se ela simplesmente soubesse e compreendesse o que estava acontecendo com ele.

Porém, a única explicação que a índia lhe dera não era aceitável por sua mente racional e prática. Às vezes achava ilógico não acreditar, afinal, tudo que estava lhe acontecendo já era bastante irreal. Por que não uma resposta no mesmo nível? Porém, na sua mente, não fazia sentido, mas era um fato. Diferente da fantasia descrita por Mainá.

Já fazia uma semana que armara toda aquela confusão em sua vida e faltava o mesmo tempo para seu casamento. Era sábado, havia trabalho pela manhã e estava ansioso pela noite para encontrar a índia. Mesmo com a tarde livre, não correria o risco de tentar encontrá-la em plena luz do dia.

Matar o tempo em casa era uma tortura. Depois de se esquivar por dias, Edmundo resolvera mudar de tática. Estava perseguindo o irmão adotivo por todos os lados, monitorava seus passos. Lucca temia que estivesse desconfiado de seus segredos. Depois afastou essa ideia. Como ele poderia ter percebido?

Tomava todo o cuidado para não responder aos pensamentos de ninguém. Sequer os sussurros. Vivia tenso quando estava perto de todo mundo. Tinha que haver outro motivo para Edmundo persegui-lo tanto, mas não conseguia enxergá-lo. Não fazia ideia do que havia na cabeça estranha do irmão.

Agora mesmo fora se refugiar no quarto já que Edmundo estava na sala, implicando com ele. Dissera: 'Não vai para rua de novo, Lucca? Nem para mais em casa!'. Mesmo lendo

seus pensamentos, não obtinha mais do que rancor e raiva. *Vai lá, aberração, lamber o chão de Vitória!*

Ao mesmo tempo em que tinha certeza de que ele não queria sua companhia, tinha lá suas dúvidas. Não estava no quarto há cinco minutos e adivinha quem abria a porta.

– Edmundo, gostaria de ficar sozinho, se não for pedir muito - disse debruçando-se sobre a cama.

O quarto estava quente e ficaria ainda pior com outro corpo por perto.

– É pedir muito sim - deixou a porta aberta na qual correu uma brisa rala. - Este quarto também é meu.

Com um suspiro, Lucca pensou que o casamento com Vitória seria providencial. Não era nervoso nem violento, mas estava difícil conviver com o irmão.

– O que você quer? - questionou com frieza.

– Nada - respondeu indiferente Edmundo.

Lucca sentou-se na cama disposto a ter uma conversa séria e esclarecedora.

– Vamos lá! Sei que você está atormentado com alguma coisa. Todo mundo está percebendo sua mudança. E sinto que a culpa é minha. O que foi que te fez?

Edmundo não encarou o irmão. Seu rosto se retorcia com uma raiva violenta.

– Você se acha muito importante, não é? - vociferou. - Acha que o mundo gira ao seu redor? - Dessa vez, olhou com todo seu ódio nas profundezas verdes dos olhos do irmão adotivo. - Mas você não é!

Lucca continuou encarando-o o tempo que ele permitiu para que pudesse ler seus pensamentos e lá estavam eles. *Idiota! Miserável! Quem você pensa que é?* Somente sentimentos revoltosos, como sempre, nada de realmente significativo. Desviou o olhar de novo. Nunca viu uma mente tão nebulosa quanto a de Edmundo. Estava envolta em uma bruma de ódio, ressentimento e mágoa. Era impossível lê-la claramente.

Ficava deprimido quando Edmundo estava por perto. Sua energia negativa lhe deixava para baixo. Uma força ruim o puxando para um buraco fundo e escuro. Um arrepio frio percorreu toda a extensão de sua espinha.

– Edmundo - tentou conversar insistente. De onde vinha todo aquele ódio? - A gente é irmão. Por favor, vamos tentar conversar civilizadamente.

O irmão desatou a rir, constringendo-o. Abismado, viu lágrimas escorrendo de seus olhos apertados enquanto gargalhava alto.

– Sinceramente, Lucca, não sabia que você podia ser tão engraçado!

Porém, no instante seguinte, todo o humor foi substituído por um aspecto sombrio e até perverso.

– Você já se olhou no espelho? - uma pergunta retórica carregada de sarcasmo. - Nós dois nunca poderíamos ser irmãos e jamais seremos.

Lucca engoliu em seco, assombrado por seus próprios fantasmas nas palavras duras de Edmundo. Sarcasmo por sarcasmo, poderia retrucar na mesma moeda.

– Vitória é tão branca quanto eu.

Os olhos de Edmundo se estreitaram furiosamente.

– Não se compare a ela! - explodiu erguendo-se da cama. - Você não tem nada dessa terra. Deve ter vindo de outro planeta depois de ser abduzido! Pouco me importa!

Lucca esperou que algo se quebrasse, mas o silêncio reinou a não ser pela respiração acelerada de Edmundo debruçado sobre a janela aberta.

– É mesmo impossível ter uma conversa com você - declarou impaciente. - Já que você não me deixa sozinho, vou procurar um lugar onde consiga alguma privacidade.

– Vai, aberração, me deixa em paz!

Lucca estava indignado. Era o irmão que o perseguia por toda a casa e agora ele pedia paz. O que estava acontecendo ali? O que estava perdendo? Nem para essa coisa de ler pensamentos funcionar na hora e do jeito certo quando precisava.

Sabia que só havia um lugar no qual poderia encontrar tranquilidade. Pegou seu carro e partiu rumo ao seu esconderijo.

O verde exuberante - de diversos tons sob o sol da tarde - contrastava com o azul claro do céu. Poucas nuvens manchavam de branco o firmamento. O Pantanal se estendia a minha frente como uma inundação de cores com reflexos dourados.

Meu espírito estava atormentado. O que Edmundo queria de mim? Sua presença forçada, seu sarcasmo, seu ódio me faziam mal. Precisava saber o que ele queria, mas eu não fazia ideia de como conseguir. Meu novo talento não estava ajudando muito. Talvez se vencesse meu horror à raiva e ao desprezo de meu irmão, pudesse ver além do óbvio.

Mas agora era tarde. Havia fugido dele. Estava indo para meu novo refúgio, meu lugar secreto onde eu era uma aberração aceita e admirada. Onde podia ser eu mesmo, sem medo e sem autocontrole. Onde podia ser irresponsável e me esquecer de meus pesados fardos. Fardos esses que me impunha impiedosamente.

Não sabia que era tão bom sentir essa leveza. Demorei trinta anos para descobrir que os problemas podiam ser colocados de lado por um tempo, para recarregar as baterias. Era humano, afinal. Agora com força e talentos sobre-humanos, mas ainda tão humano quanto outro qualquer.

Inspirei o ar úmido de Corumbá banhado pelo rio Paraguai. Meus pulmões se encheram satisfeitos com o aroma familiar e agridoce. A mata, as folhas, as flores, a vida selvagem se definindo por cheiros distintos. O bando de animais, os solitários, as aves e os répteis, tudo tinha

seu valor específico aos meus sentidos. Reconheceria o Parque Marina Gatass há quilômetros de distância.

O lugar passara de um local de trabalho para um refúgio. Porém, na última semana o tinha como uma fortaleza. Sentia que quanto mais tempo passava ali - cerca de doze horas todo dia - mais forte ficava, mais protegido me sentia, mais invencível me tornava.

Era totalmente avesso a violência. Jamais usaria força física para nada. Porém meu corpo respondia a estímulos desconhecidos, que vinham daquela mata, de sua natureza selvagem, da convivência com a índia, do ônix e sua energia misteriosa e eficaz.

Aquela força sobrenatural crescia em meu organismo pulando de célula em célula, fortalecendo cada parte dele, fluindo naturalmente pelas ramificações de minhas veias. Era tão nítida e papável que podia senti-la correndo lentamente por meu corpo. Mesmo quando achava que já estava forte o suficiente, um novo dia passava e uma nova parte de mim se fortalecia. A cada minuto podia perceber a diferença. O tempo era meu aliado agora. O que será que o destino esperava de mim com toda essa força crescendo sem parar?

Não sabia e não podia me deixar levar pelas crenças de minha nova amiga indígena. Sorri com esse pensamento. Mainá nunca mais voltara a falar sobre as lendas de um deus nascido entre os brancos. Ao mesmo tempo em que me sentia aliviado, também ficava curioso para conhecer os pormenores, talvez para explicar o que acontecia comigo. Mas jamais teria coragem de questionar e crer.

Por mais que pensasse, não conseguia encontrar uma resposta plausível para os acontecimentos místicos que me cercavam. Se encontrasse pelo menos uma, me sentiria melhor, mas ao invés de explicações, só conseguia mais perguntas e respostas que questionavam minha sanidade.

Por que o parque era uma fonte de energia para mim? Por que ao lado da pedra sempre me sentia bem? Por que ela brilhava? Por que Mainá me seguiu? Por que se sentia no dever de me proteger? Por que eu existia?

E para piorar as coisas, perguntas que não me fazia há tanto tempo retornaram a minha mente. De onde vim? Por que fui abandonado no parque? O que teria acontecido com meus pais verdadeiros? Por que nunca voltaram para me procurar?

E a maior de todas: haveria um significado muito maior para a vida? Estaríamos aqui por um motivo, seríamos predestinados? Teríamos um papel importante a desempenhar que mudaria o desfecho da história? Afinal, não existia ninguém realmente insignificante?

Estava divagando, resolvi voltar para a realidade. Entrei no parque e parei o mais longe possível do meu destino. Pura precaução. Ninguém estaria me seguindo. Porém, o parque era público, haveria pessoas por ali e não queria chamar atenção.

Tinha razão. Ainda havia muitas famílias aproveitando a tarde. Por mais pressa que meus pés tivessem, tentei caminhar despreocupado como se observasse a natureza. Andei tranquilo, o olhar distante como se pensasse em qualquer coisa e não estivesse guiando meus passos deliberadamente.

Passei por crianças que brincavam fingindo não notá-las. Cães latiam e corriam atrás de objetos coloridos. Uma mãe chamou a atenção de seu filho que se afastava demais. Um casal fazia juras de amor sob uma árvore e sufoquei a lembrança de Vitória.

Não queria pensar em mais nada. Queria ser livre. Queria ter paz, mas a sensação que me acalentaria como braços reconfortantes não vinha. Devido ao grande movimento e minha ausência, Mainá deveria estar muito distante com sua pedra. Fiquei mais ansioso por encontrá-la.

Concentrei-me então nos sons a minha volta. Eram tantos. As crianças eram as mais barulhentas, mas não precisaria de uma audição aguçada para perceber isso. As conversas descontraídas e seu zunzum substituíram meus pensamentos. Minha mente vazia de mim mesmo e totalmente receptiva ao que havia ao meu redor.

Saboreei os ruídos, como outrora havia feito com os aromas. Eram música... não, estavam longe disso, mas não me eram comuns. E isso já era muito bom. Agradecido pelo turbilhão incessante, continuei a procura por meu refúgio com a paciência necessária.

Não me concentrei em nada específico. Deixei minha mente vazia e segui apenas meus instintos. Naquele momento, poderia ser comparado a um animal irracional, guiado por seus sentidos apurados, isento de pensamentos e sentimentos conflitantes. O sonho de qualquer ser humano adulto.

Logo, o burburinho diminuiu e outros sons tomaram seu lugar. Onde não havia pessoas, a mata podia conversar livremente, em sua linguagem viva e pulsante. Fui tomado por esse novo turbilhão de ruídos totalmente distintos. O rio, a brisa, as árvores, os animais. Estava em casa.

E isso também significava que estava próximo de meu destino. Ainda assim, não podia sentir a presença mística do ônix e de sua guardiã. Poderia aumentar meu ritmo, agora que as pessoas estavam longe, mas meu cérebro não estava pensando. Portanto, mantive o mesmo passo distraído.

Quase podia andar com os olhos fechados de tão instintivo que estava.

Porém, como um animal, jamais me privaria do sentido que me permitia antecipar qualquer movimento a uma longa distância e em um raio de cento e oitenta graus. Apesar da audição e o olfato poderem me prevenir de qualquer alteração ao meu redor, a visão era um trunfo irrecusável.

Mas foi minha audição que me alertou de um novo som antes que qualquer outro sentido - ou instinto - percebesse. Parei no mesmo instante, meus olhos varrendo o perímetro à procura da novidade. Meu instinto falou alto me dizendo que não havia nada místico se aproximando.

– Mainá? - perguntei mesmo sabendo que não era ela.

Talvez fosse somente um animal veloz e rasteiro. Nada passaria por meu olhar despercebido. Voltei a caminhar. A sensação de estar sendo vigiado cada vez mais latente.

– Mainá? - chamei novamente sem parar de andar.

Não houve resposta. Não podia ser ela, saberia identificá-la. Aquele som estranho desapareceu, porém a sensação não. O que fazer? Correr? Continuar andando? Abortar a ideia inicial?

Todos os músculos de meu corpo responderam à injeção de adrenalina provocada pela minha evidente tensão. Mantive meus sentidos alertas a qualquer alteração no cenário.

Quem me visse jamais perceberia a diferença que sentia agora pulsando em meu organismo. Meu caminhar e minha expressão continuavam os mesmos. Porém até minha pele respondia a sutil alteração do clima naquele fim de tarde.

Sabia que nem a escuridão poderia me tirar cegar. Portanto, não temi a chegada da noite e com todos os sentidos atentos logo percebi que estava a apenas alguns passos de meu esconderijo.

Em nenhum momento me virei para me certificar de que alguém não me seguia. Não era necessário. Virei à esquerda, passei sob o galho de árvore grande e baixo que conhecia tão bem. A porta verde e serena que escondia meu refúgio. E, diante dos meus olhos, o frondoso e pedregoso cinza tomou todo o cenário até então verde e marrom.

Para muitos seria uma cor tristonha e fria depois de se deparar com a exuberância quente e úmida da mata. Mas para mim era um santuário mágico e acolhedor, exatamente por ser desinteressante para os outros. Jamais seria incomodado pela vida real ali.

Invadi o cinza escurecido pela sombra rochosa no centro da gruta. A ausência da bem-vinda sensação de bem-estar me incomodava. Estaria Mainá longe dali? Teria voltado para sua tribo? Fiquei aflito. Congelei tentando entender meu sentimento. Se ela tivesse voltado para seu povo, nada mais justo. O que eu queria? Que ela renegasse sua vida, seus costumes, seus familiares para viver em uma caverna escondida somente para que pudesse vê-la?

Balancei a cabeça negativamente. Era dela que sentiria falta ou da pedra? A resposta me veio à mente com uma certeza esmagadora. As duas. Precisava da tranquilidade do ônix e da aceitação - irracional - da índia. Como enfrentaria essas mudanças estranhas e perturbadoras sem elas?

Até agora havia sido suas presenças que me mantiveram são, apesar das muitas vezes beirei a insanidade. Estava sendo egoísta e irracional, mas além de tudo, perdido e abandonado como nunca me senti antes, nem quando tinha apenas dois anos e estava completamente sozinho naquele parque. Sem rumo. Sem beira. Sem razão para continuar o meu caminho.

E qual seria esse caminho? O casamento com Vitória caiu como um relâmpago em minha memória, fazendo um grande estrago. Não queria aquela lembrança, nesse momento de completa desorientação. Entrei em desespero.

– Mainá! – gritei ansioso.

E os ecos assustadores de meu desalento amplificaram meus sentimentos sufocantes.

– Mainá! - bradei novamente antes que a repercussão se dissolvesse.

Assim que o som se propagou até desaparecer, debruçado sobre meu corpo e sentindo as pernas fraquejarem - que dor era aquela? - uma voz me trouxe de volta o sentido de alerta.

– Eu sabia!

E não precisava dos ecos para reconhecê-la. Meus sentidos se aguçaram de novo, preparados para reagir como se não tivesse sentindo nenhuma dor até agora - a dor era emocional, então soube. Foi sobrepujada por minha mente, mais ágil e mais preparada.

Meus músculos me obedeceram de pronto fazendo com que meu corpo se virasse na direção da voz. Rangi os dentes com raiva de mim mesmo por ter perdido o controle exatamente quando estava sendo seguido, me tornando incapaz de perceber.

Outro motivo me fez apertá-los ainda mais. Havia guiado uma pessoa até meu esconderijo, meu refúgio, minha fortaleza, meu santuário - e quantos nomes mais eu pudesse dar àquele lugar, para mim, sagrado agora. Estaria maculado para sempre.

– Edmundo, o que você está fazendo aqui?

O sarcasmo passara a ser a única expressão no rosto de meu irmão pantaneiro. Senti nojo dele.

– Eu que te pergunto, Lucca - respondeu com aquele tom odioso. - Aproveita e me diz quem é Mainá.

A nova onda de culpa me correu o corpo por um segundo longo e torturante demais. Havia, não só maculado meu santuário, mas também a casa - provisória - da índia. Se ela estivesse ali - longe de outros olhos que não fossem os meus - era por que não queria ser vista. Havia estragado tudo. Meus músculos se contraíram reagindo a tensão, prontos para se moverem a meu comando.

– Por que me seguiu até aqui? - perguntei entre os dentes.

– Por quê? - respondeu Edmundo com tom de surpresa - Porque estava certo o tempo todo! - explodiu, sua voz ecoando horripilantemente através da rocha. - E queria uma prova concreta disso.

– Sobre o que você estava certo? - fui capaz de perguntar, represando a fúria.

– Sobre você não ser o santinho que todo mundo pensa que é. Vamos lá, me conte quem é essa Mainá!

Como magia, o nome da índia, que repercutiu pelo oco da caverna, trouxe até mim - de

forma brusca e dolorosa - a sensação nítida de sua presença. Apavorado - e antes que pudesse impedi-la - vi que nos alcançava com sua pedra brilhante no pescoço.

– Não, Mainá! - gritei tarde demais para remediar a situação. - Volte!

Edmundo se virou na direção em que eu olhava ainda incapaz de vê-la. Porém, a indígena não atendeu meu pedido, entrando no precário campo de visão de meu irmão com apenas alguns passos rápidos.

Corri também, pronto para protegê-la, mas Edmundo conseguiu interceptar meu caminho colocando-se entre nós. Mainá tentou parar, porém caiu direto nos braços de meu irmão. Ele a segurou com força para que não caísse. Não me senti agradecido com o gesto. Ao contrário, queria livrar minha amiga dele.

– Ora, ora, quem diria, hein, Lucca - disse enquanto analisava o rosto da moça. - Uma bugra. Não sabia que tinha esse tipo de fetiche.

– Solte-a! - ordenei.

Mainá se debatia sem ter sucesso em se libertar.

– Lucca! - clamou a indígena.

– Há há há! - gargalhou meu irmão. - Então é aqui que vocês se encontram? Desde quando, hein, Lucca? Antes ou depois do seu noivado?

Não me importava com minha noiva agora. Queria livrar Mainá das garras de Edmundo. Ele que pensasse o que quisesse de mim. Exigia apenas que ficasse longe dela. A índia não tinha culpa de meus erros. Não seria bode expiatório do ódio desenfreado que meu irmão me dedicava com vontade.

No segundo que se seguiu antes que fizesse uma nova exigência, meus olhos presos em Mainá - aprisionada como um animal pronto para ser abatido - senti novamente toda aquela força que crescia em meu organismo, se concentrando em uma reação natural. Não estava me preparando para me defender, e sim para atacar.

Não contive a força - multiplicada dez vezes nesse momento pela adrenalina, pela tensão e pelo acúmulo sutil que não me deixou perceber realmente suas proporções. Meu corpo tinha vida própria. E não sabia o que aconteceria em seguida.

Tornou-se energia pura, fluindo invisível de meus milhares de poros, completamente palpável para mim. Essa energia vagou ao meu redor, como astros na órbita dos planetas. Senti-a crescer, tomar forma, como se fosse física, como se tivesse criado um novo ser daquela essência que me completava.

Meus olhos estavam presos no temeroso olhar de Mainá. Ajude-me! Eles gritaram para mim, traduzindo seus pensamentos aflitivos. Foi aí que desviei meus olhos para Edmundo, pronto para me mover sobre ele.

Antes que meus músculos se mexessem, no entanto, meu irmão foi atirado contra a parede de pedra e escorregou até o chão, levemente tonto. Voltei minha atenção, aturdido, para Mainá, meio agachada de susto, e ela me retribuiu, espantada. Como fez isso? Seus olhos me perguntaram. Apenas havia cogitado atacá-lo, mas não havia me movido sequer um milímetro. Olhei novamente para Edmundo que recobrava o equilíbrio.

– Como teve coragem de me atacar pelas costas? Seu covarde! - vociferou.

Não estava preparado para aquilo. Foi então que senti a energia externa se desvanecer como a passagem de uma brisa, voltando para dentro de meu corpo de imediato. Olhei minhas mãos tentando entender o que havia acontecido ali.

Minha distração não me permitiu prever a reação de Edmundo. O grito de Mainá apenas fez com que erguesse meus olhos em sua direção e, pela visão periférica, pudesse perceber o ódio com que meu irmão saltava sobre mim.

Instintivamente, a energia pulou de mim para fora - apenas ao pensamento de me proteger - e atingiu Edmundo direto, jogando-o contra uma pedra. Percebi que havia estendido minhas mãos em sua direção, , sem tocá-lo.

Meu irmão também percebera e dessa vez - como vira com seus próprios olhos - não havia confusão em sua face. Havia horror. Levantou-se em um só pulo, olhando para mim perturbado.

– Aberração! Alienígena! - gritou enquanto corria para fora da gruta. - Você não é deste mundo! Preciso avisar Vitória!

Movi minhas pernas longas e fortes para acompanhá-lo. Quando percebi que Mainá vinha atrás de mim, parei imediatamente e me virei para ela.

– Quem era ele? - perguntou assustada.

– Preciso ir atrás dele antes que conte para alguém sobre você - respondi com pressa.

– Vou com você - falou decidida.

– Não - retruquei com firmeza. - Espere aqui. Volto assim que as coisas acalmarem. Não será bom se vier comigo. Não quero colocá-la em perigo de novo. Precisaremos de um novo esconderijo para você.

– Não se preocupe comigo, Lucca. Eu me viro. Estou preocupada com você, mas acho que é bobagem minha. Sabe muito bem se defender, pelo que acabo de ver.

Não tinha tempo para discutir sobre aquela novidade com Mainá. Tinha que alcançar Edmundo antes que ele chegasse até Vitória. Meu novo corpo me levaria até ele a uma velocidade incrível. Curtiria o trajeto com o vento batendo direto em meu rosto. A sensação de força e liberdade me fez sorrir. Desde que tudo começara, era a primeira vez que sentia realmente prazer comigo mesmo.

CIÚMES

Tamires não estava aflita com os detalhes da cena que Marcel lhe descreveu. Imaginava apenas quais seriam os motivos de Edmundo para sentir tanto ódio de Lucca. Mas não estando lá, seria difícil ajudá-lo com isso.

Balançando a cabeça, se lembrou que ele também podia saber a verdade, talvez até melhor do que ela. Afinal, não poderia lhe dizer mais do que ele já sabia. Sua sensibilidade aos sentimentos não seria útil contra o poder do pensamento.

Seu sorriso chamou a atenção de Alexandre, sentado ao seu lado na areia clara e fina da praia.

– No que está pensando? - perguntou.

Voltando seus olhos para o cunhado, se distraiu com a força atrativa que exercia sobre ela. Respondeu logo antes que se perdesse.

– Em Lucca.

– Ah.

Alexandre estava sendo muito compreensivo e paciente, espantando Tamires. Ela finalmente lhe contara sobre a descoberta, porém se abstera aos detalhes. E ele não a estava pressionando para saber, respeitando seu tempo. Ela pensou de novo como ele era diferente de seu irmão.

Porém sua atitude só a fazia se sentir mal pela desconfiança. Não era bem por ele. Mais por Lucca. A precaução se estendera para Carolina e Gustavo também. Somente Suzane, Marcel e Tamires sabiam sobre sua chegada. Eram uma unidade agora, pensando e agindo em prol de uma causa maior. Ainda assim, não conheciam tudo, por isso, não queriam correr o risco de atrair perigo verdadeiro para Lucca. Estavam vigiando-o atentamente.

Havia contado a Alexandre apenas seu nome e nada mais. Marcel lhe pediu para manter o segredo, não por não confiar nele, mas porque ainda não o conheciam direito.

Toda a informação extra que lhe dera sobre a origem da guerra que travariam em pouco mais de um mês não fora suficiente para fazê-lo um aliado legítimo. Ele ainda teria que provar seu valor.

O sol desaparecia com rapidez no horizonte e ela suspirou com o fim de mais um dia.

Cortei caminho através do parque, atravessando a área alagada rumo à fazenda. A pé talvez não fosse mais rápido, mas não queria perder tempo voltando ao meu carro. Edmundo tinha

alguns minutos de vantagem sobre mim.

Minha mente trabalhava feroz para entender o que havia acontecido na caverna. Aquela mesma força que movia agora meu corpo em alta velocidade tinha, de alguma forma, se extraído de mim e atingido Edmundo. Como, meu Deus!?! O que eu era afinal? Nunca a minha verdadeira origem fora tão desconhecida e assustadora. Sempre me achei normal, por mais que não fosse daquela terra. Mas isso estava fora dos limites racionais.

Será que eu realmente era um alienígena? Associei-me a imagem do super-homem e afastei imediatamente o pensamento. Apesar de todas as coincidências, como a pedra - que no meu caso era boa -, a força bruta e a velocidade, ainda não podia aceitar esse tipo de explicação sobrenatural. Que mania ridículo de fazer associações com heróis de quadrinhos.

Desviei meus pensamentos novamente de minhas dúvidas. Precisava de uma solução para convencer Edmundo a não me entregar. Mas como? O que poderia falar para que me escutasse? Era tão irreduzível! Seu ódio o fazia contar tudo com o maior prazer. O que Vitória acharia de Mainá? O que ela pensaria de meus poderes sobre-humanos? Também me veria como uma aberração?

O terror me tomou por completo. Imaginar que minha noiva passaria a ter nojo, medo ou desprezo por mim fez meu estômago revirar. Visualizei em minha mente seu rosto e a expressão constante de adoração substituída pelo horror.

Não queria que soubesse quem eu verdadeiramente era, ou melhor, o que eu podia fazer. Afinal, também não sabia quem era e precisava descobrir logo. Talvez um dia lhe contasse tudo, com calma e confiança. Nossa relação permitiria isso.

Confiança. Essa era a palavra que me salvaria hoje. Não podia transmitir toda minha insegurança com relação ao que era. Tinha que demonstrar saber o que estava fazendo. Assim poderia convencer Edmundo.

O exercício de esconder meus sentimentos controversos trouxe com facilidade o autocontrole de volta para minha mente, deixando meus pensamentos ágeis e claros. Eu me concentrei em observar mentalmente as reações e palavras de meu irmão a fim de encontrar uma saída.

Nesse momento, avistei a mansão imponente entre o cenário verde pantaneiro. Sem moderar o passo, saltei os degraus da escadaria e atravessei as grandes portas que estavam abertas. Em dois passos estava dentro da sala de estar da mansão diante dos olhos assustados de meu irmão.

Naquele segundo, soube tudo. Devia ter tido coragem de contar tudo para Vitória. Agora Lucca vai enganar-la novamente e eu a perderei para sempre. Finalmente! Seus pensamentos ficaram claros para mim. Não era eu o problema. Era Vitória!

– Edmundo... - sussurrei vitorioso diante da descoberta.

Eu o vi se encolher ao som do próprio nome como se exposto. Vitória se voltou para mim com o sorriso radiante na face.

– Lucca! - exclamou erguendo-se do sofá e correndo em minha direção.

Seus braços doces estreitaram meu corpo contra o seu e a sua boca quente e macia encontrou a minha com vontade. Meus olhos não perderam Edmundo de vista. Como ela pode amá-lo? Ele é uma aberração! Seus pensamentos ferviam de ciúmes e despeito. Seu rosto moreno ganhou um tom avermelhado, deixando-o parecido com a cor da terra.

Vitória soltou meu corpo interrompendo o demorado beijo e sua mão agarrou a minha com força. Estava evidente a provocação. Sorri para ela com malícia e cumplicidade.

– Aconteceu alguma coisa, querido? - perguntou. - Edmundo teve tanta dificuldade em falar que por um momento pensei que algo de grave tivesse acontecido com você.

Ufa, havia chegado a tempo! O que será que o havia impedido de falar? Medo? Reparei no desprezo com que minha noiva olhou para meu irmão, pude perceber que Vitória sabia de seu interesse por ela há muito tempo. Cogitei quando Edmundo havia sido rejeitado e concluí que deveria ter sido antes de nos conhecermos. Isso explicava a atitude dele nos últimos dias. Antes me odiava por ser o irmão adotivo e intruso que havia usurpado sua primogenitura. Agora me odiava porque

havia roubado o objeto de seu desejo.

– Alguma coisa grave? Não - respondi sorrindo para minha noiva e com a maior cara de pau, me volvei ao meu irmão. - Edmundo?

Dessa vez ele recuou um passo. Seus olhos me diziam o quanto me temia. Não me machuque! Mais seguro de mim mesmo, resolvi usar seu medo a meu favor.

– O que está fazendo aqui? - a firmeza de minha voz fazendo-o afastar-se mais.

Mantive meu olhar duro e atento sobre ele como um aviso. Eu o vi lutando para encontrar uma resposta que não resultasse nele jogado contra uma parede outra vez.

– O que você quer com Vitória? - pressionei.

Pensou que estava do lado errado da sala, muito afastado da porta de saída para que pudesse fugir de mim. Como um covarde, nem se preocupou com a imagem que poderia passar para a mulher que desejava. Queria apenas livrar a própria pele. Senti desprezo por sua fraqueza.

– Seja homem, Edmundo! - exclamei.

Seu espanto foi maior quando percebeu que eu respondera a seus pensamentos. Que tipo de aberração você é? Seus olhos me perguntaram. Estava disposto a pressioná-lo ainda mais.

– Responda, Edmundo! - exigi. - O que você queria com a minha noiva?

Meus dedos acariciaram a pele suave do rosto de Vitória enquanto os olhos de Edmundo

ficavam injetados de vermelho. Ciúmes, inveja, ódio explodiram de seu corpo. Pela visão periférica, o vi se atirar com ousadia sobre mim. Bem a tempo, afastei-me da pequena mulher pondo-me à sua frente para interceptar seu ataque e garantir sua segurança.

Desastrosamente caímos agarrados sobre a mesinha de centro transformando o vidro em minúsculos cacos quadrados. Fique longe dela! Seus pensamentos gritaram para mim quando o encarei. Suas mãos tentavam agarrar meu pescoço em vão. Usei toda a minha força sobre-humana para impedi-lo de alcançar seu intento. E antes que ele conseguisse se mexer um milímetro sequer, soquei seu rosto para fazê-lo parar de lutar.

– Oh! - ouvi o gritinho apavorado de Vitória.

Olhei para ela a fim de ver se estava bem e seus olhos responderam a minha preocupação. Os dois brigando por mim? Que lisonjeiro! Enquanto me erguia distraído e intrigado com os pensamentos vaidosos de minha noiva, Edmundo me atacou pelas costas, jogando-me de novo contra os cacos.

Senti a ardência em meu rosto e mãos quando o vidro perfurou minha pele, mas não tinha tempo para me preocupar com os cortes. Precisava reagir antes que Edmundo fizesse um novo ataque. Eu me virei rápido demais para ser natural e com minha perna desferi um golpe certeiro no estômago, jogando-o contra o sofá. Com a força o móvel se arrastou até a mesa da sala de jantar parando somente depois de derrubar três cadeiras.

Tinha que parar os estragos. O coronel ficaria furioso com a destruição. Eu me ergui com um pulo ágil e agarrei Edmundo pela gola da camisa arrastando-o para fora da casa. Ele ainda estava mole e atordoado pelo último golpe.

– Seu verme, me solte! - ainda assim tinha forças para gritar. - Lute como um homem, seu alienígena!

Ouvi os passos curtos de Vitória nos seguindo porta afora. Estava amando o espetáculo e isso me deixou estranhamente tranquilo quanto aos problemas que Edmundo poderia ter conseguido para mim. Pela sua reação soube que jamais acreditaria nele. Ela o desprezava.

Eu, que odiava a violência, estava feliz com minha capacidade de lutar. Apesar disso, não queria continuar com aquilo, ainda mais na frente de Vitória. Era melhor irmos para outro lugar antes que o coronel aparecesse.

Muito mais confiante, encarei meu irmão ao largá-lo depois que descemos a escadaria. Não parecia disposto a sair por baixo naquela luta desigual. Avançou contra mim novamente. Porém, fui mais rápido socando sua face. Edmundo cambaleou ante ao impacto do golpe. Derrotado e mais cheio de ódio do que antes, me encarou de volta. Isso não ficará assim! Seus pensamentos ameaçaram.

– Chega de briga, Edmundo! - minha voz denotando toda a autoridade que queria,

fazendo-o estremecer ao som. - *Você veio aqui me procurar? - perguntei ajudando-o a encontrar uma saída digna.*

Apenas balançou a cabeça afirmativamente. O roxo do olho se acentuava.

– *Agora que me encontrou, podemos conversar em particular. Vamos embora! - Voltei-me para olhar minha noiva. - Amor, volto à noite, está bem?*

Paralisada no topo da escada Vitória concordou com um aceno breve. Seus olhos dizendo para mim toda a admiração e excitação que minha atitude despertara nela. Que homem, meu Deus! E ele é todinho meu! Hum, que delícia! Sorri aos seus pensamentos tolos e agarrando o braço de Edmundo - completamente rendido - o empurrei para dentro do carro de meu pai que ele havia pegado para me seguir.

– *Então, Edmundo - comecei a conversar enquanto meu irmão permaneceu calado no banco do passageiro. - Por que não teve coragem de dizer a ela?*

Sabia a resposta. Porém ele não disse nada.

– *Tudo bem. Não importa – falei. - Você não pode contar a ela sobre Mainá porque você enxergou tudo errado.*

Edmundo bufou em resposta.

– *Olha aqui, Edmundo! - minha autoridade reverberou em seu corpo machucado. - Não devo nenhuma explicação para você sobre nada. - Tranquilei o tom de voz. - Mas quero te contar a verdade.*

Que verdade eu sabia? Teria que blefar muito bem agora.

– *Mainá é apenas uma amiga que conheci recentemente. Mantemos nossa relação em segredo porque ela assim o deseja. Mas não tenho nada a esconder ou do que me envergonhar. Sabe que eu trabalho com a história de indígenas todos os dias. Não deveria ter distorcido minha nova amizade dessa maneira.*

Silêncio. Somente os pneus de borracha chiavam no asfalto. Sabia que teria que tocar no assunto mais delicado, que eu entendia menos ainda. Então me lembrei de minha autoconfiança e a acionei como se fosse um dispositivo eletrônico.

– *Agora preciso que você realmente mantenha em segredo o que viu na gruta. - Meu tom soando mais como uma ordem do que um pedido. - É muito importante que ninguém saiba ainda quem sou de verdade.*

Quem eu era? Também queria desesperadamente essa resposta.

Dessa vez consegui a atenção dele. Estou todo dolorido, mas faria tudo de novo. Seus olhos me desafiaram.

– *Por que eu faria isso? - disse sua voz.*

Eu o fitei com olhos frios e duros fazendo-o se encolher e fugir deles. Edmundo tinha um

grande senso de preservação, jamais me entregaria. Não tinha ideia de até onde eu chegaria para impedi-lo.

– Porque eu estou te pedindo! - fuzilei-o. - Em breve, todos saberão o que está acontecendo. - Prossegui como se estivéssemos em uma conversa descontraída. - Mas agora não é o momento certo.

– Você não vai ousar me deixar no vácuo! - exigiu.

– Ainda não posso contar tudo - respondi firme. - Tem muito mais envolvido nessa história.

Ela não é só minha. Não tenho o direito de quebrar o sigilo. Você vai ter que confiar em mim.

Meu irmão evitou meus olhos para que eu não pudesse ler seus pensamentos, mas exigiu sua atenção. Estávamos muito perto de casa agora e não tinha muito tempo para conseguir a confirmação de que meu aviso teria o efeito que desejava.

– Edmundo?

Finalmente, me encarou. Eu acho que não tenho escolha, não é? Mais uma surra dessa e meus ossos se despedaçam. Seus pensamentos eram mais sensatos que sua voz.

– Tudo bem, aberração, você tem minha palavra - respondeu petulante. - Mas eu vou querer saber tudo, em breve.

Voltei caminhando para o parque já que meu carro estava lá. A promessa de Edmundo seguida de uma ameaça não me deixou totalmente tranquilo. Porém, poderia sossegar por aquele dia. Nem entrei em casa com ele. Dei meia volta e fui ao encontro de Mainá.

Já estava escuro, mas podia ver muito bem o caminho. Era bom porque não chamava muito atenção. As pessoas comuns não poderiam me reconhecer com facilidade. Praticamente estava invisível a outros olhos. Estar sozinho para pensar me deu um grande alívio.

Ter que mentir e interpretar para Edmundo me deixou muito infeliz e desgostoso. Não sabia mais nada sobre mim mesmo. Eu era um ninguém - com alguns talentos a mais -, porém ainda uma pessoa sem sobrenome e sem origem. Eu era o um rosto solitário.

Teria mesmo algum sentido nas lendas que Mainá me contara? Eu me lembrei de seu rosto diante da manifestação física de meus poderes. Seria novidade para ela também? Se fosse, eu não saberia mais o que pensar.

Talvez Edmundo tivesse razão. Talvez eu realmente fosse um alienígena. Era a única alternativa que eu tinha, ainda pouco plausível para mim. Voltei a cogitar histórias em quadrinhos sem me achar ridículo.

Enquanto pensava, a entrada do parque entrou em meu campo de visão estendido. Apresssei automaticamente o passo, ansioso para reencontrar a indígena. Meu carro jazia abandonado no estacionamento. Não havia nenhuma outra alma na escuridão.

Não demorei muito para localizar no verde o ponto brilhante da pedra carregada pelo corpo forte da índia. Ela vinha ao meu encontro também apressada.

– O que aconteceu, Lucca? - perguntou analisando com seus dedos os ferimentos em meu rosto e procurando em meus membros.

Seu toque motivou sensações que não deveriam estar ali. Seus olhos lânguidos me chamavam docemente. Resolvi falar logo, antes que me rendesse aos desejos despertados por ela.

– Não foi nada - pousei minhas mãos sobre as dela a fim de parar sua análise.

Automaticamente, me curvei em sua direção. Seu rosto próximo do meu e seu perfume inundou meus pulmões. Lucca... Seus pensamentos me chamaram fazendo com que me aproximasse ainda mais.

Aquela atração estivera crescendo durante essa semana que passamos juntos e agora não conseguia me fazer parar. Precisava provar aquela boca carnuda tão próxima que praticamente se oferecia para mim.

O desenho de seus lábios me trouxe à memória a imagem de outro rosto. Vitória. Paralisei onde estava e me afastei de Mainá tão rápido que ela demorou um segundo para me encontrar a distância. Vi seus olhos tentando traduzir minha expressão ofegante.

– Desculpe - sussurrei.

Seu olhar baixou sem que dissesse algo. Ao invés disso, sua voz, mais firme do que a minha, balbuciou uma pergunta.

– Quem era aquele homem?

Queria correr de volta ao seu encontro e tomá-la em meus braços, porém não queria ofendê-la. Afastei a ideia novamente, afinal estava de casamento marcado e pela pergunta, Mainá deixou bem claro a mudança de assunto.

– Meu irmão adotivo - respondi sob controle novamente. - Não nos damos muito bem.

Eu a vi balançar a cabeça concordando, seus olhos estavam furtivos.

– Vitória, a mulher de quem ele falou, é sua noiva?

Meu coração voltou a bater rápido. Havia prestado atenção às palavras de Edmundo. Por um minuto cogitei negar, mas por que deveria fazê-lo? Seria honesto com ela, pela nossa amizade. Era a única pessoa que estava me apoiando nesse momento difícil.

– Sim - respondi simplesmente.

Fiquei esperando que me fizesse a próxima pergunta óbvia: quando seria o casamento? Porém, não o fez. Nisso confirmei seu desinteresse por mim como homem. Concluí que não mexia com ela da mesma forma que ela comigo. Fiquei frustrado.

Depois pensei que Mainá deveria ter uma família. Ou ser prometida para alguém de seu povo. Normalmente eles se uniam ainda muito jovens. A índia era diferente e, portanto, poderia

ainda não ser casada apesar da maturidade. Mas nada a impediria de estar prometida para alguém de sua tribo desde o ventre.

Eu afastei o pensamento novamente não me sentindo merecedor de sua afeição. De qualquer forma, sabia que apesar de acreditar que era um deus, me tinha como alguém superior e não semelhante. Enfim, Mainá nunca me olharia como homem capaz de amá-la.

Amá-la, sabia que eu poderia assim como amava Vitória. Porém, era tarde demais para pensar em recomeçar. Resolvi voltar ao assunto que importava.

– Mainá, o que suas lendas dizem sobre o que aconteceu hoje?

A índia voltou seus olhos para mim com a mesma surpresa de mais cedo.

– Achei que não acreditava em minhas lendas - respondeu séria.

Dei de ombros.

– Em que mais eu poderia acreditar? – desabafei. - Nada do que está acontecendo comigo é natural, de qualquer forma. Você é a única que até agora me apresentou algum conhecimento.

Mainá continuou parada na minha frente, refletindo. Seus olhos franzidos pelo esforço mental. Percebi que ela também estava intrigada.

– Não dizem nada - respondeu por fim. - Nada como o que vi. Mas também não sei se compreendi. Precisaria de mais detalhes.

Então lhe expliquei tudo sobre a sensação de força que corria por meu corpo como uma energia e que havia escapado quando senti necessidade de protegê-la das garras de Edmundo. Mainá prestou atenção, fazendo novas perguntas para entender melhor a descrição. Era bom poder contar para alguém.

– Ainda não tenho certeza - respondeu ao final. - Mas pode ser uma primeira manifestação do verdadeiro poder físico do qual as lendas falam.

Eu me senti ansioso e temeroso ao mesmo tempo em saber mais. Mainá viu minha expressão e não acrescentou nada. Lutei comigo mesmo. Parte de mim queria perguntar, outra que ficasse quieto. Aquilo tudo já era bem ruim para eu saber o que ainda estava por vir.

Depois refleti que saber com antecipação me prepararia para a próxima esquisitice que poderia acontecer. Decidi, racionalmente, que por mais estranho que fosse, precisava saber. Forcei o bolo preso em minha garganta e pedi.

– E qual poder seria esse?

Os olhos oblíquos e chocolates de Mainá me perscrutaram com cuidado. Vi a dívida de que estivesse perguntando aquilo sinceramente. Minha expressão deveria ser implorativa porque seus pensamentos vagaram para meu anseio explícito por respostas. Percebi, então, que nunca seria capaz de esconder meus sentimentos dela.

– A lenda diz - começou cautelosa - que o filho da Mãe Terra e de Tupã - falava tão pausadamente que me dava aflição - seria capaz de controlar e usar como arma - parei de

respirar porque a última parte seria a mais importante - os elementos da natureza - finalizou.

Não sei por quanto tempo fiquei em choque, incapaz de me mexer ou falar. Meus olhos presos nos castanhos de Mainá. Seus pensamentos de aflição e receio por mim invadiram minha mente. Eu sinto muito. Não queria assustá-lo, mas você me perguntou. Por favor, diga alguma coisa para mim. Diga o que está pensando. E depois de um tempo tentando me fazer sair da cacofonia, seus pensamentos mudaram de direção. Você precisa aceitar, Lucca. Este é seu destino. Você é o Filho da Terra.

DESCOBERTA

– É completamente diferente para cada um de vocês - dizia Marcel para Tamires na confortável e costumeira sala de estar.

– Sim. Com Lucca foi racional e consciente - respondeu a ruiva. - E comigo, emocional e inconsciente.

Tamires se lembrava perfeitamente daquele dia em que toda sua raiva explodiu de seu corpo e atingiu o homem mais importante de sua vida consumindo suas forças. Também se recordava do susto quando sua pequena filha viu aquela energia machucando seu pai. Um arrepio lhe passou pela espinha.

– Arrã - resmungou o loiro. - Acredito que seja relacionado ao temperamento de vocês - refletiu ele. - Não há como prever como será com os outros.

– Está sendo mais rápido com ele - afirmou a ruiva.

Marcel balançou a cabeça concordando, sabia o que a cunhada estaria pensando nesse momento. Ir para Corumbá o quanto antes e tinha que dar o braço a torcer de que estava certa. A hora estava chegando.

– E, então, como está indo com Alexandre? - perguntou desviando do assunto.

– Bem - respondeu esquiva. -, por tudo que ele sabe sobre o outro lado, acredito que seja o maior aliado que temos.

Era para ser Gustavo, pensou ela. Seu semblante caindo com o peso de sua tristeza. Toda vez que pensava em Alexandre era quase impossível não o associar ao irmão mais velho. Precisava parar de sofrer pelas escolhas que ambos fizeram. Talvez estivesse na hora de escrever à Carolina, contando sobre o novo aliado. Isso fê-la se lembrar de pressionar o cunhado loiro e grandalhão.

– Marcel, nosso tempo está se esgotando. Quando vamos para o Pantanal?

Com uma carranca, o rapaz encarou a cunhada, que conseguia irritá-lo muito mais do que os ataques de Suzane. *Será que todos dessa família são insuportáveis?*

– Calma - respondeu duro. - Antes precisamos resolver o que faremos com Alexandre.

– Tudo bem - concordou imediatamente. - Vamos à assembléia.

– Amanhã - retrucou ranzinza. - Quando Suzane acordar.

Foi com grande alívio que Lucca viu o final de semana passar e chegar uma nova segunda-feira. As horas foram intermináveis nas quais tivera que fingir que estava tudo bem

diante de sua noiva. Percebera por seus pensamentos - já que não os externou - que Vitória associou sua perturbação visível a recente briga com Edmundo.

Porém estava errada. Não estivera perturbado, mas sim distraído, analisando sua força sobre-humana. A surpresa com que recebera esse novo dom fora substituída por certa satisfação. Que homem não se sentiria bem em portar um poder além de seu corpo limitado? Apesar de estranho, era animador.

Edmundo o vigiara o tempo todo. Pelo menos não o perseguiu verbalmente, mas seus malditos pensamentos o lembravam de que estava esperando uma resposta, mesmo temendo Lucca mais do que nunca. Entre o sentimento de terror e de desprezo, havia uma curiosidade humana crescente.

A sensível mãe não deixara de perceber a falsa trégua entre seus filhos. Lucca a vira tentando desvendar os mistérios que permeavam suas escolhas. Não sabia até onde a mente astuta de Isabel alcançara, porém não questionou o filho mais velho, o único com quem teria alguma chance de êxito.

Todos os conselhos que Mainá lhe dera - através dos olhos derretidos - acatara. Ainda não conseguia concordar com suas explicações lendárias. Porém, irracionais ou não, sua mudança era completamente real e tinha que aceitar mais essa entre outras tantas anomalias.

Prever o que aconteceria era outra história, mas tinha que confessar a si mesmo que estava tentado a descobrir se era verdade. Estava quase disposto a fazer um pequeno teste que lhe mostrasse se Mainá tinha razão. Preferiu não pensar nisso enquanto se dirigia para mais um dia de trabalho. Concentrar-se nele com certeza ajudaria a manter sua mente ocupada.

No caminho para o parque, Carlos o distraiu fazendo perguntas sobre os preparativos do casamento. Isso ajudou Lucca a desvanecer de seu cérebro toda preocupação consigo mesmo. Também não tinha muito a dizer sobre o evento que aconteceria no próximo final de semana já que Vitória se encarregara de tudo e antes que entrassem pelo portal de pedra, já estavam falando sobre o trabalho.

As escavações avançavam rapidamente enquanto a maior parte da equipe se dedicava ao grande e desconhecido objeto lítico. Havia pequenos trechos feridos na peça, provavelmente corroídos pelo tempo. Porém, parecia estar em bom estado de conservação para alegria de toda a equipe.

Lucca não trabalhava mais diretamente na escavação da descoberta. Só supervisionava e orientava o pessoal. Não queria criar novas expectativas com prazos. Arqueologia era um trabalho contra o tempo. Uma ciência que exigia paciência e cuidado.

Viviane Dias era o braço direito de Lucca durante a escavação. Ficava ao seu lado usando sua experiência para orientá-lo. Formavam uma grande dupla. A experiência e a

sagacidade. A historiadora estava eufórica com o objeto, se atrevendo a fazer previsões.

– Acho que você tinha razão, Lucca - disse animada. - É muito grande para que não seja um artigo religioso. - Pensativa. - Só não vejo nenhuma face ou esboço corporal na parte limpa.

– Pode estar do outro lado - respondeu. - Estou dividido agora. Não tenho mais tanta esperança. Pode ser um objeto sem importância. Um lítico enorme e inútil.

A historiadora balançou a cabeça reflexiva. Era frustrante ver tanto do objeto e ainda não ter ideia do que representava. De uma coisa, no entanto, tinha certeza. Era uma novidade. Algo bem distante das peças para caça e ferramentas rústicas que haviam encontrado até agora e isso já podia ser considerado animador.

Lucca não compartilhava dessa visão otimista. Se não fosse nada, não valeria todo o esforço e tempo empreendido. Estava ansioso para realizar a grande primeira descoberta de sua carreira. Não importava como. Apenas que fosse um lítico que revelasse seu trabalho para o mundo.

A cabeça de Carlos surgiu acima das outras ao redor da vala onde estava o objeto. A fim de tomar água e descansar cinco minutos na sombra, longe do sol forte da manhã, foi ao encontro da dupla que os observava séria. Caminhava com um sorriso largo, limpando com uma toalha o suor do rosto e do pescoço.

– Tão sérios! - exclamou ao se aproximar e gargalhou.

O que lhe veio à mente foi uma cena do Coringa no filme Batman - O Retorno. Lucca ficaria irritado com sua cultura pouco relevante, mas decidiu não acrescentar essa lembrança.

– Que é isso, pessoal - continuou efusivo. - Vocês sabem que esse é grande!

– Isso estamos vendo, Carlos - respondeu seco Lucca. - Basta saber se é importante.

– E por que não seria? - espantou-se o melhor amigo.

A historiadora, que estivera absorta até agora, abriu um grande e barulhento riso. Os dois homens a encararam sem entender por um tempo, até que ela retomasse o fôlego e conseguisse falar novamente.

– Acho que não há trabalho mais divertido do que o nosso, não é mesmo, meninos?

A maneira despojada e carinhosa na qual Viviane os tratava não os ofendeu. Ao contrário, fê-los sorrir também, dissipando a tensão. Carlos voltou mais empolgado à escavação e Lucca para sua observação orientada.

O resto da manhã passou sem grandes alterações. Lucca e Viviane fizeram poucas mudanças no trabalho a fim de torná-lo mais produtivo. Ao final do período estavam satisfeitos com o andamento. Pararam para fazer o horário de almoço. Todos tão eufóricos que dedicaram apenas meia hora ao merecido descanso.

A tarde aumentou o calor. As pausas para beber água e descansar, foram mais frequentes. Lucca ficou ainda mais ansioso, revezando com seu pessoal enquanto descansavam.

Acabou que ele mesmo pouco descansou, mas não importava. Seu novo corpo era forte o bastante para suportar esse esforço extra.

Porém, chamou a atenção de Carlos e Viviane. Não pensara nas consequências de sua atitude diante das duas pessoas que, com certeza, eram observadoras. Mas para que estavam reparando nele? Que fossem trabalhar! Mas a abordagem não demorou muito a acontecer. Depois da oitava substituição, Carlos foi o primeiro a se intrometer.

– Calma, Lucca - pôs a mão sobre seu ombro musculoso. - O mundo não vai acabar se não desencavarmos essa peça hoje. Vai descansar um pouco também. Você não é uma máquina.

– Estou bem - respondeu o arqueólogo sem lhe dar ouvidos.

Então foi a vez de Viviane tentar a persuasão.

– Carlos tem razão, Lucca - foi firme. - Você não pode substituir cada pessoa aqui. E olha que, para eu estar concordando com Carlos, é porque você está mesmo exagerando.

Pela primeira vez, levantou os olhos para a historiadora parando seu trabalho. Seus pensamentos eram estranhos. *O que está acontecendo com ele? Quando se tornou obsessivo e irresponsável?* O queixo do arqueólogo caiu pronto para responder, mas desistiu. Estava levantando suspeitas desnecessárias. Era melhor ouvi-los e realmente dar um tempo.

Porém, não foi fácil. Enquanto voltava à contemplação, Lucca se torturou com milhares de possibilidades. Podia usar sua força sobre-humana para cavar mais fundo. Podia usar sua visão acentuada para não ferir o objeto. Podia usar a resistência de seu corpo fortalecido para ganhar tempo. E todo seu organismo pedia por essa ação, estar em movimento, ser produtivo.

Outro pensamento passou por sua mente, trazido pelos anteriores. Poderia demover a terra com apenas sua vontade. Depois refletiu se não correria o risco de danificar o lítico, já que o poder que esse desejo tinha havia se mostrado suficiente para atirar um homem metros distantes. Ainda assim, era uma ideia tentadora demais.

Afastou-a logo da cabeça antes que se concretizasse de repente, diante de tantas testemunhas. Como seria? Uma rajada de vento forte? Um tremor de terra? Um redemoinho de água? Um raio incendiando parte da floresta? E o que deduziriam se vissem esses fenômenos? Com certeza, supersticiosos como eram, diriam logo que era coisa do demônio ou um espírito indígena.

Lucca se pegou rindo sozinho. Chamou apenas a atenção breve da historiadora ao seu lado. Porém, ela nem se preocupou em perguntar. Estava com os olhos vidrados no lítico cada vez mais exposto através da terra. Também olhava, mas praticamente não via.

Sua mente vagava por seus possíveis poderes sobre os elementos. Seria mesmo possível? Aquela força que continuava crescendo dentro dele poderia mesmo usar os quatro elementos a

seu favor? Em uma luta humana, não haveria chance para o outro. E em uma luta sobrenatural? Seria de igual para igual?

Interessante, não podia negar, e testar os limites de seus novos talentos dava voltas em sua mente. Mas onde encontraria outra aberração como ele? Com certeza era único, como sempre fora naquela terra. Talvez um mutante ou um alienígena abandonado nesse planeta. Ou estaria perdido e os seus o estariam procurando por todo esse tempo?

Mas se realmente existisse alguém por aí, por que nunca o encontraram? Por que somente depois de adulto esses dons se manifestaram? Por que agora que estava encaminhando sua vida e iria começar a vivê-la intensamente? E que influências teria sobre sua existência? Conseguiria continuar - exatamente como tentava fazer - ou precisaria desviar-se do caminho que traçara para si mesmo?

Um grito o despertou de seu transe.

- O lítico está solto! - era a voz de Carlos.

Lucca forçou passagem entre os corpos exprimidos e suados sobre o vão na terra para chegar perto com sua trena. O formato do objeto era nítido. Roliço no centro e com pontas geométricas - parecidas com quadrados - maiores que o meio. Era semelhante a uma coluna romana, porém de tamanho reduzido.

Primeiro conferiu o comprimento vertical. Um metro e quinze. Depois na horizontal. Vinte e dois centímetros. Realmente era muito maior do que qualquer coisa que haviam encontrado até então. E pelo visto não representava nada mais do que uma grande pedra polida.

- Tudo bem, pessoal - falou acima da euforia do grupo. - Vamos tirá-lo daí. Todos juntos. - Enquanto o máximo de pessoas que cabiam ao redor se apurava preparando suas mãos para erguer o objeto que deveria ser pesado, continuou. - No três, ok? - Várias aprovações se seguiram - Um. Dois. Três.

Dez homens usaram toda sua força física para levantar o objeto de sua tumba fria e úmida. Deslocaram a peça para o chão batido ao pé do buraco onde todos poderiam pisar em segurança. Descansaram um pouco do esforço enquanto Lucca media sua profundidade com exatidão. Vinte dois centímetros. Simetricamente perfeito.

Agora era a vez da equipe de pesquisadores se aproximar e cercar a peça.

Encabeçados por Viviane, o grupo se agachou ao redor do lítico para analisá-lo. Perceberam logo que o estado total era muito bom, polido com grande esmero. E que a terra e a água não conseguira danificar quase nada de sua superfície. Iniciaram a limpeza imediatamente.

- As medidas são muito exatas - comentou Lucca para Viviane. - Nunca vi nada assim antes.

- Interessante - respondeu a historiadora. - Por que todo o cuidado com este objeto? O que ele tem de tão importante? Parece apenas um pedestal de pedra.

Pedestal! Como Lucca não havia associado a imagem antes? Viviane tinha razão. Não podia mesmo ser uma coluna desse tamanho mínimo. E para que moradores - que provavelmente seriam índios - precisariam de colunas? Não tinham templos nem casas. Então uma ideia lhe ocorreu.

- Claro! - exclamou - Uma base, Viviane. Talvez a base de algum idolo. O pedestal para a adoração de uma imagem divina.

Lucca ouviu o coração da historiadora disparar com a perspectiva. Sorriu.

- Precisamos procurar por inscrições - orientou excitada. - Se for mesmo um artigo religioso, deve haver algum indício em relevo.

O trabalho minucioso de limpeza prosseguiu com tantas mãos quanto possível. Lucca pensou como era estranho ter um objeto daquele tamanho completamente descoberto - e praticamente inteiro - e não saber o que significava. Era frustrante e ao mesmo tempo um grande desafio.

A comichão o pegou enquanto aguardava impaciente pelo final do trabalho. O que daria para poder usar seus grandes poderes agora e matar logo aquela ansiedade que o corroía. Porém teve que aguardar o fim da limpeza delicada e meticulosa durante a próxima hora.

A decepção deu lugar ao entusiasmo no rosto de Viviane Dias. Não havia inscrições naquele lado da peça, mas ela não se deixou abater. Pediu a equipe de escavadores que virasse o objeto pesado. Antes mesmo de iniciarem a limpeza, perceberam que aquele lado era diferente do outro.

Havia muita terra incrustada nas frestas do lítico, levando a historiadora a acreditar que era um fundo relevo. O trabalho de limpeza se tornou mais demorado devido a maior quantidade de resíduos e tomou o resto da tarde. A ansiedade de Lucca não podia ser medida.

Debruçava-se sobre os colegas historiadores com gana de ver o objeto. Podia definir muito bem as linhas dos relevos com sua visão aguçada, mas não podia interpretá-las. Não era sua especialidade e também não podia dizer em voz alta o que estava vendo. Tinha que ter paciência.

Tanto tempo trabalhando com arqueologia e uma novidade o deixava assim ansioso e inquieto. Mas não era algo simples. Era a descoberta de sua vida. Significava muito para ele e para toda a equipe decifrar aquele objeto. Seriam eternizados na história junto com todos os indícios encontrados.

Carlos foi solidário com seus sentimentos monopolizando a conversa. Não saiu de seu lado um só instante e falou sobre frivolidades sempre que o sentia perdendo a paciência. Uma distração bem-vinda para Lucca. Era muito grato pelo amigo que tinha, apesar de suas diferenças.

Viviane pôs a mão na massa ajudando a limpar os relevos sobre a pedra côncava e reta. Aquele lado era praticamente todo coberto por inscrições. Levaria um tempo para interpretá-las, mas não importava. Conquanto que pudesse determinar o povo, estaria satisfeita em finalizar aquele incrível dia de trabalho.

Lucca ergueu os olhos para o céu. O tom vermelho e laranja tomava conta do horizonte onde o sol começava a se esconder. A limpeza demorara mais do que previra. Voltou os olhos para a peça sob seus pés na qual podia ver com nitidez e perfeição as inscrições. As mãos de Viviane as tateavam em busca de auxílio em sua interpretação.

Voltou o rosto indecifrável para o arqueólogo ansioso em pé atrás dela.

– Lucca - chamou.

Ele agachou ao seu lado onde uma pessoa se retirou para lhe dar lugar.

– Ainda não consegui interpretar toda a inscrição – murmurou. - Mas posso dizer que é indígena. Provavelmente do povo Guaikuru.

Abrindo um imenso sorriso, Lucca se deu por satisfeito.

– Tudo bem, Viviane. - Pousou amistosamente a mão sobre seu ombro - Vamos continuar amanhã. Você deverá trabalhar com sua equipe no escritório para analisar as inscrições. - Ergueu-se de um pulo e falou para o restante. - Pessoal, meus parabéns por seus esforços hoje! Bom trabalho! Nossa peça é indígena e vai nos informar o que representa assim que os pesquisadores decifram as inscrições. Vamos fotografá-la e transportá-la para o museu.

Entre murmúrios animados e barulhos de ferramentas, se movimentaram para cumprir a última tarefa do dia enquanto o sol finalmente se tornava um pequeno filamento alaranjado no horizonte do Pantanal, tingindo de ouro a copa das árvores.

Eufórico, impaciente, inquieto, ansioso, deslumbrado. Eu me sentia de todas as formas possíveis enquanto via minha equipe se afastar carregando consigo os mesmos sentimentos. Fiquei, precisava compartilhar minha descoberta com minha amiga índia. Ainda mais depois que Viviane identificou o povo que construiu aquele artefato.

Precisava dividir com ela toda a alegria que sentia. Engraçado como tudo se tornou acentuado em meu novo corpo. Até mesmo os sentimentos pareciam ter vida própria, muito maiores e mais audaciosos do que antes. Eu me sentia feliz como nunca me sentira em toda minha vida.

Ainda bem que meu novo corpo tinha força para conter toda aquela explosão sentimental. Provavelmente o antigo não suportaria e se partiria em milhões de pedacinhos alegres e saltitantes. Ri com a imagem que passou pela minha cabeça - já que era para ser bastante assustadora eu acho - e seguí o instinto que sempre me levava à Mainá.

Não demorou muito para encontrá-la. A índia deveria estar por perto, vigiando, como

sempre. Já me acostumara a isso. Não me incomodava mais. Ainda separados por alguns metros, comecei a falar empolgado contando todos os detalhes importantes daquele dia especial para minha carreira.

Sentamo-nos no chão e continuei falando, deixando-a muda enquanto me ouvia atentamente. Um sorriso permaneceu firme em seu rosto característico e marcante e fiquei internamente ainda mais feliz que compartilhasse de meus sentimentos. Talvez até estranhasse minha tagarelice, era sempre contido e silencioso.

Não pude evitar comparar seu interesse com o de minha noiva. Tão fútil e patricinha, só se preocupava com seu cabelo e com seu guarda-roupa, que deveria estar sempre lotado de roupas de grife que usava apenas uma vez. Era ignorante e não soubera aproveitar sua riqueza para ganhar mais conhecimento. Muito diferente de Mainá que, mesmo diante das diferenças e do preconceito que deve ter sofrido entre o povo branco, estudou até onde queria em escolas e faculdades públicas. Além de ser indígena, ser raiz de nosso povo, também era brasileira, talvez ainda mais que nós, meros mestiços.

– Você encontrou um objeto de meus ancestrais? - perguntou maravilhada e emocionada.

– Sim - respondi com a emoção ainda crescendo em meu peito. - Pena que levamos a peça para o museu. Senão podia mostrá-la para você.

Uma nuvem de decepção cobriu seus olhos chocolate. Eu me arrependi imediatamente de ter sido tão idiota e não ter deixado o objeto no sítio pelo menos por essa noite. Gostaria de vê-la olhando para a peça, encantada. E, quem sabe, ela poderia ajudar na tradução das inscrições. Fui mesmo um imbecil.

– Desculpe! - apressei-me em confortá-la - Eu posso te levar até o museu para te mostrar a peça pessoalmente. Você gostaria?

Não achei que tivesse problema, afinal, ela já havia andado entre meu povo antes. Por que não poderia fazê-lo agora?

– Não - respondeu apressada. - Não posso sair do parque.

– Mas... - comecei a dizer, porém me interrompeu.

– O momento não é propício.

Tentei traduzir sua expressão a fim de entender o que se passava em sua mente. Preferi não especular por muito tempo. Rápido, busquei outra forma de resolver o impasse e dissipar de vez aquela ruga em sua testa.

– Amanhã trago fotografias para você.

Deu certo. O rosto dela se iluminou novamente e trouxe tranquilidade para meu coração. Não suportava a ideia de lhe causar qualquer tipo de dor, por menor que fosse. Eu estava tão flutuante que resolvi agradá-la ainda mais.

– Mainá - chamei tímido mudando de assunto -, gostaria de fazer um teste agora.

Inclinei minha cabeça em sua direção, seu rosto surpreso em expectativa. Seus olhos agarram os meus com força. Não podia mais escapar deles. Eu me peguei atraído, tentando novamente para me aproximar mais e dessa vez seus pensamentos estavam muito silenciosos. Como ela podia fazer isso?

Precisava saber o que ela estava pensando. O que achava da minha presença tão perto. Mas eles continuaram em branco. Minha razão buscou força física para segurar meu corpo contra a sedução irresistível que me puxava para aquela indígena bonita e gentil.

Aquela força que já conhecia e aceitara começou a correr mais rápida por minhas veias, tomando forma e controle de meu corpo. E como na caverna, se extraiu de mim tomando vida própria. Um repentino vento se agitou ao nosso redor vindo sabe Deus de onde.

O ar agitando seus cabelos negros deixou-a ainda mais atrativa. Não, Lucca! Gritei silenciosamente para mim mesmo fazendo a força ganhar mais vida. E os pensamentos de Mainá saltaram para mim como uma torrente. Seus cabelos acobreados ao sabor do vento parecem fogo. São muito bonitos. O que era aquilo? Ela também estava pensando em minha beleza? E eles continuaram. Seus olhos são de um verde tão único. Hipnotizantes. E vi os dela se derreterem como chocolate lânguidos.

Não! Meu punho se fechou e esmurrou a terra. Pedras e barro explodiram ao nosso redor criando uma cortina marrom acima de nossa altura. O vento os pegou e passou de transparente para um quase vermelho com pontos cinza. O espetáculo foi tão magnífico que voltamos nossos olhos para contemplá-lo.

Sorri satisfeito com meu feito. E testei mais minha capacidade buscando água no rio próximo e a unindo ao redemoinho. A terra se tornou lama e a cortina se condensou ao nosso redor como uma muralha protetora. Estávamos totalmente isolados agora, à mercê de nossa própria vontade.

Sem pensar, estava nadando naqueles olhos, completamente prisioneiro. Mainá também se ligou aos meus incapaz de pensar nada. Também não me permiti mais pensar e deixamos a atração fazer o resto.

Quando estava a apenas alguns milímetros de seus lábios, a grossa cortina, que havia virado terra ressecada sem que percebêssemos, se quebrou em milhões de pedaços de pedra. Olhamos ao redor assustados por um segundo e em seguida desatamos a rir.

– Uau! – exclamei. - Você tinha razão. Realmente posso controlar os elementos - pisquei para ela em cumplicidade. - Este era o teste que eu queria que você presenciasse.

DEFENSOR

Somente na noite seguinte Lucca pode levar à Mainá as fotografias da peça de lítico. Queria que ela confirmasse a avaliação de Viviane a respeito da tribo e, quem sabe, desvendar a mensagem cravada em relevo. As inscrições foram fotografadas em partes para garantir uma boa leitura. O arqueólogo se preocupou em enumerá-las para não perder a ordem correta.

Enquanto a índia observava cada fotografia muito compenetrada e silenciosa, percebeu que também estava maravilhada. Permitiu que o tempo passasse - mesmo se correndo de curiosidade - e se segurou para não interromper seu momento. Por sua reação, tinha certeza de que se tratava mesmo de seus ancestrais, os Guaikurus.

A feição da indígena mudou enquanto analisava com cuidado as inscrições. Nesse momento, Lucca quase a interrompeu. Era fascinante observá-la, mas o silêncio também era enlouquecedor. Ainda assim, respeitou seu tempo. Eram muito antigas, poderiam ser difíceis de interpretar inclusive para ela.

Manteve a euforia alimentando sua paciência a fim de não pressioná-la e não desanimar durante a longa espera. Varria com sua aguçada visão a mesma imagem e procurava em sua face pistas de seus pensamentos. Parecia tão focada que poderia até ter se esquecido de sua presença.

Depois de ontem, hoje era o dia mais importante de sua vida. Graças a Mainá, descobriria tudo sobre o objeto que o faria entrar para a história da arqueologia. Seria o grande prêmio depois de tantos anos de trabalho e um grande estímulo para novos objetivos em sua carreira.

Com um suspiro, a índia indicou que, finalmente, começaria a falar. Aguardou com ainda mais ansiedade suas palavras.

- Este é o altar perdido de Gô-noêno-hôdi, o Criador, construído pelos guerreiros ancestrais de meu povo, os Guaikurus - explicou. - As inscrições contam a nossa criação e explicam o caminho seguido por essa tribo.

Lucca pouco sabia sobre as crenças religiosas do povo que deixara vestígios na terra revolvida do Pantanal. Lembrava-se de pouca coisa. Por isso, não a interrompeu e esperou que continuasse.

- Acreditamos que o Criador tirou os povos de um buraco e lhes deu funções diferentes, como agricultores, artesãos e caçadores - continuou a índia Kadiwéu. - Os Guaikurus foram os últimos a saírem e o criador os esqueceu. Por isso, eles se achavam no direito de roubar um

pouco de cada povo.

Mainá não tirava os olhos das fotografias enquanto falava. Lucca escutava fascinado.

– A pilhagem fez os guerreiros fortes, invencíveis e temíveis por onde passavam - prosseguiu a indígena. - E eles criaram este altar vazio para nunca se esquecerem de onde vieram. Este altar é o símbolo do esquecimento do Criador.

Com uma pausa emocionada, alisou a foto como se estivesse diante do próprio lítico.

– Como nômades, seguindo as cheias do charco atrás de subsistência, os Guaikurus sempre o levavam consigo - sua voz estava embargada pela emoção. - Houve uma enchente inesperada. Perderam gente e vários objetos, inclusive este altar. Porém a história foi contada de geração em geração até hoje.

Lucca nem piscava os olhos. Contemplava as feições salientes alteradas pela força de seus sentimentos.

– Os Guaikurus se reergueram, mas nunca mais construíram outro altar. Quando retornaram ao local da grande enchente, tentaram localizá-lo, sem sucesso. Por fim, aceitaram seu destino, talvez até uma punição do próprio Criador pela afronta, imagino eu.

Mainá parou de falar rápido demais, pensou Lucca. Cadê os detalhes sórdidos da história? Talvez não houvesse mais mesmo, afinal, era uma antiga lenda de sua tribo ancestral. Os detalhes devem ter se perdido com o tempo.

– Existem relatos históricos sobre este altar? - perguntou para tentar prolongar a conversa.

– Provavelmente não - respondeu prontamente a índia. - Pelo menos nunca encontrei nada em seus livros.

– A história de seus ancestrais é fascinante, Mainá. Poderia me contar mais?

A indígena virou-se para o rapaz ansioso ao seu lado. *Um deus, belo e forte*, pensou. Como ele podia ficar tão interessado por sua história quando era ela que queria saber tudo sobre ele? Mas até agora, não tivera chance, nem coragem, de lhe fazer perguntas íntimas. Porém respondia praticamente todas as que ele lhe fazia. Quando olhava naqueles olhos verdes, simplesmente não conseguia dizer não.

– O que exatamente você gostaria de saber?

Não queria parecer intrometido, nem íntimo demais, por isso, manteve o assunto no Guaikurus. Afinal, era o que lhe interessava no momento. Ajudaria a compreender melhor o povo do qual escavava objetos com certa frequência. Porém, não queria que ela percebesse o profissional por trás das perguntas. Não queria que se sentisse usada.

Mainá prosseguiu o relato de seu povo com a mesma paixão manifestada anteriormente. Contou que encontraram os cavalos na época do descobrimento do Brasil, quando os espanhóis

tentaram roubar suas terras. Depois disso, esse povo tornou-se ainda mais temido. A parte que Lucca achou mais interessante, que pouco conhecia, era a participação dos Guaikurus em uma guerra civil contra a invasão espanhola em território brasileiro.

Mas não seria naquela noite que Lucca ouviria tudo. Teriam muito tempo nos próximos dias.

A assembléia, apesar de muito pequena, durou uma longa hora logo após o amanhecer, durante o farto café da manhã. Tamires argumentou em defesa de Alexandre, já convencida de sua sinceridade e de sua ajuda útil para a missão que tinham pela frente. Porém, Marcel e Suzane relutaram.

Sua argumentação era simples e indiscutível, apesar da insistência da ruiva. Nem mesmo Tamires o conhecia bem, mesmo depois de conviver com ele por seis anos. Não podiam arriscar o sucesso da missão confiando em uma pessoa desconhecida e com supostos conhecimentos do lugar em que viveram quando crianças.

Por fim, com a persistência do impasse e com voto vencido, Tamires implorou que dessem apenas uma chance, uma pequena chance de ouvi-lo, antes de decidirem. Afinal, não viajariam naquele mesmo dia. Apenas nos próximos. Marcel acabou cedendo, já que Suzane se absteve e piscou os olhos cansada.

– Tudo bem - respondeu em tom compreensivo. - Vou dar para ele os próximos dias. Mas ainda não diga nada de nossas descobertas. Quero conhecê-lo melhor pessoalmente.

Saltitante, Tamires lhe deu um beijo estalado na bochecha agradecida.

– Tenho uma ideia! - exclamou de repente o loiro sobressaltando o sono da doente. - Você gostaria de ver meu trabalho de perto? Você podia ajudar e substituir Suzane.

Os olhos verdes de Tamires se iluminaram.

– Claro que sim - respondeu imediatamente. - Vai ser ótimo me manter ocupada. Por que não me chamou antes?

Rindo, Marcel se apressou em acrescentar.

– Tem razão. Devia ter pensado nisso antes.

A campanha tocou. O coração de Tamires quase saltou boca a fora. Enquanto corria até a porta, ouvia o cunhado falar.

– Ah, chame Alexandre para ir conosco. Será uma boa oportunidade para conhecê-lo melhor.

O brilhantismo da ideia do cunhado só deu mais certeza para Tamires. Um dia juntos, durante o trabalho de Marcel, seria perfeito para que a dúvida se dissipasse totalmente. A porta se abriu com um rangido. O homem belo e bronzeado vestia um look praia muito sexy. A mulher conteve um suspiro.

– Oi - conseguiu balbuciar.

– Oi - respondeu também encantado.

Convidou-o para entrar e se sentar na sala. Estendeu rapidamente o convite para que pudesse se arrumar para saírem. Só que fez de outra forma, sem convidá-lo diretamente.

– Hoje vou acompanhar Marcel em seu trabalho.

– Posso ir junto? - perguntou o homem alto e sedutor rápido.

Sorrindo, balançou a cabeça positiva e pediu para que esperasse e estaria pronta em cinco minutos. Quando a mulher saiu, Marcel entrou na sala. O rosto claro ainda mais branco devido ao protetor solar, um chapéu de pano na cabeça, camiseta branca sob um camisão florido e uma bermuda de tãctel.

Os homens trocaram algumas palavras mais por educação do que por vontade. O loiro deixou sua simpatia inundar o ambiente para que o moreno ficasse à vontade, mas não surtiu tanto efeito. *Este cara é bem estranho*, pensou, mas havia prometido para a cunhada pelo menos tentar se aproximar dele. Não faria julgamentos precipitados.

– Então, foi o trabalho que te trouxe para cá? - puxou conversa Marcel.

– Sim - respondeu Alexandre, o tom formal na voz. - Sou representante. E você?

– Sou biólogo. E sou voluntário no projeto TAMAR. Conhece?

– Claro. Existem várias bases pelo Brasil, não é?

– Vinte e três em toda a costa. É ótimo trabalhar na preservação de uma espécie tão encantadora como as tartarugas marinhas.

– Mas o trabalho se estende para mais áreas, não é?

– Você está bem informado! - espantou-se. - Sim, é verdade. O projeto precisava estender seu braço para garantir o sucesso de seu objetivo inicial. Conservação e pesquisa aplicada, educação ambiental e desenvolvimento local sustentável - acrescentou o rapaz loiro. - Oferecer alternativa econômica para as comunidades costeiras também é uma forma de amenizar as questões sociais para que reduzamos a pressão humana sobre as tartarugas marinhas.

Tamires voltou à sala nesse momento tirando o fôlego de Alexandre. Vestia um shortinho jeans curto que mostrava suas pernas claras e bem torneadas, uma regata branca, chinelo e o mesmo chapéu largo e exuberante cobria seus cabelos vermelhos soltos.

– Vamos? - quebrou o silêncio a mulher tirando-o do transe.

Na garagem dos fundos da casa de veraneio, Marcel removeu a lona laranja que cobria um jipe verde. Era o veículo mais apropriado para andar nos terrenos acidentados e nas praias dali. Era a primeira vez que Tamires o via. Os dois sentaram-se na frente e Alexandre atrás, agarrado à grade superior.

Aproveitaram o passeio em silêncio, admirando a paisagem. Era o paraíso. Nunca um lugar poderia unir desenvolvimento e natureza com tanta harmonia. O cenário natural praticamente não fora modificado. Os bairros eram pequenos e poucos, garantindo a preservação do lugar.

Cruzaram o curto trajeto asfaltado entre as casas se afastando cada vez mais da casa. Depois da última moradia da vila o caminho passou a ser de terra batida. No horizonte à frente, havia mais uma linha divisória entre dois tons de azul, denunciando mais mar e o céu, cenário picotado por morros verdes e cinza.

Percorreram aproximadamente metade do caminho até a próxima praia à frente e viraram à direita seguindo a linha sinuosa da estrada vermelha. Alexandre e Tamires eram os que mais sofriam com o sacolejar do jipe sobre o terreno disforme. Porém, ela ainda tinha a garantia do cinto de segurança.

Quando se aproximaram de uma baía, onde as ondas quebravam na areia branca da praia à esquerda, avistaram do lado oposto a pista de pouso e decolagem do aeroporto. A estrada os afastou da água límpida e os levou cada vez mais perto da pista, passando muito rente dela em um pequeno trecho.

Tamires e Alexandre observavam tudo maravilhados. Era a primeira vez que ela andava mais do que quinhentos metros em seu novo lar. Estava feliz observando as novidades e sentindo o vento soprando seu cabelo e batendo direto em seu rosto. Marcel já estava acostumado ao cenário, portanto apenas dirigiu.

O som da arrebentação constante foi sobreposto pelo zumbido do avião que decolava. Era pequeno, provavelmente particular, porém seu potente motor chamou a atenção das três pessoas dentro do jipe. Tão rápido quando subiu, o avião transformou-se em um pequeno ponto no céu claro e logo desapareceu.

Avistaram uma nova praia, cercada de pedra e água. Uma baía muito maior que a outra. As rochas nas pontas formavam um arco bem fechado, quase unindo-as. Alguns picos soltos surgiam na abertura da baía para o alto-mar. Ao se aproximarem mais, viram uma estrada que cruzava o caminho e levava para outra pequena vila desabitada.

Antes que cruzassem a pista seguindo ainda a estrada de terra, do lado oposto da baía viram um açude muito azul recortado pelo verde-marrom. Era uma piscina de água salgada, natural e linda. Os olhos vivos de Tamires acompanharam-no até quase saírem das órbitas. Por isso, não viu quando Marcel pegou a estrada da direita na bifurcação à frente.

No fim, havia uma casa muito grande e uma placa a identificava.

CENTRO DE VISITANTES - MUSEU ABERTO DAS TARTARUGAS MARINHAS

Marcel estacionou o jipe e desceu seguido por Tamires e Alexandre. Entraram no

recinto. O biólogo cumprimentou todos que passaram por ele. Observando, o casal o seguia de perto. Viram a praça temática com exposição sobre itens relacionados às tartarugas que ocupava grande parte do prédio. Havia uma placa, mais para frente, indicando o caminho até o auditório.

Atravessaram uma porta grande de vidro e viram uma área anexa. Uma placa dizia que ali havia quiosques de divulgação e prestação de serviços à comunidade e aos visitantes. Lá Marcel encontrou mais colegas. Cumprimentaram-se e em seguida foram direto ao que interessava.

– Alguma equipe já está na praia? - perguntou Marcel para a mulher do outro lado do quiosque.

Pele morena, cabelos loiro escuro, olhos mel. Era baixinha e magra, os músculos dos braços definidos e salientes em cada movimento que fazia. Ela separava plaquinhas brancas e canetões coloridos.

– Não - respondeu. - Estávamos nos organizando. Partiremos agora.

– Chegamos na hora certa! - exclamou o loiro. - E eu trouxe mais dois para ajudar e substituir a Suzane que está doente.

– Sinto muito. Mas fico feliz que ganhamos mais dois voluntários.

A mulher cumprimentou-os apresentando-se como Priscila. Em seguida, seguiu direto para um aglomerado de gente a alguns metros adiante. O grupo estava animado para começar o trabalho daquele dia. Marcel a seguiu e o casal de cunhados correu atrás dele.

– Você sumiu - sussurrou a mulher para Marcel.

– Suzane não podia ficar sozinha.

– Mas hoje você a deixou.

– Sim - respondeu. - Precisava me distrair e dar alguma coisa para Tamires fazer senão ela ia me enlouquecer - riu. - Ela tem ajudado bastante com a Su. Agora ela está descansando.

– Estimo melhoras - murmurou Priscila. - Diga a ela por mim.

Marcel apenas meneou a cabeça e reduziu a passada para emparelhar com Alexandre e Tamires. Aqueles dois andavam tão calados, porém podia sentir uma energia forte cruzando entre eles. Ali tinha coisa, mas quem era ele para julgar? Deixou para lá e seguiu a turba.

– Onde estamos indo? - perguntou Tamires.

– Para a Praia do Leão - respondeu Marcel. - Oitenta por cento das desovas ocorrem lá.

– Me ajuda a me localizar - resmungou a cunhada. - Em que lado da ilha estamos agora? O loiro riu antes de responder.

– Moramos em frente ao mar de dentro e agora estamos do lado do mar de fora.

Tamires não era boa em pontos cardeais. Para ela, rodaram em círculos. Não prestara atenção à volta que deram para não se perder. Aquele horizonte era mesmo diferente. O mar era mais bravio.

Chegaram à praia. Marcel apontou para marcas engraçadas na areia, longas e constantes. Vinham da beira d'água até perto do verde que cercava a brancura dos grãos de areia. A praia toda era limitada pelo mar de um lado e pela mata do outro. Era incrível.

– Estão vendo? – perguntou. – É rastro de tartaruga à procura de um local seguro para a desova.

– O que temos que fazer? – questionou Alexandre mostrando interesse.

– Temos que localizar os ninhos e sinalizá-los para que sejam vigiados até que eclodam.

Temos que garantir que sobrevivam até lá.

– Qual é o período da desova aqui no Brasil? – continuou perguntando o rapaz.

– De dezembro a junho. Aqui recebemos a tartaruga verde. Monitoramos, dia e noite, cerca de cem desovas por estação reprodutiva. Ao todo podemos alcançar o número de 8.900 filhotes.

Enquanto conversavam, Marcel seguia o rastro das tartarugas e localizava os ninhos. O casal observava enquanto o rapaz o sinalizava com uma placa. Também verificava se todos os ovos estavam em perfeito estado antes de partir para o próximo.

– Por que elas estão tão ameaçadas? – perguntou Tamires.

– Existem muitos fatores – respondeu Alexandre. – Pesca indiscriminada com redes que as capturam acidentalmente, mutilando ou matando. E como as tartarugas marinhas são migratórias, os riscos aumentam.

– Isso mesmo – concordou Marcel. – Como elas têm uma vida muito longa, chegam à fase adulta somente depois dos vinte e cinco anos. E aí se tornam reprodutivas. Por isso é mais fácil matá-las do que repô-las à natureza. Nosso trabalho é garantir que elas consigam, lenta e constante.

– De acordo com relatos – acrescentou Alexandre –, houve uma redução drástica dessas populações, algo em torno de 60%. Muitas fêmeas que chegam à praia para desovar são mortas e seus ovos coletados. É uma crueldade indiscriminada com esses animais. Não posso conceber algo assim.

Marcel e Tamires se entreolharam e antes que pudessem acrescentar alguma coisa, Alexandre continuou a falar.

– Fico revoltado com o que o ser humano é capaz de fazer com a natureza, sua própria mãe, doadora de vida, de subsistência. É a maior traição de nossa raça. É como apunhalar faltamente pelas costas a própria mãe!

Alexandre se calou de repente com um nó na garganta. Os dois perceberam e não sabiam o que fazer. Tamires pensou: *Ele realmente veio do mesmo lugar que eu. Ele se importa, de verdade. Não há mais dúvidas de suas intenções.* Marcel também deu o braço a torcer: *Acho*

que realmente este homem é quem diz que é.

O homem alto e moreno se recompôs com a velocidade da luz e já estava se debruçando ao lado de Marcel pedindo orientação para procurar o próximo ninho. Tamires viu, maravilhada, o cunhado caminhar a procura de um rastro de tartaruga, com uma placa branca na mão.

– Você prestou atenção nisso, Marcel? - perguntou quando ficaram sozinhos.

– Sim - respondeu acompanhando o outro com os olhos. - Admito que me impressionou.

– Te digo mais - confidenciou. - Em seis anos nunca o vi falando tanto e de forma tão emocionada.

– Acho que podemos dar um voto de confiança a esse rapaz - confirmou. - Mas ainda temos um tempinho antes de partir.

– Marcel - reclamou Tamires -, desse jeito vamos chegar tarde demais.

Franzindo o cenho, o loiro nem se deu ao trabalho de responder. A ruiva também não retrucou. Voltaram às tarefas.

Tamires o viu sorrir para as pessoas do grupo. Alexandre finalmente desfizera a máscara e se tornara um jovem normal e animado. Tinha que admitir que era muito mais do que Gustavo. Mas podia entender a diferença. Seu marido era um homem de negócios. Havia se criado sozinho e passado poucas e boas para alcançar seu objetivo.

O irmão mais novo também tinha sua cota de sofrimento, mas ainda tinha muito mais a conquistar na vida. Tê-lo ao seu lado, a partir de agora, seria uma grande e emocionante aventura. Seria mais que seu aliado, provavelmente, seu melhor amigo, na ausência de Carolina - a quilômetros de distância.

Decidiu que estava na hora de informar sua amiga sobre os últimos acontecimentos. Explicaria tudo com detalhes. Era a única que sabia de tudo que havia passado e o que acontecia com ela depois que fora embora de Foz do Iguaçu. Carol tinha o direito de saber sobre a revelação do verdadeiro Alexandre.

O jovem alto e moreno prosseguiu uma longa e animada conversa com Marcel sobre preservação do meio ambiente e das tartarugas marinhas. Alexandre se mostrou antenado em tudo o que existia no mundo sobre o assunto, inclusive as estatísticas de desmatamento e queimadas.

Tamires ouvia cada vez mais admirada. Percebeu o quanto havia ficado alheia ao mundo real enquanto vivia seu ‘conto de fadas’ com Gustavo. Para ela, até aquele ano, só existia sua vida. Não que fosse egoísta, mas vivia um clima de felicidade e realização tão grande que era impossível canalizar sua atenção fora do seu mundinho.

Estava feliz por ter despertado desse sonho encantado e ter caído de para-quedas no

mundo real. O tombo havia deixado sua demonstração de dor e sofrimento, porém se erguera muito mais forte e preparada para enfrentar o mundo e suas intempéries. Estava feliz por estar elucidada, mesmo que essa verdade a tenha tirado dos braços daquele a quem amava.

Dissipou esses sentimentos conflitantes antes que fizessem algum efeito sobre seu bom humor. Estava doida para chegar a casa e contar a Suzane tudo o que acontecia ali. Sabia que por mais teimosa que ela fosse, acabaria por aceitar Alexandre, assim como Marcel estava fazendo.

Deixaram para trás uma dúzia de ninhos catalogados para à tarde serem inspecionados com cuidado. Instalariam equipamentos especiais para serem monitorados vinte e quatro horas por dia. Ainda teriam muito tempo para participar do projeto TAMAR.

DESPEDIDA DE SOLTEIRO

Os dois dias seguintes foram muito corridos. Sem tempo de comer, conversar ou ficar com a família, noiva ou amigos, Lucca estava completamente focado no trabalho. Ocupado com as inscrições, dividia seu tempo entre o escritório, onde os pesquisadores tentavam decifrar a peça, e o sítio, no qual a maior parte da equipe voltava às escavações paralisadas.

Não podia contar para Viviane Dias toda a impressionante história que Mainá havia narrado sobre seus ancestrais, mas podia dar dicas. E foi o que fez. Graças a sua orientação, a historiadora e sua equipe conseguiram interpretar a inscrição com mais objetividade. Lá estava, cravado em relevo na pedra polida, a lenda sobre a criação dos Guaikurus.

A empolgação foi renovada no corpo do arqueólogo junto com a novidade para toda a equipe. O bochicho na cidade cresceu consideravelmente enquanto os últimos preparativos para expor o objeto no museu era realizado. Queriam estar prontos ainda naquele dia a fim de iniciar a exposição especial no começo da próxima semana.

Passava da hora do almoço quando Lucca saiu do museu ao lado de Viviane, conversando animados. Havia uma multidão ao redor da entrada, praticamente fechando a rua. Distinguiram na muvuca as câmeras das redes de televisão brasileiras: Globo, Record, SBT, Band, RedeTV e Cultura. A imprensa estava em peso na dianteira dos curiosos. Agora entendiam o que os atraía ali.

– Quem chamou a imprensa? - sussurrou o arqueólogo para sua companheira.

– Não sei, mas posso imaginar - respondeu ciciando a historiadora.

A chuva de perguntas deixou o casal de pesquisadores tonto, sem saber por onde começar. Lucca pensou, com agilidade, que precisavam de um assessor de imprensa com urgência. Havia lutado tanto para alcançar esse momento em sua carreira, mas não lembrara de contratar uma pessoa tão essencial que os auxiliaria com aquela turba.

Viviane sobrepôs sua voz, carregada de experiência e calma para organizar as perguntas.

– Pessoal, vamos responder a todos. Mas preciso que façam uma pergunta de cada vez, por favor.

Uma nova confusão se armou, já que todos queriam fazer a primeira pergunta. A historiadora, com calma, reorganizou, escolhendo quem a faria. Os repórteres estavam bem informados. Sabiam quem eram e quais suas funções.

Uma parte das perguntas foi direcionada a Lucca e outra a Viviane. O arqueólogo

respondeu a todas objetivamente para que compreendessem a natureza daquela escavação e sua importância para a história pantaneira. Sentiu-se à vontade diante da meia dúzia de câmeras. Era exatamente isso que queria. Reconhecimento por seu trabalho e esforço.

Viviane também demonstrou segurança diante das potentes e intimidantes lentes. Respondeu as perguntas sobre história indígena com eloquência. Os jornalistas queriam ver e fazer imagens da peça. O casal conversou por alguns segundos para decidir. Ao final permitiu. Seria a primeira imagem de sua maior descoberta.

Acompanharam os cinegrafistas e repórteres para dentro do museu. A peça estava em uma área isolada. Deram autorização para que a segurança liberasse a entrada da imprensa. Os curiosos se aglomeraram no saguão principal.

Novas perguntas surgiram enquanto analisavam o objeto a certa distância, limitados por uma fita amarela e preta. Responderam a todas. A curiosidade deles não tinha fim. Lucca e Viviane começavam a achar que não sairiam daquele museu tão cedo quando uma pergunta inesperada surgiu.

– Lucca, é verdade que vai se casar amanhã com a filha do coronel José Cruz?

Empalidecendo, o arqueólogo conferiu o relógio. Passava das duas horas da tarde. Estava atrasado para a última prova do terno! Ao mesmo tempo, o celular no seu bolso vibrou e quase o fez saltar de susto. Conseguiu trazer o sorriso ao rosto enquanto pegava o aparelho com a mão direita.

– Sim, é verdade – respondeu sacando o celular. - Preciso ir, pessoal. Se tiverem mais alguma pergunta, fiquem à vontade para fazê-la a Viviane.

Afastando-se com dificuldade da multidão já com o aparelho na orelha, ouviu a voz de Vitória do outro lado da linha.

– Lucca! Cadê você? – berrava. - Estamos atrasados para a prova.

O arqueólogo pediu desculpas e explicou o que estava acontecendo em frente ao museu. Imediatamente a jovem se acalmou. Disse que ligaria para o ateliê para explicar e garantir o horário. Desligou o aparelho docemente dizendo que o esperaria. Estremeceu, ainda bem que não estava em frente a ela agora para ler seus pensamentos e entender os motivos que a fizeram mudar tão drasticamente de humor.

Ao passar pelo parque não resistiu a um sorriso. Pensou em Mainá e nas histórias que ela lhe contara. Como havia sido conveniente essa nova amizade nesse momento de sua carreira. Pensou também que ela merecia algum crédito, mas como se não queria sair do anonimato? Talvez um presente fosse uma boa solução.

Enquanto pensava o que poderia dar a índia, chegou à fazenda. A noiva o esperava no topo da escadaria, na sombra, protegendo-se do sol quente. Depois que entrou no carro e o beijou, monopolizou toda sua atenção fazendo um milhão de perguntas sobre a imprensa. Lucca

segurou uma careta enquanto constatava o interesse fútil da jovem.

A prova confirmou a ele o que já havia percebido. Tinha emagrecido. Alimentou-se muito mal nos últimos dias. O alfaiate disse que o cinto resolveria a pequena alteração na cintura da calça. O resto continuava bom. Ficou feliz que não precisasse de mais nenhuma modificação e logo estava pronto para voltar ao trabalho.

Pretendia voltar ao sítio no período da tarde. Havia ficado a manhã todo entre o escritório e o museu, precisava verificar o trabalho da outra parte da equipe. Ainda bem que a prova de Vitória também foi rápida. Já estavam voltando à fazenda.

– Amor, não quero que venha em casa hoje à noite - anunciou de repente a noiva.

O noivo se espantou com o pedido. Quase se constrangeu. Ela não era disso. Ao contrário, era bastante exigente sobre sua presença nos finais de semana.

– Tudo bem, se é o que você quer - balbuciou resignado.

Vitória soltou um risinho divertido e se debruçou sobre o braço direito de Lucca.

– Claro que não, seu bobo! - brincou - Não é o que quero, mas o que preciso. - Deu um beijo estalado na bochecha do noivo - Vou dormir cedo e usar uma receitinha de beleza que me passaram no salão. Preciso acordar linda amanhã!

Lucca riu junto com a noiva. Agora estava entendendo.

– Também não dá sorte o noivo ver a noiva na noite anterior ao casamento.

– Pensei que era só vê-la vestida de noiva que dava azar - retrucou.

– Também! - E apertou a ponta do nariz de Lucca.

Antes de descer do carro, em frente às escadarias da enorme mansão, Vitória lhe deu um beijo apaixonado.

– Estou tão feliz!

– Eu também - balbuciou contagiado.

– Te vejo amanhã, no altar.

Lucca se debruçou e lhe deu outro beijo em resposta. Observou-a subir graciosamente os degraus e lhe acenar da porta antes de arrancar.

Com a correria da semana, nem tivera tempo de pensar que o dia do seu casamento havia, finalmente, chegado. Não era de se espantar, afinal, a data havia sido escolhida o mais próximo possível. Ao contrário do que imaginava, não se preocupou com a cerimônia. Já havia superado o receio.

Vitória tinha lhe dado um tratamento de choque no dia das provas. Viu tanta coisa sobre o casamento que não era possível que não fosse verdade. Aconteceria. E seria na manhã seguinte. Apagou esses pensamentos assim que atravessou o portal de entrada do Parque Marina Gatass.

O entusiasta Carlos Aguiar o recebeu com um efusivo abraço. O amigo sentia falta da companhia de Lucca, afinal não passavam mais o tempo todo juntos.

– É hoje, hein! - exclamou o melhor amigo.

– Hoje? - respondeu o arqueólogo com uma pergunta. - O quê?

- Vamos fazer um churrasco lá em casa.

- Ah, Carlos - apreensivo -, nem vem com despedida de solteiro.

– Qual é, Lucca ‘Todo Certo’! - Viu seu cenho franzir. - Relaxa. É só um churrasco.

Carne. Cerveja. Pão com vinagrete. E farofa.

Mesmo desconfiado, Lucca acabou concordando. Iriam direto dali para a casa do amigo. Todos os rapazes do trabalho foram convidados. Seria uma grande farra. O arqueólogo não estava acostumado com isso, mas podia mesmo ser divertido. Poderia ser a última vez que faria parte de uma festa. Depois voltaria a ser o homem sério de sempre, porém com uma argola no dedo que o limitaria eternamente.

Sabia, era sério por natureza. Mas e se um dia se arrependesse disso e quisesse uma boa noitada com os amigos? A partir de amanhã não poderia mais satisfazer essa vontade. Era sua última. E não pretendia estragar o churrasco. Iria se divertir, no final das contas.

A tarde passou voando sobre a cabeça de Lucca, trazendo um tom azul marinho ao céu estrelado. Sentiu a presença muito perto de Mainá e quase se rendeu à irresistível força que o puxava. Enquanto o pessoal agrupava as ferramentas para zarpar, se afastou do sítio à procura da índia para lhe dar explicações.

Encontrou-a pouco além de algumas árvores. Um risco muito grande. Poderia ser encontrada por qualquer outro se alguém resolvesse se aventurar por ali.

– Você está muito próxima, Mainá - alertou o arqueólogo.

– Eu sei, mas estava ansiosa.

E seus olhos revelaram o motivo. *Um aperto estranho no peito. Achei que algo tivesse acontecido com você.* Lucca sorriu. Era tão sincera com ele. Comovente.

– Não se preocupe comigo. Estou apenas muito ocupado, dividindo meu tempo entre dois lugares de trabalho - riu. - Vim também para te avisar que não poderei ficar hoje. - Não precisava ler seus pensamentos, sua expressão era suficiente para traduzir o que a indígena pensava. - O pessoal organizou uma festinha e terei que ir.

A expressão de Mainá ficou entre a decepção e a aceitação, mas ela sabia que não teria escolha. Ficaria sem seu novo amigo hoje.

– Tudo bem, mas tome cuidado, por favor. Esse pressentimento ruim ainda não se dissipou só porque você está aqui diante dos meus olhos.

Instintivamente, Lucca se curvou sobre ela e tomou-lhe a mão. Reteve-se para não se

perder nas profundezas de seus olhos chocolate, deu-lhe um beijo na testa, se despediu e voltou para o sítio antes que sentissem falta dele. Encontrou a equipe pronta para partir.

Ele e mais três rapazes foram em seu carro. Conversavam animados, contagiando o motorista. Não conseguia tirar da mente a preocupação da índia, sua amiga secreta. Que pressentimento seria esse? Não duvidava de mais nada nessa vida, acreditaria até mesmo em sexto sentido feminino a partir de agora.

A parafernália estava armada na casa de Carlos. Churrasqueira aquecida - um churrasqueiro cuidava da carne, um freezer gigante cheio de garrafas de cerveja, uma mesa de madeira enorme cheia de pratos, copos e acompanhamentos para o churrasco, como: farofa, vinagrete, pimenta, molho tártaro. Nada de arroz. Nenhum homem comeria.

Achando tudo muito normal e divertido, Lucca relaxou e aproveitou a festa. Controlou a cerveja, já que Carlos não podia ver seu copo vazio. Não queria ficar bêbado. Comeu muita carne, de todos os tipos, mergulhando cada pedaço em um molho diferente.

A música estava alta, obrigando todo mundo a conversar aos gritos. Por isso, os homens estavam separados em pequenos grupos de três ou quatro pessoas para que pudessem se entender. Lucca acabou girando entre os grupos e os assuntos rodavam entre trabalho, mulher, política e religião.

Alguém se lembrou de levar um baralho. E um grupo sentou ao redor da mesa de centro para jogar cartas. Volta e meia um grito seguido de uma batida na madeira cortava todos os assuntos. Todos riam e voltavam para o ponto da conversa em que foram interrompidos.

A campainha tocou e Lucca percebeu que somente ele prestou atenção. Com sua audição aguçada, não tinha como não ouvir cada som e até além. Resolveu atender a porta já que ninguém se moveu naquela direção. Tomou um susto ao abri-la.

- Boa noite - cumprimentou o entregador. - Entrega para o senhor Carlos Aguiar.

Era um bolo enorme que precisava ser carregado com um carrinho. Tinha mais ou menos um metro e meio de altura e quase era tão largo quanto a porta. Depois de assinar o recibo, acompanhou o homem que o empurrava para dentro e ficou com medo de que o bolo podia representar. Não combinava com churrasco.

Somente nesse momento os outros voltaram a atenção para a entrada. Ficaram logo muito mais animados, deixando o arqueólogo desconfiado. O bolo era colorido e grande demais. Seria o que estava pensando? Carlos indicou onde deveria ser colocado. Bem no centro da sala.

Assim que o homem saiu, a música mudou. Luzes coloridas tomaram conta do ambiente, semi-escurecendo tudo. Isso não dificultou a visão de Lucca. Franziu o cenho. Não tinha mais dúvidas do que estava prestes a acontecer. Aproximou-se de Carlos.

- O que é isso? - perguntou sussurrando.

- O quê? - gritou o amigo. - Não estou te ouvindo!

Lucca faria justiça a sua fama de certinho - não aceitaria aquilo de forma alguma. Todos os homens ficaram eufóricos enquanto a música envolvente e as luzes aumentavam a expectativa sobre o grande objeto.

A tampa do bolo se moveu. Lentamente uma mão surgiu sob a madeira e a removeu. As mãos dançaram ao ritmo da música, revelando cada vez mais o braço. O cabelo loiro surgiu primeiro e em seguida, o rosto sensual de uma mulher, maquiada. Batom vermelho, lápis preto, sombra prateada, cílios postiços longos, unhas vermelhas bem feitas e compridas. Bem vulgar.

Ficando em pé, a mulher revelou o busto seminu coberto por um pequeno e brilhante top preto e vermelho. Tomando impulso, retirou as pernas de dentro do bolo e saltou graciosamente para o chão, revelando o pouco tecido que usava na parte de baixo do biquíni mínimo.

A turba de homens se aproximou com olhos devoradores, deixando Lucca mais afastado. Estava com os braços cruzados, visivelmente contrariado. Percebendo a distração dos amigos, deu um passo para trás, isolando-se ainda mais. A mulher sumiu de sua visão, os corpos masculinos eriçados a encobriam.

Enquanto os gritos e assovios se juntavam à música alta, se distanciou de fininho, passo a passo, até alcançar a porta. Com sua força extra, empurrou o carro por alguns metros para que não ouvissem o motor ligar. Arrancou e partiu.

Pela primeira vez, a ira sobrepujou qualquer sentimento bom que tinha. Nunca gostou de se sentir assim. Ficava muito mal consigo mesmo quando sentimentos ruins o dominavam. Estava revoltado com o que seus amigos fizeram mesmo sabendo de sua opinião a respeito.

Já que pagaram, pelo menos curtiriam o show de *stripetias* da garota de programa. Mas não compactuaria com aquilo. No dia seguinte estaria casado. Não queria se sentir sujo e indigno do respeito de Vitória, muito menos da admiração imaculada de Mainá. Sempre via a índia como alguém puro.

Sabendo que não teria para onde ir sem ser encontrado, foi direto para o parque. Lá estaria seguro até que a festa finalmente terminasse com todos satisfeitos. Talvez nem sentissem sua falta. Contava com isso. Afinal, não queria que ninguém - e pensou imediatamente em Edmundo - soubesse que havia fugido de sua despedida de solteiro.

A carta de resposta de Carolina chegou quase que imediatamente ao envio. Tamires estava nervosa com a rapidez. Não era bom sinal. Abriu logo o envelope e leu rapidamente. Suspirou ao final da leitura. A amiga estava feliz e surpresa.

A ruiva riu de si mesma. Como Carol iria desconfiar que Alexandre fora atrás dela se não tivera coragem de entregá-lo na carta? Usara a desculpa mentirosa da coincidência de seu trabalho levá-lo para lá. Sabia que a amiga não ficaria feliz se soubesse que o cunhado havia

conseguido a informação através das cartas. Sentiria-se traidora, jamais se perdoaria. Também contara sobre a conversa em que haviam se tornado amigos e as confissões que Alexandre lhe fizera.

Carolina também estava contente por Tamires ter conseguido um grande aliado em sua missão. A melhor amiga terminou a mensagem contando sobre a prisão de Fernando Alves que foi reconhecido por um guarda da hidrelétrica. Iria a julgamento pelo homicídio de Pedro Tosquini por omissão de socorro. Disse também que Gustavo perguntava dela todo o dia. Prometeu não contar a ele sobre Alexandre ainda, somente quando Tamires achasse conveniente.

Feliz, abraçou a carta se lembrando da conversa com Marcel e Suzane sobre o moreno. Estavam mais confiantes agora que sabiam que o rapaz era sincero. Havia muito para aprenderem depois que voltassem de Corumbá. E haveria também um novo aluno se tudo desse certo.

Contrariando a vontade de Marcel, Tamires já havia se preparado para viajar. Antecipou a compra das passagens sem que soubessem. Porém, valeriam para qualquer horário que precisassem. Preferiu não marcar a data para não perdê-las. Estava apenas se antecipando para que, quando chegasse o momento, corresse para o aeroporto.

Queria senti-lo antes que acontecesse, mas seus novos poderes não lhe diriam nada. Certo sexto sentido lhe dizia que estava muito, muito perto. Depois dos últimos acontecimentos, a última etapa chegaria repentinamente e nas próximas horas, com certeza. Tinha sua própria experiência para comparar. Apagou a luz do quarto e tentou adormecer.

PROMETIDA

Enquanto eu caminhava pela escuridão - não para mim - da caverna, via uma luz tremeluzente se agitar algumas centenas de metros ao fundo. Sabia que era o indício da presença da índia. Uma canção embalava a noite, cantarolada pelos lábios de Mainá. Uma música desconhecida, doce e cativante.

O som do crepitar do fogo se uniu a bela canção. A expectativa tomou conta de mim enquanto me aproximava com uma curiosidade crescente. O que ela estaria fazendo? Sabia que talvez a pegaria em algum momento de intimidade ou até de espiritualidade, já que não esperava me ver hoje.

Conhecia muito pouco sobre ela, apesar de já ter me dito muita coisa. Em tudo havia sido muito direta e objetiva, me privando dos detalhes. Não imaginava o que esperar daquele encontro sorrateiro. Ao mesmo tempo em que estava curioso, também tinha lugar o receio de surpreendê-la daquela maneira injusta.

Meus pés caminhavam por vontade própria, movidos pelos sentimentos controversos dentro de mim. Meu coração palpitava alto. Eu a veria muito antes que pudesse pressentir minha aproximação e eu me vi ainda mais ansioso em alcançá-la.

A luz fantasmagórica se movendo pela rocha tornava-se cada vez maior. O crepitar alto e a música indígena me chamavam. Venha, Lucca, se aproxime. Era acolhedor e gentil. Mas admitia que a força mais forte que tanto me atraía vinha da pedra preta pendurada no pescoço da índia.

Aquele ônix místico me fortalecia de uma maneira que nunca havia visto, mas que era real. Aceitei meu destino mesmo sem saber para onde me levava. Como agora. Meus passos me guiando involuntariamente ao encontro de Mainá, a indígena intensa e fervorosa.

Meus passos eram tão suaves e silenciosos que nem mesmo minha super-audição foi capaz de captar seu som. Mainá jamais me perceberia. Deixei o sorriso brotar no meu rosto para transparecer meu contentamento. Amaria ver a surpresa estampada naquele rosto tão marcante.

Eu me peguei imaginando qual seriam suas possíveis reações. Ficaria feliz com a surpresa de me ver hoje? Insatisfeita porque mudara de planos? Estaria sentindo falta de sua aldeia e de seus familiares? Há quanto tempo ela não ia para lá? Umás duas semanas, com certeza.

Estaquei o passo. Devia deixá-la em paz com sua privacidade e seus familiares. Devia dizer para ir embora, me deixar sozinho. Deveria prometer visitá-la posteriormente ao casamento. Não tinha o direito de privá-la assim de sua verdadeira vida.

Afinal, viver em uma caverna não era nada confortável e longe das pessoas que ela amava. Longe de seus ritos e costumes a fim de me vigiar e proteger. Mas como fazê-la desacreditar em suas próprias crenças? Impossível. Não importava o que eu dissesse, ela continuaria ali, mesmo que dissesse que não queria mais vê-la. Permaneceria à distância.

Voltei a caminhar ao perceber que eu também não queria que ela fosse embora. Na próxima curva, avistei sua silhueta mal iluminada pela chama ainda assim podia ver perfeitamente cada parte dela. Mainá estava de costas para mim, sentada em uma pedra, um espelho diante da face que segurava com a mão esquerda, enquanto pintava o rosto com um pincel rústico na mão direita.

Com tinta preta decorava o próprio rosto com traços tão belos, pinturas corporais que eu nunca havia visto em povos indígenas brasileiros. Os Kadiwéus eram mesmo únicos. Linhas assimétricas, curvas com simulação de pontos por toda a área chamando a atenção para os detalhes dos desenhos. Minha mente associou as imagens as de outras culturas, como a indiana.

Também já havia visto a cerâmica dessa tribo para saber que tinham um talento especial para a arte. Porém eu nunca havia visto os índios pintados de perto, muito menos de corpo inteiro, somente em fotografias. Fiquei paralisado, contemplando a finalização do trabalho.

Mainá havia pintado o rosto ao redor dos lábios, subindo como sem rumo pelo centro da face e finalizando na testa, entre os olhos. A forma firme e linear que sua mão se moveu durante a reprodução do desenho me encantou. Não podia deixar de achar o gesto extremamente sensual.

Movendo o espelho, a índia me viu mal iluminado pelo fogo que crepitava ao seu lado. Seus lábios decorados sorriram e sorri de volta, tentando vencer o torpor. Afastou o espelho, colocou-se de pé e se virou para mim. Seu corpo nu coberto apenas por desenhos semelhantes ao que acabara de finalizar em seu rosto.

– Achei que não o veria hoje.

Quebrou o silêncio totalmente à vontade. Senti minha face queimar diante de sua ingênua nudez e meus pensamentos lascivos. Nunca havia visto tanta beleza em um corpo de mulher. As linhas pretas se encaixavam perfeitamente às curvas naturais dele, cobrindo pernas, abdômen, seios e braços.

Ela não estava nua. Estava decorada, pronta para uma festa indígena, um ritual de passagem, ou a celebração da própria vida. Não sabia o que aqueles desenhos significavam e, no entanto, me encantaram da mesma forma. Eu me preocupei em ter interrompido algo importante.

– Desculpe, não queria te atrapalhar.

Dei as costas relutante, mas decidido a ir embora. Com minha visão periférica ainda a contemplei por mais um segundo antes que sua imagem sumisse definitivamente das minhas vistas.

– Não vá, por favor - implorou sua voz doce.

Eu precisava ver aqueles olhos se derreterem em minha direção. Eu me virei lentamente,

saboreando cada parte de seu corpo que meus olhos desvendavam primeiro. Por fim, nossos olhos se encontraram e pude ler toda a torrente de seus pensamentos. Apenas fiquei surpresa. Fique comigo. Ainda estou aflita. Eu me lembrava de sua intuição a meu respeito e resolvi dissolvê-la com uma brincadeira.

– Você tinha razão em se preocupar comigo. - Ouvi seu coração saltitar feroz de aflição e me apressei em terminar antes que ele saltasse para fora de seu peito. - Aquela festa estava muito chata.

Depois de apenas um segundo, sua risada saborosa ecoou na caverna me enchendo de alegria. Eu a divertia e isso era muito bom. Mainá fez um gesto para que me aproximasse. Caminhei muito lentamente, incapaz de lhe negar alguma coisa, enquanto lhe perguntava.

– O que são esses desenhos?

– Nossa pintura corporal. O que achou? - Deu um giro completo no próprio eixo para encher meus olhos com suas belas curvas.

– Uma beleza - respondi com a voz trêmula.

– Um retorno às raízes – afirmou. - Fazia tempo que eu só usava roupa de branco. Queria agir como uma legítima Kadiwéu mais uma vez.

Sentei-me ao seu lado, evitando olhar para seu corpo quente e nu tão próximo do meu.

– Sente falta da aldeia? - perguntei com tristeza, com medo de sua resposta.

– Sim e não - respondeu enigmática. - Ficaria muito mais angustiada se estivesse longe daqui.

Meu coração palpitou descompassado. O que ela queria dizer com aquilo? Que só estava ali por minha causa? Tive medo de perguntar.

– O que estavam festejando, você e seus amigos? - perguntou mudando de assunto.

Fiz uma careta com a lembrança.

– Minha despedida de solteiro.

Demorei um segundo para perceber o silêncio nos lábios dela e o barulho retumbado que seu coração fazia contra o peito. O que estava acontecendo? Procurei seus olhos em busca de respostas silenciosas, mas os escondeu de mim. O que não queria que eu soubesse? Somente depois de alguns minutos seu coração se normalizou e consegui falar.

– Vai se casar com aquela moça, Vitória? - perguntou, ainda evitando meu olhar.

– Sim - respondi, sem entender seu tom de voz, meio triste meio inseguro. - Amanhã ao meio-dia.

Sua cabeça se voltou para mim como um raio. Seus olhos não esconderam nada mais. Você não pode! O que será de mim? Serei amaldiçoada! Pisquei ferozmente diante dos gritos desesperados de seus pensamentos. O que significavam? Ela arfava lufadas de ar buscando se

acalmar. Lágrimas grossas rolavam de seus olhos e formavam caminhos negros depois que cruzavam com a tinta ainda fresca da pintura em sua face.

Eu ergui a mão instintivamente para limpar suas lágrimas e amenizar os borrões que elas formaram em seu lindo rosto.

– Não chore, Mainá - implorei, tentando reter meu próprio choro.

Agora mesmo estava feliz por tê-la feito sorrir. Em seguida, me senti miserável por fazê-la chorar. O que havia dito de errado?

– Estou aqui - disse abraçando-a. - Não vou à parte alguma. Pode contar comigo sempre.

Ela me empurrou com pouca força, dei espaço a ela.

– Não me prometa nada - disse enxugando as lágrimas.

– Desculpe. Não entendo o que fiz de errado.

– Não se desculpe - a voz praticamente normal agora. - Você não tem culpa. Oculte parte da minha história. Não queria te forçar a nada. Queria que se cumprisse meu destino sem que eu precisasse agir.

Destino. Eu me lembrava, já havia me dito sobre isso antes. Que o destino dela já estava traçado e que o seguiria. Mas, realmente, agora me dei conta de que não havia me contado que destino era esse. Pelo visto tinha alguma coisa que ver comigo. Bem, isso já esperava, dado que possuía uma pedra que podia me localizar e que também sabia muito sobre mim. Esperei que se abrisse.

– Quando tinha treze anos, depois que passei pela Festa da Moça... - vendo minha interpelação silenciosa, explicou melhor - É um ritual de iniciação feminina depois da primeira menstruação. Quando a índia passa a ser considerada mulher e pode se casar e ser mãe. Fiquei dois dias me preparando para o momento em que sairia de casa para escolher meu companheiro. No entanto, ele já estava escolhido para mim.

Mainá fez uma pausa enquanto absorvia suas palavras. Um arrepio me passou pela espinha e quase podia adivinhar onde aquela conversa terminaria. Meu coração já parecia ciente.

– Meu pai, o cacique Piatã, me contou que nasci muito doente. Nem o xamã podia garantir minha sobrevivência. Ele então pediu ao pajé que implorasse aos espíritos por minha vida em troca de qualquer coisa. O pajé Unai conquistou a misericórdia dos espíritos em troca de meu ventre. Eu, a princesa índia Kadiwêu, estaria prometida para o filho de Tupã para sempre. De mim nasceriam os herdeiros dele. Foi somente aí que conheci a lenda do Filho da Terra e o meu destino de protegê-lo e servi-lo pelo resto de meus dias. E se não fosse agraciada com o amor do deus, seria amaldiçoada a morrer seca, sem filhos. Nunca poderia me casar com outra pessoa.

Estava paralisado diante de suas palavras. Que crença mais maluca era aquela? Quem eles achavam que eram para destruir assim os sonhos de uma jovem e linda como Mainá? E o que ela havia dito? Que era uma princesa? Eu estava em completo choque incapaz de concluir uma

linha de pensamento sequer com alguma coerência.

– Eu te amei desde a primeira vez em que te vi, de longe, mesmo sem ter certeza de que você era meu predestinado – sussurrou. - Mas não quero que se sinta responsável por mim, Lucca. - Sua voz voltou a falar com segurança. - Se você ama Vitória, é com ela que deve ficar. Seguirei sempre o meu destino. Ficarei feliz em poder te vigiar de longe, protegendo-o.

Sua linda mão marrom envolveu a pedra brilhante em seu pescoço. Enquanto falava, ela havia acendido novamente como que para ressaltar suas palavras. Seus olhos se fecharam como cortinas diante de sua linda alma. Eu estava mais do que confuso, dividido, reconheci a mim mesmo.

Sempre soube da atração que Mainá exercia sobre mim desde o primeiro dia em que a vi. O que nunca imaginara era que ela sentisse o mesmo e que aquilo era uma sinfonia orquestrada pelo destino. Ainda que não acreditasse em forças além de nós, não podia duvidar dos sentimentos dela. Nem mesmo do que havia nascido dentro de mim a partir do instante em que nos conhecemos.

Naquele momento era apenas o tumentum de nossos corações que eu ouvia e sentia. Era apenas a beleza exótica daquela indígena que me enfeitiçava. Eram somente os desenhos negros em seu corpo que me puxavam para ela. Não tinha palavras para descrever o que sentia nem forças para me fazer responder a sua história. Só podia fazer uma coisa e sabia que era o certo.

Ergui minha mão e toquei seu rosto, fazendo-a abrir os olhos. Eles ardiam de uma forma que eu não havia visto antes. Uma paixão avassaladora brilhava através deles me ofuscando. Estava fascinado por aqueles olhos de chocolate. Faria qualquer coisa para senti-los me queimar sempre, todos os dias, a qualquer momento.

Sorriram para mim compreensivos. Como tantas vezes antes, me leram da mesma forma que eu fazia com os outros. Mainá viu minha alma e não precisava lhe dizer que também a amava de uma forma nova, incompreensível, grandiosa. Eu me inclinei sobre ela sem cogitar interromper o movimento. Sabia que seria muito bem recebido. Além disso, queria acolhê-la em meus braços e em meu coração.

Beijei seus lábios com delicadeza primeiro, sentindo seus contornos voluptuosos. Nunca havia experimentado um sabor como aquele. Aquela boca era muito mais do que esperava. Com novo anseio de prová-la mais profundamente, me entreguei ao beijo permitindo que minha língua invadisse sua boca. Mainá gemeu em meus braços se rendendo ao próprio desejo.

Meus braços a envolveram fortemente como se fosse capaz de nos fundir em um só. E os seus morenos agarraram meu pescoço com força, enquanto seus dedos se infiltravam ferozmente entre os fios bronzes de meus cabelos. Nunca me senti tão no lugar certo como naquele momento. Como se tivesse sido feito para estar naqueles braços, junto com aquele corpo, beijando aquela

boca.

Nunca me deixei levar por sentimento antes, mas aquele era forte demais para ser contido por algum resquício de minha razão. Até minha mente me falava que estava fazendo o melhor. Que estava sendo feliz de verdade, experimentando o amor verdadeiro que até então nunca havia provado.

Amei o sabor. Era doce, explosivo, inesquecível. O que havia tido com Vitória não chegava perto da força e da presença que aquela índia fizera nascer em meu peito que explodia agora naquele primeiro beijo. Algo difícil de conter até mesmo pelo meu corpo tão forte. Meu coração parecia uma máquina feroz de bombear sangue.

Somente a boca de Mainá era pouco para meus lábios. Precisava dela toda. Cada curva bem desenhada de seu corpo moreno e sensual. Além disso, uma alma boa, forte e destemida. Uma alma que eu amava. Uma alma única que me completava.

Tirei meus lábios de sua boca e a senti arfar buscando ar desesperadamente, mas não me afastei um centímetro sequer de sua pele. Seu perfume invadiu meu corpo estimulando boas sensações em meu peito. O sabor de sua pele causava cócegas em minha língua. O calor de seu corpo, um formigamento agradável no meu.

Minha língua seguiu, em uma brincadeira sensual, as linhas pretas desenhadas sobre sua pele. Os arrepios que eriçaram seus pelos me disseram que eu estava no caminho certo para sua paixão. Seu corpo se debruçou para trás se entregando totalmente aos desejos carnis que eu estimulava.

Segurando-a firmemente enquanto a ajudava a se curvar para o chão com segurança, devorei seus seios pequenos e sexies. Suas mãos me agarravam com força, enfiando as unhas nas minhas costas. Seu corpo nu era tão belo que me faltavam palavras para descrevê-lo com exatidão.

Mainá era minha. Seria somente minha e eu dela. Éramos um do outro sem empecilho ou temor. Esse amor era a força mais verdadeira que havia experimentado em minha vida e não o abandonaria agora que sabia que era correspondido. Demorei muito tempo para ler as entrelinhas dos sentimentos que me assaltaram desde a primeira que a vi.

Nada na minha vida fora tão verdadeiro quanto aquilo que estava vivendo. O amor falso de Vitória não podia deixar de parecer uma anedota do amor próprio que nutria por si mesma. Ela nunca me amou de verdade. E nunca me amaria como Mainá me amava. Com o amor único, insubstituível, que se contenta com a felicidade do outro, não com a sua própria. Incondicional.

Dei graças a Deus por ter o privilégio de viver um amor assim. Ainda que tardiamente, porém na hora certa. No dia seguinte, cometeria o maior erro de minha vida, que me perseguiria o resto dos meus dias. Dei graças por não ser tarde demais.

Afastei todos os pensamentos de minha mente e a deixei cheia de Mainá. De suas

palavras, de sua voz, de seus olhos, de sua boca, de sua pele, de seu aroma, de sua sinceridade, de seu sorriso, de seus pensamentos, de sua bondade, de sua espiritualidade, de sua fé, de suas origens. Era a pessoa mais interessante que havia conhecido. Nosso amor seria uma grande, eterna e inesquecível aventura.

Seu sabor se impregnou em minha língua. Queria ter uma overdose dela. Morreria completamente feliz. Lucca. Seus olhos derretidos me chamaram e os atendi de imediato. Envolvendo-a carinhosamente, a beijei de novo, sentindo-a tremer sob meu corpo. Também queria implorar por ela.

– Mainá, eu te amo também - sussurrei ao pé de seu ouvido.

Ela me puxou para perto de novo - incapaz de se distanciar - com tanta força que denunciou sua vontade de se fundir a mim. Suas mãos buscaram os botões de minha camisa, arrebatando-os de suas casas. E a destruição foi totalmente desnecessária, já que ao tentar tirar, consegui rasgá-la em partes, sendo necessário apenas afastar os farrapos.

Vi seus olhos devorarem avidamente os contornos de meu tórax com admiração. Quando se voltaram para mim, me disseram: Como você é lindo! Sorri, voltando a beijá-la enquanto ela destruía o botão e o zíper de minha calça. Estranhamente, essa peça ficou inteira, quase ri ao constatar o pouco estrago enquanto terminava de tirá-la, junto com a cueca.

As mãos suaves e gentis de Mainá me tocaram com destreza e carinho. Ela queria sentir cada parte de minha pele, gravar nas digitais de seus dedos e palmas. Aprender os caminhos construídos pelas curvas de meus músculos. Também não podia deixar de tocá-la e beijá-la a cada segundo. Poderia fazer isso para sempre sem nunca me cansar.

Quando nossa paixão se tornou urgente e impossível de resistir, encaixei meu corpo ao dela, com suavidade e delicadeza. Queria que sua primeira vez não fosse apenas com o único homem que amava e que poderia ter na vida, mas que fosse tão incrível para ela como seria para mim.

Testei seus limites, avançando pouco a pouco, estudando suas respostas e expressões. Seus cabelos negros esparramados no chão eram lindos e brilhantes. Eu me distraí com eles por alguns segundos bebendo cada fio de beleza. Não tinha pressa. Tinha muita paciência e amor para lhe oferecer.

Meu cuidado foi recebido com um sorriso lindo. Seu corpo respondia bem aos meus estímulos, permitindo que o tomasse cada vez mais. Estava aproveitando aquele momento como se também fosse minha primeira vez. Afinal, era a primeira vez que fazia amor com uma mulher. Até então havia feito apenas sexo.

Seu corpo estremeceu graciosamente quando nos fundimos, se curvando e me oferecendo sua pele sedosa. Eu me embebedei dela, de seus lábios, enquanto me movia. Mainá ofegou,

embriagada de paixão. Suas mãos me agarrando cada vez mais apertado, em resposta a cada sensação nova que a fazia sentir. Como - por Deus! - havia resistido tanto tempo àquele elixir dos deuses?

Depois de prová-la pela primeira vez, nunca mais poderia viver sem. Seria minha droga, meu vício, minha loucura. Viveria e morreria por ela. Sentia que não era exagero enquanto provava cada vez mais de Mainá e sentia seu corpo se retorcer sob o meu, suas pernas e braços me envolvendo com força e desejo.

Acelerei o ritmo com cuidado e paciência, observando suas reações. Queria garantir seu prazer primeiro antes do meu. Queria contemplar seu estado de felicidade plena depois que alcance a sensação suprema, física e psicologicamente intensa.

Cada expressão de seu rosto era gravada em minha memória. Nosso novo e irresistível amor era um aprendizado para mim. Mainá havia me ensinado o que era a sensibilidade. Eu queria retribuir com uma vida inteira de servidão para que fosse feliz e realizada.

Observei atentamente e vi quando sua expressão, sem fôlego, mudou para assombrada. Também estava ensinando a ela uma forma física de viver o amor que sentia. Fiquei feliz. Mantive meu corpo se movendo enquanto sua expressão ia e voltava perdida entre o êxtase e a falta de ar. Suas unhas se fncando em minha pele e seus membros comprimindo meu corpo contra o seu.

Depois que a vi chegar ao clímax várias vezes me permiti acompanhá-la. Percebi que chegava lá de novo junto comigo dessa vez. A alegria que encheu meu peito intensificou a sensação física e exaustiva que meu corpo exalava. Aquele dia ficaria marcado na minha memória para sempre como o melhor de toda a minha vida.

Ofegante sob mim, Mainá me abraçou carinhosamente, acolhendo meu corpo entre suas curvas perfeitas. Ficamos debruçados assim por algum tempo, enquanto a acariciava e recebia seus dedos nos cabelos e nas costas. Tinha que ver seus olhos e saber o que ela estava pensando. Agora eu sou sua para sempre.

CASAMENTO

Levantar com o sol era um grande esforço para Vitória Cruz. Não naquela manhã. Estava ansiosa para começar aquele dia. Dormira profundamente a noite toda, não cedendo à ansiedade de véspera. Olhou-se no espelho do banheiro de sua suíte depois de lavar o rosto dos cremes que usou durante o sono. Ficou muito satisfeita com o resultado. Sua pele estava mais sedosa do que nunca.

– Boa receita. Vou usar mais vezes - disse a seu próprio reflexo.

Vestiu-se com uma roupa modesta e sandálias de salto alto. Penteou os cabelos para desembaraçá-los e desceu para tomar Café da manhã com seu pai. O coronel já a esperava na mesa enorme repleta de alimentos variados.

– Bom dia, meu anjo - cumprimentou com um beijo em sua testa. - Pensei que se atrasaria - riu discretamente. - Já estava pensando que teria que acordá-la.

– Bom dia, papai - cumprimentou a filha. - Acordei muito bem – sorriu. - Hoje é o dia mais feliz da minha vida.

José Cruz devolveu o sorriso para sua única e adorada filha. Sua felicidade era contagiante. Seu próprio humor era medido pelo volátil de Vitória. Se ela estava bem, ele também ficava. Se ela estava infeliz, ele ficava muito pior. Desde a morte de sua mulher e a realização de seu sonho ao se tornar um grande e rico fazendeiro, o coronel se dedicou a ser pai. Estava muito feliz com o resultado de seu esforço.

Vitória havia se tornado uma linda mulher, que sabia bem o que queria da vida. Apesar de não ter estudado - isso não o afligia já que ele mesmo não possuía muito estudo - era uma mulher de fibra, apaixonada pela vida e ciente de que tudo o que possuía fora conquistado por ela. Estava acostumada a ser idolatrada. E o velho contava que Lucca Gonçalves seguiria seus passos.

O fazendeiro estava feliz com a escolha da filha. Estava claro que ela tinha mesmo sangue dos Cruz nas veias. Havia decidido pela razão primeiro, depois entregou seu coração ao homem mais correto da cidade. Tinha absoluta certeza de que Lucca a faria muito feliz, como ele mesmo havia feito sua mulher durante os poucos anos que ficaram juntos.

Dissipou o último pensamento tristonho e observou Vitória se servir. Estava tão radiante. A felicidade emanava dela como energia. Foi atingido por ela, envolvido completamente por seu clima de alegria e paz, o que afastou sua própria ansiedade e preocupação. Tudo tinha que dar certo. E daria, tinha absoluta certeza.

– Então, qual a agenda de hoje? - perguntou à jovem.

– Vou direto para o ateliê para minha manhã de noiva. - Abriu um sorriso tão largo que encantou o pai. - Você também precisa ir para lá, mas agora é muito cedo. Vá uma hora antes da cerimônia. O terno que eu escolhi para o senhor é maravilhoso, não é, papai?

– Sim, meu bem, é sim.

– Então sairemos juntos pouco antes do meio-dia para chegarmos aqui no horário. Ao contrário do que é comum, não quero chegar atrasada, nem adiantada. Quero chegar na hora, em ponto.

– Lucca também estará no ateliê?

– Sim, na área masculina. Talvez você cruze com ele lá em cima. Ele deve estar acordando agora também - sorriu enquanto mordida mais um pedaço de pão.

– Você não vai ligar para ele?

– Não. Não vou falar com ele antes da cerimônia. Quero que sinta minha falta e perca o fôlego quando me vir. Não falo com ele desde ontem depois da última prova.

O coronel riu com o inacreditável. Sabia que Vitória falava com Lucca várias vezes por dia. Como era determinada sua filha! Queria realizar uma cerimônia romântica, por isso resistiu ao próprio impulso de falar com o noivo. Estava cada vez mais orgulhoso dela. Seria uma ótima esposa e auxiliaria o marido em tudo. Talvez até se interessasse pelos negócios.

Vitória estava morrendo de saudades de Lucca, mas só admitia isso a si mesma. Estava coçando os dedos para pegar o celular e ouvir a voz do noivo. Especulou durante o restante do café o que ele estaria pensando ou sentindo a cada minuto. Se estaria fazendo a refeição com a família, ansioso para encontrá-la dali há apenas meio período.

Afinal o grande dia havia chegado. Todo o nervosismo das últimas duas semanas se dissolveu como açúcar no café. Estava muito calma, estranhamente tranquila. Havia esperado por longos sete anos por esse momento e sentia-se totalmente preparada. Não era mais a jovem desesperada que conheceu Lucca. Era uma mulher que sabia muito bem o que queria e havia suado para conquistar seu amor.

Levantou-se da mesa e voltou ao quarto para escovar os dentes antes de descer e se despedir do pai. O motorista a levou para o ateliê. Foi recebida com gentileza e atenção. A atendente a guiou até a sala de SPA, os banhos. Em seguida receberia as massagens com óleos e cremes, tratamento de pele e maquiagem. Cabelo e vestido seriam os últimos.

Edmundo abriu os olhos e procurou a silhueta grande do irmão adotivo na cama ao lado. Estava arrumada como na noite anterior antes de dormir. Lucca não havia dormido em casa. Sentou-se com um sorriso nos lábios. Teria ido para uma despedida de solteiro? Não combinava

com ele, porém seria muito útil aos seus planos.

Desde a conversa aberta que tivera com o irmão - aberta pela franqueza, não pelas revelações - Edmundo estava quieto e tramando. Parara de perturbar Lucca, mas não deixara de vigiá-lo. Não acreditava na promessa que lhe fizera e estava maquinando uma forma de entregá-lo a Vitória. Não conseguira nada convincente que a faria enxergar além da névoa de paixão que nutria por ele.

No entanto, na última semana, Lucca estivera ausente demais de casa. A desculpa era o trabalho, mas Edmundo sabia que passava as noites com a índia. Precisava de uma prova, de algum deslize com Vitória para fazê-la sentir raiva suficiente para apartar a cegueira. Talvez a ausência dele durante essa noite fosse sua única chance.

Foi tomar banho ainda pensando como convencê-la do erro que estava cometendo. Ainda faltavam horas para o casamento e vigiaria o irmão até o último minuto. Encontrou Isabel na cozinha, terminando o café da manhã reforçado da família.

- Mãe, o Lucca não dormiu em casa.

Quase que ela derrubou a caneca no chão. Teria ouvido direito? O filho dissera que o irmão não havia dormido em casa? Mas como? Lucca não era disso.

- O que você disse, Edmundo? - O rapaz repetiu a afirmação anterior. - Você está fazendo intriga do seu irmão de novo! - explodiu Isabel. - Você sabe que Lucca não faria isso. Deve ter ido direito da festa para o ateliê.

- Festa? - interrogou Edmundo - Que festa, mãe?

Isabel confirmou que Lucca ligara avisando que o pessoal do trabalho estava promovendo uma festa para ele. Edmundo sorriu satisfeito. Bingo. O irmão mais velho havia lhe dado um grande trunfo.

Depois do café da manhã as mulheres foram para o ateliê. Os homens ficaram assistindo televisão. Edmundo mal conseguia se manter sentado. Estava se sentindo o noivo de tão ansioso. A manhã andava a passos de tartaruga.

Para passar o tempo e controlar a ansiedade, o fazendeiro foi acompanhar seu gado no pasto. O trabalho sempre era uma grande distração para ele. Olhou para sua boiada e se sentiu um rei. Seu tesouro não era dourado, mas sim branco, verde e marrom. Cabeças de gado e terras.

José Cruz se corrigiu imediatamente. Seu maior tesouro tinha cabelos dourados e pele de marfim. Vitória. O nome da filha dizia muito mais sobre ele mesmo do que toda sua riqueza. O menino raquítico e esfomeado que fugiu da Bahia para trabalhar no Mato Grosso do Sul tornara-se um homem de respeito, bem-sucedido e temido. Conquistara a patente de coronel sem nunca ter estado no exército brasileiro.

Havia escolhido bem seus passos, seus negócios, sua mulher e até mesmo o nome de sua filha. Tudo se virava para ele, ao redor dele, em prol dele. Era o centro do mundo que criara com as próprias mãos, com o próprio esforço, com a própria astúcia. Era um rei. Tinha sua riqueza, seu palácio, seus súditos e sua herdeira.

E hoje era o dia de demonstrar seu poder através da ostentação. A festa que estava bancando para o casamento da filha custara uma pequena fortuna. Quem ainda tivesse dúvidas do alcance de seu braço, hoje não teria mais. Estaria vingado pelos anos de sofrimento, rejeição e miséria.

Seria a demonstração pública do tamanho de sua conta bancária, do que era capaz de fazer por aqueles a quem amava e o que os rebentos dessa união teriam o privilégio de desfrutar. Por isso fizera questão de não aceitar a mixaria que o médico Edgar Gonçalves poderia oferecer para cerimônia.

Seria uma demonstração de todo o conforto que ofereceria aos netos daquele coitado. Não tinha ideia do privilégio que era ter um membro de sua família escolhido para entrar para a árvore genealógica dos Cruz. Uma árvore que começava a partir dele.

Uma nova linhagem estava se formando da união entre Vitória e Lucca. Uma linhagem pura, rica, bela, inteligente. O coronel sabia que nunca se arrependeria de ter permitido. Sua filha seria feliz e proporcionaria ao jovem marido uma vida que nunca havia sonhado.

Mas o que o tranquilizava era saber do caráter correto de Lucca. Sabia que não se unira a Vitória por interesse. Ele era honesto, verdadeiro e responsável. Saberá manter a alegria nos olhos de sua filha e não desmantelaria seu império depois que partisse.

Porém, o jovem que não se sentisse muito contente com sua morte. O coronel não pretendia morrer tão cedo. Precisava ter certeza do bom passo e preparar o genro, conhecer seus herdeiros e garantir que também estariam aptos para manter sua riqueza e a felicidade da filha. Viveria ainda muitos anos antes de dizer um adeus definitivo.

Conferiu o relógio de pulso. Estava na hora de ir para a cidade e se vestir.

– Vamos, Edmundo!

A voz de Edgar se impacientava. Já era a terceira vez que chamava o filho. O rapaz apenas gritava ‘só um minuto, pai’ e não aparecia. Estava dentro do carro, quase sufocando pelo calor. Deu graças a Deus por não ir ao casamento com aquela roupa. Já estava ensopado de suor.

– Desse jeito vamos nos atrasar! - berrou novamente o médico.

Com uma careta, Edmundo apareceu na entrada da casa. O que aquele rapaz pretendia? Estragar o casamento do irmão? Edgar não duvidava. Sabia que adotar Lucca fora uma escolha que afetara a família toda. Só não esperava que o filho legítimo nunca superasse as diferenças

entre eles.

Edgar amava demais o filho adotivo. Sabia que até mais do que Edmundo. Eram tão diferentes, porém Lucca sempre fora o filho ideal, dando-lhe muito orgulho. O filho de sangue nunca fizera nenhum esforço para ser alguém na vida, conquistar um futuro, formar uma família. Era um frustrado e o pai se sentia responsável mesmo sabendo que não era.

Havia criado os três filhos da mesma maneira, com os mesmos princípios. Mas viu seus ensinamentos serem seguidos somente por aquele que não era seu filho biológico. Chegou a achar, uma época, que os filhos legítimos faziam de propósito para confirmar sua antipatia pelo irmão intruso.

Para Edgar, ter dois ou três filhos não fazia diferença. Eles sempre teriam que aprender a dividir. Um a mais ou um a menos não o deixaria mais rico ou mais pobre, ou com mais dificuldade em dividir objetos e até mesmo o afeto dos pais. Sempre quisera uma grande família e orgulhosamente tinha.

Edmundo bateu a porta do carro com força demasiada. O pai controlou seu próprio nervosismo para não brigar com o rapaz e dirigiu o mais rápido que podia até o ateliê.

– Seu queridinho dormiu fora de casa - anunciou voltando o pescoço para frente depois de perder a casa de vista. - Não vai falar nada?

Edgar bufou.

– Edmundo, não ouse tentar estragar o casamento de seu irmão - vociferou o pai. - Ele tem o direito a pelo menos um dia de diversão, já que quase nunca se permite. Ficarei de olho em você.

O filho não discutiu. Estava ansioso em encontrar Lucca. Será que já estava no ateliê? Esperava que sim e que não. Queria ver aquele casamento acabar. Seu irmão não merecia uma deusa como Vitória. Ele era um alienígena. Edmundo, sim, combinava com ela perfeitamente.

Foi com esses pensamentos e com um sorriso que avistou seu destino.

O prédio do salão era imenso, mas era impossível não se cruzarem. Todo mundo estava lá, divididos em dois andares: noivos, pajens, damas, padrinhos e pais. Somando-se o dobro de funcionários. Era tanta gente que virou uma muvuca meia hora antes do casamento.

Edmundo relutava até o último segundo em se vestir. Nesse momento, viu o fazendeiro ir até a recepção. Puxou conversa.

– Nervoso, coronel Cruz?

– Demais - respondeu. - Imagino como Lucca deve estar.

– Ah, o senhor não o viu ainda.

– Não, ainda não.

Deve estar se embonecando igual uma mulherzinha, pensou Edmundo. Devia aproveitar

o ensejo para destilar um pouco de veneno.

– Também não o vi hoje ainda - disse casual.

Esperou a ficha do coronel cair, porém ele nada respondeu. Talvez não tivesse prestado atenção ou não tenha dado a devida importância à frase. Achou melhor deixar a conversa morrer dessa maneira.

Edgar entrou na recepção em seguida. Vendo os trajes que o filho ainda vestia, teve que impor toda sua autoridade.

– Edmundo, o que você está fazendo com essas roupas ainda? Vá se trocar imediatamente!

Sem escolha, o filho obedeceu ao pai. No caminho até a sua sala, não avistou o irmão adotivo.

Carlos, saindo de sala contígua, foi para a recepção. Pediu logo ao barman uma dose de vodka com limão. Tomou um generoso gole. Edgar se aproximou do rapaz que não o notou.

– Bebendo tão cedo, meu jovem.

Com um sobressalto, Carlos quase derrubou bebida na roupa recém vestida.

– Desculpe.

– Tudo bem, senhor Edgar - respondeu ao sussurro. - Minha cabeça está estourando. Um gole para tentar amenizar a dor.

O médico sorriu.

– Como está Lucca? - perguntou ao amigo do filho.

– Não sei - respondeu o arqueólogo. - Não o vi hoje. Na verdade nem o vi ir embora de casa. Estava meio distraído - riu.

Edgar compreendeu a última frase.

– Como consegui convencer Lucca a ir a uma despedida de solteiro?

– Oculte os detalhes dele - e riu frouxamente.

Edgar começava a achar tudo muito estranho. O filho jamais suportaria uma farra daquelas. Ele deveria ter saído de lá durante a festa sem que ninguém notasse, mas se tivesse feito isso, deveria ter dormido em casa. Deu de ombros. Talvez tenha se permitido uma noite. Ele era jovem. Ia se casar em menos de trinta minutos. Estaria amarrado para sempre. A noite passada foi a última chance para aproveitar sua juventude e solteirice. Nunca o julgaria por isso. Também tinha sido jovem um dia.

O coronel foi o primeiro a deixar o andar superior para se juntar a filha no carro de vidros escurecidos com ar condicionado. Levou consigo os pajens para que ficassem juntos com a noiva.

Os padrinhos foram os próximos a seguir para seus carros. Restaram somente Carlos e a família Gonçalves. Faltam apenas quinze minutos para o casamento. Edmundo andava de um lado para o outro sem paciência.

Carlos chamou um atendente.

– Por favor, poderia me informar se aconteceu alguma coisa com o noivo, Lucca? Ele está demorando muito lá dentro.

O rapazote, todo prestativo, voltou para o corredor cheio de portas a fim de buscar a informação para o cliente. Retornou dois minutos depois.

– Senhor, não tem mais ninguém lá dentro. Ele já deve ter saído.

Mesmo achando estranho não ter cruzado com ele em momento algum, Carlos preferiu seguir para a fazenda antes que causasse o atraso da cerimônia. Nem cogitou perguntar a outra pessoa.

O restante da família Gonçalves seguiu seu exemplo.

A decoração ao ar livre na Fazenda Cruz do Pantanal estava impecável. As tendas forravam uma área enorme no quintal da propriedade, no centro do que seria uma clareira. Sob as árvores ao redor foi improvisado estacionamento exclusivo para os convidados.

A partir da entrada e por todo o caminho até o local da festa, flores e guirlandas formavam um corredor largo e pomposo. Impressionava todos que eram autorizados pela segurança a entrar. Os homens de preto postados embaixo da fachada da propriedade conferiam nome e convite de cada pessoa que chegava.

Devido a isso, a fila do lado de fora se tornou extensa. O carro que levava a noiva tomou outro caminho, entrando na fazenda por trás. Os padrinhos e os pais do noivo seguiram o mesmo trajeto. Não poderia haver atrasos. Vitória ficaria histérica.

Lilium Almeida, a organizadora de eventos, supervisionava todos os detalhes com sua equipe, separada estrategicamente por toda a área. A profissional organizou os coadjuvantes da cerimônia enquanto chegavam, preparando-os para a entrada da noiva que seria em alguns minutos.

Depois de uma conferência rápida, Lilium sentiu falta de uma pessoa. Aproximou-se da família do noivo e perguntou, um pouco impaciente.

– Onde está Lucca?

Todos olharam para ela sem entender. O que queria dizer com aquela pergunta? Achavam que se tinha uma pessoa que sabia onde ele estava seria ela.

– Como assim? - questionou Edmundo. - Ele não está aqui?

Lilium acionou sua equipe, através de fones de ouvido e microfones minúsculos,

perguntando se o haviam visto. Todos responderam negativamente. A partir daí, a profissional organizou uma batida pelo local da festa com todos que pudessem ajudar a procurar pelo noivo.

– Alguém tentou o celular dele? - perguntou antes que a turba se dispersasse.

Ninguém havia se preocupado de verdade até aquele momento, então todos sacaram seus aparelhos e digitavam furiosamente enquanto se afastavam. Do outro lado da linha, o celular tocou, tocou, tocou e a gravação da secretária eletrônica atendeu no fim.

Lilium sabia que já estavam em cima da hora, porém não queria perturbar a noiva até que todos voltassem com respostas. Seu celular tocou. Era ela de dentro da casa.

– Oi, Vitória.

– Oi, Lilium. Por que ainda não começamos a cerimônia?

E agora, o que dizer?

– Desculpe pelo atraso, mas falta apenas um pequeno detalhe - *insignificante*, pensou ironicamente. - Você também não gostaria de esperar que todos os convidados entrem?

– Quanto tempo?

A organizadora conferiu o relógio e a fila de convidados.

- Dez minutos.

Um suspiro do outro lado da linha. A profissional ia começar a tranquilizá-la quando a noiva respondeu.

– Tudo bem. Nenhum minuto mais.

– Ok. Pode deixar comigo.

Pelos microfones, Lilium começou a conferir primeiro por sua equipe. Ninguém havia encontrado o noivo ainda. Esbarrou em Edmundo, o irmão carrancudo de Lucca. Ele também não o encontrou, nem conseguiu localizá-lo pelo telefone. Em seguida, Carlos.

– Nada, Lilium.

– Ai, meu Deus. Onde está este rapaz?

– Eu tenho uma ideia! - exclamou de repente o amigo e padrinho do noivo. - Acho que posso alcançá-lo. Segura o casamento que vou atrás dele.

– Em sete minutos terei que dar uma explicação para Vitória, Carlos - choramingou a organizadora. - Não temos tempo para correr atrás dele e salvar o humor dela.

– Por favor, Lilium, me espere. Vou até lá antes disso e te telefono. Não é longe daqui.

A mulher apenas acenou com a cabeça e o rapaz saiu em disparada seguido por Edmundo que se ofereceu para acompanhá-lo. Já imaginava onde o amigo de seu irmão ia e também tinha o mesmo pressentimento.

A profissional ficou agarrada ao celular, conferindo ora o horário ora a turba de convidados que se acomodava nas cadeiras decoradas. A fila estava cada vez menor. O prazo

que havia dado a Vitória fora suficiente e estava se esgotando. Mais quatro minutos.

Enquanto os dois se ausentaram, o restante continuou tentando localizar o noivo. A equipe e os familiares estavam temerosos que Vitória os culpasse pela ausência de Lucca. O que ela seria bem capaz de fazer.

Faltando apenas dois minutos para que o prazo terminasse, o telefone celular da organizadora tocou. Trêmula, atendeu a ligação.

– Liliam - era Carlos -, não o encontramos.

A profissional pensou ter ouvido um riso escapado do outro lado da linha. Fechou o aparelho e caminhou direto para a casa onde estava a noiva, seu pai, os pajens e as damas.

Vitória não gostou da aparência da organizadora quando ela entrou na sala da mansão. O que seria esse detalhe que estava atrasando sua cerimônia perfeita? E o que a deixaria assim tão para baixo?

– Não conseguiu resolver ainda?

A noiva viu a mulher piscar atordoada, buscando as palavras certas. Não vinham notícias boas, teve certeza disso naquele instante.

– O que está acontecendo, Liliam?

O coronel percebeu somente nesse segundo que havia alguma coisa errada. O que aqueles incompetentes estavam com dificuldade de finalizar? Já não gastara dinheiro suficiente para que aquela festa fosse do jeitinho que sua filha merecia? Aquele pequeno atraso era uma afronta à perfeição de sua herdeira.

– Vitória - falou a mulher depois de um suspiro decidido -, o noivo não chegou ainda.

A noiva ficou atordoada e balançou a cabeça demonstrando desaprovação.

– Ok - respondeu com a voz firme. - E que motivo deu para o atraso?

Liliam ficou surpresa que a jovem não tenha entendido suas palavras.

– Nenhum - respondeu com tristeza. - Não conseguimos falar com ele.

– A família dele? - perguntou começando a pulsar de raiva.

– Nem família, nem amigos. Ninguém sabe onde ele está.

Nesse segundo, o coronel levantou de um pulo e foi parar em frente à organizadora de eventos tão vermelho que a mulher teve medo que a cabeça dele explodisse.

– Você está querendo me dizer que ele fugiu do casamento? - explodiu sua raiva.

– Não sei, coronel - a mulher tremia dos pés a cabeça. - Ainda estamos tentando localizá-lo.

– Quero a família dele aqui, agora! - gritou o homem que começava a ficar roxo.

Enquanto a mulher corria falando ao microfone acoplado à sua orelha com sua equipe para reunir todos da família Gonçalves na sala, Vitória tentava acalmar seu pai.

– Calma, papai. Ele só deve estar atrasado. Vou ligar para o ateliê.

A noiva correu para o telefone enquanto o coronel ficou plantado no mesmo lugar e via cada membro da família do noivo fujão entrar na sala. Mal o último cruzou a porta, vociferou.

– Onde ele está?

– Calma, coronel - tentou apaziguar Edgar. - Nós também não sabemos.

– Vocês o estão acobertando! - ainda gritava o fazendeiro.

– Mais respeito, senhor, por favor! - exigiu o médico.

– Respeito? - ameaçou o pai da noiva - O que significa isso para vocês?

– Muito, coronel!! - contra-atacou o patriarca da família Gonçalves. - Criei todos os meus filhos para serem respeitosos.

– Estou vendo o respeito que Lucca aprendeu abandonando minha filha no dia do casamento!

– Do que está falando, coronel? Lucca jamais faria isso, o senhor sabe. Eu sei!

Antes que José Cruz pudesse responder, um barulho seco atrás de si chamou sua atenção, junto com um grito de horror das mulheres atrás de Edgar Gonçalves. Vitória estava estirada no chão com o gancho do telefone gritando sozinho caído ao seu lado. Desmaiada.

O pai correu para socorrer sua filha, acompanhado de todo o resto. Edgar usou de seu conhecimento para trazer Vitória de volta à consciência.

– O que houve, filha? Conseguiu falar com Lucca?

– Não - sussurrou ainda em choque a moça. - Falei no ateliê. - Agarrou a gola do terno do pai com tanta força que o puxão quase o desequilibrou. - Pai! - Seus olhos estavam vidrados. - Lucca não esteve no ateliê hoje, em hora nenhuma. O terno dele ainda está lá pendurado no cabide!

A moça desatou a chorar. Mudando da preocupação à fúria, o coronel se voltou para o pai do noivo.

– Lucca não dormiu em casa essa noite - explicou rapidamente o médico.

Edmundo se adiantou para explicar o resto, feliz por contar a Vitória, diante do temido coronel, que o genrinho querido dele havia passado a noite na farra, com mulheres, provavelmente. Explicou que foi com Carlos até o parque para procurá-lo, mas não o encontraram.

– Por que no parque? - conseguiu perguntar Vitória entre os soluços.

– Porque ele passava muito tempo por lá, inclusive fora do horário de trabalho.

– Explique-se! - exigiu o coronel.

– Edmundo! - repreendeu Edgar e Isabel ao mesmo tempo, sem entender o rumo que as palavras do filho tomariam.

Alice e Jader estavam muito calados, apenas ouvindo os diálogos.

– Há um tempo eu descobri que Lucca andava se encontrando com uma índia na caverna depois do expediente.

Não precisava de mais nenhuma informação. Estava claro como água. Lucca havia desistido do casamento por causa de outra mulher. Mas uma índia? Uma bugra? O que ele teria visto nela que Vitória não teria muito melhor? Inconsolável, a noiva preferiu voltar à inconsciência.

O coronel, ainda segurando a filha nos braços, pensou apenas um segundo na burrada que havia permitido, na infelicidade de sua filha desacordada vestida de noiva. Abandonada. Rejeitada. Largada covardemente. Aquele miserável não merecia continuar respirando! Enquanto o médico tentava reanimar Vitória de novo, deu um veredito na frente de muitas testemunhas.

– Quero esse rapaz morto!

RESERVA

– Nós já devíamos estar em rota, Marcel! - falava Tamires ao cunhado.

Sentados cada qual em um lado da sala, conversavam há algum tempo. Na verdade o rapaz grandalhão tentava ignorar a cunhada na maior parte. Ela simplesmente não parava de falar. Estava começando a irritá-lo.

– Você pelo menos tem alguma ideia de quantas conexões teremos que pegar para chegar a Corumbá? - O loiro respondeu com um dar de ombros. - Três! Demoraremos mais de oito horas para atravessar o país. Então, não me venha dizer que estou sendo precipitada.

– Relaxa, Tamires. O cara está se casando agora. A gente não pode simplesmente invadir a festa nem estragar a lua de mel! - retorquiu o loiro.

– Jamais cometeria essa deselegância! - respondeu a ruiva agindo como se ainda frequentasse a alta sociedade de Foz do Iguaçu. - Mas tínhamos que estar por perto, pelo menos na mesma cidade, antes que Suzane nos diga que chegou a hora.

Marcel bufou. Estava controlando sua raiva o máximo que podia, destilando todo seu sarcasmo.

– Vamos chegar atrasados de novo! - essa frase chamou a atenção, então resolveu atizar a fogueira. - Você não é organizado, Marcel. É um péssimo rastreador!

Estreitando os olhos e franzindo o cenho, o homenzarrão mostrou todo sua fúria levantando-se da poltrona em um ímpeto. Tamires não deu a menor importância. Ergueu-se também e o encarou de igual para igual.

– Sou um péssimo rastreador? - vociferou o loiro. - Posso localizar qualquer um agora mesmo! Posso encontrar seu queridinho, quer ver?

– Não!

O grito estridente de Suzane foi captado somente por seus ouvidos, sua mente vagava muito longe dali. Tamires assistia em choque, com a respiração suspensa. Era a primeira vez que via o cunhado em ação.

Em apenas milésimos de segundos, Marcel percorreu milhares de quilômetros. Bastava se concentrar na pessoa que desejava rastrear e pronto, o caminho lhe era mostrado como um fio atrativo. Abriu os olhos como se apenas tivesse piscado.

– Ele está nas cataratas - disse sorridente. - Não posso ler seus pensamentos, mas posso imaginar no que está pensando ou em quem.

Tamires engoliu em seco assistindo o contentamento de seu cunhado. Foi do espanto a

fúria em um estalar de dedos e toda sua energia correu por seu corpo como se fosse palpável.

– Marcel, não! - gritou novamente Suzane do quarto.

– Qual é, até Su está defendendo você! - e gargalhou caçoando da preocupação da namorada.

Apenas um canto da boca da ruiva se ergueu em um meio sorriso. Estendeu uma mão para a frente e o loiro foi lançado contra a poltrona, que derrapou no piso frio e parou somente quando se chocou contra a parede.

Tonto, tentando se recuperar do choque e se erguer do chão, Marcel percebeu os passos de Tamires se aproximando firmes e duros.

– Deixe Gustavo em paz! - berrou.

Seu corpo tremia levemente com a dor que o cutucão na ferida ainda aberta provocara. Era tudo tão intenso em seu novo organismo, apesar da força que possuía agora. O cunhado não tinha o direito de brincar com seus sentimentos.

– Você é mesmo durona, hein? - constatou Marcel se recuperando do ataque repentino.

– Da próxima vez, ouça Suzane. Ela tentou te avisar. - Teve um estalo. - Espera aí, Marcel! - o cunhado paralisou no meio do movimento. - Suzane viu que você seria atingindo instantes antes de eu agir. Isso prova que chegaremos atrasados!

– Você está querendo dizer que ela não é uma boa vidente? - revoltou-se o rapaz.

– Claro que não! Apenas que o dom dela não está em um estágio avançado para ver com uma antecedência segura para Lucca.

– Está bem. Você venceu. Chega desse showzinho, ok? Vai arrumar suas malas.

– Já estão prontas há alguns dias, inclusive já comprei as passagens.

– Então vou fazer as minhas - falou totalmente de pé agora, caminhando até o quarto que dividia com a namorada. - Ligue para Alexandre.

Tamires pegou o telefone sabendo que havia ganhado aquela batalha, mas algo lhe dizia que, ainda assim, não chegariam a tempo.

Uma sensação perene de paz inundou o corpo e a mente de Lucca quando despertou naquela manhã. Os raios solares invadiram pouco a caverna escura, porém o suficiente para que percebesse que estava amanhecendo. Em seus braços fortes e brancos, Mainá repousava serenamente.

Contemplou o rosto moreno e belo da índia e sorriu. Não conteve o desejo de acariciar sua pele. Preguiçosamente seu corpo nu se contorceu e seus lindos olhos chocolate se abriram. Lucca mergulhou em toda sua profundidade sem temor. *Realmente aconteceu!*, eles lhe disseram. Seus lábios carnudos sorriram. O rapaz não respondeu, apenas se curvou e a beijou

apaixonado.

Por que eu demorei tanto tempo para reconhecer esse sentimento tão intenso? Sinto que ele mal cabe dentro de mim!, pensou Lucca enquanto apertava o corpo macio e forte da indígena contra o seu. *Fui cegado por minha própria razão, impedindo que a sensibilidade mostrasse meu verdadeiro caminho.* A pedra fria entre eles brilhava e lhe cobria de bom humor e tranquilidade.

Lucca pensou que podia ficar com Mainá em seus braços, nua e entregue, para sempre e nunca se sentiria cansado. Queria compensar o tempo perdido longe dela. Desejava recomeçar sua vida. Sentiu-se um privilegiado por, aos trinta e dois anos, ter a oportunidade de ser feliz de verdade. Não a jogaria fora. Afastou-se dolorosamente de seu amor para que pudesse expressar o que estava sentindo.

– Mainá, obrigado! – sussurrou. - Obrigado por ser sincera comigo, por dizer o que pensa e o que sente sempre. Jamais enxergaria sozinho o erro que estava cometendo. Nunca poderia sequer imaginar que você é a mulher certa para mim.

A indígena pôs os dedos sobre seus lábios para interrompê-lo. Seus olhos pedindo para que não dissesse mais nada. Ela sabia.

– Por favor, deixe-me dizer tudo - forçou as palavras entre os lábios cerrados. - Em toda minha vida nunca dei oportunidade para os sentimentos. Minha mente racional não os entendia e na tentativa de decifrá-los criou imitações chiffrins. Nunca me permiti sentir verdadeiramente e você foi a única que conseguiu transpor a barreira e penetrar em meu coração. Obrigado por me ensinar a amar.

– O amor convida o amor, Lucca - respondeu Mainá. - Assim como acontece com outros sentimentos, bons ou ruins. Sempre ameí você, mesmo antes de te conhecer. E se tivesse escolhido outra, ainda te amaria. Não me agradeça, por favor. Apenas me ame. - E o apertou fortemente contra si.

Aquela mulher era mesmo digna de ser amada com intensidade e paixão. O amor incondicional que lhe devotava era o maior exemplo que já havia visto diante de seus olhos. Nem o amor de seus pais fora tão forte a ponto de comovê-lo. Não que não os amasse, mas sabia que era um amor de convivência, não de entrega.

– Vamos tomar banho de rio? - sugeriu repentinamente Mainá.

Como recusar? Lucca não tinha forças para isso. Nu e de mãos dadas, o casal saiu da gruta que ficava bem afastada da parte mais visitada do parque e mergulhou nas águas do Paraguai a alguns passos das rochas. A brincadeira se transformou em uma tórrida cena de amor. O cenário ao redor se modificando conforme a natureza desejava.

O sol majestoso se movia no azul celeste no qual algumas nuvens flutuavam descontraidas como flocos de algodão. Aves sobrevoavam o rio em busca de alimento, outras se

mantinham imóveis às margens a espera do momento exato para o bote. A mata verde se alterava ao passo que a luz da manhã incidia sobre ela.

Alheios a tudo a sua volta, Lucca e Mainá só tinham olhos um para o outro. Não paravam de se beijar, se tocar, se acariciar, se amar. Cada gesto era carregado de felicidade, êxtase e uma alegria exuberante. Como apaixonados, se conheciam a vida toda e, no entanto, viveriam o resto de seus dias admirando quem eram em cada nova descoberta.

Estiraram os corpos exaustos sobre a areia da prainha a fim de se secarem ao sol. Mainá traçou linhas e curvas no corpo de Lucca, louvando sua beleza. *Você é tão bonito sob a luz resplandecente*, seus olhos o elogiaram. O arqueólogo riu pensando que reflexivo seria a palavra mais adequada.

Passou os dedos entre as mechas escuras e pesadas dos cabelos compridos da índia, admirando seu brilho intenso e sua cor de ébano. Sua pele amadeirada, de cor quente, era sedosa e tinha um aroma doce irresistível. Salpicou-a de beijos. Seus pelos arrepiaram e seu corpo estremeceu.

Em poucos minutos estavam secos, somente os cabelos úmidos e bagunçados. Devido ao sol forte, procuraram a sombra de uma árvore enquanto conversavam e namoravam, curtindo um pouco mais a companhia um do outro. Não desgrudaram nem por um segundo sequer.

Nada poderia abalar sua paz. Ainda assim, a maior parte da atenção de Lucca estava voltava para Mainá e uma pequena, para os sons em um raio de cinco quilômetros. Podia ouvir a movimentação de pessoas no parque, os carros na rodovia e os animais ao redor. Poderia, assim, saber com antecedência se algum perigo se aproximasse deles.

Sua sensibilidade - ao contrário do que imaginava - aumentou sua atenção. Sua razão trabalhava com maior afinco para proteger aquela mulher linda que amava tanto e que estava segura em seus braços e assim deveria permanecer. Sua mente comandava seus instintos para que ficasse alerta o tempo todo.

– Preciso confessar uma coisa, Lucca - sussurrou Mainá.

O rapaz esperou que ela continuasse falando. Tudo que dissesse seria interessante para ele. Tudo nela era importante e ele desejava sempre saber mais.

– Quando te contei que estudei em escolas de brancos foi uma decisão muito importante em prol do destino que estava traçado para mim. Meu pai apoiou de imediato. Tanto que, muito antes de eu tomar a decisão sozinha, ele já havia providenciado uma professora para nos dar a educação básica na infância. Na adolescência, decidi me misturar. Queria conhecer seu povo intimamente e andar os mesmos passos para ser digna de ser sua companheira. Por isso, estudei o máximo que pude, para seu povo, isso tem relevância.

Lisonjeado e encantado, a estreitou nos braços antes de murmurar.

– Você é incrível. Sempre me surpreende com sua sensibilidade e inteligência. Não quero que se imagine indigna do meu amor. Mesmo que você nunca tivesse estudado em nossas escolas, eu a amaria da mesma maneira.

Mainá respondeu a sincera declaração de seu verdadeiro amor levando os lábios ao encontro dos seus. Beijou-o com paixão e fervura. Nunca se sentiria digna daquele homem-deus, mas estava muito feliz por estar firme e segura em seus braços de aço.

Enquanto sentia a paixão emanar da boca e do corpo de Mainá, Lucca ouviu um som que lhe chamou a atenção. Um carro vinha em alta velocidade na rodovia, sentido Bolívia - Corumbá. Porém, entrou cantando pneu no parque. Uma sirene de alerta acendeu em sua cabeça.

Afastou-se da índia de súbito, pegando-a totalmente desprevenida. Quase se esqueceu que ela não tinha a audição tão aguçada quanto a dele.

– Desculpe, meu amor, mas precisamos ir. Parece que tem alguém com muita pressa vindo para cá. Na dúvida, é melhor sairmos daqui rápido.

Correram de volta à caverna e vestiram a roupa enquanto fugiam. Lucca puxava a índia pelo braço quando ouviu a voz de Carlos e Edmundo o chamando. Em um impulso, jogou Mainá para cima de uma árvore pedindo que subisse mais alto e seguiu atrás dela. Fez um gesto de silêncio enquanto vigiava entre as folhas.

Em menos de dois minutos os dois rapazes entraram em seu campo de visão, metros abaixo, próximos à caverna. Entraram. Lucca esperou, o coração disparado, tentando ouvir o que diziam. Estavam atrás dele. O casamento. Conferiu o relógio e percebeu que a cerimônia já estava atrasada.

Uma pontinha de remorso o cutucou. Afastou-a no mesmo instante que sentiu o calor da mão de Mainá apertando a sua. Sorriu de volta para a índia e esqueceu imediatamente suas antigas preocupações. Afinal, sabia que Vitória merecia uma separação digna, porém seu pai jamais a aceitaria. Melhor que fosse assim mesmo. Iria embora de Corumbá com Mainá e nunca mais retornaria, estava certo disso. Mas seria verdadeiramente feliz e era isso que importava.

Ouviu os passos ociosos de seu melhor amigo e seu irmão saindo da gruta. Não haviam achado nada. Deram uma última olhada do lado de fora da caverna e chamaram por ele mais uma vez. Desanimado, Carlos sacou o celular e anunciou para a organizadora de eventos que não o havia encontrado - como pode escutar. Os dois se afastaram e Lucca falou somente quando a porta do carro bateu.

– Mainá, seu barco, está na gruta!

A indígena sorriu.

– Não vamos de barco – respondeu. - Não seguiremos rio abaixo.

Assoviu alto assustando Lucca. Sua audição estava muito alerta e por isso seu tímpano doeu. Ela se desculpou enquanto o rapaz reconhecia um galope seco. Antes que pudesse definir o que era, um enorme azarão negro surgiu entre as árvores e parou bem embaixo deles. Com espanto, viu a prometida se soltar do galho e cair com precisão sobre o dorso do animal. Porém, desceu com cautela e parou ao seu lado.

– Um cavalo? - perguntou ainda surpreso.

– Nunca ouviu falar que meu povo é cavaleiro? - Estendeu a mão para ele e acrescentou. - Venha, suba. Vou te levar para um lugar seguro. Minha aldeia.

Ela fica tão linda de amazona, pensou Lucca, admirando a destreza da índia sobre o animal. Aceitou a ajuda da moça e subiu na montaria sem cela. Agarrou sua cintura com delicadeza, aspirando o perfume que emanava de seus cabelos ao vento. Apreciou muito mais esse meio de transporte.

Percorreram uma linha imaginária que os afastava gradativamente do rio Paraguai, desviando da civilização e seguindo pela mata fechada. Lucca ficou imaginando quantas vezes Mainá teria feito aquele trajeto. Podia ouvir o som da rodovia, mas sabia que estavam longe o bastante para não serem vistos.

Estavam muito próximos da civilização agora, encobertos por poucas árvores. No controle das rédeas, Mainá fez o desvio necessário para que pudessem cruzar a pista em segurança. Lucca ficou admirado com seu conhecimento sobre os pontos da rodovia mais tranquilos para a passagem.

Ficaram tanto tempo sobre o cavalo que o corpo de Lucca ficou dolorido. Não estava habituado. Na verdade, nunca montara antes. Mas aguentou firme, sem reclamar. Onde estava toda a força com a qual fora presenteado? Estranho. Parecia que estava se esvaindo aos pouquinhos. Podia perceber claramente.

Lucca nem se preocupou em olhar a hora para conferir que havia passado um terço da tarde quando, finalmente, avistou entre as frestas da floresta a aldeia dos Kadiwéus. Uma clareira gigante aberta no centro da Reserva Amambaí - entre Corumbá e Porto Murtinho - revelava as malocas cobertas de sapê organizadas ao redor do círculo perfeito.

Percorreram mais alguns metros a galope e percebeu que, quando os olhos humanos de Mainá avistaram a aldeia, reduziu a marcha para um trotar. O corpo do rapaz agradeceu. A grandeza da comunidade indígena era assustadora. Lucca estava impressionado.

A atividade não parou porque eles se aproximaram. Talvez não tivessem notado a presença deles. As mulheres lavavam a louça do almoço e outras preparavam o jantar. Os homens estavam dispersos mais adiante, podia vê-los com animais. A turba os notou somente

quando passaram a primeira maloca direto para o centro da aldeia.

Lucca desceu do cavalo - vestido apenas com a calça social, o peito pálido totalmente exposto - e ajudou Mainá a desmontar com sua elegância clássica e exuberante - vestida minimamente com seus trapos indígenas. Nem foi preciso apresentação. Todos os moradores se amontoaram ao redor deles e se curvaram imitando o gesto do cacique, como deduziu o rapaz.

– Por favor, se levantem - aquele tipo de cena o constrangia.

O cacique se ergueu e se aproximou deles se destacando da multidão.

– Seja bem-vindo, Filho da Terra - curvou-se levemente em outra reverência. - Sou o cacique Piatã, pai de Mainá.

Diante da menção, a jovem se aproximou do velho e recebeu sua benção.

– Obrigado, cacique Piatã. - respondeu o arqueólogo meio perdido com o tipo de cumprimento que deveria se seguir; na dúvida preferiu ficar imóvel - Meu nome é Lucca Gonçalves. - Queria logo acabar com o termo Filho da Terra.

– Você nos abençoa com sua presença em nossa tribo, Lucca Gonçalves.

Um homem se aproximou e parou ao lado do cacique.

– Sou o pajé Unai, o guia espiritual desse povo. Estou à disposição para servi-lo.

Lucca agradeceu a gentileza. Algumas respostas seriam interessantes. Quem sabe o tal pajé não poderia dar uma luz para seu caminho. O cacique o convidou para fazer uma caminhada ao redor da aldeia a fim de lhe mostrar como viviam aquele povo. O pajé e Mainá os acompanharam enquanto a turba se dissipava e voltava cada um para seus afazeres anteriores.

– Conhece nossa história, filho? - perguntou o cacique.

– Muito pouco, senhor - admitiu o rapaz.

Lucca começava a achar que o homem estava usando uma abreviação do nome indígena que lhe deram.

– Essas terras foram doadas por Dom Pedro II para nosso povo pela participação de nossos ancestrais, os Guaikurus, na guerra do Paraguai. Nossa linhagem é alta e forte, somos guerreiros natos e gratos por este presente. Temos orgulho de nossa reserva e de nossa importante e vital participação naquela batalha.

Fez uma pausa breve quando passavam ao lado de um semicírculo formado por artesãs que fabricavam peça de cerâmica a partir do barro como vasos, pratos, animais, enfeites e outras que não soube identificar. Todas estavam ornamentadas com uma pintura corporal extraordinariamente minuciosa e simétrica, como as que Mainá usara na noite passada. E a pintura colorida dos objetos em suas mãos não deixava nada a desejar.

– A partir daí, passamos a viver com o que tínhamos: a terra e nossa capacidade física e intelectual - continuou Piatã apontando para os braços e a cabeça. - Arrendamos parte desse território, fizemos parceria pecuária, exercemos atividades agrícolas, criamos gado bovino e

equino, e ainda caçamos, pescamos e coletamos. Nosso artesanato, como já deve ter percebido, é bastante apreciado também.

– São realmente admiráveis, senhor cacique - observou Lucca. - Nunca vi uma arte indígena tão incrível. Suas mulheres são artistas.

– Obrigado, meu filho.

– Não sei se o senhor sabe, sou arqueólogo e faço escavações em um sítio indígena. Essa semana encontramos uma peça que remete aos seus ancestrais.

– Não me diga que encontraram muita louça - brincou o cacique.

Aquele povo parecia bastante instruído e por dentro das atividades dos brancos. Todos riram, menos Lucca. Ele se orgulhava da cerâmica escavada, mas sabia da importância do outro objeto que havia encontrado.

– Sim, muita - retrucou. - Mas nossa última descoberta é o altar de Gô-noêno-hôdi, o Criador.

Paralisaram todos em choque, menos Mainá e Lucca que se voltaram para os velhos. Juntos, contaram tudo sobre a descoberta arqueológica do pesquisador. Ao final das apresentações do lugar e das informações sobre a escavação, o cacique convidou-o para entrar em uma maloca que, pelo que pode perceber, era algum tipo de sala de reunião do líder. O pajé os acompanhou. Mainá lhe agarrou a mão e o seguiu. Ninguém discordou, mas o rapaz se sentiu desconfortável.

– Senhor cacique - começou a dizer a fim de se explicar -, não conheço seus costumes, porém gostaria de lhe dizer, antes de qualquer coisa, que amo sua filha e gostaria que o senhor abençoasse nossa união aceitando meu pedido de casamento.

Piatã e Unai desataram a rir. Lucca ficou mais constrangido. Mainá corou lindamente.

– Fique sossegado, filho - explicou o cacique. - Os homens brancos tendem a complicar as coisas. Mainá é sua desde que nasceu. Não precisa casar. Eu já abençoei a união de vocês. Os espíritos e os deuses também.

– Obrigado, senhor, mas gostaria de fazer isso da maneira correta.

Pousando a mão sobre o ombro do jovem, o velho moreno e enrugado, repleto de tatuagens por todo o corpo, retrucou.

– A coisa certa você já fez, filho, aceitou sua prometida. Agora, sejam felizes.

Lucca achou melhor não discutir. Passou o restante da tarde recebendo orientações e ensinamentos do pajé sobre sua missão ainda um tanto enigmática para ele. Sua história mais parecia uma parábola. Será que não podiam explicar claramente?

As perguntas por que, onde, como e quando foram respondidas com incógnitas. Nem mesmo eles sabiam direito o que aconteceria, mas sabiam o significado. Disseram que um

alinhamento planetário era o sinal de que o dia chegara e que uma guerra seria travada em prol da natureza. Seu papel seria lutar contra a força maligna que estava disposta a usar seu conhecimento contra o que era natural.

A estranha dor no corpo de Lucca não passara. Ao final da palestra na maloca do cacique estava cansado. Mainá providenciou uma rede para pendurar nas árvores perto da maloca de sua família. Esticou uma esteira de bambu no chão e se deitou perto do rapaz que estava tão exausto que rapidamente adormeceu. A índia velou seu sono enquanto a noite caía sobre a aldeia.

PASSAGEM

A primeira conexão foi tranquila. O tempo de espera fora de apenas trinta e nove minutos. Marcel, Tamires e Alexandre viajaram calmamente, conversando trivialidades. A segunda já era mais longa. Uma hora e vinte minutos.

Enquanto jantavam na lanchonete e aguardavam a chamada para o próximo voo, Marcel ligou o celular e conferiu as mensagens. Havia cinco de Suzane. Digitou o número da discagem rápida e colou o aparelho à orelha.

– Oi, amor, acabamos de desembarcar em... - A voz preocupada do outro lado da linha o interrompeu. Tamires ficou apreensiva e paralisada no meio de uma mordida. - Ok Volte a dormir, está bem? Eu assumo a partir de agora. Beijo.

– O que foi? - mal havia desligado o dispositivo e a ruiva perguntou.

– A hora está chegando - sussurrou o loiro. - Suzane viu Lucca e a marca.

Marcel esperou pelo menos ver no rosto da cunhada um olhar de triunfo seguido de um ‘eu te avisei’. Porém, só o que pode ver foi preocupação. Teve medo que a moça entrasse em choque. Tamires não se mexia, nem piscava. Alexandre, percebendo sua paralisia, pegou sua mão e tentou acalmá-la.

– Ele vai ficar bem - consolou-a o rapaz moreno.

– Estou apavorada porque sei exatamente pelo que ele vai passar.

Em um rápido piscar de olhos, Marcel conferiu o estado de Lucca, ainda milhares de quilômetros distante de onde estavam. Percebeu que a pedra estava com ele. Sua força irradiando paralelamente a do jovem.

– Não se preocupe, Tamires - tranquilizou-a assim que se viu apto a dar mais informações. - Estarei vigiando. Ele está realmente bem. Está adormecido. A chave está com ele.

– Adormecido? - questionou a ruiva. - E o casamento, já terminou?

– Não tenho como saber, mas sei que ele está cercado por uma floresta. Está fraco, não consigo ver mais.

Quase que Tamires saltou sobre a mesa com a última frase.

– Fraco? Ele está ferido?

– Não, não foi isso que quis dizer - apressou-se em se explicar. - Acalme-se, por favor. Acho que nunca te expliquei exatamente como meu dom funciona. Consigo rastrear a pessoa devido a sua energia. Eu a capto e sigo. Quando a pessoa está dormindo, o ‘sinal’ fica fraco, já

que suas energias estão sendo poupadas.

– E como você sabe que isso não quer dizer que ele está ferido ou morrendo? - arregalou os olhos antes de continuar. - E se já estiver acontecendo?

– Não, ele não está ferido, senão sua energia estaria fluindo como uma torneira aberta ao máximo, jorrando de sua ferida. Ele apenas está dormindo. Relaxe e se a mutação já estivesse acontecendo, essa energia estaria se renovando e se multiplicando, mesmo inconsciente.

– E se essa energia estivesse ausente? - murmurou Tamires. - Ele estaria morto?

– Ou em coma. - Vendo o espanto da moça, prosseguiu o esclarecimento. - Essa energia é comandada pelo cérebro. Se a atividade cerebral baixa muito além do sono, como em um coma, não conseguiria rastreá-la. Seria um sinal praticamente nulo para mim, inexistente.

Tamires engoliu em seco com a lembrança do que aconteceu na noite em que sua pedra, a ametista, acendeu pela primeira vez.

– Quando eu fiquei em coma...

– Suzane e eu pensamos que estivesse morta por quatro dias intermináveis.

Alexandre ouvia a tudo atentamente, sem interromper o diálogo dos dois, enquanto comia seu lanche. A outra mão sob a mesa ainda segurava a de Tamires que não tentou afastá-la. Estava feliz pela confiança conquistada e por estar por perto para consolá-la quando ela mais precisava de seu apoio.

– Agora, deixe-me continuar vigiando - cortou o assunto Marcel. - Estou ficando cada vez melhor nisso - riu.

Tamires tremia. Bem que seu sexto sentido havia avisado. Mas ainda tivera esperanças de estar errada. Às vezes era terrível estar certa. Não conseguiu terminar o lanche. Sua mente estava focada na dor que, em pouco tempo, Lucca teria que enfrentar. *Seja forte, por favor! Estamos a caminho*, rezou.

Mainá e eu estávamos na floresta alheios à noite, apenas conscientes de nosso amor. O romantismo me assaltava e sentia vontade de expressar tudo que estava sentindo. Incapaz de conter aqueles novos sentimentos em meu peito, precisava externá-los senão uma implosão me destruiria.

E o fazia de muitas formas. Acariciando, beijando, olhando e amando-a. Cada carícia acompanhada de uma palavra que tentava traduzir o que eu sentia. Mas nunca achava as palavras certas. Então, sempre procurava por mais. Era difícil pensar quando a índia estava nos meus braços, tão quente, tão sedutora, tão entregue.

Não conhecia aquela mata virgem, mas Mainá sim. Mesmo no escuro, ela conseguia me

guiar por um caminho invisível aos meus olhos aguçados. Ainda que não fosse dotada pelo mesmo sentido que eu, se desviava dos obstáculos com precisão. Seguia seu instinto, como sempre e isso era uma das coisas que tanto amava nela.

Toda minha concentração se focou em Mainá, alheia aos pormenores da floresta ou da aldeia ao nosso redor. Só podia ver e ouvir meu verdadeiro amor. Estava relaxado e despreocupado. Não tinha o que temer. Somente perdê-la. Esse era meu único medo agora.

Distraído com sua perfeição, a maciez de sua pele agarrada na minha mão, não prestava atenção ao percurso que traçávamos. Confeiei a ela minha própria vida. Até o momento, ela havia me guiado até seus braços. Por que eu não permitiria que me guiasse em tudo mais?

O tempo também era algo estranho para mim. Parecia paralisado, tão chocado quanto eu, diante da beleza de minha prometida. E eu sabia que ele não valeria de mais nada agora. Estarmos juntos era nosso próprio tempo. E ele girava infinitamente.

Por um instante pensei em imortalidade, em como seria bom viver nesse precioso estado por uma eternidade inteira. Haveria felicidade maior? Acreditava que não.

Mas como poderia frear o tempo? O carrasco viria para perturbar minha paz, marcando minha face e meu corpo até que arrancasse de mim meu último suspiro. O que Mainá pensaria se não fosse mais belo como um deus? Preocupação tola, já que eu sabia que, para mim, ela sempre seria bela. O amor tende a mudar o jeito que vemos o mundo e as pessoas ao nosso redor. E era grato pela oportunidade de viver essa transformação.

Com sua voz melodiosa, Mainá me seduzia e me convidava a continuar seguindo seus passos na escuridão da mata fechada. Hipnotizado, prosseguia sorrindo diante de seus puxões impacientes. Parecia uma criança ansiosa e alegre.

Porém, aos poucos, percebi uma mudança sutil em seu rosto. O nervosismo tomava conta, afastando sua alegria. O que seria tão importante que a fez mudar drasticamente de humor? Apressei o passo a fim de agradá-la.

Sua tentativa de disfarçar as expressões foi vã, se tornavam cada vez mais taciturnas e irritadas. Seu braço me puxava com toda a força que tinha, apesar de não chegar perto de conseguir me arrastar de verdade. Eu me permitia ser puxado.

– Anda logo, Lucca! - a doçura em sua voz desapareceu com seu bom humor.

Aquela não parecia a Mainá que havia conhecido e por quem me apaixonara. O que eu havia feito de errado para deixá-la tão brava?

– O que foi, Mainá? - perguntei em voz alta.

Seu rosto se virou para mim enfurecido. E minha visão clara percebeu que suas feições distorcidas haviam mudado. A pele morena fora substituída pela marfim. Os olhos chocolate e doces eram agora bolas negras e assustadoras. Os cabelos de ébano estavam dourados. Eu conhecia aquele rosto.

– Vitória! - exclamei espantado.

– Você pensou que se livraria de mim assim tão fácil, é, Lucca? - respondeu a mulher com a voz rispida - Não permitirei!

Tentei me libertar desesperadamente de sua mão apertada como aço ao redor da minha. De onde saíra aquela força toda? Talvez do ódio que sentia por mim nesse momento. Fui covarde ao deixá-la plantada no altar sem uma explicação qualquer e agora vinha atrás de mim para me obrigar a cumprir minha palavra.

– Para onde está me levando? - questioneei ao perceber que não escaparia.

– Tem uma pessoa que também quer falar com você antes de nos casarmos.

Vitória estacou. À frente, entre duas árvores frondosas, reconheci a silhueta estranha do velho coronel Cruz. Eu estava perdido. Inexplicavelmente, ele vinha sozinho. Sempre o imaginei acompanhado de muitos capangas em uma cena como essa, mas aquilo era real e não fruto de minha imaginação. Uma escopeta velha e comprida vinha à sua frente apontada direto para meu peito.

– Senhor, me perdoe! - implorei pela minha vida. - Sinto muito, mas jamais faria Vitória feliz!

Não sabia mais o que dizer para que minha vida fosse poupada. Falar toda a verdade poderia ser minha sentença de morte.

– Cale-se, seu traidor ordinário! - vociferou o velho me fazendo estremecer. - Você pensou que podia dar sua palavra e depois deixar minha filha sem nenhuma satisfação? Achou que ficaria tudo bem se fugisse? Eu confiei em você, verme!

Não fui capaz de responder. Recebi os insultos mortificado. Pelo menos não seriam fatais. Eu os suportaria.

– Você não é ninguém! - continuou o coronel. - Nunca foi digno de minha filha. No entanto, ela o escolheu, só por isso permiti esse casamento. Agora que descumpriu sua palavra, eu não tenho porque poupar sua vida.

Olhei para Vitória em busca de apoio e não encontrei. Vi em seus olhos o quanto desejava minha morte. Desesperado, me liberei de sua mão, me virei e corri tentando encontrar forças em meu novo e melhorado corpo para aumentar a distância entre nós.

Ouvi o disparo da arma e o som do ar sendo cortado por sua fúria e velocidade impressionantes. Antes que pudesse pensar em me abaixar, uma pontada aguda, seguida de uma implosão atingiu meu ombro direito. Com a força do impacto, caí de frente, com a cara no chão de terra.

Milhões de fragmentos queimaram minha carne de dentro para fora. Um grito de horror escapou de meus lábios involuntariamente. Ouvia passos correrem perto de mim. Alguém me

chacoalhava, uma voz conhecida me chamava.

– Lucca! Lucca. Acorde! Por favor!

Era a voz preocupada de minha Mainá. A verdadeira indígena. Busquei ar ferozmente e uma nova onda de dor perfurante fez desenhos confusos em meu ombro. Não podia reconhecê-los. Não podia respirar. Teria meu pulmão perfurado? Estava à beira de um colapso.

– Acorde, Lucca. Você está sonhando. É apenas um sonho, meu amor!

Abri os olhos imediatamente. O rosto de Mainá foi o primeiro que vi e ao seu redor inúmeros rostos que eu havia visto durante o dia me encaravam. Estava na rede que a índia havia me dado para descansar. Pisquei os olhos aturdido.

Tentei me mexer e a dor, agora consciente, foi ainda pior do que em meu pesadelo. Milhares de espinhos perfuravam minha pele dolorosamente e ao mesmo tempo. Com um novo grito, rolei da rede para o chão de terra batido aos pés de Mainá. Fiquei caído de bruços, puxando ar para os pulmões com grande dificuldade.

– O que vocês fizeram comigo? Por que estão me torturando?

– Ninguém está fazendo nada com você - respondeu Mainá. - Você estava dormindo e começou a gritar. O que está sentindo, meu amor?

– Meu ombro... - consegui dizer antes que uma nova onda me atingisse.

Como uma dor física poderia ser tão crescente? Já era bastante insuportável, mas a cada nova crise, mais intensa ficava.

Percebi as mãos de Mainá sobre meus ombros a procura dos objetos que me perfuravam. Aguntei firme diante de sua análise. Seus dedos não me causaram nenhuma dor e também nenhum alívio.

– Ai! - a indígena deu um gritinho. - Senti uma picada. Luz, por favor!

Alguém aproximou uma tocha.

– Oh!

O espanto foi geral. Estremeci sem saber o que viam. O ferimento estaria assim tão horrível? Medido pela dor que eu sentia, com certeza, estaria em carne viva.

– O que foi? - perguntei quase com um suspiro, sem força física para falar direito.

– Sua marca de nascença... - sussurrou assombrada Mainá.

O que tinha minha marca de nascença? Era uma manchinha muito clara no meu ombro direito, nas costas. Mal podia vê-la no espelho.

Uma mão invisível caiu sobre meu corpo, vestida com uma luva cheia de pregos finos e pontiagudos, e perfuraram minha pele. Amoleci de dor, sentindo-a se estender para todo ele. Era como se meu carrasco me golpeasse em inúmeras partes sem distinção. Aleatória e cruelmente. À beira da inconsciência, ouvi a voz muito baixa de Mainá.

– Sua marca de nascença está vermelho-vivo, vermelho-sangue, como se uma ferida

estivesse aberta em seu formato. Um triângulo perfeito, de cabeça para baixo, cortado por um traço.

Sabia que minha marca era parecida com a descrição que ela fazia, mas perfeito? Como? E por que ela estaria se modificando agora? Será que eu estava com câncer de pele?

– Por favor... - fui capaz de cicizar, lutando contra a escuridão.

Não tinha certeza de que ela seria um alívio, dado o sonho que eu tivera há pouco.

– Pajé Unai! - implorou Mainá erguendo a voz na noite escura.

O homem abriu caminho entre a multidão ao meu redor e se agachou do outro lado.

Analisou a ferida por algum tempo antes de se pronunciar.

– Não é físico - disse apenas.

Queria esmurrá-lo. Como assim não era físico? Como eu poderia estar sentindo tanta dor?

Meu Deus, o velho estava louco.

– Então por que ele sente dor? - Mainá fez de meus pensamentos suas palavras.

Obrigado, pensei, incapaz de fazer meus lábios se moverem.

– Está vendo a marca, minha filha? - apontou o pajé. - É o símbolo da terra. O segundo elemento. Ele está se transformando, definitivamente, no Filho da Terra. Agora não há mais volta. Seu chamado será atendido, quer ele aceite ou não.

A mão de Mainá pousou sobre minha ferida e percebi que ela suspendeu a respiração quando foi atingida novamente. Retirou a mão por reflexo. Ouvi o pajé pedir para a turba se afastar. A luz da pedra no peito de minha índia iluminava a distância mínima entre nossos corpos. O líder espiritual começou a cantar uma cantiga indígena que eu não entendia e minha índia princesa o acompanhou.

Queria fazer tantas perguntas. O que ele queria dizer com transformação? Eu era um mutante? O que mais mudaria em meu corpo? Por que a marca estava sendo tatuada por um tirano nas minhas costas? O que tudo aquilo significava? Eu ia enlouquecer!

Não tinha escolha senão tentar esquecer a dor alucinante que tomava cada parte de meu corpo, como se os espinhos se multiplicassem a cada segundo. Minha mente não estava clara para pensar nas consequências psíquicas daquela dor.

Por mais constante que fosse, um novo golpe sempre me fazia encolher de horror. Sua força aumentando a cada nova perfuração. Meu organismo todo cedendo, amolecendo, enfraquecendo. Imaginei meu corpo como uma peneira, cheio de furinhos, vertendo sangue descontroladamente.

Eu ia morrer. Era a única explicação lógica que conseguia pensar. Meu corpo viraria nada e eu seria um deus espírito que guiaria o povo Kadiwéu naquela batalha que eu ainda não entendia. Talvez quando me transformasse - me elevasse, sei lá - seria um privilegiado e

aprenderia todos os mistérios do universo.

Embalado pelas canções dos índios, me consolei com esse destino abençoado. Um sacrifício pelo bem maior. Por mais que cada golpe me arrancasse as forças físicas, minha mente, clara como cristal, não cedia à inconsciência. Queria ser forte, mas quanto mais o tempo passava, mais perdia as esperanças de me manter firme ao meu carma. Comecei a desejar uma morte rápida e benevolente.

Porém ela não veio. Mantive os olhos fixos no nada. Tentei manter minha mente ocupada, imaginando o céu estrelado sobre nossas cabeças. A lua iluminando a escuridão com seu reflexo intenso. A mata desperta, dando lugar aos animais noturnos. O relinchar dos bichos no curral. A vida dentro das malocas.

O mundo prosseguia igual apesar de minha dor, mas Mainá permaneceu firme ao meu lado, nem se movia. É claro que teve uma hora que não conseguiu compartilhar a dor comigo e parou de repousar sua mão sobre minha marca. Compreendi. Pelo menos ela havia tentado.

Ela tinha escolha de não participar daquilo. Eu não. Sua voz embalava minha imaginação que só caminhava para boas lembranças e sonhos. Imaginei o que seria desse momento se estivesse sozinho. Jamais seria forte o bastante sem minha luz. Sem Mainá.

Ondas de tranquilidade e bom humor conseguiram atingir minha mente em algum momento durante a noite. Não sabia quanto tempo havia passado ou quanto faltava para a tortura terminar e como um milagre, tudo serenou.

Movi os olhos buscando o responsável pelo torpor. Mais do que nunca não podia me mexer. Estava anestesiado. A ausência de dor renovou minha esperança. Observei o pouco que podia naquela posição. A terra batida, os pés e as pernas de Mainá.

Talvez as cantigas alcançaram aquele resultado. Tentei mover meus lábios para contar que estava melhor. Queria ouvir que ia ficar tudo bem, mas não consegui e não ouvi nada além das canções. Não havia mais dor, mas não havia sentido também. O chão sob meu corpo só era consciente porque eu podia ver.

Aquela paz me espantou. Estaria à beira da morte? Seria, na verdade, o alívio das dores humanas? Seria essa a verdadeira tranquilidade alcançada? Se realmente permaneceria em espírito, isso explicava minha mente estar tão alerta e lúcida?

A morte parecia fácil. Muito mais fácil que suportar a dor. Havia lutado por várias horas para contê-la e, no entanto, ela veio me assombrar da maneira mais sutil que podia imaginar. Eu a aceitaria de bom grado. Jamais desejaria receber aqueles ataques novamente.

Mainá parou de cantar. Talvez tenha percebido minha tranquilidade. Estaria meu corpo se agitando ao sabor dos golpes que me foram fatais? Não importava. Não queria que ela sofresse me assistindo, mas sua presença havia me ajudado muito.

Agora eu precisava me despedir. Havia descoberto meu verdadeiro amor para depois ir

embora desse mundo sem vivê-lo em plenitude, mas estava feliz. Pelo menos o havia encontrado, conquistado, provado e tinha certeza de que nos encontraríamos em outro plano quando ela se juntasse a mim. Esperaria pacientemente.

A índia princesa se curvou ao chão para que nossos rostos ficassem no mesmo nível. Sorrindo para mim, deixou que meus ouvidos apreciassem sua voz.

– Estou aqui, meu amor. Agente firme. Por mim.

Encurtando a distância entre nossas faces, Mainá colou sua boca na minha e um formigamento subiu por meu corpo, como se estivesse despertando, dos pés à cabeça. O estranho evento trouxe consigo, a cada centímetro conquistado, força renovada. Estava sendo salvo por um beijo ou esse era o suspiro antes do fim?

Antes que nossos lábios se separassem, o formigamento ganhou velocidade e força, como se forçasse passagem através dos tecidos de meu corpo. Gemi. Novas e fracas pontadas nascendo em diversas partes e caminharam desenfreadamente.

Um novo grito e nossos lábios estavam separados. Não tinha mais consciência do quanto era bom aquele contato. Eu apenas conhecia aquela dor. E como se ainda fosse possível, ela percorreu com força crescente até alcançar a marca de nascença em minhas costas, na altura do ombro.

A mão imaginária me açoitava novamente, com pregos mais compridos alcançando mais fundo em meu corpo, quase me transpassando. Fui golpeado impiedosamente sem que fosse abatido.

Movia meus dedos contraindo-os tentando fazer do movimento uma distração. Não foi eficaz. A dor me atingia brutalmente. Porém, uma chama estranha e diferente brotou em mim.

– Mainá... - consegui falar.

Agora eu tinha força e ela estava voltando apesar da dor ser maior. Precitaria mesmo dela para suportar essa nova rodada de açoites. Os olhos chocolate da minha índia se aprofundaram nos meus me dando coragem para continuar lutando pela minha vida. Por nossa vida.

– Obrigado.

Em resposta, recebi mais um beijo demorado de minha amada, apesar da dor que esse contato lhe causava também. Fiquei feliz que ela estivesse disposta a compartilhá-la comigo. A certeza de seu amor verdadeiro renovou a esperança de que logo tudo passaria e eu a teria em meus braços novamente.

CONFUSÃO

A sentença de morte do coronel José Cruz não aparvalhou somente a família Gonçalves. O horror se espalhou com o vento e toda a população de Corumbá estava apavorada. Em poucas horas não havia mais viva alma nas ruas da cidade. Nem ao menos espiando pelas janelas através das cortinas.

Pelo sim e pelo não, ninguém queria ver a caçada. A polícia e as autoridades fizeram vista grossa. Tinham certeza de que a honra do homem seria lavada em pouco tempo e tudo voltaria ao normal. Mas as horas passaram e ninguém sabia onde Lucca estava.

Com sua mão de ferro e braço longo estendido, o fazendeiro conseguiu um formigueiro de capangas que vasculharam cada possível esconderijo. Só faltaram torturar amigos, familiares e colegas de trabalho do arqueólogo para que o entregassem.

Até mesmo a imprensa já havia se retirado. As famílias ficaram grudadas na televisão para verem, na segurança de seu lar, o resultado daquela confusão, que saiu apenas em uma breve notinha.

O CASAMENTO DA SOCIALITE VITÓRIA CRUZ, FILHA DO FAZENDEIRO CORONEL JOSÉ CRUZ, QUE ESTAVA MARCADO PARA HOJE AO MEIO-DIA, NÃO ACONTECEU. SEGUNDO FONTES QUE NÃO QUISERAM SE IDENTIFICAR, O NOIVO, O ARQUEÓLOGO LUCCA GONÇALVES, NÃO COMPARECEU À CERIMÔNIA E SE ENCONTRA DESAPARECIDO ATÉ O MOMENTO. NEM FAMILIARES NEM COLEGAS CONHECEM O PARADEIRO DO RAPAZ DE TRINTA E DOIS ANOS NEM O MOTIVO PARA QUE NÃO CUMPRISSE O COMPROMISSO.

AINDA ONTEM, O ARQUEÓLOGO FOI PROTAGONISTA DE UMA DAS MAIORES DESCOBERTAS ARQUEOLÓGICAS DO SÍTIO NO PARQUE MARINA GATASS, EM CORUMBÁ. SEGUNDO A HISTORIADORA VIVIANE DIAS, A PEÇA ENCONTRADA REMETE HÁ DOIS MIL ANOS, QUANDO O POVO INDÍGENA E GUERREIRO GUAIKURU VIVIA NA REGIÃO DO CHACO. ESTA TRIBO É CONHECIDA PELA CONTRIBUIÇÃO MILITAR NA GUERRA DO PARAGUAI À ÉPOCA DA COLONIZAÇÃO DO BRASIL.

José Cruz estava possesso. Contemplar a desgraça de sua filha feriu seu coração. Quem aquele canalha pensava que era para machucar tão brutalmente sua Vitória? Quem ele pensava que era para substituí-la por uma bugra qualquer às vésperas do casamento? O que aquela selvagem poderia ter de melhor que seu tesouro? Nada! E ele ia pagar caro pela ousadia.

O médico Edgar Gonçalves tentou, inutilmente, fazer o coronel repensar suas palavras contra o filho adotivo. Quase apanhou do velho tal era sua fúria. Conhecia a fama do fazendeiro, mas sempre pensara ser exagerada. Nunca imaginara que viveria para vê-lo usar de sua própria justiça para lavar a alma.

Depois do susto, o patriarca da família Gonçalves se revoltou. Que sociedade era aquela que permitia os mandos e desmandos de um homem por ser rico e influente? Em que tipo de país vivia? O desdém das autoridades era pior para ele do que a morte de seu filho escolhido. Taxativo, exclamara: o coronelismo voltou a reinar em nossas terras?!

Isabel estava inconsolável. Chorava sem parar. O que havia acontecido com seu filho querido? Por que havia fugido? Conhecia o coronel assim tão bem que sabia que sua vida estava correndo perigo? Seu instinto sempre lhe dissera que aquele casamento não seria feliz para nenhum dos dois. Talvez Lucca tivesse enxergado o mesmo.

Ao mesmo tempo em que a mãe queria ouvir sua voz para ter certeza de sua segurança, também desejava que ele fosse para bem longe e assim nunca o ódio do fazendeiro o alcançaria. Ela poderia nunca mais vê-lo, mas suportaria esse sacrifício para mantê-lo vivo e feliz. O que mais Lucca estaria lhe escondendo? Quem seria aquela índia a que se referira?

Esse ganhou a confiança imediata do coronel pela sinceridade. Vitória aceitou seus braços como consolo enquanto seu pai caçava o homem que a havia humilhado publicamente. Nunca em toda sua vida imaginara que poderia passar por algo tão horrível. Sentia tanta vergonha que já planejava, mentalmente, se retirar da cidade para uma cidade distante. Talvez Campo Grande. Não, não, perto demais. Melhor São Paulo ou Rio de Janeiro. Viveria em um lugar digno de sua grandeza. Não aquela terra abominável na fronteira com a Bolívia.

Em silêncio absoluto, o irmão traidor especulava o que deveria dizer a sua adorada e soluçante Vitória. Deveria contar o restante da verdade sobre Lucca? Deveria se oferecer para substituí-lo? Deveria deixá-la com sua dor? Não, não podia se afastar agora. Talvez essa fosse a única e crucial chance que teria para fazê-la notá-lo de verdade. Mas na dúvida do que dizer continuou quieto.

Alice, por mais que tentasse fazer piada de tudo, estava preocupada. Conhecia muito bem o irmão mais velho e foi completamente surpreendida. Gostava de provocá-lo por ele ser um bom moço, correto, responsável e honesto. Aquela fuga não tinha nada a ver com ele. Quando foi que aquela mudança aconteceu?

Jader tentava ficar alheio, porém o clima de tensão pairava no ar e dificultava até uma respiração normal. Sentia o medo correr por seu corpo involuntariamente. Não imaginava, assim como o sogro, que o coronel chegasse às vias de fato. Estava espantado e muito preocupado com o tipo de concessões que o velho fazendeiro estava comprando para tornar-se dono daquela terra.

Antes que a noiva tivesse oportunidade - já que vontade não teria tão cedo -, a equipe de organização de eventos limpou todo o quintal da fazenda em tempo recorde. A grandiosa decoração festa de casamento virou lenda. Ninguém se preocupou em fazer uma foto para registrar pelo menos a ideia para talvez reproduzi-la em outro evento. Queriam apenas correr dali e permanecerem seguros em seus próprios lares.

Viviane Dias estava em choque. Pensou nos anos que trabalhou ao lado de Lucca e não encontrou sinal de que aquilo um dia poderia acontecer. Era bem verdade que sempre o vira como uma pessoa certinha demais e imaginava que um dia se cansaria de agir sempre assim. Mas daí fugir no dia do próprio casamento já era loucura.

A equipe estava dividida entre o susto, a preocupação e o medo de que aquele evento abalasse a credibilidade do trabalho que realizavam, bem agora que haviam feito a descoberta mais importante de suas carreiras. Seria o maior escândalo da história da arqueologia mundial.

Carlos era o único que se atrevia a andar pela cidade. Era abusado e estava disposto a enfrentar a fúria do velhote para salvar a pele de seu amigo-irmão. Enquanto dirigia o carro emprestado como um louco de um lado para o outro, pensava no que Edmundo havia revelado e se sentia meio traído pelo amigo por não ter confiado a ele esse segredo. Mas também conhecia muito bem o irmão invejoso de Lucca e podia imaginar de que forma e para que objetivo Edmundo conseguira aquela informação. Não se importava de ter sabido aquilo da mesma forma que os outros. Só precisava encontrar o amigo para que pudesse lhe explicar tudo.

Estava dividido entre o medo de que ele fosse ferido pela loucura que tivera coragem de cometer e pela alegria que sua atitude provocava. Sempre fora contra aquele casamento. Sabia que não seria um bom passo. Lucca estava no auge da carreira e precisava se concentrar em seu trabalho, não dividir sua atenção com uma mulher exigente e mimada como Vitória. E ainda havia o agravante de ela ser filha de quem era. Aquilo não cheirava bem desde o início. Se Lucca nunca tivesse se comprometido, não precisaria fugir daquele jeito. O que seria do sítio sem ele?

Na pior das hipóteses, ele poderia ter sofrido um acidente. Talvez na hora que saiu bêbado da festa de despedida de solteiro, poderia ter batido o carro ou adormecido na direção. Poderia estar ferido, precisando de ajuda, enquanto aqueles idiotas o procuravam para terminar o serviço. Raiva o dominava enquanto pensava nas possibilidades.

Esse novo pensamento o levou a procurar nos hospitais, corpo de bombeiro e delegacias. Talvez alguém o tivesse visto. Pensou até em mostrar uma fotografia de Lucca para algum morador, mas onde estava todo mundo? Um arrepio lhe passou pela espinha. Corumbá parecia uma cidade abandonada. Talvez realmente tivesse sido, mas pelas autoridades locais.

A esperança de que a imprensa pudesse ajudar com alguma reportagem denunciativa

correu ralo abaixo quando ouviu a notinha pelo rádio do automóvel. Até a imprensa fora comprada. A população de Corumbá vivia o dia mais horrível de suas vidas - medo a assombrava - e estavam amordaçados diante daquela injustiça.

Depois de percorrer toda a cidade por horas, parando aqui e ali - desviando dos capangas com que cruzava volta e meia - Carlos retornou ao parque Marina Gatass. Desceu do carro na entrada e caminhou pela conhecida passagem até o sítio. Demorou um pouco para que seus olhos se habituassem à escuridão.

Ao se aproximar, paralisou chocado ao reconhecer a silhueta de um carro. Conhecia bem aquela carcaça. Só podia ser o popular de Lucca. Correu para encurtar a distância até o automóvel. Abriu a porta do motorista afobado. A luz de teto acendeu revelando seu interior completamente vazio. A chave estava no contato. Não havia sinal de violência ou sangue. Tudo estava em perfeito estado de abandono. Lucca realmente havia fugido.

Sacou o aparelho celular no bolso e tentou o número do amigo. Ouviu primeiro o toque na orelha, depois a mensagem da irritante secretária eletrônica. Lucca não queria ser encontrado. Desejou que o amigo fosse bem-sucedido em sua empreitada e que, àquela hora, já estivesse a quilômetros dali.

Discou outro número e passou as últimas notícias para a família Gonçalves. Decidiram que no dia seguinte Carlos levaria o carro de volta para casa de madrugada, para que os capangas não o perseguissem achando que era Lucca. Todos acreditavam que teriam notícias do rapaz em breve. Pelo menos, se é que isso consolava, o arqueólogo estava são e salvo em algum lugar longe dali.

Desembarcaram em Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, às vinte e três horas. Enquanto Marcel falava com Suzane pelo celular, os três começaram a corrida para fazer o *check in* para o último vôo até Corumbá. No meio do saguão do aeroporto, Tamires parou abruptamente, chicoteando o braço de Alexandre que lhe segurava pela mão bem apertado.

– O que foi, Tamires? - voltou-se o rapaz moreno. - Está se sentindo mal?

O loiro, percebendo a ausência do casal ao seu lado, se virou para trás e viu Alexandre com as mãos no rosto da ruiva paralisada. Parecia em choque, outra vez. Desligou o celular enquanto voltava voando para perto deles.

– O que aconteceu, Alexandre? - perguntou.

– Eu não sei.

Afastando-o, Marcel pegou os ombros da moça e os sacudiu sem dó. Tamires saiu do transe imediatamente. Pensou que a imagem dela paralisada daquela forma se parecia com Suzane quando estava tendo uma visão, mas no máximo seria um insight.

– Temos um problema. - falou, finalmente. - O último voo para Corumbá foi ao meio-dia.

– Como é? - exasperou-se Marcel.

Engoliu em seco e focou o rosto do cunhado grandalhão.

– Havia me esquecido disso quando saímos apressados de casa. Pretendia te convencer a vir durante a semana porque sabia que os horários eram limitados e amanhã não tem nenhum voo para lá.

Perdido em pensamentos, Marcel lançou os olhos ao redor a procura de uma luz. Viu a fachada iluminada de uma empresa de aluguel de carros. Seria a única solução. Tamires, acompanhando o trajeto dos olhos do cunhado, tratou logo de dar mais explicações.

– Não vale a pena, Marcel. São mais de quatrocentos quilômetros até Corumbá. Chegaríamos somente ao amanhecer.

– Mas pelo menos chegaremos - retrucou o loiro. - E é a única opção que temos.

– Esperem um minuto, pessoal - interrompeu Alexandre. - Vou tentar algo.

Seus olhos estavam presos em um homem uniformizado que entrava pela porta de desembarque. Antes de esperar a resposta do casal, correu até o homem, conversaram por cinco minutos antes que voltasse com notícias.

– Aquele piloto vai me apresentar um outro que pode nos levar para Corumbá em um avião particular, me esperem aqui.

Chocados com a rapidez e agilidade de Alexandre, Marcel e Tamires se sentaram para aguardá-lo.

– Quanto tempo de avião até Corumbá? - perguntou o loiro.

– Uns quarenta minutos mais ou menos - respondeu a ruiva. - É muito caro alugar um piloto e um avião particular. Você tem bastante dinheiro aí? Vamos ter que fazer uma vaquinha.

– Acho que dá para arcar. Só não sei se sobra para a volta, já que teremos que ser trazidos para cá amanhã.

– É verdade, não tinha pensado nisso - concordou a ruiva. - Estava tão focada na situação de Lucca que me esqueci de pensar nos detalhes da viagem. Se Alexandre conseguir, será muito mais cômoda e rápida do que de carro. Como Lucca está?

– Sofrendo - respondeu. - Mas vai sobreviver.

Dito isso, deu uma cotovelada nas costelas de Tamires. Ela exclamou um ‘ai’ e depois suspirou.

– É, assim como eu também sobrevivi.

Dez minutos haviam se passado quando Alexandre apareceu na porta de vidro do aeroporto e acenou para que fossem ao seu encontro. Marcel e Tamires ficaram satisfeitos com

a nova aquisição ao grupo. O rapaz moreno, alto e forte também tinha um cérebro brilhante e persuasivo.

– Quanto ficou? - perguntou Marcel.

– Nada, não se preocupem - respondeu Alexandre.

– Você disse ao piloto que precisaremos que ele espere a gente para voltarmos amanhã?

- questionou Tamires.

– Sim, já combinei tudo. Inclusive ele conhece um hotel ótimo lá.

– Quantos lugares? - perguntou Marcel ao avistar o avião.

O Citation Mustang estava brilhantemente repousado sobre a pista pronto para zarpar.

Devia ter pouco mais de dez metros de comprimento e era muito bonito.

– Seis - respondeu Alexandre.

Embarcaram embasbacados com o jatinho. Era pequeno, mas com certeza tinha ficado caro. O piloto os aguardava com um imenso e satisfeito sorriso.

– Sejam bem-vindos ao Citation Mustang. Viajaremos a uma velocidade de 630 km/h.

Por favor, se acomodem e ponham os cintos. Em sessenta minutos pousaremos em Corumbá, a capital do Pantanal.

Por que todos os pilotos de avião agem como guias turísticos?, pensou Marcel. *Talvez recebam algum tipo de treinamento específico*, acrescentou aos pensamentos enquanto se sentava em uma poltrona.

Uau, por que Gustavo nunca teve um desse?, pensou Tamires ao se sentar ao lado do cunhado moreno. *Tamires está confiando cada vez mais em mim*, pensou Alexandre. Olhando ao redor, acrescentou: *Fiz uma ótima negociação*.

A voz do piloto soou através dos alto-falantes desejando a todos uma boa viagem e o jatinho taxiou na pista por alguns metros até alçar voo para o céu estrelado do Mato Grosso do Sul.

SEMELHANÇA

Estava cada vez mais difícil suportar aquela crescente dor que parava tempo suficiente para que eu pudesse apenas tomar novo fôlego. Mainá não saía do meu lado e já lhe implorara para descansar, mas se negava veemente.

Minhas forças estavam escassas e acreditava que não se foram de vez porque não as estava usando. Porém, a noite anterior e aquele dia todo eu havia gasto boa parte de minhas reservas energéticas e não podia suportar por mais tempo acordado.

Lutava contra a dor e a inconsciência com medo que se cedesse, nunca mais voltasse ao reino dos vivos. Aquela dor só podia ser o presságio da morte e eu não queria morrer. Resistiria com todo o restante de forças que ainda possuía.

Cada beijo que recebia do meu verdadeiro amor renovava uma centelha de minhas energias e me sentia novamente capaz de suportar. O calor do corpo de Mainá ao meu lado parecia transmitir uma carga nova e não perdia a sanidade por causa de sua presença real e constante.

Pela primeira vez, tive tempo - e precisava manter minha mente distraída - para repensar minha vida. Sempre me preocupei em ser responsável, mas acima de tudo, havia sido em prol dos outros, não de mim mesmo e tinha o dever - e o direito - de ser um pouco egoísta.

Ainda não fazia ideia do que esse novo eu representaria - se Mainá e sua tribo estavam certos ou se era loucura - mas sabia que tiraria dela muito mais do que braços de aço e capacidade mental extra. Devia aos acontecimentos místicos um novo olhar sobre minha própria existência.

Quer fosse por aquela pedra, aquela índia, aquele dom de ler os pensamentos alheios ou os sentidos extremamente aguçados, seria um novo homem por dentro e por fora a partir de hoje.

Era nítida a mudança em mim. Mais do que aceitação, estava me transformando em alguém além de minha própria compreensão. Completamente ciente, eu constatei que por trinta e dois anos não havia vivido, apenas existido.

Não fosse meu trabalho, que fora minha única e verdadeira dedicação, minha vida não faria sentido algum agora. Minha família, que eu tanto amava, não tivera o privilégio real de conviver com meu eu verdadeiro, porque nem eu mesmo tivera a chance de desvendá-lo.

Sabia que provavelmente estava exagerando, porque jamais deixaria de ser quem eu fui até agora. Porém, essa nova visão de mim mesmo, para mim, mudou todo o resto. Efetivamente, não mudava o que eu sentia ou fizesse pelos outros, somente o que fizesse e sentisse por mim

mesmo.

Amor próprio nunca fora um ponto forte em mim. Não que me sentisse inferior ou ridicularizado. Mas nunca dera chance a mim mesmo. Eu me privei de muita coisa boa e agora abria meu coração para uma estranha. Encontrava a felicidade.

Mainá não era mais uma estranha para mim. Essas duas semanas ao seu lado foram como vinte anos. Era como se a conhecesse a vida toda. Nem os trinta anos ao lado de meus pais e irmãos me apresentaram com essa sensação.

Sentia que não os conhecia. Prova disso era a demora em perceber o problema que Edmundo tinha comigo, ou o sarcasmo de Alice, ou, ainda, os motivos de Vitória em me escolher. Estava cego e não enxergava ninguém de verdade. Nem a mim mesmo.

Havia criado imagens prontas dessas pessoas e as limitara a minha pouca imaginação. O único que conhecia mais profundamente era Carlos. Ele fora o irmão que nunca tive.

Não podia fazer esse tipo de desfeita com Isabel. Minha mãe sempre me conhecera profundamente e se apresentava para mim. Pensando nela agora, lembrei que deveria estar muito preocupada comigo e senti vontade de telefonar para ela para dizer que estava tudo bem.

Mas estaria mesmo? Ainda não tinha ideia de quanto tempo passaria por aquela sensação de morte, mesmo inspecionado pelo pajé de vez em quando. Não sabia se sobreviveria àquela noite. Não tinha o direito de lhe dar falsas esperanças. Se fosse morrer, que ela soubesse da boca de outra pessoa. Um estranho levaria a ela a pior notícia de sua vida.

Uma paz insondável me preencheu. Aspirei profundamente. Minhas pálpebras ficaram pesadas demais para mantê-las abertas. Meu corpo relaxou. A dor diminuiu, mas não cessou. Sabia que o momento havia chegado.

Com um último resquício de consciência forçada, apertei de leve a mão de Mainá. Obriguei as pálpebras a se abrirem mais uma vez. Visualizei o rosto lindo de minha índia princesa. Então, impeli minhas últimas palavras para fora de meus lábios.

– Sempre te amarei.

Mal pude ouvir meu próprio sussurro. Visualizando o sorriso doce de minha amada, me entreguei à escuridão que me cercava.

Era meia noite quando o jatinho recebeu autorização para pousar no aeroporto internacional de Corumbá. Marcel desceu na frente, totalmente conectado a Lucca, seguindo sua energia viva e forte. Intrigado, percebeu que seus sentidos o guiavam para o lado oposto da cidade.

– Piloto! - chamou quando o viu descer do avião. - O que tem para lá?

– Muita coisa, meu jovem. O Parque Marina Gatass, a Bolívia, outras cidades do estado do Mato Grosso do Sul. O que está procurando?

Marcel não tinha certeza do que responder. Fechou seus olhos - para o piloto, apenas um piscar de olhos - e tentou localizá-lo no cenário que havia visto.

- Uma mata fechada, mais como uma floresta, não um parque, nem uma fazenda. Tem algo assim naquela direção?

O piloto pensou por apenas alguns minutos antes de responder.

- Sim, tem a reserva Amambai dos índios Kadiwéus. Fica entre Corumbá e Porto Murtinho. A uns vinte e cinco quilômetros daqui. É mata fechada. A aldeia fica lá.

- Você conhece bem o lugar? - perguntou ansioso.

- Sim, conheço, mas não tem como pousar com um jatinho, por menor que seja. Não há espaço para pousar e decolar com segurança. Você vai precisar de um helicóptero. Conheço alguém que pode te ajudar.

O piloto se afastou deixando o trio ao lado do avião sem mais aviso.

- Ele não está aqui - disse Marcel.

- E você acha que ele está na aldeia? - questionou Tamires.

- Não tenho certeza, mas eu vejo que ele está em uma mata fechada e sinto que devemos ir naquela direção. Você não achou coincidência que houvesse uma aldeia indígena para lá?

- Tem razão - concordou. - Só pode ser a aldeia da índia que está com Lucca.

- E a pedra também está naquela direção. Não posso sentir a índia, mas aposto que foi para lá que ela o levou.

Ficaram em silêncio alguns instantes e em seguida Alexandre o quebrou.

- Acho que devíamos saber como andam as coisas na cidade, para ter certeza de que ninguém está em seu encaço.

- Não, quero vê-lo o quanto antes - exclamou a ruiva. - Não posso esperar mais.

- Tudo bem - respondeu Alexandre compreensivo. - Em todo o caso, ainda acho que devíamos dar uma sondada por aqui. Posso fazer isso e encontro vocês depois.

Os dois sabiam que ele conseguiria encontrá-los com facilidade depois das coordenadas apresentadas e mesmo com a proximidade, poderia senti-los com facilidade.

- Acho uma boa ideia - retrucou Marcel. - Ligue para o meu celular se encontrar algum problema com o qual devamos nos preocupar. Afinal, Suzane alertou sobre os brios do tal coronel e nesse momento ele deve estar mais do que furioso. Se pegar Lucca...

- Meu Deus, você acha que ele corre algum perigo? - sobressaltou-se a ruiva.

- Calma, Tamires - apaziguou Alexandre. - Estamos apenas nos prevenindo para não sermos surpreendidos.

O piloto voltou nesse momento com boas notícias. Havia encontrado o amigo que ainda

estava no aeroporto porque não queria circular pelas ruas da cidade. Ele também adiantou o papel que Alexandre desempenharia informando que capangas estavam procurando por Lucca por toda a parte. Ninguém comentou nada a respeito. Não queriam ser pegos pelos homens do coronel ou entregar a localização do jovem.

Tamires ficou aliviada ao subir no helicóptero e constatar com o piloto que demorariam apenas dez minutos para chegar até a reserva. O rapaz era bastante curioso e desatou a fazer perguntas sobre qual o objetivo dos turistas naquela área. Marcel se saiu muito bem - era melhor mentiroso que a ruiva - ao dizer que eram profissionais da área da saúde e que estavam em expedição pelas aldeias do Pantanal.

O piloto ainda questionou o horário e informaram apenas que vinham de longe e que as conexões só lhes permitiram chegar agora. Quando o piloto perguntou por que não dormiriam em um hotel para viajar no dia seguinte, Marcel já perdia a paciência e disse apenas que não tinham verba para a hospedagem. O piloto entendeu o recado e mudou de assunto. Informou-os sobre a situação caótica da cidade.

Tamires mordida o lábio enquanto ouvia. Teve que se lembrar a ter paciência, pois estaria com Lucca em poucos minutos. Respirou fundo e pôs-se a observar a paisagem que se desenrolava sob a aeronave. Era exuberante e linda. E mentalmente iniciou as comparações com os lugares que conhecia.

Marcel também estava preocupado e começava a dar razão a Tamires. Como sempre. Tinha que dar mais crédito a ela a partir daquele dia. Afinal, sabia quem ela era e o que seus instintos podiam dizer. E era muito mais que os seus.

Os minutos passaram tão rápido que o piloto interrompeu os pensamentos do casal para fazer um anúncio.

– Pessoal, estão vendo aquela clareira enorme logo à frente? - apontou e os dois olharam curiosos. - Ali é a reserva de Amambaí.

Um barulho ensurdecedor me despertou de um sono pesado sem sonhos. Abri os olhos com dificuldade, sem reconhecer aquele som. Um vento forte e em círculos agitava meus cabelos contra a face e as copas das árvores. Estaria chovendo?

Mainá se levantou de um pulo, se colocando entre mim e a coisa ruidosa. A aldeia inteira estava agitada. O som ficou mais alto e o vento mais forte quando minha mente entendeu.

– Um helicóptero - murmurei.

No segundo seguinte, também fiquei preocupado. Será que o coronel havia me encontrado? Um horror correu por meu corpo, não preocupado comigo mesmo, mas com Mainá. A fúria do velho também cairia sobre ela e os seus.

Tentei me mexer sem sucesso enquanto via a aeronave metálica descer no centro da

aldeia. Mainá postou-se defensivamente em minha frente e senti orgulho de sua coragem, mas que poder seus braços teria contra armas de fogo?

A máquina silenciou. Uma porta se abriu e três pessoas desceram. Não conhecia nenhuma delas. Porém, a mulher me chamou imediatamente a atenção. Alta e esguia, muito pálida, olhos verdes preocupados. Mas, não foi sua beleza que fez parar a minha respiração. Seus cabelos compridos e bem cortados se agitando ao vento pareciam fogo.

Vi o queixo de Mainá descer alguns segundos depois quando conseguiu visualizar as feições da estranha. Seus olhos correram para mim em choque. Os guerreiros da tribo se puseram no caminho dos intrusos, fazendo-os estacar. Todos estavam tão embaçados quanto nós.

O pajé grunhiu e todos esperaram que se compusesse. Os espíritos estavam se comunicando com ele. Debruçado sobre si mesmo, seu corpo se agitou algumas vezes antes que voltasse a posição ereta. Deu dois passos em direção aos visitantes e sua voz rugiu como um trovão.

– Sejam bem-vindos. Amigos do Filho da Terra são nossos amigos também.

Os estranhos se entreolharam e minhas suspeitas foram confirmadas. A mulher ruiva sorriu para o pajé. Um sorriso lindo e sedutor. Algo totalmente diferente do que já houvesse visto na minha vida. Prendi meus olhos nela enquanto dava um passo em direção ao velho espiritual.

– Obrigada - a voz tão suave e gentil soou. - Vimos falar com Lucca Gonçalves.

– Sim, os espíritos me disseram - curvando-se em uma reverência, o pajé acrescentou - Seja bem-vinda, Filha do Fogo.

Prendi minha respiração novamente enquanto assistia toda a aldeia suspirar de espanto e se curvarem em respeito diante daquela mulher de aparência tão semelhante. Semelhante demais.

– Muito obrigada. - Que educação e suavidade tinha. - Por favor, se levantem. Mostre-me o caminho até o Filho da Terra.

Se não estivesse tão ansioso, teria sorrido com a rapidez de pensamento daquela estranha. Entrou na onda indígena, conquistando sua confiança. Não sabia o que pensar. Talvez ela estivesse ali a mando do coronel Cruz, mas estava curioso para falar com ela.

Vi um sorriso matreiro no rosto do grandalhão loiro que se postou imediatamente atrás dela. Senti cumplicidade por ele já que estávamos pensando a mesma coisa sobre ela. A turba abriu caminho para que o pajé guiasse os estranhos até onde eu estava.

Mainá estava estática na minha frente e não parecia disposta a abrir caminho, ainda que acreditasse no pajé. Devia estar preocupada com minha segurança, já que estava fraco.

Percebi exatamente o momento em que a mulher me avistou. Seu olhar foi de gratidão a preocupação. Ele está bem?, seus pensamentos questionaram. Sorri ansioso em despreocupá-la. Por que, meu Deus, eu estava fazendo aquilo? Ela era uma estranha para mim. E, no entanto, não

parecia.

Lágrimas brotaram de seus olhos com a minha resposta e vi o alívio na expressão de seu rosto e em seus pensamentos. Pararam em frente à Mainá que não abria passagem.

– Mainá - ordenou o pajé.

– Não sei, não - respondeu temerosa.

Os olhos da ruiva se prenderam no rosto da índia e depois desceram para seu seio. Com certeza ela estava olhando para o ônix. Vi o rapaz loiro também observar a pedra. Uma expressão de compreensão inundou os dois estranhos. Os pensamentos deles eram confusos para mim. Nem tentei preservá-los e entendê-los.

Estava vidrado na ruiva. Em suas feições suaves. Na cor de sua pele. No desenho de seus olhos. Na impressionante cor de seu cabelo. Só podia ser o que eu estava pensando.

– Mainá - ouvir o nome da minha mulher na boca daquela estranha me causou uma comichão. - Lindo nome.

A índia piscou os olhos espantada, mas conseguiu falar.

– Obrigada. - Rasgando a garganta, continuou. - Você é mesmo a Filha do Fogo?

A ruiva não se ofendeu com a dúvida de meu amor: Estava totalmente incapacitado de falar alguma coisa, apenas acompanhei seus movimentos precisos. Ela ergueu o braço direito e o apontou para a fogueira. Seus dedos se fecharam enquanto movia o braço para uma árvore a alguns metros de distância. Abriu os dedos e um raio de fogo explodiu no tronco. As chamas se alastraram pelo caule, galhos e folhas e em alguns segundos a consumiram totalmente.

– Desculpe - disse a índia com a cabeça baixa envergonhada.

A ruiva caminhou para mais perto dela até alcançá-la com o braço.

– Não se desculpe - disse suavemente. - Você o ama, eu sei. Está apenas preocupada com sua segurança. Posso entender isso. E tenho que agradecer por todo o cuidado que teve com meu irmão.

Estava em choque. Todas as minhas suspeitas se refizeram naquele momento. Aquela mulher linda, estranha e ruiva era minha irmã. Quando a vi, suspeitei no mesmo instante. Nunca havia visto ninguém parecido comigo naquela terra. Era a primeira vez que me deparava com alguém semelhante a mim em trinta anos. Fiquei feliz.

Afinal, tinha uma família de verdade, mas muitas perguntas. Por que havia me abandonado aqui? Por que nunca tentaram me encontrar antes? Onde ela morava? De onde éramos? O que éramos?

Mainá abriu passagem e a mulher deu um passo e se curvou sobre mim.

– Olá, meu irmão - disse me olhando nos olhos. - Também estou feliz em encontrá-lo. Você nem imagina o quanto.

Passei trinta anos esperando por esse dia, *seus pensamentos acrescentaram. Sorri de volta satisfeito que eu era o motivo da alegria e do sentimento de outra pessoa e que preenchia seus pensamentos com preocupação e afeto.*

– *Passei esses anos todos com uma família adotiva - consegui balbuciar. - Procurei durante muito tempo por vocês, mas nunca achei seu rastro.*

A ruiva se sentou no chão ao meu lado.

– *Vou te contar tudo que aconteceu antes e depois de nascermos. Meu nome é Tamires do Valle, tenho trinta e três anos. Sou casada e tenho uma filha de dois anos. Morava em Foz do Iguaçu onde fui encontrada quando tinha apenas três anos. Passei toda a minha infância e adolescência em um orfanato, esperando que minha verdadeira família viesse me buscar, mas isso nunca aconteceu.*

Eu me solidarizei com minha irmã. Eu tivera sorte. Havia sido adotado por uma família que me amava. Tive pena daquela mulher deslumbrante.

– *Não tenha pena de mim, meu irmão - respondeu aos meus pensamentos; fiquei intrigado e uni essa à lista de perguntas a fazer. - Não quis ser adotada. Não me sentia abandonada. Eu me sentia separada. Aos dezoito anos saí do orfanato e conheci Gustavo, com quem me casei anos depois. Ele é empresário e pode me dar uma boa e feliz vida.*

Imediatamente fiquei satisfeito com o destino de minha irmã. Alguém a amou e lhe deu a felicidade que ela tanto almejava.

– *Sim, fui muito feliz por seis anos, sem nunca me esquecer de minha família perdida. Minha única lembrança era uma pedra preciosa bruta, a ametista, que carregava sempre comigo. Tinha pesadelos frequentes que mais tarde descobri serem lembranças terríveis de nossa infância. Em um deles, vi o rosto de nossa mãe. Naquela noite, essa pedra se acendeu milagrosamente e eu quase morri no rio Iguaçu tentando entender o que aquilo significava.*

Prendi a respiração. Pedra e luz incandescente. Aquilo me soou tão familiar. Continuei prestando atenção sem coragem de fazer perguntas. Ouviria seu relato e partilharia de suas alegrias e sofrimentos.

– *Isso mesmo, Lucca. Igualzinho aconteceu com você. - Também podia ler meus pensamentos? - Depois desse dia, - droga, ela não me respondeu, então não podia - vários eventos místicos e estranhos aconteceram comigo. A pedra, além de acender, me passava sensações boas, positivas, e eu não podia mais ficar longe dela. Percebi que podia ler os sentimentos das pessoas através de seus olhos e por causa disso descobri que meu marido escondia algo de mim. Foi aí que minha vida virou totalmente de cabeça para baixo.*

Ela podia ler os sentimentos. Agora podia entendia o que via em mim para me responder. Nós éramos diferentes, afinal.

– Meu casamento se desestabilizou totalmente e fiquei muito confusa. Além disso, descobri que podia manipular os quatro elementos, principalmente o fogo. Uma notícia na televisão, sobre um alinhamento planetário, mexeu com meu sexto sentido e quis saber se tinha alguma ligação com o que estava acontecendo com a pedra e comigo. Mas não consegui muitas respostas. Depois fui marcada a fogo. - Estendeu o braço direito revelando do lado de dentro uma marca semelhante a minha, próxima ao cotovelo. Era um triângulo de cabeça para cima, sem traço o cortando. - Foi a pior experiência da minha vida. Achei que morreria.

Ah, então ela havia sobrevivido. Também sobreviveria, portanto.

– Esse rapaz loiro e grandão me encontrou ainda naquela noite e me contou toda a verdade sobre o que aconteceu conosco. - Pegou minha mão. - Lucca, acho que já percebeu que não somos deste mundo, não é? - Apenas balancei a cabeça. - Nascemos em um lugar mágico conhecido como Coração da Natureza. É uma espécie de centro da terra onde as forças da natureza se renovam e mantém o planeta vivo. Existem quatro categorias de seres. Os mestres, os sacerdotes, os guardiões e os elementais.

Ouvia fascinado. Podia acreditar em magia. Eu a vivia há duas semanas.

– Os mestres são magos e feiticeiras que vivem no Templo do Conhecimento e ensinam a todos desde crianças. O objetivo dos habitantes daquele reino é conservar e aumentar o conhecimento sobre a natureza e sua harmonia. Os seres humanos de lá são seres sobre-humanos, quando digo isso, me refiro ao nosso intelecto. Nossa mente se expande e podemos usar 100% de nossa capacidade cerebral. Por isso fazemos magia. Também não envelhecemos e morremos, a menos que queiramos ou decidamos viver aqui do lado de fora.

Não queria interrompê-la. Ouviria tudo atentamente absorvendo suas palavras. Nem me lembrava mais de que havia mais gente por ali.

– Os sacerdotes são portadores da chave do portal. Os vigias espirituais e físicos do Coração da Natureza. São a lei e a ordem. Determinam as funções, abrem e fecham o portal. São escolhidos pela própria natureza através de dons especiais que recebem no nascimento. Somente eles podem governar os elementais. Se os mestres são sábios, pensadores, razão, os sacerdotes são coração, encanto e magia em essência. Nossa mãe e avós foram sacerdotes.

Analisei agilmente as novas informações enquanto Tamires inspirava ruidosa antes de continuar sua narrativa.

– Somos os protetores, Lucca, seres únicos nascidos com apenas um propósito: proteger o Coração da Natureza. Nascemos quando há algum perigo. Temos muito dos sacerdotes, porém somos dotados de mais força porque podemos ministrar todos os elementos e ainda conhecer a verdade. Posso conhecer os sentimentos e você os pensamentos de nosso adversário. Nosso nascimento foi previsto por nossa avó, uma sacerdotisa vidente.

Congelei quando ouvi meu nome e quase permaneci sem respirar até o final do trecho.

– A profecia de nossa avó se cumpriu. Nascemos, ela e nosso avô foram mortos sorrateiramente e antes que nossos pais pudessem descobrir quem o fizera, o mago negro, usando todo seu conhecimento e poder sobre magia, conseguiu destronar nossa mãe, a sacerdotisa Luise. Antes de morrer, ela nos fez fugir com a melhor amiga, a mãe de Marcel, e a chave do portal. O Coração da Natureza se congelou para se conservar até o dia em que fôssemos reunidos, cada qual com um pedaço da chave original, já que durante a passagem fomos separados acidentalmente. Trinta anos depois, a Era de Aquário viria junto com o alinhamento planetário para nos levar de volta para casa.

Mainá havia me dito algo sobre aquele evento astronômico e eu não dera importância. Se eu soubesse que aquilo tinha a ver com minha história... Mas como eu poderia imaginar?

– Nosso pai era um guardião, como Marcel. Eles são efetivamente soldados, dotados de poderes únicos e propícios para batalhas, mas por terem pouco motivo para guerra, acabaram como intelectuais. Nosso pai conseguiu fugir depois da morte de nossa mãe e procurou por nós por anos sem sucesso. Dedicou-se ao estudo astronômico para prever o alinhamento e ele conseguiu. Ele era o astrônomo Pedro Tosquini, que foi morto por seu ajudante em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Senti a bile subir até minha garganta e a forcei a voltar. Desceu queimando. Quem era aquele verme que havia tirado de mim meu verdadeiro pai?

– Marcel conseguiu me encontrar porque é um rastreador. Da mesma forma que te encontramos agora, mas só foi possível porque sua pedra, o ônix, se acendeu e a energia fez com que passasse por todas as etapas da transformação para se tornar o segundo elemento: Terra. O universo está conspirando a nosso favor, meu irmão. Você não deve saber, mas nasceu dia treze de janeiro e você é regido pelo signo de capricórnio.

– Vamos voltar para nossa terra agora e acabar com esse mago assassino! - exclamei com uma força que não sabia de onde tirara.

– Ainda não é possível, Lucca - respondeu Tamires calmamente. - Só teremos força quando encontrarmos as quatro pedras e os quatro elementos. Ainda faltam dois. Além disso, só seremos capazes de abrir o portal no dia do alinhamento, porque os planetas alinhados aumentarão nosso poder e criarão um sinal para que todos os guardiões sobreviventes, espalhados por este mundo, possam encontrar a entrada oculta do Coração da Natureza.

Tamires sorriu quando viu meu rosto cair.

– Entendo sua ansiedade e fico feliz que esteja disposto a seguir este caminho conosco. Mais do que vingar nossos familiares, salvaremos o lugar de onde viemos e nunca deveríamos ter saído não fosse a intervenção daquele mago. Temos que salvar o Coração da Natureza, porque o

equilíbrio desse planeta com toda a galáxia está em jogo. Foram longos e tristes trinta anos. Temos que garantir que os próximos sejam harmoniosos, como a Era de Aquário promete.

Balancei a cabeça compreensivo. Sabia que havia muitos outros detalhes, mas o que ela havia me contado fora suficiente para me convencer.

– Quando partimos? - perguntei.

– Cedo - apertou minha mão. - Assim que Alexandre vier ao nosso encontro com notícias de Corumbá. Quero tirá-lo daqui em segurança.

Estremeci. Minutos atrás, a vida parecia muito mais simples, ainda que estivesse predestinado a lutar contra um mago poderoso. A realidade bateu em meu peito como uma arma. Eu ainda tinha que enfrentar um perigo imediato. A fúria do coronel José Cruz. Se sobrevivesse a isso, aí sim eu poderia cumprir meu destino.

ALIANÇA

Alexandre do Valle se informou no aeroporto internacional de Corumbá qual eram a direção e o caminho para chegar à fazenda do coronel José Cruz. Mesmo temeroso, o atendente do guichê passou a informação mais precisa possível.

– O senhor vai contornar o aeroporto e a pista de decolagem. Vai chegar ao fim do bairro Dom Bosco. Siga alguns quarteirões pela última rua até alcançar a Dom Aquino. Siga-a em direção a Bolívia. Quando acabar o bairro, ela vira a Rodovia Ramon Gomes. Ao final de uma curva longa, você vai passar em frente ao Parque Marina Gatass. Continue. A próxima entrada à sua direita é a da fazenda. Senhor, preciso avisar que o clima não deve estar bom por lá. Não o aconselharia a ir.

– Obrigado pela descrição detalhada e pelo conselho - respondeu Alexandre.

Quando ganhou a rua, um vento frio soprou uivando e lhe causou arrepios. A cidade parecia um cenário de filme de terror. Não havia nenhum movimento na escuridão. Nem carro, nem pessoas, nem animais. Era um deserto de concreto e pixe.

O rapaz bronzeado de trinta e cinco anos, vendo-se completamente sozinho, alongou as fortes pernas e começou a correr na direção que foi instruído. Sua memória fotográfica havia guardado cada palavra da informação conseguida e, portanto, seguiu a risca.

A cada passada, os músculos o impulsionavam para mais longe. Em poucos segundos ganhou uma velocidade impressionante. Quem o visse correndo assim, naquele cenário assustador, acharia que o rapaz era algum tipo de monstro caçando sua presa.

A mente rápida e eficiente de Alexandre não parava enquanto o vento frio, devido à velocidade, zunia ao seu redor, agitando seus cabelos e roupas. Tramava um modo de se aproximar sem ser notado. Precisava saber o que estava acontecendo e se alguém tinha alguma ideia do esconderijo de Lucca Gonçalves.

Sua visão aguçada avistou a curva bem antes de alcançá-la. Entrou na periferia de Corumbá com agilidade. Depois de algumas quadras, viu a próxima curva. O fim da cidade. Apressou-se, ansioso para ganhar a rodovia. Seu corpo respondeu imediatamente. Em apenas algumas passadas fez a curva. Mais dois quarteirões e leu a placa com o nome da rua que indicava seu novo rumo. Entrou nela virando à esquerda.

Inspirou profundamente recebendo o ar úmido vindo do verde ao redor da rodovia. Era muito mais puro, aberto, livre. Ganhou mais força captando as energias da natureza do lugar. Era tão vivo. Sentiu-se imediatamente ligado, conectado. Sorrindo, correu quase como um borrão

pela estrada deserta.

O único som que chegava aos seus ouvidos, além do uivo do vento, o das águas do rio Paraguai. O céu estava límpido, escuro e estrelado. A lua brilhava cheia e iluminava fracamente o caminho à sua frente tornando-o prateado. Viu e passou pela curva longa da estrada e em seguida avistou a placa que indicava a entrada do parque.

Passadas adiante, viu a diferença na vegetação à margem da rodovia que denunciava uma abertura e uma estrada de terra. Virou à direita e percorreu os dois quilômetros cercado pela mata cada vez mais rala dos dois lados. Viu, recortada contra o céu azul marinho, a enorme mansão da fazenda. Reduziu o passo para não chamar a atenção. Aproximou-se usando a sombra das árvores para se esconder.

Caminhou lenta e silenciosamente ao redor da sede prestando atenção aos sons em seu interior. Distinguiu apenas um par de passos suaves descendo as escadarias do andar de cima. Acompanhou seu ritmo. Viu o vulto de uma mulher passar pela janela no térreo. Era loira, esguia e baixinha.

Abrindo as portas duplas de vidro de uma das sacadas, a mulher bonita apareceu sob o luar. Debruçou-se na grade de proteção. Encarou com tristeza a lua e permaneceu tão imóvel que parecia a imagem de um quadro. Estaria perdida em que pensamentos? Alexandre não ficou ansioso, mas gostaria de poder lê-los.

Seus ouvidos captaram uma respiração pesada vinda do interior da casa, atrás da moça. Percebeu que ela olhou para trás, despertada pelo som do quase ronco, com um misto de desgosto e gratidão. Alexandre sorriu ao saber que ela não estava sozinha. Procurou por mais vestígios de pessoas na casa e não encontrou mais ninguém.

Quem seria a pessoa dormindo no sofá? Seu pai? *Provavelmente não*, pensou. Imaginava que o homem não dormiria enquanto não botasse as mãos sobre Lucca. Estaria ele a caminho da reserva nesse momento? Esperou que a jovem dissesse alguma coisa em voz alta e elucidasse suas dúvidas.

Ouviu apenas um murmúrio dentro da casa. A outra pessoa estaria sonhando ou tinha o hábito de falar dormindo? Prestou o máximo de atenção a fim de entender suas palavras.

Diante do espelho do banheiro, Edmundo Gonçalves contemplava a própria imagem refletida. Não era feio, mas também tinha que admitir que não era lindo. Suas feições eram de um homem robusto, calejadas pelo trabalho sob o sol forte. Seus braços eram grandes e bem desenhados. Sua expressão era taciturna demais para um jovem, dando-lhe uma aparência envelhecida, mas achava que passava uma imagem de segurança.

Por que Vitória Cruz não o via? Por que a palidez estranha de Lucca e suas sardas

juvenis eram mais atrativas para ela? Seu cabelo ridiculamente vermelho era tão ofuscante sob o sol. Completamente diferente de seus cabelos escuros, sedosos e brilhantes. Passando os dedos pelos fios negros, pensou que ela poderia apreciá-lo até mais do que a seu irmão adotivo. Ele só precisava de uma chance.

O destino - ou sua própria inteligência - o havia posto na hora e no momento certo para se aproximar de sua amada. Vitória estava sensível, vulnerável, cheia de dúvidas sobre a fidelidade de seu noivo. Provavelmente com muito ódio também, apesar de ainda não ter externado nada além de uma tristeza profunda através de suas lágrimas abundantes.

Só tinha essa oportunidade e não podia perdê-la. Não sabia o que dizer para afastá-la definitivamente de Lucca. Ela precisava sentir horror por ele. Desprezo. Essa era a chave. Mas como alcançar esse objetivo? Não tinha provas efetivas de sua infidelidade. Precisaria mais do que isso.

Seu rosto no espelho sorriu e o deixou intrigado. Não estava sorrindo. Seu próprio reflexo mostrou os dentes em uma gargalhada sinistra. Chocado, se encontrou com a parede do lado oposto. Sua imagem continuou movendo-se por conta própria. O que significava aquilo? Estaria vendo coisas? Perdendo a sanidade? Estava tarde e não havia adormecido ainda. Talvez fosse o cansaço.

Debruçou-se, evitando o espelho, sobre a pia e lavou o rosto com a água da torneira. Lentamente, ergueu o rosto para o vidro. O medo de que a sua própria imagem estivesse aprisionada lá tomou conta de seu ser. Mas, para seu espanto, ela surgiu junto com o movimento que fez. O receio estampado.

Suspirou. Apenas imaginara aquilo. Estava tudo bem. Era melhor descansar um pouco e quem sabe durante o sono conseguisse uma boa ideia do que dizer a Vitória para trazê-la para seus próprios braços. Olhou-se uma última vez no espelho. Sua imagem a cópia perfeita de si mesmo.

– Você sabe o que fazer, Edmundo - uma voz metálica imitava a sua.

Olhou ao redor a procura de outra pessoa. Não encontrou ninguém, evidente. Temeroso, voltou-se ao espelho. Lá estava a sua imagem com os braços cruzados e muito sério. Mais do que o habitual. Paralisou.

– Não tenha medo - seus lábios se moviam e a voz soou novamente. - Sou apenas o reflexo de seu subconsciente. Estou aqui para te ajudar.

Em choque, não podia se mover ou falar alguma coisa.

– Você não quer conquistar Vitória de vez e ao mesmo tempo desmoralizar Lucca? Então você já sabe exatamente como o fazer isso. Você precisa usar todas as armas que tem, sem escrúpulos.

Piscando, afastou o medo e prestou mais atenção às palavras de si mesmo no espelho.

– Você conhece dois segredos de Lucca. É verdade que muito superficialmente, mas isso não te limita. Use a imaginação. Implante a dúvida. Ela será um benefício a seu favor e contra Lucca.

Um sorriso de contentamento brotou no rosto de Edmundo e seu reflexo o imitou, sem alterar sua pose descontraída.

– Diga a Vitória tudo o que você pensa sobre ele. Tudo em que acredita. Faça-a saber os detalhes do que você viu, do que você sofreu, da conversa que tiveram.

– Sim - sussurrou refletindo. - É claro. Posso fazer isso.

Sua imagem no espelho começou a segui-lo em tudo. Seus olhos esbugalhados de ansiedade. Só faltava a lâmpada acesa sobre sua cabeça. Estava agitado e pensativo. Logo reconheceu seus próprios movimentos. Seu subconsciente se fora.

– É exatamente isso que vou fazer.

Movendo-se para fora do banheiro, apagou a luz. Piscou os olhos. Demorou alguns segundos para que se adaptassem ao escuro. Quando conseguiu, viu o lustre do teto da sala luxuosa. Lembrou-se de onde estava. Na mansão de Vitória. Conferiu que estava deitado sobre o sofá. Adormecera enquanto velava o sono dela no andar superior.

Constatou, com alívio, que a bizarra cena diante do espelho fora apenas um sonho. Sentou-se. Ainda era madrugada. Sentiu um vento frio soprar em sua direção e olhou para ver as portas da sacada aberta. Sob a luz fraca do luar, percebeu o vulto esvoaçante de Vitória. Escuro ou não, sempre a reconheceria com facilidade.

Era sua deixa. Levantou-se devagar e caminhou em sua direção. Como estava descalço, a moça não o ouviu se aproximar, mas também não se assustou.

– Sem sono? - perguntou postado ao seu lado na grade de proteção.

Alexandre, escondido a vários metros entre as sombras das enormes árvores, observou a aproximação do rapaz e ouvia atentamente o que falavam. Viu o rosto da moça se alterar em duas expressões diferentes. Percebeu que ficou desgostosa e depois grata. *Que ambíguo!*, pensou.

– Não consigo dormir apesar de me sentir exausta - respondeu a mulher. - Hoje era para ser o dia mais feliz da minha vida.

– Eu compreendo - concordou o rapaz. - Mas tenho que te dizer que foi melhor assim.

Alexandre prestou bastante atenção na reação da mulher baixinha. Entre a dor e o despeito, ela lutou para responder.

– Talvez - conseguiu ser educada. - Se ele realmente não me ama...

Engasgou na palavra final e não conseguiu continuar. O rapaz troncudo também sofreu uma guerra interna com suas emoções. Entre a fúria e a compaixão.

– Posso apenas te dizer o que eu vi - forçou as palavras a saírem amenas. - Você sabe que eu não tinha uma relação íntima com ele. Não posso confirmar seus sentimentos, mas o que eu vi naquela caverna me disse muitas coisas sobre ele desconhcia até então.

O rapaz esperou. Parecia indeciso. Mas a mulher não o deteve, nem o incentivou. E ele levou seu silêncio como um consentimento para que continuasse.

– Andava muito estranho naquela semana. Você sabe que ele sempre foi muito responsável e o respeito pelos horários era como uma lei para ele. Porém, não teve um dia sequer que ele chegou do trabalho na hora habitual. Sabia que ele não estava com você, nem com Carlos. Então onde estaria?

Pausou rapidamente para que os sentimentos tumultuosos da moça se acalmassem antes de prosseguir a narrativa.

– Era um sábado. E ele nem esperou escurecer para sair de casa. Achei muito suspeito. Então resolvi segui-lo. Ele entrou no parque e foi direto para uma gruta. Eu tive um pouco de dificuldade de andar na escuridão, mas ele não demonstrou nenhuma. Quase o perdi várias vezes.

O rapaz cerrou os punhos também enfrentando seus próprios sentimentos revoltosos. Alexandre quase suspendeu a respiração a fim de não se distrair.

– Na gruta, ele chamou um nome. Era diferente. Confesso que não o guardei. Mas suspeitei que era de mulher. Com um susto, eu o atentei a minha aproximação e o ataquei verbalmente. Perguntei quem era aquela pessoa que ele fora encontrar ali. Eu o vi perder o chão.

Alexandre observou as reações da moça. Parecia ainda mais pálida do que o normal, os lábios apertados em uma linha fina.

– Mas nada comparado ao que aconteceu quando a própria mulher entrou na gruta apressada. Era uma índia, toda pintada, praticamente nua e descalça. Os cabelos longos até o meio das costas e uma franja farta em cima dos olhos. Uma bugra. Nenhuma beleza exótica poderia superar a sua beleza, Vitória, e aquilo me enfureceu demais.

O rosto da moça ficou vermelho-vivo. Era vaidosa como as mulheres fúteis, pensou Alexandre. Estava encantada com o elogio de um homem que claramente desprezava e, no entanto, também lhe era grata pela traição ao próprio irmão. Aquilo era nojento, mas continuou ouvindo.

– Despejei minha raiva sobre ele, o acusei de te trair para realizar um fetiche. Ele ficou paralisado, seus olhos se desviando preocupados com a índia a todo o momento. Fiquei enjoado e senti vontade de machucar aquela bugra na frente dele. Cheguei a agarrá-la, porém, com um vento muito forte, fui jogado contra a parede pelas costas. Voltei-me esbaforido contra Lucca e antes que pudesse tocá-lo, fui jogado contra uma pedra.

A moça prendera a respiração enquanto a narrativa chegava ao seu ápice. Acabou voltada para o rapaz, os olhos presos nele sedentos pelo desfecho daquela história.

– Não entendi por um momento como fui atingido se Lucca não chegou a me tocar. Ele apenas estendeu as mãos para mim, Vitória. E eu não falo isso para tentar amenizar o fato de eu ter apanhado dele. Estou salientando a esquisitice da situação. Como ele conseguiu me atingir sem chegar perto? - Engoliu em seco, prendendo os olhos sobre a moça talvez para garantir que ela visse sua sinceridade. - Como, Vitória? Só tenho uma explicação: Lucca não é deste mundo. Sempre suspeitei disso e naquele dia tive certeza.

A baixinha moveu a mão para a boca. Primeiro Alexandre pensou que estava abafando seu horror, mas logo percebeu que um risinho escapava dela.

– Não ria, por favor - continuou o rapaz profundamente ofendido, porém disposto a prosseguir. - Estou sendo sincero com você. Vitória, o convivo com ele há trinta anos. Sempre o achei estranho. Ninguém pode ser correto como ele é. Pense bem. Você precisa ver que ele não agia de boa fé. E só tem um motivo para isso. Esconder sua verdadeira identidade.

A moça parou de rir. Estava entendendo onde ele queria chegar.

– Você quer dizer que ele só aceitou ficar comigo por causa do meu dinheiro? - perguntou ela com uma voz muito baixa.

– É provável. Mas de uma coisa eu tenho certeza, ele não estava sendo ele mesmo este tempo todo. Por algum motivo, talvez depois que ele conheceu essa índia, se sentiu mais livre e acabou deslizando. Eu saí daquela gruta, Vitória, e corri para cá para te contar tudo o que eu havia visto, mas ele veio em meu encaço. Você nos viu brigar, lembra?

A moça balançou a cabeça confirmando. Alexandre estava cada vez mais curioso para saber onde aquela conversa terminaria.

– Na sua frente, ele não usou de anomalias. Ele queria manter as aparências. Mas depois que ficamos sozinhos, ele me ameaçou e me obrigou a ficar quieto e não te contar nada. É claro que eu não cederia tão facilmente e o fiz prometer que me explicaria tudo. Ele me garantiu que não podia agora, mas que assim que pudesse, eu saberia.

Confusa, a moça demonstrou em suas feições que não tinha certeza se acreditava ou não no rapaz.

– Hoje cedo, quando acordei, eu estava decidido a impedir a sua infelicidade, Vitória. Disposto, inclusive, a enfrentar Lucca e te contar tudo. Então descobri rastros deixados por ele que diriam mais sobre suas verdadeiras intenções do que eu jamais poderia lhe contar. Logo percebi que ele não havia dormido em casa. Minha mãe me disse que o Carlos organizou uma festa. E você conhece o Carlos, não é?

A moça ruborizou devido a raiva dessa vez. Alexandre queria saber mais sobre a pessoa

citada, porém não lhe foi inteiramente explicado.

– Com certeza ele organizou uma despedida de solteiro e arrastou Lucca para lá. Para ele não ter dormido em casa, eu tenho uma ideia do que andou fazendo às vésperas do casamento e eu não duvido que o próprio Carlos o tenha convencido de desistir e fugir enquanto estava bêbado o bastante para ter coragem de fazê-lo.

O despeito explodiu no rosto da jovem. Nada de lágrimas. Nada de gritos. Apenas uma expressão tão furiosa quanto sua aparência permitia. Porque para Alexandre era tão inofensiva quanto um filhote de gato.

– Ele não é digno de você, Vitória. É uma aberração, um usurpador, um alienígena, um mentiroso, uma farsa. Ele não pertence a este lugar, não tem direito de estar ao seu lado e eu quero que você saiba que eu estarei aqui enquanto precisar de mim.

O rapaz esperou uma reação da moça, enquanto se acalmava e organizava os sentimentos e pensamentos perturbadores. Ao final de alguns minutos, permitiu que Alexandre ouvisse a explosão de sua voz.

– Você tem razão, Edmundo. Lucca não me merece. Não depois de tudo que você me contou sobre ele. Quero que fique. Confio em você.

O casal se abraçou. Alexandre ouviu o som de carros na rodovia que em seguida entraram na estrada de terra que dava acesso à fazenda. Subiu na árvore para se esconder da mira dos faróis. Caminhonetes, em alta velocidade, entraram em seu campo de visão. Pararam em frente à fazenda derrapando os pneus.

Os absortos se livraram um do outro e se viraram ao som dos carros. A moça, com uma aparência decidida, correu ao encontro dos homens e os alcançou na escada de entrada.

– Papai, você o encontrou? - perguntou ao homem mais velho que carregava uma espingarda no ombro.

– Ainda não, minha filha - respondeu tomando a moça entre os braços flácidos.

– Tenho uma ideia de onde ele pode estar. - O pai a afastou e a ouviu atentamente. - Ele não estava com uma indígena? Então, papai, é tão óbvio. Qual a aldeia mais próxima daqui?

O fazendeiro não precisou de mais nenhuma palavra. Voltou-se para os homens, também armados, e ordenou que voltassem para as caminhonetes e verificassem as lanternas. A caçada ainda não havia terminado.

A jovem se aproximou do velho e pediu.

– Papai, quero Lucca morto.

Alexandre sentiu seu corpo gelar com aquelas palavras. Com que facilidade a moça falava da morte do ex-noivo! O irmão de Lucca conseguira acabar com o amor que ela sentia por ele com algumas acusações infundadas. Especulação pura. Sentiu necessidade de avisá-los. Sacou o celular e discou o número de Marcel. Não tinha muito tempo.

PERTURBAÇÕES

Passaram-se dez minutos inquietantes enquanto Alexandre do Valle, tomado pelas sombras, aguardava uma oportunidade para atrapalhar os caçadores e fugir dali direto para a reserva sem que fosse seguido. Sabia que talvez não os fizesse desistir de seu intento, no entanto, pretendia retardá-los o máximo que pudesse.

Recarregando as armas, os capangas estavam em volta dos carros em frente à casa. Não havia como sair sem ser visto. Atirariam sem dó nem piedade ao menor movimento. O rapaz pegou no bolso da calça um pequeno canivete e o alisou. Precisaria apenas de meio minuto para que seu plano tivesse sucesso.

O coronel José Cruz ainda não havia saído da casa. Amparava a filha nos braços, fazendo promessas de que se vingaria em nome dela e de sua honra ferida. Vitória estava especialmente animada diante de suas palavras. Parecia feliz porque tivera a grande ideia sobre o paradeiro do ex-noivo.

Edmundo assistia a tudo com certo contentamento pela acolhida de sua amada e do fazendeiro. Praticamente já se sentia em casa ali na mansão, parte da família. Com sua autoconfiança reconstruída, as esperanças de conquistar o coração de Vitória seriam renovadas.

Alexandre sentiu o aroma de café fresco inundar a madrugada. Em breve estaria amanhecendo, refletiu. A criadagem começava as atividades do novo dia normalmente, como se aquele fosse tão comum quanto os outros. O cheiro atraiu a maioria dos homens que estava do lado de fora da mansão. Dando a volta, entraram na cozinha pelos fundos, como os empregados, sem que cruzassem com os proprietários na sala.

Um retardatário continuou sentado no banco do motorista de uma das caminhonetes, muito teso e agitado. Alexandre podia ver a adrenalina pulsando em suas veias. Estava sedento por sangue e impaciente para terminar a caçada daquela longa noite.

Alexandre tomou todo o cuidado para que a atenção do homem aguçada por hormônios não pressentisse seu vulto na escuridão se movendo com a rapidez e o silêncio de um felino. De árvore em árvore, aproximou-se da caminhonete por trás, sem que o homem notasse.

Rastejando no chão de terra batida, esticou o corpo silencioso e tocou de leve o tornozelo do capanga que estava do lado de fora da caminhonete. Antes que pudesse senti-lo, o homem pressentiu uma repentina mudança em seu estado de espírito.

Com um bocejo grande e largo, o capanga foi tomado por uma súbita e inexplicável onda de mal-estar. Seu corpo, um cansaço evidente e nítido. Suas pálpebras pesaram demais

para que precisasse lutar para mantê-las erguidas. O homem se remexeu impaciente no veículo. Alexandre rolou para baixo do chassi.

– Meu Deus, o que é isso? - murmurou. - Parece até alguma macumba.

Levantou-se disposto a afastar aquele desânimo. Caminhou decidido e resmungando que se entupiria de café a fim de garantir sua participação no final daquela caçada. Concordeu que os outros estavam certos de ir se abastecer na cozinha antes de partirem.

Enquanto via o capanga contornar a casa, Alexandre se arrastou ao redor dos carros. Gastou menos do que o meio minuto planejado para perfurar com seu canivete todos os pneus das caminhonetes preparadas para perseguir Lucca. Em seguida, entrou na única que deixara intacta e abaixou o freio de mão. Com a força sobre-humana de seus braços e pernas, empurrou-a em direção a rodovia.

Verificava a todo instante a movimentação dentro da casa para se certificar de que não percebiam o extravio. Somente quando teve certeza de que não ouviriam o som do motor é que se arriscou a dar partida. Dirigiu em alta velocidade na direção em que sentia a presença de Tamires e Marcel.

Não havia tempo - nem disposição - para usar a estrada convencional. Aproveitando-se de sua visão aguçada, cortou caminho entre a mata, construindo uma nova rota em diagonal direto para a reserva. Sabia que isso lhe pouparia muito mais tempo.

Desviou das árvores maiores e passou por cima das menores. Causou algum estrago a natureza e isso o entristeceu. Minimizou os destroços o máximo que pode, desviando-se sempre que possível. A bússola interna de Alexandre não permitia que desviasse do rumo certo.

Quilômetros distantes se sentiu mais seguro, mas não reduziu a velocidade. Começou a rir sozinho imaginando as caras dos capangas e do coronel quando descobrissem a pequena destruição que havia deixado para trás e a ausência de um dos carros.

Vitória estava dividida entre seu ódio por Lucca e seu futuro incerto. Sempre fora uma mulher organizada, planejava seus passos com antecedência, apesar dos improvisos da vida e seu gênio impulsivo, mas no fim, as coisas acabavam, mesmo que de maneira torta, do jeitinho que queria.

Era a primeira vez que falhava. E aquele era o maior anseio de sua vida badalada e ociosa. Tornar-se casada - bem casada - garantiria sua estabilidade, seu futuro e sua felicidade. Fortuna, amor e uma família que podia fingir cuidar, quando na verdade apenas a exibiria como um troféu.

O casamento com Lucca seria mais do que uma união. Seria uma vitória sobre aquela terra escura, úmida e chata. Vitória fora feita para brilhar, estar em evidência e, conseqüentemente, nutrir a inveja alheia com orgulho e satisfação. Além de sua beleza, sua falsa

felicidade seria o desfecho perfeito para sua linda e exuberante história de vida.

Vitória nunca teria filhos morenos, como o povo daquela terra. Com Lucca, eles seriam branquinhos e lindos. Talvez até ruivos. Amava a diversidade e a excentricidade, mas somente as cores que achava belas, brilhantes e claras. A única pessoa morena que amava era a mãe que nunca conheceu.

Talvez por isso a tivesse em tão alta conta. Criara uma imagem perfeita de sua mãe, mas não fazia ideia de quem ela realmente fora. Imaginava-a bela, elegante e de boas maneiras. Como uma mulher desprendida, capaz de amar incondicionalmente, resignada e corajosa.

Por seu pai tinha verdadeira adoração. Era seu exemplo e sua força. Sempre estava disposto a fazer qualquer coisa por ela e Vitória o amava por isso. O coronel havia lhe ensinado que valia tudo quando estava em jogo sua vontade e felicidade. Também lhe ensinou sobre o orgulho, a honra e a vingança. O preconceito se instalara inevitavelmente a partir do momento em que se sentiu superior aos outros.

Pensando em seus conceitos de vida, Vitória refletiu - ao parar os olhos sobre o estranho imóvel a um canto da sala - sobre o que a fizera aceitá-lo tão facilmente. Talvez sua evidente sinceridade, ou talvez o modo como a olhava. Antes sentira repulsa por sua admiração, mas agora, estava lisonjeada.

Talvez se devesse ao seu ego ferido. Precisava curá-lo e nada como um novo galanteio para tratar a ferida que ainda sangrava. Analisando-o agora, percebeu que era um homem forte, sério e com traços bem masculinos. Chegou a ter curiosidade de como seria beijá-lo.

Depois, pensou. Agora tenho uma vingança para colocar em prática antes do sol raiar. Porque quando ele nascer, eu serei uma nova mulher. Pronta para preencher a próxima página em branco do livro da minha vida. Lançou um sorriso ao seu admirador que a observava deslumbrado e quase fê-lo se desmanchar.

Virou-se para seu pai que apressava a partida da tropa. Satisfeita, contou mais de vinte homens, muito bem treinados e armados. Aquela aldeia, que ousara refugiar um condenado, sofreria as consequências de sua escolha. E desejou que a primeira a cair fosse a tal índia que lhe roubara Lucca.

Seguiu o pequeno exército porta a fora, mas quase teve um sobressalto quando a voz de seu pai soou como um trovão na madrugada fria. Em consequência, várias armas foram apontadas ao redor procurando um alvo invisível.

– O que aconteceu aqui?

Os capangas se aproximaram do primeiro veículo onde o coronel estava estático e furioso. Com as lanternas, revelaram o que lhe causou tão perplexidade.

– Quem furou todos os pneus? - vociferou novamente.

Ninguém soube responder. Ninguém havia visto nada. Depois de vários novos berros, o fazendeiro, vermelho de ódio, verificou que faltava uma caminhonete. Fez metade dos homens vasculharem as redondezas a procura da pessoa que havia feito aquilo. Com certeza alguém que queria proteger Lucca.

– Não temos mais tempo a perder – ordenou. – A outra parte vem comigo para a reserva.

Na garagem enorme atrás da casa ainda havia uma caminhonete e um utilitário menor, também com tração nas quatro rodas. Quatro homens foram nas cabines duplas e dois nas caçambas, armas em punho, prontos para defender a retaguarda caso houvesse uma emboscada ou um ataque surpresa.

Vitória assistiu aquilo com a adrenalina a mil. Sentiu-se a mocinha a ser defendida em um filme de ação. Aquilo a deixou tão excitada que o olhar profundo e sedento de Edmundo sobre ela lhe acendeu um apetite diferente. Caminhou em sua direção com firmeza - sem pensar - disposta a saciar aquela sede.

Edmundo viu a expressão da mulher amada se alterar bem diante de seus olhos. Um fogo subiu por seu corpo e se concentrou em sua cabeça. Seus braços e mãos formigaram, lhe impedindo de mexer um músculo sequer. Não demorou nem três segundos para que ela encurtasse a distância entre eles.

Sempre sonhara com o momento em que a teria nos braços. Seu corpo frágil, pequeno, quente e macio palpitando sob seus dedos enquanto o acariciava. Sua boca carnuda e doce entregue para que a saboreasse a seu bel prazer. Seu perfume invadindo seu corpo como um intruso desejável e apetitoso.

Sonhara inúmeras vezes e de diversas formas. Mas jamais teria imaginado assim e naquele momento tão improvável. Cruzando a sala com um passo firme e decidido, Vitória parou somente quando se chocou contra o corpo de Edmundo. Seus braços o envolveram decidida e instintivamente a apertou.

Ao longe, ouviu o som dos carros em alta velocidade. Que o coronel não voltasse agora. Seria feliz por pelo menos um momento, caso, depois de satisfeita, Vitória o rejeitasse novamente. Não importava, contanto que pudesse prová-la uma única vez.

Vitória o jogou contra o sofá e caiu sobre ele. Seu beijo ardente e desesperado tinha sabor de vingança e desejo. Sentimentos tão ambíguos, porém muito fortes. Urgente, se pôs a tirar-lhe a roupa. Respondeu com a mesma ânsia e despiu sua amada.

Seu corpo pálido, em contraste com o seu, era lindo e brilhante. Como ela era bela nua! Seu cabelo dourado cobria seus ombros com delicadeza. Por mais que ela merecesse gentileza,

estava desesperado demais por senti-la. Suas mãos a apertaram com força e sua boca vasculhava sua pele deixando vergões vermelhos.

Vitória gemia de prazer, incentivando-o a prosseguir como quisesse. Edmundo a tomou em seguida brutalmente. Amou-a com força como se quisesse fundir seus corpos. Desespero e urgência ditavam seus movimentos.

Os gritos da mulher o deixavam mais afoito e suas unhas rasgaram sua pele. Prazer adicional foi injetado em seu corpo, aumentando sua força e ritmo. Percebeu que Vitória perdia o fôlego e se concentrou em lhe proporcionar o maior prazer que um corpo pode sentir.

Chegaram ao clímax juntos com um gemido prolongado e um aperto forte. Jogaram-se no sofá exauridos, respirando rápido a fim de acalmar o bater frenético de seus corações. Edmundo pensou que fazer amor com Vitória havia sido muito diferente de qualquer outra experiência que tivera antes. Fora a melhor da sua vida.

Mas o que aquilo significaria a partir de agora?

Depois que Tamires desligou o celular, voltou a falar com Marcel sobre suas inquietações. Precisávamos organizar a nossa fuga em segurança enquanto aguardávamos o tal Alexandre que eu ainda não conhecia, mas já haviam me explicado que também era um guardião e que estava do nosso lado.

– Como você está se sentindo? - perguntou minha irmã mais velha.

– Ainda fraco, mas a dor já passou - respondi.

Mainá não se manifestara desde que ouvira, ao meu lado, toda a narrativa de Tamires. Parecia nervosa e evitava olhar direto e prolongado para mim. Sabia o que isso significava. Ela não queria que eu soubesse seus pensamentos. Que tipo de perturbações estaria a afastando de mim?

Tinha que refletir sobre as coisas que ouvira, mas minha agitação não ajudava muito. Corria sério perigo. Ouvira muito bem minha irmã falar em armas de fogo. Não teríamos chance de escapar se chegassem à reserva. E não queria colocar aquela gente toda em perigo.

Devia ter pensado em uma fuga mais cedo. Ter ido direto para o aeroporto e pegado um avião para Campo Grande, ou qualquer outro destino. Não importava de verdade. Só precisava estar longe dali e o povo de minha amada estaria em segurança.

Pensando melhor, o esforço talvez fosse em vão. Provavelmente o coronel pensaria na reserva em algum momento da caçada e acabaria me procurando lá. E se não estivesse ali quando eles chegassem, talvez descontasse toda sua fúria e frustração sobre aqueles inocentes.

Outra dúvida me ocorreu. Será que tinha o direito de privar a tribo Kadiwêu de sua princesa? Levá-la comigo seria afastá-la dos seus. E sabia que essa escolha não teria volta. Estava condenado e nunca mais poderia colocar meus pés no Pantanal. Era justo condenar também

Mainá por um crime que não cometeu?

Não, não era. Egoísta, não sabia mais viver sem ela. O que fazer então? Ficar e morrer ou fugir e morrer? Porque viver longe de Mainá seria o mesmo que não viver mais. Talvez se desse a escolha a ela, amenizasse minha culpa e meu remorso.

– Mainá - chamei, apertando sua mão que já segurava a minha.

A índia se inclinou sobre mim com ansiedade. Seu rosto a centímetros talvez para abafar nossa conversa íntima.

– Sim, Lucca - respondeu com um suspiro.

– Querida te fazer uma pergunta e quero que seja sincera.

A indígena esperou que eu continuasse para desvendar o segredo escrito nos meus olhos.

– Estou em dúvida se devo ou não ir com eles, apesar de ter dito com veemência que iria.

- Seu rosto revelou espanto. - Só preciso saber uma coisa antes de me decidir: - Expectativa palpável. - Você iria comigo?

Dois fios de lágrimas escorreram de seus olhos e me preocupei em tê-la ofendido.

– Se você não quiser, é claro que não a forçarei a ir - acrescentei logo.

Entre as lágrimas que tentava enxugar, vi um sorriso doce e tímido brotar em seus lábios.

Riu e fiquei sem compreender o que se passava naquela cabecinha.

– Eu com medo de que não quisesse que fosse com você enquanto você está com dívidas de que eu não queira ir - ria Mainá.

Sorri ao entender seu impasse e a tomei nos braços antes de falar.

– Não me imagino mais sem você.

Mainá me apertou com força já livre das lágrimas tolas e inseguras.

– Você ficaria se eu dissesse que não queria ir, mesmo se isso fosse sua sentença de morte?

Olhei no fundo dos olhos dela antes de responder.

– A vida não teria sentido sem você.

Mainá me beijou com paixão. Nossa conversa não passara de um sussurro, mas ouvi um risinho doce que logo reconheci. Tamires pode ouvi-la com certeza. Corei enquanto ainda a beijava. Pelo menos, seus cabelos esconderiam minha vergonha. Afastando-se do meu beijo, minha amada respondeu.

– Não quero ser a causa de sua morte. Muito menos o desvio em seu caminho. Vou com você.

Ainda ousei insistir.

– Mainá, é sério. A gente não precisa enfrentar uma luta...

Seus dedos taparam minha boca e me fizeram engolir as palavras.

– Shiiii... *Você deve seguir seu destino, assim como estou seguindo o meu.*

Sorri. Lá vinha ela novamente com aquela história de destino. Apesar de minha relutância, uma parte de mim estava ansiosa para participar dessa guerra mística. Seria interessante e no mínimo excitante. Eu iria enfrentá-la com todo o prazer e garra assim que pudesse me levantar daquela rede.

Ouvi Marcel e Tamires conversando e me trouxeram novamente à realidade.

– *Qual o horário do nosso voo?* - perguntou o loiro.

– *Seis e vinte* - respondeu a ruiva conferindo o relógio. - *Se Alexandre não chegar em cinco minutos, nós o perderemos e o próximo só depois da meia noite.*

– *Hum, do jeito que este coronel está obstinado, limites territoriais não o segurarão. Ainda mais se tiver tempo para nos encontrar.*

Tentei me levantar, precisava começar a me movimentar para testar minha força. Mainá me amparou sem me obrigar a continuar deitado. Gostava disso nela. Não era mãezona. Era uma guerreira e me tratava como igual. Nada de proteção exagerada, apenas apoio incondicional.

Um som alto de motor forçado no último fez com que eu, Marcel e Tamires virássemos nossas cabeças para a direção que só revelou a mata aos nossos olhos. O barulho de árvores sendo derrubadas e arrastadas nos espantaram.

– *O que foi?* - sussurrou Mainá.

Tamires se virou para nós aflita.

– *Acho que eles estão chegando!*

Um minuto se passou e então a índia também ouviu a ruidosa aproximação.

– *Estão vindo em alta velocidade, passando por cima de tudo que vêem!* - exclamou Marcel.

Como o povo guerreiro que era, a tribo toda paralisou esperando a chegada dos estranhos. As mãos empunhando suas armas. Não temiam o confronto.

Feixes de luzes dos faróis vazaram entre as folhas e prendi a respiração. Concentrei-me em sentir minha força caso fosse preciso usá-la para proteger a todos.

No segundo seguinte, uma caminhonete escura achou passagem entre os troncos e avançou sobre nós, freando a centímetros de nos atingir. A grade da frente do veículo estava muito amassada, o capô danificado. Galhos estavam presos sob o chassi e entre as rodas e os paralamas. Enquanto todos aguardavam o ataque abismados, um homem moreno e alto saiu do veículo e veio em nossa direção.

– *Hei, pessoal, sou eu* - anunciou.

Tamires e Marcel se adiantaram sorrindo.

– *Alexandre! Que susto você nos deu!* - exclamou o loiro.

– *Achamos que fosse o coronel e seus capangas* - acrescentou a ruiva.

– Não - respondeu com um sorriso discreto. - Eles estão atrasados. Garanti que não conseguissem me seguir e tomei uma rota alternativa.

– Estou vendo o estrago que fez na floresta! - repreendeu Tamires.

– Infelizmente - retrucou penalizado - Mas foi por uma boa causa.

Todos sorriram afinal, aliviados.

– Ainda assim, precisamos nos preparar - acrescentou o moço moreno. - Vão arranjar um jeito rápido de vir.

Dirigiu-se à caçamba da caminhonete e tirou de lá algumas armas. O rosto claro de minha irmã quase ficou transparente de choque.

– Você não está pensando em usá-las, não é? - perguntou temerosa.

– Se for preciso - respondeu seriamente Alexandre. - Tome, Marcel. - E jogou ao loiro uma das armas.

Excitado, os olhos brilhando, Marcel pegou-a no ar. Analisou-a com cuidado, provavelmente tentando identificar seu funcionamento.

– Você, pelo menos, sabe usar isso? - perguntou Tamires para Alexandre assustada.

O rapaz engatilhou a arma e disparou contra um dos pneus do veículo praticamente morto. Talvez tenha sido o tiro de misericórdia.

– Acho que dá pro gasto - respondeu.

Marcel o imitou e perfurou outro pneu. O estrondoso som do disparo seguido da explosão da borracha fez com que tapássemos os ouvidos.

– Então, qual é o plano? - perguntou o guardião moreno.

– Levantar voo imediatamente! - respondeu simplesmente o guardião loiro.

Sem dizer mais nada, iniciaram os preparativos. Marcel e Alexandre colocaram as armas desengatilhadas dentro do helicóptero. Tamires veio em nossa direção.

– Lucca, Mainá, precisam se preparar o mais rápido possível.

Concordei e Mainá foi para dentro da maloca buscar suas parcas coisas. Não tinha mais nada. Somente ela. Então me concentrei em ajudar os outros.

Em seguida, me dirigi ao cacique e pajé que nos observavam. Curvei-me em reverência.

– Obrigado pela acolhida e desculpe por trazer perigo a sua tribo.

– Que os espíritos guiem seu caminho, Filho da Terra - com a mão erguida, o pajé Unai me abençoou.

Piatã deu um passo e me apertou em um abraço que quase quebrou minhas costelas. Como era forte aquele velho! Coisa de índio. Afastou-me mantendo a mão sobre meu ombro.

– Obrigado você por nos honrar com sua presença. Siga em paz, Lucca. Cumpra seu destino e seja feliz.

Mainá saiu da maloca e foi tomada pelos braços da mãe e dos irmãos. Logo percebi o rosto sério e preocupado de seu irmão mais velho. Com certeza era aquele que sempre a protegera e que me encontrou quando eu era apenas uma criança. Ele estava cercado por mulher e filhos.

A despedida com o irmão foi mais singela.

– Se cuida, Mainá. - sussurrou o homem indígena.

– Você também, Apuã. Obrigada por tudo.

Em seguida foi a vez do cacique se despedir da filha. O pajé a abençoou. Toda a tribo, em uníssono, nos desejou sorte e boa viagem.

Estava tão entretido com aquela gente - o povo de minha amada - que nem percebi que o piloto já havia ligado o barulhento motor do helicóptero. Tamires, Alexandre e Marcel seguiram para a máquina, bem no centro da aldeia, abaixando-se para se proteger.

Peguei a mão de Mainá e segui atrás deles. A adrenalina fervendo dentro do meu corpo. Podia sentir a força estabilizada agora. Eu era um novo homem. A pedra brilhando no peito de meu amor me deu certeza de que seria uma vida nova e incrível. Contanto que ela estivesse ao meu lado, podia suportar qualquer coisa. Inclusive uma guerra mística e um mago poderoso.

Olhei para ela e sorri. Ela me retribuiu com confiança. Entramos no helicóptero e nos sentamos ao fundo. Marcel ia à frente com o piloto. Tamires e Alexandre sentados defrente conosco. Mainá e eu olhamos para fora enquanto a aeronave levantava voo. Acenamos nosso último adeus.

Senti um aperto no peito enquanto nos distanciávamos do chão batido. Não estava dizendo adeus somente àquelas pessoas que acabara de conhecer. Também dizia adeus à terra na qual fora criado. À minha carreira de arqueólogo. Aos meus amigos. Aos meus familiares.

Acima de tudo, estava dizendo adeus a uma vida antiga, repleta de tristezas, falsidade, interesse e escuridão. Agora via a vida com clareza diante de meus olhos e não devia sentir falta daquele passado obscuro. Seguir em frente era o melhor futuro que podia escrever para mim mesmo.

Não podia pensar somente em mim. Havia aquela índia linda que me entregara a sua vida e me acompanharia para onde eu fosse. Ela me admirava e acreditava no meu destino. Não podia decepcioná-la. Havia também minha irmã, que acabara de conhecer. Ela também contava comigo para que nos vingássemos daquele que havia dizimado nossa família e nos separado ainda pequenos.

E havia eu mesmo que nunca seria feliz se não dissesse adeus a meus antigos e pequenos sonhos. Eu tinha um mundo inteiro para conquistar. Provavelmente não receberia as honras que a profissão me garantiria, mas com certeza minha missão seria muito mais nobre e muito mais duradoura. Estava fazendo o que era certo.

A distância deixara a tribo e seu povo muito pequenos. Eu os vi como formiguinhas sobre o solo. Ninguém na aeronave ousava quebrar o silêncio. Somente o próprio motor e o girar das hélices rugiam.

Mas estava enganado. Um novo som preencheu meus ouvidos e o reconheci imediatamente. Automóveis. O coronel e seus capangas haviam chegado. Fiquei feliz que fosse a tempo de me verem fugir. Assim não amolariam a tribo, mas fiquei temeroso porque as armas que tinham poderiam danificar nosso único meio de transporte.

Enquanto milhões de ideias para combatê-los e garantir nossa fuga me passavam pela cabeça, ouvi um disparo seguido de uma explosão que clareou o céu por apenas um milésimo de segundo. A guerra havia começado antes do previsto.

No horizonte, uma linha vermelha surgiu. O sol apontava para o início de um novo dia.

FUGA

Impaciente, o coronel José Cruz fez com que seus homens saíssem da estrada e se esgueirassem pela mata para ganhar tempo. Qual não foi sua surpresa quando, poucos quilômetros adiante, percebeu um caminho aberto na floresta à força e muito recente.

Os estragos não eram grandes, porém nitidamente uma caminhonete havia passado por ali. Talvez a que lhe fora roubada. Com os olhos vermelhos de ódio, ordenou que seguissem por aquele caminho. Tinha certeza de que ele os levaria direto para a reserva.

O fazendeiro pôs-se a pensar que Lucca Gonçalves, o traidor miserável, tinha um cúmplice. Alguém muito esperto. Não tinha certeza se conhecia alguém na cidade - muito menos entre as relações do rapaz - que tivesse aquela sagacidade, mas quem mais se arriscaria para protegê-lo?

Edmundo, o delator, não havia mencionado ninguém. Nem mesmo aquele jovem e liberal rapaz que se dizia melhor amigo dele e por sua expressão na hora que o irmão o acusou, Carlos Aguiar não sabia nada sobre a tal índia. Estava tão perdido quanto todos os outros.

Ninguém da família o entregaria, a não ser Edmundo, que o odiava por motivos óbvios. Mas eram tão ignorantes quanto ele. Jamais teriam capacidade de organizar uma fuga e um ataque sorrateiro como aquele. Parecia coisa de profissional. Mas quem poderia estar do lado daquele rapaz? Quem, em santa consciência, arriscaria o próprio pescoço nessa luta perdida?

Será que realmente estaria perdida? O coronel estava aflito com a dianteira conquistada por seu adversário. Quando iniciou a caçada, tinha certeza de seu rápido sucesso. Agora, mais de doze horas depois, só tinha muitas dúvidas de que ainda conseguiria pegá-lo. Era apenas uma esperança que não se dissipava.

Além disso, o coronel Cruz estava decidido. Não desistiria nunca. Enquanto não encontrasse aquele ordinário não sossegaria. Não morreria em paz. Não continuaria a vida tranquilamente. Ainda bem que tinha uma grande fortuna para mantê-lo nessa jornada.

Pensou em Vitória, sua filha adorada. Pagaria a ela uma viagem, talvez para a Europa. Ela não merecia assistir aquilo. Deveria se distrair, se divertir, ser jovem, afinal. Tinha certeza de que ela amaria a ideia. Decidiu que, assim que voltasse da reserva, faria a proposta a ela.

Voltou a mente para Lucca e conseqüentemente para Edmundo. Sabia muito bem qual era o interesse do rapaz naquela história. Vitória. Assim que percebeu seu olhar sobre ela, soube quais eram seus motivos. Ele a amava. Talvez - depois que o conhecesse melhor - fizesse por merecer a mão dela.

Enquanto o automóvel sacolejava sobre o terreno pedregoso, seus pensamentos foram povoados novamente por seu destino. A reserva de Amambai. Não sabia nada sobre os índios que viviam ali. Desde que chegara naquela terra, não ouvira muito sobre eles. Apenas uma ou outra notícia sobre greves em frente a FUNAI sabe-se lá por que motivos.

Ouvira dizer que eram natos guerreiros. Ministraram bem arcos e flechas e tinham conhecimentos sobre ervas que podiam matar um homem sem que percebesse o que o atingira. Eram, portanto, adversários perigosos.

Ainda assim, não tinha ideia do que encontraria quando chegasse lá. Será que o haviam adotado como parte da família somente porque uma de suas índias se entregara para ele? Teriam esse tipo de relação? Talvez estivesse escondido entre eles sem que soubessem, ou talvez nem estivesse lá, concluiu.

Bem, se realmente estivessem encobrendo o desgraçado, pagariam caro por isso. Antes que pudessem reagir, usaria artilharia pesada para matar o quanto conseguisse. Ninguém ficaria no caminho entre sua vingança e Lucca. E a FUNAI teria que atualizar seus dados sobre aquela tribo indígena.

À frente, o caminho cheio de curvas - que desviava das árvores maiores - o levava com facilidade. Quando se decidira por aquela rota, não tinha ideia que seria tão fácil transpô-la. O tolo que o usara para enganá-los deixara rastro suficiente para revelar sua passagem.

Sorriu maliciosamente. Se tinha uma coisa que o coronel se orgulhava, era de sua astúcia e senso de oportunidade. Fora assim que crescera na vida, conquistara terras e fizera grandes negócios. Considerava-se imbatível. Portanto, era certa sua vitória, inclusive nesse caso de honra.

Um som estranho cortou a madrugada logo mais adiante. Estava baixo ainda, por isso não soube defini-lo. Viu uma linha fina, vermelho e laranja, aparecer no horizonte. Em alguns metros, o som aumentou. Ergueu seus olhos para o céu. Entre as copas das árvores, avistou um helicóptero.

Espantou-se. Antes que pudesse saber o que pensar, um tiro de arma de fogo soou. Olhou para trás para procurar pelo autor do disparo - que o fizera sem seu consentimento - a tempo de ver um dos atiradores, na caçamba da caminhonete onde estava, cair para fora do carro, atingido pela bala.

Olhando furiosamente para o ponto cinza no céu onde a aeronave se movia, berrou.

– Atirem no maldito helicóptero!

O silvo de vários disparos foi a resposta à explosão certa de Marcel. Todos no helicóptero viram - menos o piloto e Mainá - que a pontaria do loiro fora certa em um dos atiradores do coronel. Eles mal os haviam identificado e foram alvejados. O grandalhão não teve

tempo de esboçar um sorriso quando a retaliação veio.

Alexandre se juntou ao rapaz para combater os atiradores. Lucca e Tamires assistiam horrorizados. Não queriam aquele derramamento de sangue.

– Tamires, mande fogo neles! - vociferou Marcel.

– Você ficou maluco? - exclamou a ruiva. - Não vou matar ninguém! E muito menos correr o risco de colocar fogo na floresta e na aldeia.

– Tem razão! - gritou Lucca acima do som das hélices. - Estamos muito perto ainda.

– Depois a gente usa a água, Tamires - retrucou Marcel. - Manda brasa.

– Precisamos fazer alguma coisa efetiva - acrescentou Alexandre taticamente -, senão seremos derrubados.

Lucca pensava mortificado. Viu os olhos temerosos e horrorizados de Mainá ao seu lado. O que poderia fazer para salvá-los sem perder outras vidas? *Pense, Lucca, pense!*, exigiu a si mesmo. Estavam falando dos dons. Mas é claro!

– Terra! - gritou. - Aproximando-se da janela do helicóptero, apontou a mão para a mata.

Todos viram espantados o tremor que se seguiu. Era um terremoto - de pequenas proporções é claro -, porém suficiente para desestabilizar os veículos.

Compreendendo imediatamente o plano do irmão, Tamires se uniu a ele e uma fenda se abriu na terra.

Da aldeia a tribo assistia a batalha pronta para ajudar. Porém, o cacique teve medo de perder sua gente, por mais que sua filha estivesse naquele helicóptero. Confiara sua vida àquele homem que se dizia deus, portanto, esperaria que ouvisse seu chamado e usasse sua força sobrenatural para salvá-los. O tremor foi o primeiro sinal de que o Filho da Terra estava operando. Sorriu, satisfeito.

Antes que pudesse frear, a pampa despencou no buraco que se abria à sua frente, jogando o capanga que estava na caçamba sobre a lataria e em seguida para o chão, se contorcendo de dor. O capô do automóvel fíncou na fenda deixando as rodas de trás suspensas no ar.

Um estava inoperante. Faltava outro.

Dando a volta, a caminhonete perseguiu o helicóptero sem cessar os disparos. Teve que fazer um desvio para também não cair na armadilha. Ninguém nos carros tinha alguma ideia de como aquele terremoto se sucedera. O Brasil não era vitimado por esse tipo de catástrofe, mas não tinham tempo para refletir sobre isso.

Os homens presos na cabine do utilitário saíram pelos vidros abertos. Dois foram socorrer o capanga ferido e os outros, pegando as armas nas caçambas, continuaram a disparar

contra o helicóptero.

– Valeu a tentativa, Lucca - agradeceu Marcel -, mas terra não foi suficiente.

Tamires e Lucca se entreolharam e tiveram uma conversa silenciosa. *Fogo está completamente fora de cogitação*, pensou a ruiva e o irmão concordou com um aceno. *Terra não funcionou por muito tempo*, continuou ela. *Vamos tentar ar!* Com um gesto, Lucca desviou o olhar e se voltou para a janela. Tamires seguiu seu exemplo.

As mãos de ambos, apoiadas sobre o vidro, incitaram um vento furioso. Sorte que estavam cada vez mais longe da aldeia, assim poderiam canalizá-lo somente contra os atiradores. Um redemoinho se formou, parecido com uma tempestade vertical, porém sem relâmpago e sem água.

Infelizmente, a anomalia varreu as árvores que cruzaram seu caminho. Com horror - e ainda mais sem entender o que acontecia -, o coronel e seus capangas viram aquela tempestade de vento ir em sua direção. Os tiros cessaram um pouco antes de serem atingidos. Os braços tentando proteger os rostos.

O vento pegou a caminhonete e a levantou do chão. Tamires vacilou e a força do redemoinho diminuiu. As rodas do carro tocaram a terra novamente. Lucca a olhou e ela correspondeu. *Eu não posso matá-los*, ela pensou.

– Vamos apenas mantê-los presos pelo tempo que conseguirmos - respondeu o irmão.

Tudo bem!, disse em pensamento Tamires. Lucca não tinha certeza de conseguir sozinho.

Com o apoio da irmã, ficava mais seguro de alcançar seu objetivo. O piloto e Mainá voltaram a respirar, ele estava bastante confuso, porém se concentrou em manter aquela máquina voando para a sua própria segurança.

– Tem como voar mais alto? - perguntou Alexandre largando a arma.

O piloto aumentou a distância entre a máquina e a terra.

– Acho que não devemos ir para Corumbá - disse Marcel.

– Nem tem para quê - respondeu Alexandre. - Vamos direto para Campo Grande.

– Velocidade máxima, meu caro! - pediu o loiro.

Lucca e Tamires mantinham os olhos presos em seus alvos, concentrados. Apesar da distância que ganhavam com velocidade, ainda podiam vê-los perdidos dentro do redemoinho de vento. As armas haviam se espalhado e espatifado contra troncos de árvores. Os irmãos sorriram. Havia conseguido retardá-los sem que precisassem feri-los fatalmente.

Amanhecia rápida. O céu clareava em degradê revelando um dia bonito pela frente. A luz traria mais perigo também. Os olhos dos humanos comuns poderiam vê-los bem e até perseguir o helicóptero com maior facilidade, desviando-se dos obstáculos com antecedência.

Finalmente, a distância cresceu o suficiente para perdê-los de vista. Porém, Lucca e

Tamires continuavam vigiando preocupados. Retiraram as mãos do vidro e viram o redemoinho se desfazer. Não acreditavam que o coronel tivesse desistido. Apenas o haviam despistado por um tempo.

Trocaram um olhar significativo. *Acho que ganhamos uns cinco minutos de vantagem*, pensou a ruiva. A tentativa de concordar de Lucca foi uma careta. Com um sorriso triste, ela acrescentou: *Ele não vai desistir, não é?* O irmão balançou a cabeça negativamente. Ambos suspiraram.

Horrorizado, José Cruz pensou que era o fim do mundo. Primeiro um terremoto, depois um tornado? Onde estava? Ainda no Mato Grosso do Sul? Será que havia sido abduzido para uma terra desconhecida repleta de catástrofes climáticas como aquelas? Provavelmente era mesmo o fim daquele planeta.

Quando a caminhonete ergueu do chão, quase teve um infarto. O vento deveria estar acima de cem quilômetros por hora! Nem havia tido tempo de absorver isso e, com um baque, os pneus tocaram a terra novamente. Olhou para seus homens e eles estavam tão em choque quanto ele próprio.

O zunido do vento não permitia que ouvissem mais nenhum outro som, por isso, não tentaram falar. Ao contrário, protegiam os olhos e os ouvidos como podiam. Troncos de árvores se chocaram contra a lataria assustando-os horrivelmente. Mantiveram a cabeça abaixada para se protegerem dos detritos.

Por isso, não viram quando um tronco maior de árvore se moveu na direção do automóvel se chocando com tanta violência que amassou a porta do carona. A lataria se envergou e se moldou ao corpo do capanga sentado ali. Ele gritou de dor quando a estrutura da porta o atingiu. Provavelmente havia quebrado algum osso.

O grito do homem foi tão assustador que um arrepio percorreu o corpo do coronel e dos outros. Um barulho veio de trás da caminhonete e se lembraram da caçamba. O homem solitário usara a arma de apoio contra a grade do vidro traseiro, porém seus dedos não suportaram segurá-la mais tempo. Seu corpo foi pego pelo redemoinho e depois de girar algumas vezes, foi atirado contra uma árvore.

O coronel ficou com os olhos presos naquela cena grotesca. Os outros abaixaram para não assistir o fim do colega. Todos pensavam que haviam provocado o diabo e que ele próprio subira do inferno para acabar com a vida deles. A partir daquele dia, nunca mais seguiriam os passos malucos e suicidas do fazendeiro. Nem que tivessem que fugir também para se livrar de suas loucuras sanguinárias. Não ganhavam para morrer e não correriam mais riscos por ele. Que se danasse sozinho com seu ódio.

Constataram espantados que, pela primeira vez, o coronel tivera realmente que lutar. Até aquele dia, suas caçadas sempre tiveram êxito imediato. Ninguém havia escapado. Talvez o velho tivesse perdido o temível respeito que amedrontava a população. Alguém tivera a audácia de enfrentá-lo.

E por que eles também não poderiam? Claro que podiam. Tinham todo o direito sobre a própria vida. Aquele homem cruel era apenas mais um rico. Não era dono de ninguém. Talvez, se tivessem reagido antes, ele nunca teria se apossado do que era de todos. Afinal, não viviam mais na época feudal e ele não era seu senhorio.

Aquilo tudo era tão arcaico que não era possível que não enxergaram isso antes. Estiveram cegos de medo. Mas também sabiam usar armas e poderiam muito bem se defender de quem quer que ele pagasse para se vingar deles. Poderiam morrer, mas estariam lutando por eles mesmos, não pelas causas injustas daquele monstro.

Ele que fosse apenas dono de seus negócios e cuidasse deles ao invés de tentar controlar os outros. Estavam tão decididos que começaram a trocar olhares procurando apoio entre si, já que estavam apenas pensando e não falando em voz alta.

Enquanto o tempo passava e a tempestade de vento não, o fazendeiro lembrou-se de Deus. Com medo de morrer e deixar seus negócios e a filha amada para trás, tentou se lembrar de como rezar e da tal misericórdia divina. Prometeu que mudaria se Ele o livrasse da morte certa. Pediu perdão por seus pecados e implorou para que não fosse punido por eles.

Por minha filha, Deus!, rezava. Ela só tem a mim nesse mundo. O que será dela se eu morrer? Juro que desisto de vingança e doo uma parte de meus rendimentos para os pobres, principalmente aqueles que enganei para conquistar minha fortuna. Faça qualquer coisa, Deus, para ser poupado. Se o Senhor realmente existe, por favor, me salve!

O vento diminuiu repentinamente e então parou. Demorou um segundo para que o coronel percebesse que suas preces haviam sido atendidas. Piscou inúmeras vezes incapaz de acreditar em seus olhos. Um sorriso brotou em seus lábios. Nem pensou em agradecer e antes que se movesse, seus homens praticamente pularam para fora do carro, mesmo o que estava ferido. Seguiu-os.

- Hei, aonde vocês vão? - disse em tom de ordem. - Acho que a caminhonete ainda anda. Vamos continuar a perseguição!

Os capangas o ignoraram. Vendo um dos homens mancando, dois se prontificaram a ajudá-lo. Iam exatamente pelo caminho oposto ao que o coronel desejava. O fazendeiro, furioso, extravasou toda sua injúria.

- Bando de covardes! - gritava. - Não preciso mesmo de vocês, seus maricas! Vão, corram para a saia da mamãezinha, seus viados! Cambada de frouxos, não sei como eu acreditei

que trabalhava com homens! Vocês são umas mulherzinhas!

Cuspiu em direção a eles sem atingi-los. Continuaram andando sem olhar para trás, indiferentes à sua fúria. Deixou-os, afinal, e pôs-se a se equipar com as armas. Teve que procurá-las pela mata e não encontrou pelo menos uma em bom estado. Largou-as onde as achou junto com os galhos arrancados pelo vento.

– Diabos! - vociferou.

O homem religioso de alguns minutos atrás voltava a clamar pelo demônio, esquecendo-se completamente do Deus que havia atendido seu pedido e lhe doado mais um tempo de vida nesta terra. Entrou no carro e dirigiu em disparada procurando pelo céu um sinal de seu alvo.

Edmundo se regozijava enquanto velava o sono de Vitória em seus braços. Seu corpo seminu o aquecia. O silêncio da manhã era uma promessa de um novo futuro. Havia conquistado seu coração muito mais depressa do que pensara. Não haviam trocado uma palavra sequer, apenas se amado loucamente.

Não saber seus pensamentos e seus motivos não o torturava. Já bastava que ela o aceitasse e o desejasse daquela maneira. Já estava mais do que claro que lhe dava uma chance e por sua cara, sabia que Vitória havia gostado muito do resultado de sua escolha.

Sempre soube que pudesse fazê-la feliz. Sentia como se tivesse sido feito para satisfazê-la, para alegrá-la, para amá-la. Jamais encontraria um admirador mais devotado, mais amável, mais persistente e compreensivo. Podia muito bem entender sua natureza volátil e seu gênio fútil. E ficava encantado com ele.

Entendia que sua posição social e seu dinheiro moldaram sua personalidade. Assim como os mimos de seu pai e podia muito bem aceitar isso, porque se fosse rico, seria do mesmo modo com ele. Não como era hoje, muitos sermões e nenhum apoio.

Sempre desejara e se imaginara rico. Sonhara por muitos anos em conquistar essa condição. Uma oportunidade lhe fora tirada no nascimento e a outra era um grande desafio. Talvez por sua posição e riqueza, Vitória tenha chamado sua atenção primeiramente. Depois, sua beleza e personalidade marcante.

Apesar de terem frequentado a mesma escola, havia uma barreira invisível entre eles. O desejo de transpô-la foi o primeiro sentimento que o inundou ao vê-la pela primeira vez. Em seguida, a segunda oportunidade lhe acendeu na mente. O casamento com aquela deusa seria sua passagem para o mundo que tanto sonhara.

Era um misto de interesse e paixão que Edmundo sentia por Vitória. O desejo pela riqueza era tão imenso que se tornou a única obsessão de sua vida. Em tudo canalizava esse ardor incontrolável. Traduzia todos os sentimentos que possuía - tanto amor quanto ódio - através desse único anseio.

Lucca conquistara seu ódio pelo mesmo motivo que Vitória o seu amor. Dinheiro, posição social, reconhecimento, oportunidade. O bastardo fora dotado pela graça e o talento de atrair tudo de positivo para si. A admiração dos pais, dos professores, dos coleguinhas, da faculdade, do primeiro emprego e da profissão. Até mesmo Vitória havia sido atraído por ele sem que fizesse qualquer esforço.

Por que tudo tinha que ser fácil para Lucca e para ele não? Não era justo. Sua frustração foi seu companheiro inseparável, construindo uma grande amargura. Inveja e ciúmes foram os novos sentimentos que traduziram sua revolta contra o irmão, os pais, o mundo.

E não tivera nenhum escrúpulo ao se deparar com a única oportunidade, em trinta anos, de acabar com a vida daquele que havia destruído seu sonho. Agarrou-a com unhas e dentes. Agora estava satisfeito com o resultado. Muito melhor, já que estava realmente realizado.

Alexandre observava Lucca atentamente. Estava com uma cara péssima. O peito nu coberto de arranhões e vergonhões vermelhos. Também estava meio sujo. Desviou o olhar para Mainá, o rosto e o corpo todo pintado, os cabelos bagunçados cheio de folhas e alguns trapos tampando somente o essencial. Tamires estava impecável, como sempre, mas também não tivera que se arrastar na terra como ele mesmo. Preferiu nem conferir o estrago em suas próprias roupas.

– Acho que somos um grupo que chama muita atenção - disse em voz alta.

Todos realizaram a mesma análise que fizera anteriormente constatando que tinha razão. Se quisessem passar incógnitos no aeroporto, teriam que começar agora mesmo. Tamires deu graças a Deus por ter pensado em levar uma pequena bolsa consigo com algumas mudas de roupa e material de higiene.

– Lucca, troque de lugar comigo - pediu a irmã. - Deixe-me cuidar de Mainá.

Percebendo o que a cunhada pretendia, Alexandre sacou de sua própria bolsa um par de roupas limpas para que Lucca se trocasse. Encontrou também um chapéu e óculos escuro. Passou para o rapaz.

– Acho que passaremos como turistas comuns desta maneira – disse. - E precisamos esconder esse seu cabelo vermelho. É chamativo demais.

Lucca sorriu de volta se sentando ao lado do rapaz moreno. Sem pudor, tirou a calça rasgada e suja, e vestiu a roupa limpa. Nunca havia usado chapéu antes, mas achou a ideia ótima. Os óculos esconderiam suas feições e, portanto, seria muito mais difícil reconhecê-lo se o descrevessem. Alexandre também se trocou rapidamente.

– A propósito, - lembrou o moreno - você está com celular?

Achando a pergunta estranha, Lucca tateou os bolsos da única peça que usava até agora.

– É melhor dar fim nele por aqui, ainda em Corumbá, para não o usarem para nos rastrear – explicou.

Compreendendo e mesmo sem encontrar o aparelho, o rapaz jogou tudo janela abaixo. Seu rastro terminaria ali, naquele ponto da mata.

Tamires se concentrou em passar lenços umedecidos no rosto e nos braços de Mainá para retirar a pintura, usando demaquilante para agilizar. Tirou da bolsa um vestido de verão florido, soltinho, para que ela pudesse usar por cima dos trapos indígenas. Também lhe deu um de seus óculos escuros, o Dolce & Gabbana.

– Vou mudar seu cabelo, está bem? - anunciou a ruiva.

Mainá mal teve tempo de concordar e Tamires já a estava virando de costas e penteando seus longos e embaraçados cabelos em um alto rabo de cavalo. A índia nunca havia usado esse penteado antes, nem mesmo quando andava entre os brancos. Voltando-a para analisar o resultado, a ruiva pôs-lhe o óculos e passou um gloss em seus lábios de cor bem natural. Penteou a franja de lado, em um penteado mais moderno. Pronto, não parecia mais uma índia. Era mais uma turista.

– Você ficou muito bonita - constatou Lucca.

Timidamente, a índia sorriu e pediu um espelho para se ver. Ficou encantada com o que um óculos de sol, um batom e uma borracha de cabelo fizeram em sua aparência. Era um milagre. Parecia com um dos brancos. Podia andar entre eles sem chamar nenhuma atenção. Devia ter usado este truque na escola e na faculdade.

– Ficou mesmo muito bonita - concordou Tamires sorrindo.

O som do helicóptero estava tão longe que mesmo dirigindo em alta velocidade, José Cruz mal podia segui-lo. Ele era um pontinho tão pequeno no céu que volta e meia sua visão embaralhava ou uma nuvem atrapalhava. Circulava há apenas cinco minutos e não tinha mais certeza de estar indo na direção correta.

Começou a refletir para onde iam. Se estavam em um helicóptero, poderiam se dirigir para qualquer lugar. Aquele tipo de aeronave podia pousar em qualquer área. Um campo de futebol, um topo de prédio, um parque. Tinha tantas possibilidades que seria impossível simplesmente adivinhar seu destino. E mesmo que conseguisse segui-los, não conseguiria detê-los sem armas.

Mas não queria voltar para casa ainda. Não queria encarar o olhar ansioso de sua filha à espera de sua vitória sobre o inimigo. Não queria ver a decepção estampada em sua face. Não queria que ela pensasse que havia falhado. Insistiria seguindo seus instintos que sempre lhe ajudavam nas horas de dificuldade.

Começaria seguindo possíveis pistas. Voltaria a Corumbá e tentaria conseguir informações sobre a aeronave e seus ocupantes no aeroporto. O segundo lugar que iria, se não houvesse algo válido por lá, seria Campo Grande. Usaria também um avião particular para seguir esse rastro.

Sabia que, para chegar a Corumbá, havia a estrada e o céu. Se vieram pelo céu, os dois únicos lugares onde poderiam ter passado em todo o estado seriam os dois aeroportos. Eram os maiores do Mato Grosso do Sul e recebiam a maior parte dos voos. Sorriu porque estava indo pelo caminho certo.

Uns metros a frente, avistou algo estranho entre as árvores. Parecia tecido. Aproximou-se e parou a caminhonete. Desceu do veículo e sacudiu o pano na mão que parecia uma peça de roupa. Seria de Lucca? Estaria no caminho certo?

Franziu o cenho. Observou melhor os trapos e não reconheceu nem o modelo, muito menos quem seria o proprietário. Estava completamente imprestável. Olhando melhor a roupa, também não a reconheceu. Largou aquela porcaria por ali mesmo. Devia ser de algum pervertido que usara a floresta para dar suas escapadinhas.

Voltou para o carro. Olhou seu celular e teve uma ideia. Contatou a operadora e inventou uma história. Disse a atendente que seu genro havia desaparecido, com certeza fora sequestrado, e precisava da ajuda deles para localizá-lo através do aparelho celular. Consultou a agenda e passou o número para a mulher.

Pedindo que aguardasse por alguns instantes, a prestativa atendente deixou a linha muda. O coronel já ligava o GPS da caminhonete para usar as informações que ela lhe passasse para localizar o desgraçado do Lucca. Se tudo funcionasse como previsto, nem precisaria correr para os aeroportos.

Alguns minutos depois, a mulher voltou para a linha e lhe passou as coordenadas do GPS com a localização do aparelho celular. Grato, disse que ligava de novo caso precisasse. Desligou e digitou as informações no aparelho de seu carro.

Em alguns segundos, o ponto vermelho que indicava sua localização piscou furiosamente. O eletrônico lhe passou as instruções para chegar ao seu destino. Engraçado, estava voltando pelo caminho que havia tomado. Como perdeu a direção do helicóptero desse jeito? Só podia ser a floresta e suas árvores todas iguais.

Quando deu por si, estava de volta a Corumbá, em frente a uma casa que não conhecia. A luz e as indicações do GPS diziam que estava no lugar que desejava. Sua garganta se apertou ao reconhecer o carro de Lucca na garagem. Seus olhos se estreitaram. Então se deu conta de que fora enganado novamente.

– Maldição! - berrou para que o vento levasse sua fúria até Lucca.

Com alívio ouviram pelos fones a conversa do piloto com a torre de controle do aeroporto de Campo Grande. Autorizado o pouso, em alguns minutos desciam do helicóptero. Marcel ia à frente, decidido. Alexandre e Tamires de mãos dadas logo atrás. Lucca e Mainá transbordavam de felicidade. Estavam a salvo. Em minutos estariam em um avião que os levaria para bem longe dali. Mas...

– Onde estamos indo? - perguntou Lucca.

Tamires se virou para o irmão, sorrindo.

– Temos um problema. Nossas passagens já estão compradas. Preciso providenciar uma para Mainá. Não contava com a presença dela quando fiz a compra antecipada - soltando a mão do cunhado, correu até o guichê da aviação.

Ninguém respondeu sua pergunta. Frustrado, pensou em perguntar novamente, depois mudou de ideia.

– Preciso falar com meus pais, dizer que estou bem. Alexandre, você tem um celular para me emprestar?

O moreno nem se virou para olhá-lo ao responder.

– Calma, rapaz. Ainda não estamos em segurança. Não cante vitória antes do tempo. Vamos esperar as conexões para garantir que não fomos e nem seremos seguidos por aquele fazendeiro maluco.

À alusão ao ex-sogro, Lucca sentiu um calafrio e calou-se. Alexandre devia saber o que estava fazendo, para a sua segurança e de todos os outros. O coronel revelou seu poder e seu desejo de sangue. Melhor mesmo que estivessem bem longe antes de fazer qualquer breve contato.

Esperaram por Tamires na entrada de embarque. Lucca leu a placa e soube que o voo ia para São Paulo e sairia em três minutos. Nesse momento, se preocupou que não desse tempo. Virou-se para ver se a avistava e lá estava ela, correndo, através do saguão praticamente deserto. Tiveram muita sorte.

Apresentaram as passagens, passaram pelo detector de metais e caminharam em direção ao avião estacionado. Um tapete vermelho recebeu seus pés. Olhando para ele, Lucca pensou que era a última vez em sua vida que pisava em solo sul-matogrossense. Sentiria saudades daquela terra.

Porém, não olhou para trás. O passado seria apagado de sua história depois que aquele avião decolasse. Seu destino estava bem longe dali, sabe-se lá exatamente onde. Portanto, seguiria em frente, em busca de sua verdadeira e perdida história. E a escreveria de novo. Um novo tom regeria essa escrita.

EPÍLOGO: SUMIÇO

Durante a primeira parte da viagem, eu e Mainá dormimos nas poltronas reclináveis. Não era muito confortável, mas era a única cama que tínhamos. Tivemos uma noite bastante agitada e praticamente nenhuma oportunidade de descansar de verdade.

Ainda assim, pousamos cedo demais em São Paulo. Mal havia fechado os olhos. A visão daquela cidade através da pequena janela do avião foi esplêndida. Nunca tinha ido para o sudeste. Era minha primeira vez. Pena que não haveria tempo nem disposição para fazer um passeio.

Enquanto caminhava pelo aeroporto - era grande demais, tive medo de me perder naquela imensidão - me sentia meio órfão. Era estranho que essa fosse a sensação que arremettesse à minha fuga. Devia sentir saudade, não abandonado novamente.

Aproveitamos a hora que tínhamos entre as conexões para tomar um belo café da manhã. Ainda era muito cedo, nove horas. Portanto, minha irmã e seus cunhados - achei isso tão engraçado, até que me explicaram que o loiro grandalhão também era meu cunhado - ainda não me autorizaram a ligar para casa.

É verdade que e não estava acostumado a receber ordens, mas também não estava disposto a criar problemas e objeções àqueles que haviam salvado nossas vidas. Minha e de Mainá. Não podia contrariá-los. Havia provado, ao arriscarem as próprias vidas, que estavam dispostos a tudo para me manter em segurança.

A ansiedade e a adrenalina eram tremendas em meu novo corpo. Foi a hora mais difícil de passar em toda minha vida. Mas afinal, estávamos de volta à segurança do avião e na leveza do ar voando para Recife. Nunca havia ido para o nordeste também. Nossa, não tinha ido à parte alguma.

Percebi, naqueles poucos minutos, que além de me negar sentimentos, me havia negado divertimentos. Viajar, conhecer o Brasil e o mundo. Tirar férias. Dançar. Nunca havia feito nada disso. As minhas viagens foram somente durante a faculdade, entre Goiás e Mato Grosso do Sul para visitar minha família. Não fora exatamente um prazer, mas uma obrigação.

Férias também nunca havia tirado. Preferia trabalhar. Na verdade, não sabia o que fazer durante aquele recesso tão prolongado. Mesmo que não estivesse trabalhando, estaria pensando no trabalho. Decidi aproveitar esses períodos para repor a ausência de alguém que havia tirado férias com a família.

Talvez o problema tenha sido com meus próprios pais. Meu exemplo, Edgar Gonçalves, o incansável médico da cidade e de toda a região. Nunca se sentia no direito de abandonar seus

pacientes aos cuidados de outro profissional por mais competente que fosse.

Apertei a mão de Mainá que já cochilava ao meu lado. Devia estar tão cansada. Relaxei a mão e deixei-a dormir em paz. Seu rosto sereno tomou toda minha atenção enquanto a assistia dormir. Sua respiração batia em meu rosto. Sorri. A felicidade podia ser plácida como um sonho. Por isso era difícil acreditar.

Adormeci e acordei novamente com a voz do piloto no alto-falante anunciando o pouso em alguns minutos. Espreguicei-me satisfeito com o fim próximo da viagem. Uma cama de verdade seria muito bom.

Aquela seria a última conexão.

Conferi o relógio. Era pouco mais de meio-dia. Será que dessa vez permitiriam que ligasse para casa? Enquanto descia as escadas, não me atrevi a pedir. Esperei alcançarmos o saguão a procura de um banheiro e uma lanchonete para comprar comida.

– Lucca, acho que agora não haverá perigo em falar com sua família - disse Alexandre passando o celular para mim. - Este aparelho é bloqueado. Não há como identificar a origem da chamada, mas ainda assim, seja rápido caso alguém esteja tentando rastreá-la.

– Essa conexão é muito curta, apenas meia hora, então não demore, por favor - acrescentou Tamires.

Ela era tão educada. Gostaria de conhecê-la melhor para saber como havia sido sua vida. Parecia até refinada em seus modos. Bem, havia dito que seu marido era empresário. Provavelmente era uma dama da alta sociedade de Foz do Iguaçu e reteve os modos elegantes.

Aceitando o aparelho, corri para o banheiro e me tranquei em uma cabine. O telefone tocou apenas uma vez antes que alguém atendesse.

– Alô.

– Mãe?

– Lucca!

– Shiii... – pedi. - As paredes podem ter ouvidos. Edmundo está aí?

– Não. Desde ontem não vem para casa. Deve estar na fazenda ainda.

Levei um choque.

– Como?

Minha mãe narrou o que acontecera enquanto me procuravam para o casamento. Devia ter percebido que tinha dedo do meu irmão nessa história, mas me acalmei rapidamente. Não tinha tempo para isso agora.

– Tudo bem, mãe - cortei o assunto. - Não importa. Estou ligando para dizer que estou bem. Não poderei entrar em contato sempre porque o coronel ainda está me caçando.

– Ele chegou a te encontrar, meu filho? Você não foi ferido, não é?

– Não se preocupe, mãe. Estamos apenas nos precavendo para que ele não nos encontre.

– Nós? – perguntou. - *Você está com quem, meu filho?*

– *É uma longa história, mãe. Tentarei resumi-la. Outra hora conto com detalhes, mas estou com Mainá, a índia por quem me apaixonei. E minha verdadeira irmã, Tamires, que veio ao meu encontro em Corumbá. E seus amigos e cunhados Marcel e Alexandre.*

– *Que confusão!*

– *Preciso desligar, mãe. Eu amo você. Entro em contato quando puder.*

– *Tudo bem, meu filho, mas não se esqueça da gente. Também amo muito você. Vai com*

Deus!

– *Amém!*

Desliguei. Foi bom falar com ela e deixá-la tranquila quanto ao meu estado. Precisaria de uma carta inteira para explicar toda a história que haviam me contado, mas não poderia correr o risco de escrever. E se a carta extraviasse e fosse parar nas mãos do coronel? Ele viria em nosso encalço. Talvez um dia, pudesse contar toda a verdade a eles, com tranquilidade, nem que fosse por um telefonema.

Mesmo depois que falei com minha mãe, ainda me sentia estranho, como se faltasse alguma coisa. Aproximei-me de Mainá que me aguardava ansiosamente com os lanches e as passagens. Enquanto caminhávamos para o embarque - Tamires havia dito que esse voo seria muito curto, nem daria para dormir - comíamos.

Antes de passar pela rampa dei mais atenção àquela sensação perturbadora. O que seria aquilo? Virei-me para Mainá a fim de tentar decifrar meus sentimentos. Ela estava muito bem, sorridente, e com ótima aparência. Olhei para seu corpo, analisando, então entrei em choque. Seu pescoço estava nu.

– *Mainá, a pedra! - exclamei de repente.*

Todos se voltaram para nos olhar. Tamires e Marcel correram para nos envolver.

– *O que aconteceu com o ônix? - perguntaram simultaneamente.*

– *Sumiu! - respondi enquanto Mainá procurava por ela com uma das mãos.*

Seu colo estava exuberante no vestido decotado, mas não havia vestígio do colar que outrora estivera ali. Que sempre estivera ali. Seu lugar eterno de repouso.

– *Não sei o que aconteceu - sussurrou frustrada.*

Marcel piscou os olhos, mas percebi que se demorou dois milésimos de segundo a mais que uma piscada normal. Estaria rastreando?

– *Nada! - disse quando os abriu.*

O loiro e a ruiva se olharam por um segundo interminável. Seus rostos estavam assustados. Tremia involuntariamente.

– *De novo! - disseram os dois ao mesmo tempo.*

Querida que alguém me explicasse o que estava acontecendo, mas antes que pudesse fazer a pergunta, o pessoal do detector de metais chamou nossa atenção porque havia chegado nossa vez.

Passamos pela máquina petrificados, todos os cinco. Eu e Mainá sem entender o significado daquele sumiço, muito menos do alarme estampado no rosto dos outros três. Pareciam sem palavras. Aturdidos. Desorientados.

– O que isso quer dizer? - perguntei na primeira oportunidade no caminho para o avião.

– Quer dizer que existe alguém sabotando a gente - respondeu Marcel irritado.

– Quem? Por quê? - acrescentei.

– Não sabemos com certeza, Lucca - dessa vez foi Tamires. - A minha pedra também desapareceu.

– Em Foz? - perguntei de novo.

– Sim - respondeu minha irmã. - Na época pensei que fosse meu marido o autor do sumiço, mas nunca consegui provar nada. Marcel não consegue localizá-la, igual aconteceu com a sua também.

Eu pisquei os olhos tentando absorver as informações.

– Como? - sussurrei.

– Magia - respondeu, secamente, Alexandre.

Eu me encolhi já pensando em magia negra, mas o que fazíamos senão magia? Havia diferença? Com certeza, o intuito ao usá-la seria a resposta certa.

Naquele momento compreendi meu sentimento de abandono. Por semanas, aquela pedra havia me trazido paz, tranquilidade e bom humor. Agora eu e meus sentimentos estávamos à deriva. O que seria de mim sem ela? Não saberia dizer, mas contava com um milagre!

Uma espiada em **ILHA DE AR**
A continuação mais sexy da saga **OS QUATRO ELEMENTOS**

Ar

É da liberdade destes ventos

que me faço.

Pássaro-meu corpo

(máquina de viver),

bebe o mel feroz do ar

nunca o sossego.

Olga Savary

PRÓLOGO

Lembranças. Não quaisquer, mas as que doem mais. Aquele cenário branco embaixo, azul infinito à frente e verde atrás traziam à tona recordações dolorosas para mim. Minha mente se agitou convulsivamente enquanto me mantinha paralisado, permitindo apenas que elas me assaltassem e, por fim, me deixassem prosseguir.

Primeiro flash.

Tenho apenas um ano. Não posso enxergar direito. Protejo meus olhos com o braço fino contra o reflexo do sol. É muito branco. Muito claro. Dói. Está muito quente. Meu suor e lágrimas se misturam e sinto seu sabor salgado e amargo em minha língua. Picadas salpicam minha pele exposta ricocheteadas pelo vento. Um brilho intenso no branco ofusca minha visão. Tento pegá-lo e descubro uma pedra azul-esverdeada. É tão linda.

Segundo flash.

O branco é gigantesco. Forçando a vista, só vejo o chão claro ao meu redor. Muito longe, meus olhos divisam o azul. Uma linha sutil o separa em dois tons, um mais claro e outro esverdeado. Gosto do azul, mas está tão distante e estou sozinho. Sou tão pequeno. Como poderei alcançá-lo? A espuma branca corre em minha direção com leveza, me convidando. Lágrimas continuam a verter de meus olhos. Por que estou só?

Terceiro flash.

Um homem se aproxima de mim e me pergunta se estou bem. Não consigo responder. O homem é bom. Leva-me com ele, me dá comida e água. Paro de chorar. Não estou mais sozinho. Ele promete que nunca mais ficarei. Sinto-me feliz. Ele me leva para morar com ele. Uma casa muito grande. Um quarto cheio de brinquedos para mim. O homem é meu pai. A mulher bonita não fica feliz quando me vê, mas ele me ama e cuida de mim.

Quarto flash.

Vivi apenas treze anos ao lado de meu querido e amado pai. Deus o tirou de mim cedo demais. Nunca mais conseguirei ser feliz de novo. O que vai ser de minha vida sem ele? Minha mãe não me ama. Estou sozinho de novo. Isso não é justo! Meu pai havia prometido que nunca mais ficaria só. Ele descumpriu sua promessa. Não, ele estava velho e doente, precisava descansar. Preciso entender e continuar vivendo como ele me ensinou.

Último flash.

Mamãe também não ficou feliz com a morte de papai. A gente não conversa há muito tempo. Mas hoje resolveu quebrar o silêncio. Melhor que nunca mais tivesse falado comigo. Por

que ela veio descontar toda sua raiva e tristeza em mim? Será que ela não vê que também estou triste? Também o amava! Sou seu único filho. Por que inventou agora que não sou filho deles? Por que me mostrou o documento da adoção?

Respirei fundo ao final da sequência de lembranças amargas a fim de me recompor. Por fim, as recordações tinham o poder de me tornar mais forte para enfrentar a vida, as dificuldades e as surpresas. Minha história não começou perfeita, mas tinha o controle sobre mim mesmo e poderia conquistar um grande final.

Meu momento solitário terminara.

CARNAVAL

Mal chegou ao camping na Vila Itaúnas - em Conceição da Barra, Espírito Santo - e Nicolas Bertoldi já estava a caminho do Parque Estadual de Itaúnas preparado para um de seus passeios preferidos. Todo ano, durante o carnaval, era a mesma cerimônia, porém o cenário mutável das dunas sempre lhe proporcionava uma paisagem diferente para observar.

Com cerca de trinta metros de altura, a areia proporcionava um mirante natural para a contemplação do lugar. À frente, o mar infinito e agitado se encontrava com o céu, pintando a paisagem de azul. Atrás e ao redor das dunas, remanescente da Mata Atlântica emoldurava o cenário paradisíaco, recortado pelas águas escuras do rio Itaúnas.

Parado diante da exuberância daquela reserva natural de fauna e flora da costa brasileira, Nicolas era uma miragem no deserto, um oásis nas areias infinitas. O cabelo negro agitado pelo vento, os olhos azul-turquesa fixos no horizonte além das dunas, o rosto sem expressão, de traços angulosos e bonitos, coberto por uma barba curta e bem aparada. A boca vermelha em destaque.

O corpo musculoso, forte e alto, vestia uma camiseta cavada branca e uma bermuda bege. Seus pés calçavam uma sandália confortável e leve. Sua pele era muito clara apesar de frequentar praias com regularidade. Era um homem bonito demais para passar sem ser notado.

Além da beleza do cenário, Nicolas olhava para dentro de si mesmo. Fora naquele lugar que sua vida começara, há trinta anos. Abandonado pelos verdadeiros pais, fora adotado por Ângelo Bertoldi, empresário do setor metalúrgico que possuía uma casa de praia na badalada Conceição da Barra.

Aos cinquenta e seis anos, Ângelo ainda não tinha herdeiros. Sua mulher, Celeste, de apenas vinte e oito, depois de tentativas naturais, se submetera a um tratamento de fertilidade infrutífero que revelara sua esterilidade, causada por uma doença incurável no útero. Era jovem, mas infeliz porque não poderia realizar o maior sonho de seu marido.

A adoção de Nicolas fora uma bênção para Ângelo e um pesadelo para Celeste. O casamento se deteriorara a partir daí. A atenção e o amor do empresário se voltaram exclusivamente para Nicolas e a mulher vivera longos e solitários treze anos. Fora apenas um bibelô que o marido exibira em festas e eventos sociais.

Nicolas não sabia o que era ter uma mãe amorosa. Apenas o pai - que o amara e mimara demais -, adorara. Fizera todas as suas vontades e desejos. Tentara imitá-lo em tudo e prometera seguir seus passos quando adulto. Ângelo tentara imprimir no filho a vontade de

herdar a fábrica de aço inox, sediada em Vitória, capital do estado, onde residiam.

O que mais atormentava Celeste era perceber o quanto seria fácil amar Nicolas. Desde o primeiro dia, notara a amabilidade e o carisma próprios de sua personalidade marcante. Fazia amiguinhos com facilidade e conquistava os adultos com sua doçura, alegria e curiosidade. Mas isso só a fazia se irritar mais com ele.

O teto desabara na casa dos Bertoldi quando o patriarca morrera de uma doença degenerativa. Nicolas, com apenas quatorze anos, perdera sua referência e seu exemplo e Celeste se vira perdida entre a burocracia e a dor por ter perdido o marido. Com raiva, descontara toda sua frustração no filho. Culpara Nicolas de ter roubado o amor de Ângelo e muitos anos de felicidade. Fora a pior discussão entre eles.

– Também o amo, mãe! - respondera Nicolas. - Ele era meu pai!

– Para de repetir isso, moleque! - retrucara Celeste. - Você não é nosso filho!

Chorando, a mãe contara ao filho sobre a adoção. Daquele dia em diante, Nicolas se transformara. Sua personalidade revolucionária tomara as rédeas da vida do adolescente. Foram longos quatro anos de mudanças radicais, em relação ao visual e aos ideais. Rock, Greenpeace e música eletrônica, onde finalmente se encontrou.

Tocar era uma terapia, além dos esportes radicais que o faziam literalmente flutuar. Amava a sensação de liberdade que vivia nesses momentos e quanto mais livre se sentia, mais Celeste tentava aprisioná-lo; e quanto mais ela tentava, mais longe ficava de conseguir.

Fora no verão depois de sua formatura de segundo grau que a tênue linha que ligava mãe e filho começou a se romper. Nicolas se apaixonara por uma menina de Conceição da Barra e lhe dera uma joia que pertencia a Celeste. Irritada, a mãe exigira que o filho voltasse com ela imediatamente para Vitória, se inscrevesse na faculdade de administração e estagiasse na siderúrgica.

A faculdade se tornara uma longa parte de sua vida, quase uma extensão de sua casa desde então. Apesar de sua inteligência e perspicácia, Nicolas era inquieto e criativo. Tinha milhões de ideias. Por isso, o curso de administração durara apenas um semestre, mas lhe dera um grande e inseparável amigo, Giovanni Pagotto.

Depois de se matricular em mais quatro cursos diferentes, voltados mais para à ciência, e não se formar em nenhum deles, Celeste deu um ultimato ao rapaz, agora um adulto de vinte e seis anos: ou ele virava um homem ou que se virasse sozinho. Isso fez com que saísse de casa e dividisse um apartamento com o amigo.

Enquanto o filho não se decidia por qual caminho seguir, Celeste Bertoldi se via diante de acionistas, burocracia e relatórios que não entendia da fábrica de aço. Depois de muito teimar e quebrar a cabeça, a mulher resolveu assumir a presidência da empresa com os cinquenta por cento herdados do marido.

No início, Nicolas colaborara e apoiara a mãe - na medida do possível - com ideias e com suas próprias ações que permitiram a ela controle acionário da fábrica. Como tempo, Celeste aprendera a lidar com as dificuldades do cargo e passou a ser uma grande conhecedora do mercado metalúrgico.

Depois do rompimento definitivo, Celeste chamara o filho à empresa. Fria como uma mulher de negócios, fora direto ao ponto.

– Como acionista dessa empresa você tem o direito de participar das reuniões do conselho e de receber o valor referente à sua porcentagem nos lucros. Porém, agora que assumi a empresa e você é maior de idade, gostaria de lhe propor que me vendesse suas ações para que você fique livre das obrigações nessa empresa. Com o dinheiro da venda, você poderá viver por muitos anos mantendo o nível de vida ao qual está acostumado.

Nicolas não precisara pensar muito para responder.

– Obrigado, mas não gostaria de me desfazer das ações.

Pensou que elas eram a única coisa que sobrara de seu pai, por mais que até agora não fizera nada do que prometera a ele, nem se descobrira na vida ainda.

– No entanto, gostaria de mantê-las sob sua custódia provisória. Assim poderá permanecer na presidência. - *Não perderei o patrimônio que meu pai me deixou*, concluíra em pensamento.

O rosto bronzeado levemente marcado pela idade da elegante mulher do outro lado da mesa se contraíra. Os olhos da cor da terra se estreitaram. Os lábios finos se apertaram tornando a linha ainda mais rígida e dura. *Como uma mulher tão pequena consegue parecer tão assustadora?*, refletira o filho.

– Bem, se é assim que deseja - respondera finalmente. - Mas terá que comparecer às reuniões quando convocado.

O tom era mais como um aviso do que uma observação.

– Faça questão de acompanhar o andamento da empresa de nossa família.

Celeste Bertoldi tentara, em ocasiões posteriores a essa, convencê-lo a vender as ações. Mas continuara irredutível na decisão e no pouco interesse tanto pela presidência quanto pela fábrica. No início, ela temera que ele reivindicasse seus direitos como um dos maiores acionistas, mas nunca o fizera.

Fora em uma conversa com Giovanni que Nicolas finalmente descobriu o que fazer da vida. Como filho do maior fabricante de chocolate do país, o melhor amigo tinha um sentido nato empreendedor e finalizara o curso de administração, o MBA em Marketing e agora cursava MBA Executivo e Inteligência em Negócios, módulo presidencial, em uma das instituições mais conceituadas de Vitória.

Giovani era sensível à habilidade enrustida de Nicolas. Como idealizador, tinha muitas ideias e pouca prática. No entanto, muitas ideias que trocaram deram certo e por isso, o amigo passara a consultá-lo mais vezes. Em outras oportunidades, levava questões de outros ramos e de colegas.

– Por que você não se torna um consultor de ideias? - perguntara Giovani no meio do papo durante um almoço.

Primeiro, rira. Rira bastante, porém Giovani permanecera impassível, absorto na própria ideia. O rapaz tinha a mesma idade de Nicolas, porém, como era bem bronzeado - amante de praia e surf - parecia mais velho. Os olhos castanhos eram descontraídos e francos. Também usava barba aparada, o que deixava seu rosto de queixo pontudo menos alongado. Apesar de ser pouca coisa mais baixo que o amigo, tinha ombros e peitoral mais largos.

Nicolas engolira em seco antes de responder.

– Você está falando sério, não está? - Giovani confirmara com um aceno. - Bem, nunca ouvi falar de uma profissão assim, mas alguma coisa me diz que pode dar certo.

– Tenho certeza que vai, apesar de que é você que sempre tem essa certeza - retrucara sorrindo aumentando ainda mais as maçãs salientes do rosto. - Mas pelo que conheço dessa sua capacidade de dizer se uma ideia vai dar certo ou não, posso apostar que será um sucesso entre os executivos.

A partir desse dia, Giovani passara a conseguir os clientes e Nicolas a atendê-los. Como empresários ricos e renomados, a clientela do rapaz exigia um tratamento vip. Não precisava de um escritório. Como era um negócio pouco convencional, normalmente acontecia em um ambiente descontraído como um restaurante, durante um almoço ou um jantar.

A vida de Nicolas ficara tão agitada quanto sua personalidade inquieta exigia. Acordava por volta das dez horas da manhã, tomava um café da manhã leve e saía para correr na praia há um quarteirão de seu apartamento ou na Ilha do Papagaio, uma reserva ecológica situada em um pico à beira-mar na Enseada do Suá, bairro nobre de Vitória, onde morava. Ao meio-dia, almoçava com algum cliente em um restaurante luxuoso. Aproximadamente às quatro horas da tarde, ia para a academia treinar musculação. Às sete ou oito horas da noite, depois de um banho revigorante, jantava com outro cliente. Depois disso, encontrava-se com os amigos em alguma balada ou cumpria sua agenda social em uma festa. Aos finais de semana, curtia a praia, o voo livre nas montanhas, passeios para outras cidades em turma, aproveitando shows, festas e baladas e, claro, tocava em boates ou festas privadas.

Giovani tentava acompanhá-lo na maioria das noites. Porém, desde que começara a namorar, se dividia entre um e outro. Era grato por Milene Agostini também ser animada e festeira, como eles, e por isso se enturmara muito rápido. Mas sempre havia momentos que não

dava para dividir com os amigos e com a namorada ao mesmo tempo.

Nicolas era uma pessoa totalmente provida de amigos. Sua facilidade em fazer amizades em qualquer nível ou de qualquer personalidade era impressionante. Havia quatro que estavam em qualquer lugar no qual estivesse. Daniela, Michele, Leonardo e Augusto também eram filhos de pais ricos e se conheceram na faculdade.

Eram alguns anos mais novos que Nicolas. Os quatro haviam se formado nos cursos de Ciências Biológicas, Engenharia Ambiental, Oceanografia e Zootecnia respectivamente, dando vazão ao idealismo desenfreado da juventude, assim como o próprio Nicolas o fizera. No final, nenhum deles exercia as profissões e viviam à custa da mesada dos pais.

Naquela sexta-feira de carnaval, após o almoço, os quatro estacionaram a caminhonete Hilux cabine dupla na entrada do prédio de Nicolas fazendo a maior algazarra. Ele descera e colocara suas coisas na caçamba, junto com pranchas de surf e barracas para camping e colchonetes.

Sentara na frente com Augusto enquanto Leonardo se acomodara atrás entre Daniela e Michele, e passava os braços ao redor de seus ombros. Eram pouco mais de duzentos e cinquenta quilômetros de Vitória até Conceição da Barra, litoral norte do estado, próximo a divisa com a Bahia.

Atravessaram a ilha-capital, a partir da Baía Vitória, cruzando a ponte que ligava a ilha principal à porção continental, depois o aeroporto até chegarem ao município de Serra. Seguiram por Fundão, Ibirapu, João Neiva, Linhares, Sooretama e São Mateus até Conceição da Barra.

Passaram direto pela cidade e seguiram mais vinte e nove quilômetros por uma estrada de terra até a Vila Itaúnas, distrito da cidade litorânea e sede do parque mais importante do estado. Nicolas observara e aspirara profundamente o aroma dos paredões de eucalipto às margens da estrada.

A pacata vila se reerguera depois de um soterramento histórico pelas dunas do parque. Antes, estava localizada entre as dunas e o rio Itaúnas. Agora fora reconstruída, seguramente, do outro lado do rio, também já tomado pela areia e transformado em um enorme alagado.

Os turistas, já habituados aos modos daquele povo simples movido pela pesca e pelo turismo, encaminharam-se direto ao camping, desocuparam a caçamba da caminhonete e partiram novamente, dessa vez, direto para o Parque Estadual de Itaúnas.

Já tinham planejado ocupar as próximas horas com atividades que amavam naquele paraíso. Deixaram a caminhonete no estacionamento e partiram a pé até os quiosques de atendimento aos turistas. Os quatro jovens se decidiram pelo passeio que descia o rio Itaúnas até o rio Angelim em caiaques. Nicolas os viu partir, dizendo que não queria água e que faria alguma coisa mais seca.

Sozinho, caminhara despreocupadamente pelas dunas e passarelas de madeira até

alcançar o ponto mais alto da colina de areia. Lá de cima, pudera ver os parques turísticos na praia e contemplar a imensidão do oceano. Inspirar fundo o ar úmido que vinha do Atlântico e caíra em suas próprias lembranças. Aquele lugar marcara os eventos mais importantes de sua vida.

Recomposto, voltou sem nenhuma pressa para os quiosques. Estava pronto para comprar seu passeio quando uma voz o chamou. Voltando-se, viu um rapaz moreno e franzino, de cabelos bem curtos e encaracolados, correr em sua direção com um sorriso enorme e brilhante. Usava camisa e calça social, algo parecido com um uniforme.

– Luis Dalbosco! - exclamou quando o rapaz estava há três passos.

– Nicolas Bertoldi! - riu o jovem. - Quanto tempo, cara!

Cumprimentaram-se. Luis era amigo de infância de Nicolas desde quando fora adotado por Ângelo. Nos feriados, finais de semana e férias, sempre que Nicolas ia a Conceição da Barra, eles brincavam juntos. Na adolescência, badalaram e azararam muito.

– Tem razão - respondeu Nicolas. - Deve fazer um ano desde a última vez que nos vimos.

– Com certeza, um ano, cara - concordou Luis. - No carnaval do ano passado. E então, o que mudou em sua vida nesse tempo? Casou?

Nicolas riu faceiro.

– Não, não me casei - respondeu.

– Você não estava namorando aquela moça, como ela chama mesmo? - pensou um pouco antes de se lembrar - Michele!

– Ah, não, Michele é só uma amiga - riu Nicolas. - Nunca namoramos.

– Cara, sinceramente não te entendo. Vi você pegando aquela gata. Bem, tudo bem, não importa. Era carnaval, não é?

Nicolas apenas balançou a cabeça positivamente.

– Mas e Lara, você a tem visto?

O sorriso sumiu do rosto de Nicolas. *Por que foi lembrar dessa mulher agora?*, pensou.

– Faz um tempo que a vi em um evento social em Vitória - respondeu friamente.

– Eu a vejo quase todo o final de semana. Ela sempre vem pra Conceição da Barra ver os pais e os avós.

– Hum - resmungou Nicolas.

Percebendo a distância do amigo, Luis resolveu cutucá-lo.

– Hei, cara, desculpa aí, não sabia que ia ficar tão perturbado em falar de uma ex-namorada.

– Não estou perturbado - retrucou apressado. - Só não tenho nada a dizer sobre ela. É passado. Acabou há muito tempo.

Luis preferiu deixá-lo em paz e mudou de assunto.

– Que passeio você vai fazer?

– Vou de *buggy* até a praia do Riacho Doce - respondeu mais descontraído.

– Ótima escolha.

Um chamado, meio distante, os interrompeu. Luis acenou em resposta.

– Bem, hora de voltar para o trabalho - se despediu. - Essa vida de carregar turista não é fácil. Ainda bem que o ônibus tem ar condicionado. A gente se vê.

Nicolas o viu correr em direção a um grupo de pessoas que subiam no veículo e outras que grudavam o rosto nas janelas lacradas. Voltou para o quiosque e fechou seu passeio. Acompanhou o motorista e mais dois turistas até o automóvel que os transportaria através das areias de Itaúnas.

As maravilhas daquele cenário totalmente natural, feito pela mão de Deus e conservado pelo homem, tinha o poder de curar minhas feridas. Ao mesmo tempo em que as dunas me feriam - com lembranças dolorosas - elas também me curavam e me davam fê no amanhã.

Apreciei a brisa provocada pela velocidade em que o buggy corria pela areia. Protegi meus olhos com óculos de sol e deixei que o resto de meu corpo fosse chicoteado pelos grãos. Estava em paz, livre e exatamente onde gostaria.

Apesar de afirmar isso para mim mesmo, não sabia para onde estava indo. Aquela fora uma manhã estranha, cheia de inquietações, mas não sabia o que era. Apenas tinha certeza de que ir para Conceição da Barra e visitar o Parque Estadual de Itaúnas ainda era uma boa ideia.

Minha inquietude não era motivo para cancelar nossos planos. Ao contrário. Sentia que era exatamente o que devia fazer. Sem saber para onde estava sendo levado - nem pelo o quê - insisti em ficar sozinho. Sabia que meu instinto me diria o que fazer. Já o havia feito muitas vezes.

Por isso estava tranquilo. Não que a agitação tivesse desaparecido. Somente esperava encontrar a resposta ao fim do caminho. Afinal, apreciava aquele lugar, um santuário de vida e amava festas, estar com meus amigos e fazer novas amizades. Não era nenhum sacrifício estar ali agora.

Meu pai havia me ensinado a amar a natureza. Desviara-me tanto do caminho que trançara para mim, mas não conseguia me arrepender. Tinha certeza de que, se estivesse vivo, entenderia minhas escolhas e me deixaria fazê-las livremente.

Além de meu pai, nunca vi uma pessoa que me entendesse mais do que Giovanni, meu melhor amigo. Compreendia a minha necessidade de ser livre, de vida social, de realização profissional e pessoal. Era uma unidade complexa de tudo isso funcionando simultaneamente.

Às vezes era difícil para eu mesmo me entender. Ideias contraditórias me impulsionavam

vez ou outra e me confundia frequentemente com lados opostos de um mesmo caminho. Como andar por dois caminhos contrários e permanecer o mesmo?

Também tinha mania de teorizar. Minha mente funcionava há um milhão por hora, sem descanso. Mas no fim, sempre conseguia conciliar razão e emoção. A maior prova disso era estar no parque naquele momento e frequentá-lo com assiduidade sempre que possível.

Não tinha o hábito de fugir de um desafio, me reinventava ou antecipava o que aconteceria. Dificilmente caminhava cego. Sempre tinha alguma ideia do que me esperava do outro lado. Era um ótimo observador.

Mas não dessa vez. Algo me chamava. Algo que desconhecia. Quando Luis tocou no nome de Lara, não foi ela que me perturbou, mas sim aquela sensação inquietante se acentuando, quase gritando comigo. Afinal, o assunto 'Lara Costa' não era incógnito para mim, mas a sensação, sim, era completamente nova.

Algo me dizia que não era exatamente ela, a pessoa, ex-namorada, que estava ligada a esse chamado. Mas com certeza tinha a ver com ela e era isso o que mais me perturbava. Há muito tempo nos tornamos quase estranhos e ao mesmo tempo, íntimos. Era difícil de explicar e de compreender.

Estranhos no sentido de convivência. Até hoje, o tempo máximo que ficamos juntos fora dois meses. E íntimos no sentido de pele. Ela exercia uma atração tão forte e irresistível sobre mim que muitas vezes tinha que lutar para não agarrá-la quando a via.

Algumas vezes não conseguia me segurar. E era perturbador como ela não negava. Era tão forte que me assustava. Saía com muitas mulheres, mas dificilmente mais de uma vez com a mesma. Talvez estivesse me tornando nostálgico e apenas revivendo meu primeiro amor.

Terminamos o passeio antes que finalizasse meu pensamento. O sol estava pouco acima da linha da areia no horizonte e em pouco tempo tocaria o mar. Observando, perdi o fôlego diante do cenário. Até agora trafegávamos por uma extensa linha de areia cercada de um lado pelo mar e do outro por um paredão de rocha misturado a areia e a restinga.

Agora o paredão se abria em uma fenda larga e funda por onde o Riacho Doce serpenteava em busca do oceano. O manguezal e a formação de corais completavam o espetáculo. Crianças brincavam nos alagados rasos e escuros do riacho enquanto casais se protegiam do sol no quiosque coberto por secas folhas de coqueiros.

Um reflexo chamou minha atenção e me fez respirar novamente por um momento muito breve. Meus olhos encontraram a portadora do objeto. Vestida com uma saída de praia laranja sobre o corpo mulato e sexy – os olhos caramelos tão claros como o sol, o cabelo marrom curto e encaracolado coroando o rosto liso, a boca marcante e sorridente com dentes brancos e brilhantes-, Lara vinha em minha direção sem que tivesse notado minha presença.

Estava linda e acompanhada. Do lado direito, o irmão caçula Lorenzo, um mulato forte e

troncudo, mas bastante semelhante à irmã, principalmente os traços bonitos do rosto. À esquerda, Pietra, a melhor amiga de Lara desde a infância. A moça era mais baixa e cheia do que a amiga e sua cor era mais bronzeada do que natural. Não era feia, mas não tinha nem a metade da atratividade da outra. Eles conversavam animadamente. Estavam a cavalo, provavelmente chegavam agora de um passeio pelas praias.

No pescoço, o objeto que me chamava. Um cordão de ouro contínuo e trabalhado, de onde pendia um pingente de água-marinha, uma pedra verde-azulada levemente transparente. Não estava lapidada e eu não precisava ver mais de perto para reconhecê-la. Aquele era o colar com o qual a havia presenteado no dia em que fizemos amor pela primeira vez.

Fazia tanto tempo e, no entanto, parecia que acontecera ontem. Tinha dezessete anos e estava aproveitando as férias de verão na casa de praia da família com minha mãe. Em uma tarde ensolarada, à beira-mar, avistara aquela menina bonita, de pele sedosa e sorriso genuíno caminhando na praia com a mesma amiga de agora. À época, tinha menos corpo, era mais comprida e magra, e estava com quinze anos. E me vira completamente apaixonado por ela. Lara me notara quase que imediatamente e seus olhos dourados brilharam. Com minha coragem de adolescente, me apresentara e passamos o resto do verão juntos.

Minha mãe fora completamente contra porque me achava muito novo para namorar. Vivía insistindo que devia estudar e estagiar na fábrica de aço antes de pensar em ter um relacionamento sério com alguém. Mas não a ouvia.

Frequentara assiduamente o sítio onde Lara morava com a família e conhecera todos eles. Seus pais, Eugênio e Margarida, foram perfeitos anfitriões e, apesar da filha ser muito nova, não colocaram empecilho em nosso namoro. Lorenzo era o irmão caçula pentelho que não desgrudava da gente, quer fosse para nos vigiar - a mando dos pais - ou porque gostava muito de mim. Acreditara que era pelos dois motivos.

Os avós eram os mais divertidos. Contavam histórias antigas sobre a cidade e o país. Amava conversar com eles. Ambos viúvos há muito tempo, mudaram-se para o sítio dos filhos. Dona Teresa Casagrande era mãe de Margarida e o senhor Francisco Costa era pai de Eugênio. Eles também tinham altas discussões que me divertiam muito.

Na última semana de férias, Lara e eu entramos em crise. Antecipamos a dor da separação. Quase não falávamos mais. Ficávamos apenas abraçados, nos beijando, nos acariciando, como para prolongar o tempo que nos restava.

Vendo a nossa tristeza, a família nos deixara em paz. Começava a matutar o que lhe dizer, como reconfortá-la, mas não havia palavras que pudesse aliviar o meu próprio sofrimento. Fora nesse momento que decidi lhe dar um presente que personificaria a minha presença em sua vida para sempre.

Ao contrário do que minha mãe pensava, a gema de água-marinha era minha. Eu a encontrara no dia em que fora abandonado nas dunas. Mas o que eu faria com aquela pedra? Minha mãe mandou fazer um cordão para ela. E a manteve junto com suas joias.

Durante a noite, me esgueirei no quarto de minha mãe enquanto estava na sala, distraída com suas revistas de moda ou programas de TV. Procurei a grande caixa, com cadeado, onde sabia que as gemas mais valiosas ficavam. Estava no maleiro do guarda-roupa.

Saí pelas portas dos fundos para que minha mãe não me visse e, de bicicleta, pedalei até o sítio dos pais de Lara. Eu a chamei na janela de seu quarto e ela saiu ao meu encontro. Com medo de sermos vistos, nos escondemos na Gruta do Balão, nas dunas do parque.

Em meio ao desespero, o presente só fez aumentar nossa dor. Ficamos agarrados por tanto tempo que nem saberia dizer. Com medo de perdê-la, acariciei- e a beijei intensamente. Lara correspondeu ao meu carinho e no fim estávamos fazendo amor. Foi uma experiência inesquecível para mim.

Passamos a noite na gruta e fomos encontrados pela manhã por turistas. Acordamos assustados, mas já era tarde demais para que nossos pais não soubessem. Foi a última vez que vi a pedra. Naquela mesma tarde, minha mãe estava me arrastando de volta para Vitória. Não saberia dizer se ela estava mais brava por ter dormido fora de casa, ou por ter transado com Lara, ou por ter lhe dado o colar. Acho que por fim foi multiplicada por três.

E agora estava diante dela novamente. Havia me esquecido como era bonita. Respirei fundo como se a sensação de tranquilidade invadissem meu corpo pelo ar. Toda a inquietude de antes se fora. Minha mente estava clara. Eu me sentia muito bem-disposto, mais do que antes. Sorri.

Sem perceber, minhas pernas me levaram até ela. Minha cabeça estava acima do cavalo, que parou provavelmente quando Lara notou minha aproximação. Meus olhos estavam presos na pedra quando me detive ao lado dela. Tive que me segurar para não estender a mão e tocá-la.

O silêncio ao meu redor era perturbador. Demorei algum tempo para perceber que eles esperavam que falasse primeiro. Engoli ruidosamente e encarei Lara. Ela estava séria, seus olhos caramelos brilhantes de ansiedade. Instintivamente, pensei que não fora uma boa ideia me aproximar. Ao mesmo tempo saiba que era exatamente isso que precisava ter feito.

– Olá - cumprimentei com um sorriso simpático.

O trio desmontou para que nossa conversa fosse mais confortável. Responderam meu cumprimento com timidez e hesitação. Talvez estivessem pensando nos motivos que me fizeram me aproximar de modo tão estranho.

– Quanto tempo não nos vemos, não é, Lorenzo, Pietra? - acrescentei me sentindo um idiota. O que estava dizendo? - Como estão?

– Muito bem, obrigada por perguntar. - Somente Pietra foi capaz de responder. - E você?

– *Estou bem também - fui cordial. - O passeio a cavalo deve ser melhor que de buggy.*

– *Sinceramente, não sei dizer-rii. - Mas adorei! Foi Lara quem teve a ideia. - Bateu na testa e acrescentou. - Nossa, perdi a noção do tempo. Está na hora de voltar para a cidade, senão chego atrasada ao meu turno na recepção da pousada.*

Olhou para o irmão da amiga. O rapaz estava com os braços cruzados sobre o peito me analisando. Desviei o olhar.

– *Lorenzo, você também vai se atrasar - continuou falando pelos cotovelos. - Tchau, Lara. A gente se vê depois.*

Saiu arrastando Lorenzo com um braço e as rédeas do seu cavalo com o outro. Sozinhos, continuamos calados. Estava ficando nervoso com aquele silêncio. Não era assim, o que estava acontecendo comigo?

– *E então, Lara, como você está? - tentei começar a conversa. - Ainda no marketing da Vale?*

– *Sim - respondeu com sua voz suave. - Fui promovida há alguns meses a gerente do departamento.*

– *Parabéns!*

Senti necessidade de me mover. A agitação só não me consumia porque ainda sentia aquela tranquilidade mística irradiando ao meu redor. Tentei pelo menos parecer mais dono de mim. Dei um passo e Lara me acompanhou como puxada por um imã.

– *E você, ainda longe da empresa de seu pai? - perguntou a moça depois de uns instantes de silêncio e alguns passos.*

– *Sim - respondi. - O negócio de consultoria está indo muito bem. Estou feliz com este trabalho.*

Conversar com Lara era muito fácil. Ela tinha uma inteligência aguçada, era sensível e receptiva. Muito boa para trocar ideias. Apreciava sua companhia de muitas maneiras, percebia agora. Porém, hoje não fluía com a mesma naturalidade.

– *Você está hospedado na vila? - perguntou.*

– *Sim, no camping. À noite vamos para a cidade pular carnaval.*

– *Acho que já está na hora, então.*

Olhei ao redor: Nem havia percebido que o crepúsculo chegara. As poucas luzes artificiais pouco fizeram para amenizar o anoitecer. Nós andávamos sem rumo, mas já estávamos nos afastando do grupo que se dispersava devido à chegada da escuridão. Parei perto do quiosque e me virei para o mar onde o sol se escondia, tingindo a água, antes azul-esverdeada, de laranja. Lara parou ao meu lado contemplando o espetáculo junto comigo.

Enquanto o sol deixava a terra, o calor do corpo de Lara irradiava em minha direção

despertando em mim um fogo interno que conhecia bem. Olhei para ela, seguindo algo dentro de mim mais forte que qualquer vontade própria. Admirei sua pele quente e sedosa. Meus dedos na maior comichão de senti-la.

Seus olhos brilhantes tocaram os meus e arderam em resposta ao encontro. Nossas mãos se uniram. Eu me curvei sobre ela e, com a mão livre, puxei sua boca para a minha com avidez. Não havia mais lusco-fusco para nós. Nossos corpos eram como um dia quente e ensolarado. O aroma de praia, sal e água apimentado com desejo. A textura sedosa de um pêssego, saborosa e irresistível. Sabia que parar agora seria impossível.

Esqueiramo-nos pela mata a fim de nos afastar do pouco movimento que ainda havia nas margens do riacho. Conhecíamos os lugares mais isolados e seguros. Nossas mãos não se soltavam. Somente as estrelas testemunharam nossa união. Sob o céu salpicado de pontos brilhantes fizemos amor como a primeira vez. Como sempre, era muito especial e único. Lara sempre seria uma mulher irresistível para mim?

Enquanto nos amávamos, uma luz branca e intensa irrompeu entre nossos corpos. Boquiaberto, notei que a água-marinha cintilava como um astro no colo escuro de Lara. Antes que pudesse questionar minha sanidade ou a causa daquele fenômeno, o brilho se extinguiu.

Fiquei sem coragem de comentar sobre isso depois. O silêncio pairou entre nós enquanto mantinha seu corpo em meus braços. Meus pensamentos viajaram para o setor sentimental de mim mesmo e antes que eu pudesse organizá-los, adormeci.

Acordei no meio da noite ouvindo à distância o som dos blocos de carnaval e dos foliões. Procurei por Lara, mas não estava em parte alguma. Senti-me desolado e abandonado. A inquietação voltou a me atormentar.

Pensei que precisava tomar uma decisão definitiva quanto a Lara naquele momento, mas não sabia se seria capaz. Portanto, resolvi primeiro ir para a festa que não me aguardara para começar.

JOSY TORTARO, pseudônimo de Josy Stoque, paulista, pisciana e sonhadora, é publicitária por formação e escritora por vocação. Marcada a Fogo foi indicado para o prêmio literário Codex de Ouro 2013.

Blog: <http://sa-gaosquatroelementos.blogspot.com.br>

FanPage: <http://www.facebook.com.br/sagaOsQuatroElementos>

Twitter: http://www.twitter.com/S_Os4Elementos

Outras obras assinadas com o nome verdadeiro **JOSY STOQUE**:

INSENSATEZ escrito com Gisele Galindo:

Blog: <http://livroinsensatez.blogspot.com.br>

FanPage: <http://www.facebook.com.br/LivroInsensatez>

ESTRELA – Em busca do brilho eterno:

Blog: <http://livroestrela.blogspot.com.br>

FanPage: <http://www.facebook.com.br/EstrelaLivro>

PURO ÊXTASE:

FanPage: <http://www.facebook.com.br/LivroPuroExtase>

Fale com a autora:

Site: <http://www.josy-tortaro.com.br>

FanPage: <http://www.facebook.com.br/JosyStoqueAutora>

Twitter: <http://www.twitter.com/JosyStoque>

E-mail: stoque.josy@gmail.com